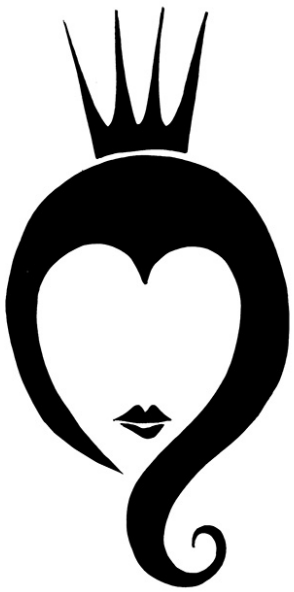
SEM CORAÇÃO

Antes de se tornar RAINHA DE COPAS, ela era apenas uma garota que sonhava em se apaixonar



ROCCO
JOVENS LEITORES

MARISSA MEYER





SEM CORAÇÃO

MARISSA MEYER

tradução de
REGIANE WINARSKI

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para mamãe

SUMÁRIO



Para pular o Sumário, clique aqui.

Epígrafe

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Nota da Autora

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Eu imaginava a Rainha de Copas como uma espécie de personificação da paixão incontrolável – uma Fúria cega e desgovernada.

– Lewis Carroll

CAPÍTULO 1

TRÊS SUCULENTAS TORTAS DE LIMÃO cintilavam diante de Catherine. Ela enfiou as mãos, protegidas por panos de prato, no forno à lenha e retirou as travessas, ignorando o calor que envolveu os braços e subiu até as bochechas. O recheio de luz do sol das tortas tremeu, como se estivesse feliz por ser libertado da câmara de pedra.

Cath segurou uma travessa com a mesma reverência reservada à coroa do Rei e andou para o outro lado da cozinha. Recusou-se a tirar os olhos das tortas até a beirada das travessas tocar a mesa com um baque satisfatório. As tortas tremeram por mais um momento antes de assentarem, perfeitas e brilhantes.

Depois de deixar os panos de prato ao lado, ela escolheu algumas cascas de limão espiraladas que estavam espalhadas sobre um papel e as modelou, feito rosas, no centro das tortas ainda quentes. O aroma cítrico adocicado do recheio e o do amanteigado da massa crocante chegou ao seu nariz.

Ela deu um passo para trás para admirar seu trabalho.

As tortas ocuparam toda a sua manhã. Cinco horas pesando a manteiga, o açúcar e a farinha, misturando, sovando e enrolando a massa, batendo, fervendo e coando gemas de ovo e suco de limão até estarem grossos e cremosos, da cor de ranúnculos. Ela glaçou a massa e modelou as beiradas como se tecesse uma toalha de renda. Tinha fervido e caramelizado tiras delicadas de cascas de limão e moído em pó fino cristais de açúcar para a decoração. Os dedos coçavam para

polvilhar as beiradas das tortinhas logo, mas ela se conteve. Tinham que esfriar primeiro, senão o açúcar derreteria e formaria poças feias na superfície.

Essas tortas englobavam tudo que ela aprendeu nos livros de receitas da prateleira da cozinha. Não havia um momento apressado, nem um toque descuidado, nem um ingrediente inferior naquelas formas onduladas. Ela foi meticulosa em cada passo. Assou o coração junto com os doces.

Cath prosseguiu com sua inspeção, os olhos avaliando cada centímetro, cada volta da massa, cada superfície brilhante.

Finalmente, se permitiu sorrir.

Diante dela havia três tortas de limão perfeitas, e todo mundo em Copas – desde os pássaros Dodô ao próprio Rei – teria que reconhecer que ela era a melhor confeiteira do reino. Até sua mãe seria forçada a admitir que isso era verdade.

A ansiedade passou, ela quicou nas pontas dos pés e gritou nas mãos fechadas.

– Vocês são minha grande alegria! – proclamou ela, abrindo bem os braços acima das tortas, como se oferecesse um reino a elas. – Agora eu convido vocês a irem para o mundo com sua gostosura cítrica e arrancarem sorrisos de todas as bocas que agraciarem com sua presença.

– Falando com a comida de novo, Lady Catherine?

– Hã-hã, não é qualquer comida, Cheshire. – Ela levantou o dedo sem olhar para trás. – Apresento a você as tortas de limão mais maravilhosas já feitas dentro do Reino de Copas!

Um rabo listrado envolveu seu ombro direito. Uma cabeça peluda e com bigodes apareceu no esquerdo. Cheshire ronronou pensativamente, e o som vibrou pela espinha dela.

– Impressionante – disse ele, naquele tom que sempre deixou Cath sem saber se estava debochando dela. – Mas onde está o peixe?

Cath lambeu cristais de açúcar das pontas dos dedos e balançou a cabeça.

– Nada de peixe.

– Não tem peixe? Qual é o sentido?

– O sentido é *perfeição*. – Seu estômago formigava cada vez que ela pensava nisso.

Cheshire sumiu dos ombros dela e reapareceu na mesa da cozinha, uma pata com garras acima das tortas. Cath deu um pulo à frente para afugentá-lo.

– Não ouse! São para a festa do Rei, seu bobalhão!

Os bigodes de Cheshire tremeram.

– O Rei? De novo?

As pernas do banco fizeram ruído quando Cath o arrastou para perto da mesa, sentando-se.

– Pensei em guardar uma para ele, e as outras podem ser servidas na mesa de banquete. Sua Majestade fica tão feliz, sabe, quando eu preparo coisas para ele. E um rei feliz...

– Faz um reino feliz. – Cheshire bocejou sem se dar ao trabalho de cobrir a boca e, com uma careta, Cath colocou as mãos entre ele e as tortas para protegê-las do bafo desagradável de atum.

– Um rei feliz também dá um testemunho excelente. Imagine se ele me declarasse a confeiteira de tortas oficial do reino! As pessoas fariam quilômetros de fila para prová-las.

– Elas têm um cheiro ácido.

– São tortas *cítricas*. – Cath virou uma das formas para que a flor de casca de limão ficasse alinhada com as outras. Ela sempre tomava cuidado com a apresentação das guloseimas. Mary Ann dizia que seus doces eram ainda mais bonitos do que os feitos pelos confeiteiros reais.

E, depois daquela noite, suas sobremesas seriam conhecidas não só como bonitas; seriam conhecidas como superiores de todas as formas. Esse tipo de elogio era exatamente o que Mary Ann e ela precisavam para abrir a confeitaria. Depois de tantos anos planejando, ela conseguia sentir o sonho virando realidade.

– É época de limão? – perguntou Cheshire, observando Cath reunir os restos de cascas de limão e amarrá-los com morim. Os jardineiros poderiam usar para afastar insetos.

– Não exatamente – disse ela, sorrindo. Seus pensamentos voltaram para aquela manhã. Uma luz pálida entrando pela cortina de renda. Acordar com o cheiro cítrico no ar.

Parte dela queria deixar a lembrança guardada como um segredo no peito, mas Cheshire acabaria descobrindo. Uma árvore brotando no quarto de uma pessoa da noite para o dia era um segredo difícil de guardar. Cath estava surpresa de os boatos ainda não terem se espalhado, considerando o talento de Cheshire para fazer fofoca. Talvez ele estivesse ocupado demais roncando a manhã toda. Ou, mais provavelmente, deitado, com empregadas coçando sua barriga.

– São de um sonho – confessou ela, carregando as tortas até o armário, onde podiam terminar de esfriar.

Cheshire se sentou.

– Sonho? – Sua boca se abriu em um sorriso largo e cheio de dentes. – Conte.

– E deixar que metade do reino saiba antes do anoitecer? De jeito nenhum. Eu tive um sonho e quando acordei havia um limoeiro crescendo no meu quarto. É tudo o que você precisa saber.

Ela fechou o armário com firmeza, tanto para se silenciar quanto para impedir mais perguntas. A verdade era que o sonho estava impregnado nela desde que acordou, assombrando-a e provocando-a. Ela queria falar sobre ele, quase tanto quanto queria deixar guardado só para conhecimento seu.

Foi um sonho indistinto e lindo, e nele havia um garoto indistinto e lindo. Ele estava todo de preto, em um pomar de limoeiros, e ela teve a sensação distinta de que tinha alguma coisa que pertencia a ela. Não sabia o que era, só que queria de volta, mas todas as vezes que dava um passo na sua direção, ele recuava mais e mais.

Um tremor desceu pelas costas do vestido. Ela ainda conseguia sentir a curiosidade que puxava seu peito, a necessidade de ir atrás dele.

Mas foram os olhos dele que mais a assombraram. Amarelos e brilhantes, doces e ácidos. Os olhos brilhavam como limões prontos para cair de uma árvore.

Ela afastou os vestígios de lembranças e se virou para Cheshire.

– Quando acordei, um galho da árvore já tinha arrancado um dos apoios da cama. Claro que mamãe fez os jardineiros o cortarem, antes que provocasse mais danos, mas consegui pegar alguns limões primeiro.

– Bem que eu quis saber o que foi toda a agitação de manhã. – O rabo de Cheshire bateu na tábua de carne. – Tem certeza de que esses limões são seguros

para consumo? Se surgiram de um sonho, podem ser, sabe, *aquele* tipo de comida.

A atenção de Cath voltou para o armário fechado, as tortas escondidas atrás da rede da porta.

– Você está com medo de o Rei encolher se comer uma?

Cheshire riu com deboche.

– Ao contrário, estou com medo de virar uma casa se *eu* comer uma. Estou cuidando da forma, sabe.

Rindo, Cath se inclinou por cima da mesa e coçou embaixo do queixo dele.

– Você é perfeito, seja qual for seu tamanho, Cheshire. Mas os limões são seguros. Eu mordi um antes de começar a cozinhar. – As bochechas dela arderam com a lembrança azeda.

Cheshire tinha começado a ronronar, já a ignorando. Cath botou a mão livre no queixo enquanto o gato se deitava em delírio de um lado, e os carinhos dela se deslocaram para a barriga.

– Além do mais, se você comesse algo ruim, eu ainda conseguiria encontrar uso para você. Eu sempre quis uma carruagem puxada por um gato.

Cheshire abriu um olho, e a pupila partida não mostrava nenhum humor.

– Eu penduraria bolas de lã e ossos de peixe na frente para manter você em movimento.

Ele parou de ronronar o suficiente para dizer:

– Você não é tão fofa quanto pensa, Lady Pinkerton.

Cath deu um tapinha no focinho de Cheshire e se afastou.

– Você poderia fazer seu truque de desaparecimento, e todo mundo ia pensar: *Minha nossa, olhe a cabeça redonda puxando aquela carruagem pela rua!*

Cheshire estava olhando para ela de cara feia agora.

– Sou um felino orgulhoso, não um animal de trabalho.

Ele desapareceu, bufando.

– Não fique irritado. Só estou brincando. – Catherine desamarrou o avental e o pendurou em um gancho na parede, revelando no vestido o contorno perfeito do avental, marcado por borrifos de farinha e pedaços de massa seca.

– Tchauzinho. – A voz dele soou no ar. – Sua mãe está procurando você.

– Para quê? Estou aqui a manhã toda.

– Sim, e agora você vai se atrasar. A não ser que vá vestida de torta de limão, precisa se apressar.

– Atrasar? – Catherine olhou para o relógio de cuco na parede. Ainda era começo da tarde, havia tempo suficiente para...

Seu coração disparou quando ela ouviu um leve chiado vindo de dentro do relógio.

– Ah! Cuco, você cochilou de novo? – Ela bateu com a palma da mão na lateral do relógio e a porta se abriu, revelando um passarinho vermelho adormecido. – Cuco!

O pássaro despertou com um susto, batendo as asas loucamente.

– Minha nossa, céus – piou ele, esfregando os olhos com as pontas das asas. – Que horas são?

– O que você está me perguntando, seu pássaro pateta? – Com um grunhido aborrecido, Catherine saiu correndo da cozinha e esbarrou em Mary Ann na escada.

– Cath... Lady Catherine! Eu estava vindo para... A Marquesa está...

– Eu sei, eu sei, o baile. Eu perdi a noção do tempo.

Mary Ann deu uma olhada rápida em Cath, de alto a baixo, e segurou seu pulso.

– É melhor se limpar antes que ela veja você e peça a cabeça de nós duas.

CAPÍTULO 2

MARY ANN VERIFICOU se a Marquesa não estava à espreita no corredor antes de levar Cath para o quarto e fechar a porta.

A outra criada, Abigail, já estava lá, vestida de forma idêntica a Mary Ann, com um vestido preto modesto e um avental branco, tentando espantar com uma vassoura uma libélula-galopante pela janela aberta. Todas as vezes que errava, a criatura jogava a crina para os lados e zunia na direção do teto.

– Essas pestes ainda vão me matar! – resmungou Abigail com Mary Ann, limpando suor da testa. Então, percebendo que Catherine também estava lá, fez uma reverência desajeitada.

Catherine enrijeceu.

– Abigail...!!!

O aviso chegou tarde demais. Um par de pequenas libélulas bateu na parte de trás da toca de Abigail quando voou para o teto.

– Ah, criaturinhas irritantes! – gritou Abigail, balançando a vassoura.

Fazendo uma careta, Mary Ann arrastou Catherine para o banheiro e fechou a porta. Já havia água em uma jarra no lavatório.

– Não temos tempo para um banho, mas não vamos dizer isso para sua mãe – disse ela, abrindo a parte de trás do vestido de musselina de Catherine, enquanto esta enfiava um pano na jarra. Ela esfregou furiosamente a farinha do rosto. Como conseguiu se sujar de farinha atrás das orelhas?

– Achei que você ia para a cidade hoje – disse Cath, deixando Mary Ann tirar seu vestido e sua combinação.

– Eu fui, mas estava fabulosamente chato. Todo mundo só queria falar do baile, como se o Rei não fizesse festas toda hora. – Pegando o pano, Mary Ann esfregou os braços de Catherine até deixar a pele rosada, depois borrifou água de rosas para encobrir o aroma de massa e forno. – Muita gente estava falando do novo bobo da corte que vai estrear hoje. Jack estava se gabando de que vai roubar o chapéu dele e amassar os guizos como um tipo de trote.

– Parece uma coisa muito infantil.

– Concordo. Jack faz o gênero valentão. – Mary Ann ajudou Catherine a vestir uma nova combinação antes de a empurrar para um banco e passar a escova pelo cabelo escuro. – Mas ouvi uma novidade interessante. O sapateiro está se aposentando e vai deixar a loja vazia no fim do mês. – Com uma virada de mão, um prato cheio de grampos e um toque de cera de abelha, um lindo coque surgiu na base do pescoço de Catherine, e seu rosto foi emoldurado por um cacheado jovial.

– O sapateiro? Na Rua Principal?

– Ele mesmo. – Mary Ann virou Cath, a voz baixando a um sussurro: – Quando eu soube, pensei na mesma hora que era uma localização ótima. Para nós.

Cath arregalou os olhos.

– Doces corações, você está certa. Ao lado daquela loja de brinquedos...

– E ladeira abaixo daquela capela branca peculiar. Pense em quantos bolos de casamento você faria.

– Ah! Poderíamos fazer uma série de tortinhas de frutas de vários sabores na nossa inauguração, em homenagem ao sapateiro. Vamos começar com as clássicas, de mirtilo, de pêssego, mas depois, imagine as possibilidades. Uma tortinha de alfazema com nectarina em um dia e, no seguinte, uma de banana com caramelo, coberta de farofa de biscoito e...

– Pare! – Mary Ann riu. – Eu ainda não jantei.

– Devíamos ir dar uma olhada, você não acha? Antes que a notícia se espalhe?

– Também pensei isso. Talvez amanhã. Mas sua mãe...

– Vou dizer a ela que vamos comprar fitas novas. Ela não vai se importar. – Cath se balançou nas pontas dos pés. – Quando ela descobrir sobre a confeitaria, vamos poder mostrar que oportunidade de negócios tremenda vai ser, e nem ela vai poder negar.

O sorriso de Mary Ann ficou tenso.

– Acho que não é a oportunidade de negócios o que ela vai reprovar.

Cath afastou a preocupação, embora soubesse que Mary Ann estava certa. A mãe jamais permitiria que a única filha, herdeira do Recanto da Pedra da Tartaruga, entrasse no mundo dos negócios dos homens, principalmente tendo como sócia a simples empregada Mary Ann. Além do mais, confeitaria é trabalho para criados, sua mãe diria. E detestaria a ideia de que Cath planejava usar o dote do próprio casamento para abrir o negócio.

Mas Cath e Mary Ann estavam sonhando havia tanto tempo que ela às vezes esquecia que não era realidade ainda. Seus doces e sobremesas já estavam ficando famosos no reino, e o próprio Rei era seu maior fã, o que poderia ser o único motivo para a mãe tolerar seu hobby.

– A aprovação dela não vai importar – disse Cath, tentando convencer a si mesma tanto quanto a Mary Ann. A ideia da mãe com raiva por causa dessa decisão, ou pior, a deserdando, provocava um nó em seu estômago. Mas não chegaria a isso. Era o que esperava.

Ela ergueu o queixo.

– Nós vamos em frente com ou sem a aprovação dos meus pais. Vamos ter a melhor confeitaria de Copas. Até a Rainha Branca vai viajar até lá quando ouvir falar das nossas maravilhosas tortas de chocolate e bolinhos de groselha deliciosamente crocantes.

Mary Ann repuxou os lábios para o lado, em dúvida.

– Isso me lembra algo – continuou Cath. – Tenho três tortas esfriando no armário. Você pode levá-las hoje? Ah, mas ainda precisam de açúcar polvilhado. Deixei um pouco na mesa. Só um pouquinho mesmo. – Ela juntou os dedos para demonstrar.

– Claro que posso levar. Tortas de quê?

– De limão.

Um sorriso provocador surgiu no rosto de Mary Ann.

– Da sua árvore?

– Você ficou sabendo?

– Vi a sra. Gardiner plantando-a debaixo da sua janela hoje de manhã e tive que perguntar de onde veio. Tanto trabalho para soltar da cama, mas ainda parecia intacta.

Catherine revirou as mãos, sem saber por que falar sobre a árvore do sonho a deixava constrangida.

– Bom, é, foi lá que peguei meus limões, e tenho certeza de que essas são as melhores tortas que já fiz. Amanhã de manhã Copas inteira vai estar falando delas e desejando saber onde comprar nossas sobremesas.

– Não seja boba, Cath. – Mary Ann passou um espartilho pela cabeça de Cath. – Estão perguntando isso desde que você fez aqueles biscoitos de bordo e açúcar mascavo ano passado.

Cath franziu o nariz.

– Não me lembre. Eu os assei além da conta, lembra? Ficaram crocantes demais nas beiradas.

– Você é muito crítica.

– Eu quero ser a melhor.

Mary Ann colocou as mãos nos ombros de Cath.

– Você é a melhor. E calculei os números de novo, com os custos esperados que vêm junto da loja do sr. Lagarta, as despesas mensais e o valor dos ingredientes, tudo baseado em nossa produção diária esperada e nossos preços. Com ajustes para margem de erro, ainda acho que teríamos lucro em menos de um ano.

Cath colocou as mãos sobre as orelhas.

– Você tira toda a diversão com seus números e matemática. Você sabe como isso faz minha cabeça girar.

Mary Ann fungou e virou as costas para abrir o armário.

– Você não tem dificuldade de converter colheres de sopa em xícaras. Não é tão diferente.

– É diferente, e é por isso que preciso de você nessa empreitada. Minha sócia brilhante e tão lógica.

Ela quase conseguia sentir os olhos de Mary Ann revirarem.

– Eu gostaria de ter isso por escrito, Lady Catherine. Mas agora estou lembrando que tínhamos escolhido o vestido branco para hoje, certo?

– O que você quiser. – Sufocando a fantasia da futura confeitaria, Cath começou a prender um par de pérolas no lóbulo das orelhas.

– E então? – perguntou Mary Ann quando tirou uma calçola e uma anágua do armário, depois mandou Cath se virar para poder ajustar os cordões do espartilho. – O sonho foi bom?

Cath ficou surpresa de perceber que ainda tinha massa debaixo das unhas. Remover o que restava foi uma boa desculpa para manter a cabeça baixa, escondendo o rubor que subiu pelo pescoço.

– Nada muito especial – disse ela, pensando em olhos amarelo-limão.

Ela ofegou quando o espartilho foi apertado inesperadamente, espremendo sua caixa torácica.

– Sei quando você está mentindo – disse Mary Ann.

– Ah, tudo bem. Sim, foi um sonho bom. Mas são todos mágicos, não são?

– Eu não teria como saber. Nunca tive um. Mas Abigail me contou que uma vez sonhou com uma forma crescente grande e brilhante pairando no céu... e na manhã seguinte, Cheshire apareceu, um monte de dentes sorridentes pairando no ar, implorando por um pires de leite. Anos se passaram e parece que ainda não conseguimos nos livrar dele.

Cath grunhiu:

– Eu gosto de Cheshire, mas não consigo deixar de torcer para que meu sonho possa ser um presságio de uma coisa um pouco mais mágica do que isso.

– Mesmo que não seja, pelo menos você conseguiu bons limões dele.

– Verdade. Vou me dar por satisfeita. – Mas não ficou. Nem um pouco.

– Catherine! – A porta foi aberta, e a Marquesa entrou, os olhos arregalados e o rosto roxo-avermelhado, apesar de ter recebido uma camada recente de pó. A mãe de Catherine vivia a vida em um estado de constante alvoroço. – Aí está você, minha querida! O que você... Ainda não está nem vestida?

– Ah, mãe, Mary Ann estava me ajudando...

– Abigail, pare de brincar com essa vassoura e entre aqui! Precisamos da sua ajuda! Mary Ann, o que ela vai vestir?

– Minha senhora, achamos que o vestido branco que ela...

– De jeito nenhum! Vermelho! Você vai usar o vestido vermelho. – A mãe abriu as portas do armário e tirou um vestido volumoso de veludo vermelho pesado, com uma anquinha enorme e um decote que deixaria pouca coisa coberta. – Sim, perfeito.

– Ah, mãe. Não esse vestido. É pequeno demais!

A mãe tirou uma folha verde da cama e jogou o vestido sobre a coberta.

– Não, não, não. Não é pequeno demais para a minha preciosa gatinha. Vai ser uma noite especial, Catherine, e é imperativo que você fique linda.

Cath trocou um olhar com Mary Ann, que deu de ombros.

– É só mais um baile. Por que eu não...

– Chega, criança. – A mãe correu pelo quarto e botou as duas mãos no rosto de Cath. Embora sua mãe fosse ossuda como um pássaro, não havia sensação de delicadeza quando ela beliscava e apertava o rosto de Cath. – Você vai ter tanta felicidade esta noite, minha menina linda. – Seus olhos brilharam de uma forma que deixou Catherine desconfiada, mas logo ela gritou: – *Agora, se vire!*

Catherine deu um pulo e se virou de frente para a janela.

A mãe, que havia se tornado Marquesa quando se casou, tinha esse efeito em todo mundo. Costumava ser uma mulher calorosa e amorosa, e o pai de Cath, o Marquês, a corujava sem parar, mas Cath estava familiarizada com as mudanças de humor dela. Toda carinhosa e feliz em um momento e gritando a plenos pulmões no seguinte. Apesar da pouca estatura, tinha a voz alta e um olhar específico capaz de fazer até o coração de um leão tremer.

Cath achava que já se habituara com o temperamento da mãe, mas as mudanças frequentes ainda a pegavam de surpresa.

– Mary Ann, aperte o espartilho.

– Mas, minha senhora, eu acabei...

– Mais apertado, Mary Ann. Esse vestido só vai caber em uma cintura de 56 centímetros, embora ao menos uma vez eu gostasse de ver você chegar a cinquenta. Você tem os ossos infelizes do seu pai, sabe, e precisamos ficar vigilantes se quisermos impedir que fique com a forma dele. Abigail, seja uma boa moça e me traga o conjunto de rubi do meu armário de joias.

– O conjunto de rubi? – Catherine choramingou quando Mary Ann soltou os cordões do espartilho. – Mas aqueles brincos são tão pesados.

– Não seja tão fresca. É só por uma noite. Mais apertado!

Catherine contraiu o rosto quando Mary Ann puxou os cordões do espartilho. Expirou tanto ar quanto pôde e segurou na lateral da penteadeira, desejando que sumissem as fagulhas que dançavam nos olhos dela.

– Mãe, não consigo respirar.

– Muito bem, da próxima vez espero que pense duas vezes antes de repetir a sobremesa, como fez ontem à noite. Você não pode comer como uma leitoa e se vestir como uma dama. Vai ser um milagre se esse vestido couber.

– Nós poderíamos... vestir... o branco?

A mãe cruzou os braços.

– Minha filha vai usar vermelho hoje, como uma verdadeira... deixa pra lá. Você vai ter que ficar sem jantar.

Cath grunhiu quando Mary Ann apertou o espartilho mais uma vez. Ter que sofrer pelas amarrações já era bem ruim, mas ficar sem jantar também? A comida era o que ela mais esperava durante as festas do Rei, e só tinha comido um ovo cozido o dia inteiro; tinha ficado entretida demais com os doces para pensar em comer.

Seu estômago roncou no confinamento.

– Você está bem? – sussurrou Mary Ann.

Ela balançou a cabeça, sem querer desperdiçar ar precioso falando.

– Vestido!

Antes que Catherine pudesse recuperar o fôlego, ela se viu sendo espremida e enfiada na monstruosidade de veludo vermelho. Quando as criadas terminaram e Catherine ousou se olhar no espelho, ficou aliviada de que, apesar de se sentir como uma salsicha embalada, não estava parecendo uma. A cor forte destacou o vermelho dos seus lábios e fez sua pele clara parecer mais clara e seu cabelo escuro mais escuro. Quando Abigail colocou o colar enorme no pescoço dela e substituiu as pérolas por rubis pendurados, Catherine se sentiu momentaneamente uma verdadeira dama da corte, puro glamour e mistério.

– Maravilhosa! – A Marquesa segurou a mão de Catherine entre as suas, o olhar úmido voltando. – Estou tão orgulhosa de você!

Catherine franziu a testa.

– Está?

– Ah, não comece a pescar elogios agora. – A mãe estalou a língua e bateu na mão de Cath uma vez antes de soltá-la.

Catherine olhou para o seu reflexo de novo. O encanto estava passando rápido, e ela se sentia exposta. Preferiria um vestido confortável e amplo, coberto de farinha ou não.

– Mãe, vou estar arrumada demais. Ninguém vai estar tão arrumado.

A mãe fungou.

– Precisamente. Você está excepcional! – Ela limpou uma lágrima. – Estou quase me desfazendo aqui.

Apesar de todo o desconforto, de todas as reservas, Cath não conseguiu negar uma fagulha quente no peito. A voz da mãe era uma chateação constante em sua cabeça, mandando-a largar o garfo, se sentar mais ereta, sorrir, *mas não tanto*! Sabia que a mãe queria o melhor para ela, mas era tão gostoso ouvir elogios para variar.

Com um último suspiro sonhador, a Marquesa, antes de sair do quarto, falou que ia dar uma olhada no pai de Cath, e arrastou Abigail junto. Quando a porta do quarto se fechou, Cath desejou cair na cama com a exaustão que sentia de estar na presença da mãe, mas tinha certeza de que uma costura importante se rasgaria se fizesse isso.

– Pareço tão ridícula quanto me sinto?

Mary Ann balançou a cabeça.

– Você está maravilhosa.

– Não é absurdo ficar maravilhosa para esse baile bobo? Todo mundo vai pensar que estou sendo presunçosa.

Mary Ann apertou os lábios em um pedido de desculpas.

– É como dar caviar aos porcos.

– Ah, por favor. Já estou com fome suficiente. – Cath se contorceu dentro do espartilho, tentando ajeitar uma barbatana de tubarão que espetava sua costela, mas nada se mexeu. – Preciso de um chocolate.

– Sinto muito, Cath, mas acho que esse vestido não suporta nem um pedacinho. Venha. Vou ajudar você a calçar os sapatos.



CAPÍTULO 3



O Coelho Branco, mestre de cerimônias, estava parado no alto da escada, com o peito estufado, sorrindo com zombaria quando o pai de Catherine entregou a ele o cartão de anúncio.

– Boa noite, boa noite, Vossa Senhoria! Que gravata linda está usando hoje, combina perfeitamente com seu cabelo. Como neve em uma colina nua, é assim que eu descreveria.

– Acha mesmo, sr. Coelho? – perguntou o pai de Cath, satisfeito com o elogio. Ele passou um momento batendo na cabeça, como se para confirmar a lisonja.

O olhar do Coelho se desviou para a Marquesa.

– Minha querida Lady Pinkerton, tenho de certeza que meus olhos nunca viram uma beleza tão rara, uma elegância tão impressionante...

A Marquesa deu um corte nele:

– Ande logo com isso, arauto.

– Er, claro, sou seu humilde servo, minha senhora. – Agitado, o Coelho empertigou as orelhas e levou um trompete à boca. Quando o som ecoou pelo baile, ele proclamou: – Apresentando Whealagig T. Pinkerton, o mais honrado Marquês do Recanto da Pedra da Tartaruga, acompanhado de sua esposa, Lady Idonia Pinkerton, Marquesa do Recanto da Pedra da Tartaruga, e filha, Lady Catherine Pinkerton!

Quando o Marquês e a Marquesa desceram a escada para o salão de baile, os olhos rosados do Coelho Branco se desviaram para Catherine e se arregalaram quando perceberam o volumoso vestido vermelho. Seu nariz tremeu com repugnância, mas ele escondeu rapidamente sob outro sorriso bajulador.

– Nossa, Lady Pinkerton, você parece tão... er, tão notável.

Cath tentou dar um leve sorriso e seguiu atrás dos pais pela escada, mas, assim que olhou para o salão, ela ofegou e parou.

Um mar de preto e branco se espalhava à frente dela.

Casacas marfim ajustadas e luvas cor de ébano até os cotovelos.

Fascinators claros de estrela-do-mar e gravatas-borboleta de penas de corvo.

Calças de tabuleiro de xadrez. Máscaras de zebra. Saias de veludo preto com bainhas de pedras e pingentes. Até alguns cortesãos de Ouros tinham colado naipes de espadas pretas na barriga para esconder as marcas vermelhas identificadoras.

Notável mesmo.

Havia um ocasional ponto vermelho na multidão (uma rosa enfiada em uma lapela ou um laço de fita nas costas de um vestido), mas só Cath usava vermelho da cabeça aos pés. Como se seu vestido não bastasse, ela sentiu uma vermelhidão repentina subindo pelo pescoço e se espalhando pelas bochechas. Sentiu olhos grudados nela, ouviu as pessoas inspirando, sentiu a expressão de repulsa. Como sua mãe podia não saber que era um dos bailes preto e branco do rei?

A percepção chegou em rápida sucessão.

A mãe sabia. Ao olhar para o vestido branco de babados da mãe e para o smoking branco combinando do pai, Cath percebeu que a mãe soube o tempo todo.

Outro som de trompete chegou aos ouvidos dela. Ao seu lado, o Coelho Branco limpou a garganta.

– Lamento imensamente apressá-la, Lady Pinkerton, mas tem mais convidados esperando para serem apresentados...

Ela olhou para a fila que tinha se formado atrás, mais nobres espiando atrás dos outros e olhando para ela.

Com o medo se espalhando no fundo do estômago, Catherine segurou a saia e começou a descer na direção do aglomerado de pinguins e guaxinins.

O salão de bailes do Castelo de Copas tinha sido entalhado muito antes em um pedaço gigantesco de quartzo rosa, do chão até as balaustradas e até os pilares enormes que sustentavam o teto abobadado. O teto era pintado com murais exibindo várias paisagens do reino: as Colinas de Algum Lugar e a Floresta de Nenhum Lugar, os Cruzamentos e o castelo e terras rurais que seguiam em todas as direções. Até o Recanto da Pedra da Tartaruga estava retratado acima das portas que levavam ao jardim das rosas.

Janelas grandes ocupavam a extremidade sul do salão, em formato de coração e esculpidas em vidro vermelho facetado. A mesa de banquete, lotada de frutas, queijos e doces, seguia por toda a parede norte, ao lado da divisória que separava os dançarinos da orquestra. Candelabros de cristal ocupavam o teto, aquecendo as paredes com a luz de milhares de velas brancas. Mesmo da escada Cath conseguia ouvir algumas das velas mais mal-humoradas reclamando da corrente de ar no salão e se alguém podia *por favor* fechar aquela porta.

Catherine grudou o olhar na mesa de banquete, um local de consolo no salão lotado, mesmo com o vestido apertado demais para ela comer qualquer coisa. Cada passo era uma luta com o corpo ereto, o espartilho espremendo as costelas e a cauda do vestido arrastando pela escada. Ficou agradecida quando finalmente sentiu o estalo do piso do salão embaixo dos saltos.

– Minha querida Lady Catherine, eu esperava que você viesse hoje.

Sua gratidão sumiu. Fazia sentido Margaret grudar nela primeiro, antes que pudesse ter dado dois passos na direção da comida.

Catherine transformou a expressão irritadiça em uma de prazer.

– Ah, Lady Margaret! Como está?

Margaret Mearle, filha do Conde dos Cruzamentos, foi a amiga mais próxima de Catherine desde que elas eram pequenininhas. Infelizmente, elas nunca se gostaram muito.

Margaret sofria a grande adversidade de ser incrivelmente pouco atraente. Não do tipo lagarta esperando para virar uma linda borboleta, mas pouco atraente do tipo que dava um sentimento de desesperança nas pessoas ao redor. Tinha queixo pontudo, olhos pequenos próximos demais e com o peso de

sobrancelhas grossas e ombros largos, e nada elegantes, que ficavam mais proeminentes nas roupas mal cortadas. Se não fossem os vestidos que usava, Margaret seria frequentemente confundida com um garoto.

Um garoto nem um pouco atraente.

Embora os defeitos físicos de Margaret fossem tópico favorito de conversa da mãe de Catherine ("Ela não seria um caso tão lamentável se ao menos apertasse um pouco mais os espartilhos"), a própria Catherine achava a personalidade de Margaret bem mais ofensiva, pois ela estava convencida desde a infância de que era muito, *muito* inteligente e muito, *muito* correta. Mais inteligente e mais correta do que todo mundo. Ela se superava em observar o quanto era mais inteligente e correta.

Considerando que elas eram tão amigas, Margaret desde cedo via como seu papel apontar todos os defeitos de Catherine. Com esperanças de superá-la. Como qualquer verdadeira amiga faria.

– Estou ótima – disse Margaret quando elas terminaram uma reverência mútua –, mas me sinto péssima de informar que seu vestido é indevidamente vermelho.

– Muito obrigada por essa percepção – disse Cath com um sorriso tenso. – Fiz a mesma observação recentemente.

O rosto de Margaret se franziu, apertando os pequenos olhos.

– Devo avisá-la, minha querida Catherine, que tal gesto para capturar atenção pode levar a arrogância e vaidade por toda a vida. É muito mais sábio deixar sua beleza interior brilhar por um vestido sem graça do que tentar escondê-la com adereços físicos.

– Obrigada por todos os conselhos. Vou levar em consideração. – Cath se segurou para não lançar um olhar pouco impressionado para o vestido de Margaret, que era sem graça e preto, com um capuz sóbrio de pele em cima.

– Espero que leve. E a moral disso é "Uma vez peixinho-dourado, sempre peixinho-dourado".

O canto da boca de Cath tremeu. Era um dos maneirismos mais deliciosos de Margaret: ela era uma enciclopédia viva de morais que Cath não conseguia entender, e nunca conseguia saber se as morais não faziam sentido ou se ela era

burra demais para entender. Sem dúvida, Margaret diria que era a segunda opção.

Não que ela fosse perguntar.

– Hum. Verdade – concordou Cath, observando os convidados ao redor, na esperança de encontrar uma desculpa para abandonar Margaret antes que ela pegasse o embalo. Podia ser impossível fugir quando ela se animava.

Não muito longe, Sir Pega e a esposa estavam tomando licor junto a uma escultura de gelo em formato de coração, mas Catherine não ousava fugir até eles; podia ser sua imaginação, mas joias tinham uma mania esquisita de desaparecer perto dos Pega.

O pai de Cath estava distraindo o Quatro, o Sete e o Oito de Ouros. Na hora que Cath os viu, o pai chegou ao clímax de uma piada, e Quatro caiu de costas, rindo histericamente e balançando as pernas no ar. Depois de um momento, ficou claro que não conseguia se levantar sozinho, e Oito esticou a mão para ajudar, ainda rindo.

Catherine suspirou: ela nunca teve talento para entrar facilmente em uma piada pela metade.

E havia também o Mais Nobre Javali-Africano Pigmalião, Duque de Tuskany. Cath muitas vezes o achou estranho e distante e terrível em conversas. Quando seus olhos se encontraram, ela ficou surpresa de descobrir que ele a estava observando, e também a Margaret.

Ela não teve certeza de qual dos dois afastou o olhar primeiro.

– Está procurando alguém, Lady Catherine? – Margaret chegou mais perto, desconfortavelmente perto, apoiando o queixo no ombro de Cath, e seguiu o olhar dela.

– Não, não, eu só estava... observando.

– Observando quem?

– Bom. É uma linda casaca que o duque está usando hoje, você não acha? – perguntou ela, tentando o caminho da civilidade enquanto se esquivava do queixo de Margaret.

Margaret franziu o nariz de repulsa.

– Como alguém poderia reparar na casaca dele? Quando eu olho para o duque, só vejo o jeito como ele insiste em levantar o nariz para todo mundo,

como se ser o Duque de Tuskany fosse uma grande conquista.

Cath inclinou a cabeça.

– Acho que o nariz dele faz isso naturalmente. – Ela encostou um dedo no nariz e empurrou para cima, fazendo um teste. Não fez com que ela se *sentisse* elitista...

Margaret empalideceu.

– Que vergonha, Catherine. Você não pode sair por aí debochando de todo mundo assim! Ao menos não em público.

– Ah! Eu não pretendia ofender. Ele só tem o nariz assim mesmo. Deve ter um olfato excelente. Eu me pergunto se não seria capaz de procurar trufas com um nariz daquele.

Cath foi poupada da defesa dela por uma batida forte no ombro.

Ela se virou e se viu de cara para uma túnica preta cobrindo um peito estufado. Seu olhar subiu até um rosto com expressão de desprezo, parcialmente escondido por um único tapa-olho e pelo cabelo desgrenhado saindo de debaixo de uma boina branca.

Era Jack, o Valete de Copas, que recebeu o título de cavaleiro por pena, depois de perder o olho direito em um jogo de adivinhação.

O humor dela piorou ainda mais. Aquele baile estava começando de um jeito horrível.

– Oi, Jack.

– Lady Pinkerton – disse ele, o hálito com cheiro de vinho quente. O olhar se desviou para Margaret. – Lady Mearle.

Margaret cruzou os braços sobre o peito.

– É de uma falta de educação intolerável interromper uma conversa, Jack.

– Eu vim dizer para Lady Pinkerton que este é um baile preto e branco.

Cath baixou os olhos e tentou parecer encabulada, embora a cada lembrete ela fosse ficando menos constrangida e mais irritada.

– Parece ter havido alguma falha de comunicação.

– Você parece uma idiota – disse Jack.

Catherine se irritou:

– Não há motivo para grosseria.

Jack bufou e observou o vestido dela de novo. E de novo.

– Você não é nem metade tão linda quanto pensa que é, Lady Pinkerton. Nem um quarto, e só tenho um olho para ver.

– Eu garanto a você que não...

– Todo mundo pensa o mesmo, só não diz na sua cara como eu digo. Mas não tenho medo de você, nem um pouco.

– Eu nunca disse...

– Eu nem gosto de você tanto assim.

Catherine apertou os lábios e inspirou com paciência.

– Sim, acredito que você tenha me dito na última vez que o vi, Jack. E na vez antes disso. E antes disso. Você me lembra o quanto não gosta de mim desde que tínhamos seis anos e estávamos decorando o mastro de maio, se me lembro corretamente.

– Sim. Certo. Porque é verdade. – As bochechas de Jack ficaram vermelhas. – Além do mais, você tem cheiro de margarida. Só que uma daquelas horríveis e fedidas.

– Naturalmente, uma dessas – disse Catherine. – Que Deus não permita que eu confunda com um elogio.

Jack grunhiu, esticou a mão e puxou um dos cachos dela.

– Ai!

O valete deu meia-volta e saiu andando antes que Catherine pudesse pensar em uma resposta, embora ela mais tarde desejasse ter aproveitado a oportunidade para dar um belo chute na canela dele.

– Que idiota – disse Margaret depois que ele foi embora.

– Sem dúvida que é – concordou Catherine, esfregando a cabeça e se perguntando quanto tempo tinha ficado ali e quanto tempo mais teria que ficar.

– Claro – continuou Margaret –, é deplorável de sua parte encorajar um comportamento tão idiota.

Catherine se virou para ela, chocada.

– Eu não encorajo.

– Se é nisso que você acredita, acho que devemos concordar em discordar – disse Margaret. – E a moral disso é:

Mas antes que ela pudesse pronunciar uma prova absurda de comportamento ruim, um som de trompete ecoou pelo salão. No alto da escada,

o Coelho Branco declarou com sua voz anasalada:

– APRESENTANDO SUA MAJESTADE REAL, O REI DE COPAS.

O Coelho Branco soprou o trompete de novo, depois guardou o instrumento na lateral do corpo e fez uma reverência. Cath se virou com o resto dos convidados quando o Rei apareceu no alto da escadaria particular. O tabuleiro de xadrez inteiro de aristocratas ondulou com curvaturas e reverências.

O Rei estava usando um traje de gala completo: capa branca de pele, calça listrada de preto e branco, sapatos brancos brilhantes com fivelas cravejadas de diamantes e um cetro com coração na ponta em uma das mãos. Tudo isso era completado com a coroa, cravejada com mais rubis, diamantes e veludo, e um topo central em forma de coração.

Seria um conjunto impressionante, só que a pele tinha uma substância grudenta perto da gola, a calça estava repuxada em um dos joelhos e a coroa, que Catherine sempre pensou que parecia pesada demais para a cabecinha do Rei, tinha escorregado para um lado. Além do mais, Sua Majestade estava sorrindo como um louco quando Catherine se levantou de sua reverência.

E estava sorrindo para ela.

Catherine se enrijeceu quando o Rei desceu os degraus. A multidão se abriu para permitir que ele passasse, criando um caminho direto, e antes que Catherine pudesse pensar em chegar para o lado também, o Rei estava na frente dela.

– Boa noite, Lady Pinkerton! – Ele se levantou na ponta dos pés, o que chamou ainda mais atenção à sua diminuta estatura. Era pelo menos dois palmos mais baixo do que Catherine, apesar do boato de que usava sapatos feitos por encomenda com solas de cinco centímetros.

– Boa noite, Vossa Majestade. Como vai? – Ela fez outra reverência.

O Coelho Branco, que tinha ido atrás do Rei, limpou a garganta.

– Sua Majestade Real gostaria de pedir a mão de Lady Catherine para a primeira dança.

Ela arregalou os olhos.

– Nossa, obrigada, Vossa Majestade. Seria uma honra. – Catherine fez uma terceira reverência, sua reação a qualquer coisa que era dita na presença do Rei. Não que ele fosse um homem intimidante. Era bem o contrário. O Rei, talvez quinze anos mais velho do que ela, era roliço e corado e tinha tendência a rir nos

momentos mais inoportunos. Era a falta de intimidação dele que fazia Catherine se comportar, senão seria fácil demais esquecer que ele era seu soberano.

Entregando o cetro para o Coelho Branco, o Rei de Copas segurou a mão de Catherine e a levou para a pista de dança. Cath disse para si mesma que era uma benção ser levada para longe de Margaret, mas a companhia do Rei não era uma melhoria muito grande.

Não, isso não era justo. O Rei era um homem doce. Um homem simples. Um homem *feliz*, o que era importante, pois um rei feliz tinha um reino feliz.

Ele só não era um homem inteligente.

Quando eles assumiram a posição de casal principal na pista de dança, Cath foi tomada por uma onda de medo. Estava dançando com o Rei. Todos os olhos estariam neles, e todo mundo pensaria que ela escolhera o vestido com o único motivo de chamar a atenção dele.

– Você está linda, Lady Pinkerton – disse o Rei. Ele estava falando mais com os seios dela do que com a cara, resultado da altura infeliz, não de nenhum tipo de indelicadeza, mas Catherine não conseguiu impedir suas bochechas de ficarem vermelhas.

Ah, por que ela não pôde lutar contra o desejo da mãe ao menos aquela vez?

– Obrigada, Majestade – disse ela, a voz tensa.

– Eu gosto muito da cor vermelha!

– Ora... quem não gosta, Vossa Majestade?

Ele riu em concordância, e Cath ficou feliz quando a música começou e entraram no primeiro passo. Eles se viraram de lado um para o outro para andar pelas linhas externas de casais, distantes demais para falar. Catherine sentiu o espartilho pinicando embaixo dos seios e apertou as mãos na saia para não mexer no local.

– Que baile agradável – disse ela, se juntando ao Rei no final da fila. Eles deram as mãos. A dele estava macia e úmida.

– Você acha? – Ele abriu um sorriso. – Eu sempre amo os bailes preto e branco. São tão... tão...

– Neutros? – disse Catherine.

– É! – Ele suspirou com um tom sonhador, os olhos no rosto de Catherine. – Você sempre sabe o que eu estou pensando, Lady Pinkerton.

Ela afastou o olhar.

Eles passaram embaixo dos braços esticados do casal seguinte e soltaram as mãos para girar em torno do sr. e da sra. Texugo.

– Tenho que perguntar – disse o Rei quando eles uniram as mãos novamente. – Será que você... por acaso... não trouxe nenhuma gostosura esta noite? – Ele a observou com olhos brilhando, o bigode curvo tremendo com esperanças.

Cath sorriu quando eles levantaram as mãos para o casal seguinte poder passar por baixo. Ela sabia que o Rei estava na ponta dos pés, mas, respeitosamente, não olhou para baixo.

– Na verdade, fiz três tortas de limão hoje de manhã, e minha criada ia cuidar para que chegassem à sua mesa de banquete durante as festividades. Já devem estar aqui agora.

O rosto dele se iluminou, e ele virou a cabeça para olhar para a longa mesa, mas eles estavam longe demais para identificar as três tortas.

– Fantástico – disse ele, extasiado, errando dois passos de dança e forçando Catherine a ficar em uma posição constrangedora antes de retomar.

– Espero que goste.

Ele voltou a atenção para ela, balançando a cabeça como se atordoado.

– Lady Pinkerton, você é um tesouro.

Ela sufocou uma careta, constrangida pelo tom sonhador na voz dele.

– Mas devo confessar que tenho uma fraqueza particular por lima, além de limão. – As bochechas dele tremeram. – Você sabe o que dizem: lima é a chave para o coração de um rei!

Cath nunca tinha ouvido isso antes, mas balançou a cabeça em concordância.

– Dizem mesmo!

O sorriso do Rei estava efervescente.

No final da dança, Catherine estava pronta para desabar pelo esforço de parecer alegre e atenta, e só sentiu alívio quando o Rei fingiu um beijo no alto da cabeça dela e agradeceu pelo prazer da dança.

– Preciso procurar aquelas suas tortas deleitáveis, Lady Pinkerton, mas espero que você também guarde a última dança para mim.

– Com prazer. O senhor me honra.

Ele riu, feliz da vida enquanto ajeitava a coroa, e saiu valsando na direção da mesa de banquete.

Cath murchou, feliz de a primeira dança ter acabado. Talvez pudesse persuadir os pais de a deixarem ir embora antes da última dança da noite. Seu planejamento a fez sentir culpa: quantas garotas adorariam receber atenção assim do Rei?

Ele não era um parceiro de dança ofensivo, nem cansativo.

Achando que um pouco de ar poderia ajudar suas bochechas a se recuperarem de ficar forçando um sorriso, ela seguiu na direção das sacadas. Mas não tinha dado nem doze passos pela multidão de crinolinas pretas e cartolas brancas quando os candelabros piscaram ao mesmo tempo e se apagaram.

CAPÍTULO 4

A MÚSICA GUINCHOU E MORREU. Um grito subiu dos convidados quando o salão foi mergulhado em escuridão.

Houve o som de respiração, o farfalhar de anáguas, uma imobilidade insegura. Em seguida, uma fagulha e uma chama. Um anel de luz de velas espiralou em torno de um dos candelabros mais centrais, e um brilho sinistro se espalhou pelo teto abobadado, deixando os convidados mergulhados em sombras abaixo.

Pendurado no candelabro aceso estava um aro vertical que Catherine não tinha certeza se estava ali antes.

Recostado dentro do aro, aparentemente tão confortável como se estivesse em um divã, havia um Coringa.

Ele estava usando uma calça preta justa enfiada dentro de botas de couro gasto, uma túnica preta com cinto nos quadris e luvas, também pretas, não as brancas que a aristocracia usava. A pele brilhava como âmbar na luz do fogo, e os olhos estavam contornados de lápis, tão grossos que pareciam uma máscara. A um primeiro olhar, Catherine achou que ele tinha cabelo preto comprido, mas percebeu que estava usando um chapéu preto com três pontas penduradas, cada uma com um guizo de prata. Embora estivesse tão parado que os guizos não tocassem, e Catherine não conseguia se lembrar do tilintar deles quando as velas se apagaram.

Quando – *como* – ele chegou lá em cima?

O estranho ficou suspenso por um longo momento, recebendo os olhares dos convidados abaixo, enquanto o aro girava lentamente. O olhar dele era perfurante, e Catherine prendeu a respiração quando ele a encontrou e, na mesma hora, pareceu parar. Seus olhos se apertaram de forma quase imperceptível enquanto ele avaliava o chamativo vestido vermelho.

Cath tremeu e sentiu a estranha necessidade de dar um aceno nervoso. Um reconhecimento de que, sim, ela estava ciente de que seu vestido era *indevidamente* vermelho. Mas quando levantou a mão, a atenção do Coringa tinha seguido em frente.

Ela baixou a mão e expirou.

Quando o aro fez um círculo completo, um sorriso fantasma ergueu os cantos dos lábios do estranho. Ele inclinou a cabeça. Os sinos tilintaram.

Houve o som de inspiração da plateia atenta.

– Senhoras. Senhores. – Ele falava com precisão. – Vossa Ilustre Majestade.

O Rei quicou nas pontas dos pés, como uma criança esperando uma festa de Natal.

O Coringa se balançou em um movimento fluido e ficou de pé dentro do aro. Deu mais uma meia-volta preguiçosa. Todos estavam prestando atenção, hipnotizados pelo estalo hesitante da corda presa ao candelabro.

– Qual é a semelhança entre um corvo e uma escrivaninha?

O aro parou de girar.

As palavras do Coringa cobriram o salão. O silêncio ficou firme. Com o estranho virado para ela de novo, Catherine captou um brilho de luz de fogo nos olhos dele.

E então, percebendo que uma charada tinha sido proposta, a multidão se agitou com murmúrios. Vozes sussurradas repetiam a charada. *Qual é a semelhança entre um corvo e uma escrivaninha?*

Ninguém ofereceu resposta.

Quando ficou claro que ninguém responderia, o Coringa esticou uma das mãos para a plateia e fechou em punhos apertados. Os que estavam abaixo dele deram um passo para trás.

– Ah, porque ambos podem produzir algumas notas.

Ele abriu a mão, e não apenas *algumas* notas, mas uma tempestade de papéis pretos e brancos explodiu da mão dele como confetes. As pessoas ofegaram e chegaram para trás conforme os papeizinhos giravam e caíam no ar, tantos que parecia que o teto tinha se desintegrado em pedacinhos. Quanto mais caía, mais as pessoas murmuravam. Alguns dos homens viraram os chapéus para pegar o máximo de notas que conseguissem.

Rindo, Catherine levantou o rosto para o teto. Era como ser pega em uma tempestade de neve quente. Ela esticou as mãos para os lados e girou, adorando como a saia rodava, gerando um redemoinho de papel.

Depois de girar três vezes, ela parou e tirou um papelzinho do cabelo, um pergaminho fino do tamanho do polegar, com um único coração vermelho impresso.

Os últimos pedacinhos de confete caíram no chão. Alguns pontos do salão acumularam papel até a altura dos tornozelos das pessoas.

De seu aro, o Coringa ainda estava olhando para baixo. No tumulto, ele tinha removido o chapéu de três pontas, revelando que o cabelo era preto, afinal, desgrenhado e cacheado em volta das orelhas.

– Mas é sabido – disse ele quando as pessoas fizeram silêncio – que as notas tendem a ser muito monótonas.

Os guizos no chapéu tilintaram, e da base das três pontas um enorme pássaro preto surgiu, grasnando enquanto voava na direção do teto. A plateia gritou de surpresa. O corvo circulou o salão, as asas tão grandes que o movimento agitou os montinhos de papel abaixo. Demorou um segundo para dar a volta no salão, antes de se acomodar no candelabro acima do Coringa.

A plateia começou a aplaudir. Catherine, atordoada, viu as mãos se juntando quase sem perceber.

O Coringa colocou o chapéu de volta na cabeça e desceu do aro, até ficar pendurado com uma única mão enluvada. O coração de Catherine deu um pulo. Era alto demais para correr o risco da queda. Mas, quando ele se soltou, um lenço vermelho de veludo ficou preso no aro. O Coringa girou languidamente na direção do chão, revelando lenços brancos e pretos, entrelaçados e surgindo dos dedos dele, até os terem levado ao chão, levantando um redemoinho de papéis.

Assim que suas botas tocaram no chão, o círculo de luz do candelabro se espalhou por todo o salão, cada cone se acendendo em rápida sucessão, até o salão estar totalmente iluminado novamente.

A plateia aplaudiu. O Coringa se curvou.

Quando ele se empertigou, estava segurando um segundo chapéu nas mãos, uma boina marfim com uma faixa prateada decorativa. O Coringa a girou na ponta do dedo.

– Peço perdão, mas alguém perdeu um chapéu? – perguntou ele, a voz cortando os aplausos.

Houve um momento de incerteza, seguido por um rugido ofendido.

Jack, na metade do salão, estava com as duas mãos no cabelo emaranhado. Todo mundo riu, e Catherine se lembrou de Mary Ann dizendo que Jack pretendia roubar o chapéu do Coringa como trote.

– Minhas mais sinceras desculpas – disse o Coringa, sorrindo de um jeito nada arrependido. – Não tenho a menor ideia de como isso veio parar nas minhas mãos. Tome, pode pegar de volta.

Jack disparou pela multidão, o rosto ficando vermelho rapidamente, com as pessoas rindo ao seu redor.

Mas, quando ele alcançou o chapéu ainda girando, o Coringa o puxou e virou de cabeça para baixo.

– Mas, espere. Acho que deve haver alguma coisa dentro. Uma surpresa? Um presente? – Ele fechou um olho e espiou dentro do chapéu. – Ah... um clandestino!

O Coringa enfiou a mão no chapéu. Seu braço desapareceu até quase o ombro, bem mais fundo do que o chapéu, e quando puxou de volta, ele estava com duas orelhas brancas e peludas na mão.

A plateia chegou mais perto.

– Ah, minhas orelhas e meus bigodes – murmurou o Coringa. – Que clichê. Se eu soubesse que era um coelho, teria deixado aí dentro. Mas, como não pode ser evitado agora...

As orelhas, quando ele as puxou, estavam presas a ninguém menos que o mestre de cerimônias, o próprio Coelho Branco. Ele saiu cuspindo e observando

a plateia com olhos arregalados, como se não pudesse imaginar como tinha ido parar em uma boina no meio do baile.

Catherine apertou as mãos sobre a boca, sufocando uma risada nada delicada.

– Ora... eu nunca! – gaguejou o coelho, apoiando os pés grandes quando o Coringa o colocou no chão. Ele puxou as orelhas da mão do Coringa, ajeitou a túnica e fungou. – Que coragem! Vou falar com Sua Majestade sobre essa demonstração óbvia de desrespeito!

O Coringa se curvou.

– Lamento muitíssimo, sr. Coelho. Não houve intenção de desrespeito. Me permita compensar com um presente de coração. Deve haver mais alguma coisa aqui...

Quando Jack tentou pegar o chapéu novamente, o Coringa o afastou distraidamente do alcance dele e balançou o chapéu ao lado do ouvido.

– Ah, sim. Serve. – Esticando a mão de novo, ele tirou desta vez um belo relógio de bolso, com corrente e tudo. Com um floreio, entregou o relógio para o sr. Coelho. – Aqui está. E, está vendo, a hora já está certa.

O sr. Coelho fungou, mas, quando o brilho de um diamante encrustado na face do relógio chamou a atenção, ele o pegou da mão do Coringa.

– Er... bem. Vou pensar... vamos ver... mas é um belo relógio... – Ele mordeu o gancho do relógio com os dentes grandes da frente e determinou que era ouro mesmo, por isso o guardou no bolso. Lançou outro olhar infeliz para o Coringa e voltou para o meio da plateia.

– E para você, sr. Jack veloz, Jack feroz. – O Coringa ofereceu o chapéu para Jack, que o pegou e enfiou na cabeça.

O Coringa levou um susto e levantou o dedo.

– Você talvez queira...

Os olhos de Jack se arregalaram e ele tirou o chapéu de novo. Havia uma vela acesa em um castiçal de prata em cima da cabeça dele. A chama já tinha aberto um buraco fumegante no alto da boina.

– Ei, eu estou tentando dormir! – gritou a vela.

– Peço perdão. – O Coringa esticou a mão e apagou a chama com as pontas dos dedos da luva de couro. Um filete de fumaça envolveu a cabeça de Jack e o

canto do olho bom começou a tremer. – Que peculiar. Eu tinha certeza de que você pularia por cima do castiçal, mas tudo está mesmo de cabeça para baixo.

Os convidados estavam às gargalhadas, rindo tanto que não ouviram o grasnado ecoante do corvo descendo do candelabro e indo na direção deles. Catherine deu um passo, assustada, para trás quando o corvo roçou a orelha dela e pousou no ombro do Coringa. O Coringa nem tremeu, mesmo quando as garras do corvo afundaram na túnica dele.

– Com um último toque de sabedoria, desejamos uma boa-noite. – Ele esticou a mão e virou o chapéu para a plateia. – Sempre olhem seus chapéus antes de colocá-los. Vocês nunca sabem o que pode estar escondido dentro. – Os sinos tilintaram quando ele deu uma voltinha para olhar para todos da plateia.

Catherine se empertigou quando ele se virou na direção dela e... *piscou* para ela?

Ela não tinha certeza se tinha imaginado.

A boca do Coringa se ergueu rapidamente de um lado, e, na frente dos olhos de todos, o corpo derreteu por completo em uma escuridão de tinta. No espaço de um batimento, o Coringa se transformou em uma sombra alada: um segundo corvo.

As duas aves voaram para uma janela e foram embora.

CAPÍTULO 5

O NOVO BOBO DA CORTE era o único assunto de todo mundo. Até as danças foram esquecidas quando os convidados perceberam que os papeizinhos cobrindo o chão continham mais do que corações; alguns tinham o símbolo de Ouros em preto, o de Espadas em vermelho, o de Paus em branco. Alguns, o perfil de um corvo. Outros: uma coroa, um cetro, um chapéu de três pontas de coringa. Alguns convidados fizeram um jogo de colecionar o máximo de desenhos diferentes possível, procurando símbolos que podiam ter perdido.

O Rei, sorridente, estava mais alegre do que Cath já tinha visto. Mesmo do outro lado do salão ela conseguia ouvir a voz aguda pedindo para os convidados confirmarem que, realmente, foi o entretenimento mais impressionante que eles já viram.

O estômago de Catherine roncou, vibrando pelas barbatanas de tubarão do espartilho. Ela ficou tão encantada com a apresentação do Coringa que esqueceu as limitações do vestido e a fome cada vez maior. Tentou não chamar atenção enquanto se contorcia no vestido, se ajustando no corpete apertado, e se esgueirou para a mesa de banquete. Viu Mary Ann arrumando um prato de trufas, se destacando das outras criadas pela altura e a cor de palha do cabelo que aparecia nas beiradas do chapéu.

Animando-se quando viu Catherine, Mary Ann baixou a cabeça e puxou um canto da toalha de mesa, como se a ajeitando.

– O que você achou da apresentação? – sussurrou ela.

Os dedos de Cath tremeram com desejo sobre os pratos de comida.

– Eu achava que bobos da corte só contavam piadas obscenas e faziam gracinhas sobre o Rei.

– Fico me perguntando o que mais ele pode ter na man... er, no chapéu. – Mary Ann tirou uma bandeja da mesa e fez uma reverência. – Trufa, milady?

– Você sabe que não posso.

– Só finja estar pensando para eu poder ficar aqui mais um pouco. Os criados reais ficam tentando nos coagir a trazer mais comida, e se eu tiver que voltar naquela cozinha, vou derreter. Além do mais, já tem muita comida aqui, levando em consideração os convidados hoje e a velocidade com que está sendo consumida, eles não precisam de mais, independentemente do que digam. Que desperdício seria.

Catherine esticou os dedos.

– Aquilo são caramelos?

– Acho que sim.

– O que você acha de caramelos com chocolate e um toque de sal marinho em cima?

Mary Ann esticou a língua com nojo.

– Por que não jogar pimenta também?

– Foi só uma ideia. – Catherine mordeu o lábio inferior, olhando para os chocolates. Sim, sal marinho, não importava o que Mary Ann pensava. A despensa no Recanto da Pedra da Tartaruga estava sempre com um bom estoque, por ser tão perto do mar, e uma vez, por estar com humor para experiências, Cath salpicou um pouco no chocolate quente e achou surpreendentemente agradável. Era a coisa certa para as trufas. Um pouco de sal para salientar o doce, um pouco de crocante para refletir na maciez do caramelo... ora, ela podia fazer uma torta de chocolate com caramelo e sal. Poderia ser um dos doces característicos da confeitaria!

Seu estômago roncou.

– Cath?

– Hum?

– Você parece que vai começar a babar, e eu odiaria que manchasse esse vestido.

Ela grunhiu.

– Não consigo controlar. Estou com tanta fome. – Ela passou os braços em volta do estômago quando outro ronco soou pelo veludo.

Mary Ann franziu as sobrancelhas de leve com solidariedade, mas seu rosto se iluminou.

– Esse vestido deve ter sido uma boa escolha mesmo assim. Você fez o casal principal na dança com o Rei!

Cath engoliu outro grunhido mais profundo. Sem dúvida as reclamações de ter que dançar com o Rei não eram nada em comparação a carregar bandejas pesadas de comida por uma cozinha abafada.

Ela viu uma forma corpulenta do outro lado da mesa e levou um susto.

– Quem é?

Mary Ann olhou por cima do ombro, mas desviou o olhar rapidamente. Ela inclinou a cabeça para mais perto.

– O nome dele é Peter Peter, e a coisinha ao lado dele é a esposa. Ainda não sei o nome dela.

– Coisi... ah.

A esposa que Mary Ann mencionou era mesmo um fiapo de garota, quase invisível ao lado do volume do marido. As costas pareciam permanentemente corcundas, de trabalho e não idade, achava Cath, a pele branca como pergaminho e o cabelo louro sujo. Parecia estar passando mal, com uma das mãos sobre a barriga e sem interesse aparente na comida à frente. O rosto cintilava com uma camada fina de perspiração.

Por outro lado, o marido era intimidante como um troll. Era bem mais alto do que os outros convidados e faria até o pai de Cath, com aquele peito largo de barril, parecer pequeno. Usava uma casaca preta de montaria e uma calça que mal cabiam, o tecido esticado nos ombros de touro. Catherine desconfiou de que, se ele se movesse rápido demais, abriria várias costuras. Ele tinha cabelo ruivo ondulado que precisava ser lavado e penteado e as sobrancelhas pareciam permanentemente fazendo careta.

Nem Peter Peter e nem a esposa pareciam satisfeitos de estar no baile do Rei.

– Mas quem *são* eles? – sussurrou ela.

– Sir Peter é dono da plantação de abóboras perto da Floresta de Nenhum Lugar. Uma das criadas da cozinha me disse que ele foi tornado cavaleiro depois que a esposa ganhou uma competição de comer abóboras quinze dias atrás. Eu soube que Jack ficou em segundo lugar e está pedindo revanche desde então. – Mary Ann limpou a garganta. – Eu queria que alguém me concedesse um título de nobreza por tudo que *eu* como.

Catherine riu. Ninguém imaginaria ao olhar para Mary Ann, mas ela tinha um apetite que rivalizava com o de Cath. Elas se aproximaram pelo amor pela comida anos antes, pouco tempo depois que Mary Ann foi contratada como empregada da casa dela.

Sua gargalhada foi eclipsada por uma sombra sobre as duas. Dedos grossos se aproximaram da bandeja de Mary Ann.

– O que é isso?

Mary Ann deu um gritinho e Catherine ficou vermelha, mas Sir Peter não pareceu reparar em nenhuma das duas enquanto colocava uma trufa inteira na boca. Se as ouviu falando dele e da esposa, não deu sinal.

– Er... trufas de caramelo, senhor – disse Mary Ann.

– Sem sal – acrescentou Catherine. – Infelizmente.

De perto, ela conseguia ver os pelos no queixo de Sir Peter e sujeira embaixo das unhas, como se ele estivesse preocupado demais com a plantação de abóboras para se dar ao trabalho de se limpar para seu primeiro baile real.

– Sir Peter, não é? – gaguejou ela. – Ainda não tive o prazer de conhecê-lo.

Ele apertou os olhos enquanto sugava chocolate do polegar sujo. Catherine fez uma careta.

Ao lado dela, os olhos no chão, Mary Ann se afastou da mesa.

– Ah, espere!

Mary Ann parou.

Sir Peter engoliu, deixando pedaços de chocolate nos dentes.

– Quero mais disso. Tudo é... como se diz? Cortesia do Rei, certo?

Mary Ann fez uma reverência curta de novo.

– Claro, senhor. Fique à vontade para apreciar o quanto quiser. Posso trazer mais alguma coisa?

– Não. – Ele pegou outra trufa e mal pareceu mastigar antes de engolir.

Escondida na sombra dele, Lady Peter viu a trufa viajar pela garganta do marido e ficou verde antes de lançar um olhar hesitante para Mary Ann.

– Por acaso – gaguejou ela, a voz um sussurro baixo – você teria tortinha de abóbora? Nós vendemos abóboras para os confeiteiros do Rei ontem de manhã e soubemos que as usariam no baile, mas não...

– Você não precisa de mais abóbora! – berrou o marido, com cuspe voando da boca e caindo na bandeja de trufas. Cath e Mary Ann fizeram caretas. – Já comeu suficiente.

Lady Peter se encolheu.

Limpando a garganta, Cath entrou entre Peter Peter e as trufas.

– Mary Ann, por que você não vai ver se o valete gostaria de experimentar os caramelos? Ele gosta tanto de doces.

Ela sentiu o suspiro de alívio de Mary Ann antes de se afastar com a bandeja.

Catherine fez uma reverência.

– Sou Catherine Pinkerton, filha do Marquês do Recanto da Pedra da Tartaruga. Eu soube que o senhor foi feito cavaleiro, não é?

Os olhos dele escureceram embaixo das sobrancelhas ruivas descabeladas.

– Digamos que sim.

– E essa deve ser sua esposa. É um prazer conhecê-la, Lady Peter.

Os ombros da mulher se encolheram até as orelhas. Em vez de fazer uma reverência ou sorrir, ela se encolheu para longe da apresentação e passou a observar o conteúdo da mesa novamente, embora Cath tivesse a impressão de vê-la ter ânsia de vômito só de observar tanta comida.

Catherine se agarrou aos bons modos.

– A senhora está bem, Lady Peter? Está me parecendo um pouco pálida, e está tão quente aqui. Gostaria de me acompanhar em uma volta na varanda?

– Ela está ótima – cortou Peter. Catherine deu meio passo para trás, assustada com a veemência dele. – Só anda comendo abóboras estragadas ultimamente, como se não soubesse que não devia.

– Entendo – disse Catherine, embora não entendesse. – Parabéns pela vitória no concurso de comer abóboras, Lady Peter. Deve ter comido bastante. Ando querendo fazer uma torta de abóbora ultimamente.

Peter passou um momento mexendo nos dentes com a unha, e Catherine recuou de novo, com a sensação peculiar de que ele estava tentando pensar na melhor forma de cozinhá-*la* e comê-*la*.

– Ela as come cruas. – Ele pareceu orgulhoso desse fato. – Já comeu abóbora crua, Lady... *Pinkerton*?

– Não posso dizer que sim. – Ela já tinha feito algumas tortas e uma musse de abóbora no passado; a polpa fibrosa e as sementes escorregadias que teve que raspar antes de cozinhar a abóbora não eram muito apetitosas. Olhando em volta de Sir Peter, ela perguntou à esposa dele: – Consigo entender como é possível se sentir mal depois de uma refeição assim. É uma pena que não esteja se sentindo bem o bastante para comer da mesa do Rei.

O olhar de Lady Peter subiu, e ela choramingou antes de baixar a cabeça de novo. Ela parecia a momentos de vomitar em cima do banquete incrível.

– Tem certeza de que não quer se sentar? – perguntou Catherine.

Lady Peter respondeu docilmente:

– Tem certeza de que não tem tortinha de abóbora por aí? Acho que posso me sentir um pouco melhor se...

– Viu? Não se preocupe em falar com ela – disse Peter. É burra como uma abóbora de Halloween.

A esposa dele apertou os braços ao redor da cintura.

A raiva de Catherine borbulhou. Por um momento, ela o imaginou engasgando com um daqueles caramelos com chocolate, ela e a esposa dele olhando e rindo, mas sua fantasia foi interrompida pelo Nove e pelo Dez de Ouros se espremendo de lado entre eles.

– Perdão – disse o Nove, pegando um figo coberto de mel.

Cath ficou satisfeita em dar um passo para trás.

– Esses baderneiros são sempre assim? – perguntou Peter, rosnando para as costas do cortesão.

O Dez se virou para ele com um sorriso jovial e levantou uma taça de vinho, como em uma saudação.

– De jeito nenhum – disse ele. – Nós costumávamos ter padrão alto.

Cath ficou pálida. O cortesão sumiu em um instante, deixando Peter com o rosto vermelho e os olhos ardendo de raiva. Cath forçou um sorriso.

– Os cortesãos às vezes são meio... arrogantes. Com estranhos. Tenho certeza de que ele não pretendia ofender.

– Tenho certeza de que pretendia – disse Peter –, e tenho certeza de que ele não é o único. – Ele ficou olhando para ela por um longo momento antes de levantar a mão e inclinar o chapéu gasto. – Foi um prazer, *milady*.

Foi o primeiro sinal de boas maneiras que ele demonstrou, e foi tão crível quanto o Duque de Tuskany alegando que sabia voar.

Sir Peter pegou a esposa pelo cotovelo e a levou para longe. Cath não ficou triste de vê-los se afastarem.

CAPÍTULO 6

CATHERINE SE PERMITIU BUFAR. A presença de Sir Peter, combinada com o espartilho apertado, quase a sufocou.

– Um prazer mesmo, realmente.

– Ele é um estranho no ninho, não é?

Ela se virou e viu uma bandeja de prata flutuando no ar acima da mesa, cheia de tortinhas de massa dourada, onduladas com precisão em um dos lados.

– Ah, oi de novo, Cheshire – disse Catherine, cheia de alívio por ter um encontro naquela noite que não a deixaria exausta e atormentada. Se bem que, com Cheshire, qualquer coisa podia acontecer. – Você devia estar aqui?

– Provavelmente não.

O gato apareceu com a bandeja apoiada na barriga, a cauda listrada como um divã embaixo do corpo. A cabeça apareceu por último: orelhas, bigodes, nariz e finalmente o enorme sorriso cheio de dentes.

– Você está absurda – disse Cheshire, pegando um doce entre duas garras e colocando na boca gigante. Uma nuvem de vapor saboroso subiu dos dentes dele, com cheiro de abóbora doce.

– O vestido foi ideia da minha mãe – disse Catherine. Colocando a mão na barriga, ela respirou o mais profundamente que conseguiu. Estava começando a se sentir meio tonta. – Isso aí são tortinhas de abóbora, por acaso? Lady Peter estava perguntando onde estavam. O cheiro está delicioso.

– São. Eu ofereceria uma, mas não quero.

– Isso não é educado. E, a não ser que você tenha convite, é melhor colocar a bandeja na mesa e desaparecer novamente, antes que alguém veja você.

Cheshire grunhiu, despreocupado.

– Eu só achei que você podia querer saber... – Ele deu um bocejo exagerado. – ... que o valete está roubando suas tortas.

– O quê? – Cath se virou e lançou um olhar pela mesa de banquete, mas Jack não estava por perto. Ela franziu a testa.

Quando se virou, as bochechas enormes de Cheshire estavam infladas com uma bandeja inteira de tortinhas.

Cath revirou os olhos e esperou que ele mastigasse e engolisse, o que fez rapidamente com os dentes enormes.

Cheshire arrotou e enfiou uma unha no espaço ao lado do molar frontal.

– Ah, por favor – disse ele, inspecionando a unha e encontrando um pedaço de recheio de abóbora. – Você não acha que essas tortas teriam durado muito tempo, acha?

Ela viu a bandeja familiar perto da beirada da mesa. O que restava das tortas de limão eram só alguns farelos, um borrifo de açúcar de confeiteiro contornando três círculos vazios e uma mancha amarela.

Era agridoce como chocolate amargo aquela bandeja vazia. Catherine sempre ficava feliz quando suas sobremesas eram apreciadas, mas, nesse caso, depois do sonho e do limoeiro... ela teria gostado de experimentar ao menos um pedacinho.

Ela suspirou com decepção.

– Você experimentou, Cheshire?

O gato fez um *tsc* para ela.

– Eu comi uma inteira, minha querida. Estava irresistível.

Cath balançou a cabeça.

– Você seria melhor se tivesse nascido porco.

– Que vulgar. – Ele girou no ar, rolou como um tronco no mar e sumiu junto com o prato agora vazio.

– E o que você tem contra porcos? – disse Cath para o espaço vazio. – Porquinhos são tão lindos quanto gatinhos, se você quer saber.

– Vou fingir que não ouvi isso.

Ela se virou de novo. O gato tinha reaparecido do outro lado da mesa. Ou só a cabeça e uma pata, que ele começou a lamber.

– Mas tenho certeza de que Lorde Javali apreciaria o sentimento – acrescentou ele.

– Você sabe se Sua Majestade teve oportunidade de experimentar as tortas?

– Ah, sim. Eu o vi roubando uma fatia, depois uma segunda e uma terceira enquanto você e Mary Ann falavam sobre a comedora de abóbora. – O resto do corpo dele se materializou enquanto ele falava. – Que vergonha, fofocar tanto.

Ela levantou uma sobrancelha. Cheshire era especialista em fofoca. Era parte do motivo de ela gostar de falar com ele, embora também a deixasse nervosa. Catherine não queria que as fofocas dele se virassem contra ela.

– Isso torna você o sujo ou o mal lavado?

– Ainda um gato, minha querida, e um de sorte.

– Na verdade... – Catherine inclinou a cabeça. – Você pode não ser um gato preto, mas seu pedigree está diferente. Você está meio laranja de repente.

Cheshire enrolou a cauda recém-alaranjada na frente dos olhos vesgos.

– Estou mesmo. Laranja fica bem em mim?

– Fica, mas não combina com o esquema de cores da noite. Que par devemos formar.

– Imagino que tenha sido a tortinha de abóbora. Que pena que não eram de peixe.

– Você quer ficar da cor de peixe?

– De uma truta arco-íris, talvez. Você devia considerar acrescentar peixe ao seu próximo doce. Eu adoraria uma torta de atum.

– Tartar de atum?

– Nossa, você vai fazer uma ave empalhada rir se continuar assim.

– Não seria a primeira vez.

– A propósito, você já ouviu os boatos?

– Boatos... – Ela revirou a memória. – Você quer dizer do sr. Lagarta se mudar para uma loja menor?

A cabeça de Cheshire virou de cabeça para baixo.

– Como você está lenta hoje. Eu estava falando dos boatos acerca do novo bobo da corte.

Ela se animou.

– Não. Eu não ouvi nada sobre ele.

– Nem eu.

Ela franziu a testa.

– Cheshire, isso é o oposto de um boato.

– O contrário. Eu não tenho a menor ideia de quem ele é e nem de onde veio. É muito estranho. – Cheshire lambeu a pata e limpou atrás da orelha, o que pareceu falta de educação a Catherine por ele estar tão perto da mesa. – Dizem que apareceu no portão do palácio três dias atrás, já usando traje de bobo, e pediu uma audiência com o rei. Fez um truque ou dois de magia, alguma coisa relacionada a embaralhar os cortesãos de Ouros e pedir a Sua Majestade que escolhesse uma carta do maço... Não consegui acompanhar os detalhes. No final, ele conseguiu o emprego.

Catherine visualizou o Coringa naquele aro suspenso, quase como se esperasse que os convidados do Rei o entretivessem, não o contrário. Ele estava tão confiante. Embora não tivesse questionado antes, a curiosidade de Cheshire aguçou a sua. Copas era um reino tão pequeno. De onde ele tinha vindo?

– Você ouviu os outros boatos? – continuou Cheshire.

– Não tenho certeza. Que outros boatos?

Cheshire virou de barriga e apoiou a cara nas patas peludas.

– Sua Realeza Simpática escolheu uma noiva.

Os olhos dela se arregalaram.

– Não! Quem é? – Ela olhou ao redor. Certamente não Margaret. Talvez Lady Adela, de Lingerfoote, ou Lady Willow, de Lister Hill, ou...

Ou...

Sua respiração pulou.

Um arrepio se espalhou por seus membros.

O entusiasmo de sua mãe.

A primeira dança.

O sorriso afobado do rei.

Ela virou a cabeça para Cheshire. O sorriso enorme pareceu mais do que debochado.

– Você não pode estar falando sério.

– Não posso? – Ele olhou para os candelabros. – Eu tinha certeza de que era capaz *disso*, pelo menos.

– Cheshire, isso não é engraçado. O Rei não pode... ele não faria...

Um trompete soou, ecoando nas paredes de quartzo rosa.

Catherine virou a cabeça.

– Ah, não.

– Ah, sim.

– Cheshire! Por que você não me contou antes?

– Senhoras e senhores! – gritou o Coelho Branco, a voz aguda insignificante depois da corneta. – Sua Majestade Real preparou um anúncio especial para esta noite.

– Devo dar os parabéns a você agora? – perguntou Cheshire. – Ou você acha que parabenizar prematuramente pode dar azar? Nunca me lembro da etiqueta adequada nessas situações.

Uma cortina de calor a envolveu, da testa aos dedos dos pés. Ela poderia ter jurado que alguém estava puxando os cordões do espartilho, pois sua respiração ficou mais difícil.

– Eu não posso. Ah, Cheshire, não posso.

– Acho que você pode querer treinar uma resposta diferente antes de subir lá.

As pessoas aplaudiram. O Rei subiu no palco do outro lado do salão. Catherine olhou ao redor, procurando os pais, e quando viu a mãe sorrindo e limpando uma lágrima dos olhos, a realidade ficou clara.

O Rei de Copas ia pedi-la em casamento.

Mas... mas ele não podia. Nunca tinha feito mais do que elogiar os doces dela e convidá-la para dançar. Eles não cortejaram... mas reis precisavam cortejar? Ela não sabia. Só sabia que sua barriga estava com um nó triplo e a ideia de se casar com ele era absurda. Ela nunca tinha considerado que aquele homem bobo podia querer qualquer coisa dela além de doces e bolos. Certamente não como noiva e... ah, céus, *filhos*.

Uma gota de suor escorreu pela nuca dela.

– Cheshire, o que eu faço?

– Diga sim, eu acho. Ou diga não. Não importa para mim. Tem certeza de que laranja fica bem em mim? – Ele estava inspecionando o rabo de novo.

O desespero arranhou a garganta de Catherine.

O Rei. O simples, ridículo e feliz, *feliz* Rei.

Seu marido? Seu digníssimo? Seu parceiro pelas provações e alegrias da vida?

Ela seria rainha, e rainhas... não abriam confeitarias com suas melhores amigas. Rainhas não fofocavam com gatos meio invisíveis. Rainhas não tinham sonhos com garotos de olhos amarelos e acordavam com limoeiros em cima da cama.

Ela tentou engolir, mas a boca tinha secado como bolo velho.

O Rei limpou a garganta.

– Boa noite, leais súditos! Espero que todos tenham apreciado os prazeres desta noite!

Mais aplausos, que fizeram o Rei unir as mãos e balançá-las algumas vezes.

– Eu gostaria de fazer um anúncio. Um anúncio bom, nada com que se preocupar. – Ele riu pelo que podia ter sido uma piada. – Chegou a hora de escolher uma esposa para mim, e para os meus súditos... uma amada rainha de Copas! – O Rei continuou rindo. – E, com sorte, também dar ao nosso reino um herdeiro.

Catherine se afastou da mesa de comidas. Não conseguia sentir os dedos dos pés.

– Cheshire...?

– Lady Catherine?

– É minha honra – continuou o Rei – chamar a dama que escolhi como companheira de vida.

– Por favor – disse Catherine –, provoque uma distração. Qualquer coisa!

A cauda de Cheshire tremeu e ele sumiu. Só a voz ficou, murmurando:

– Com prazer, Lady Catherine.

O Rei abriu os braços.

– A sempre adorável, linda e estupenda Lady Cathe...

– *Aaaagghh!*

Ao mesmo tempo, a multidão se virou. Margaret Mearle continuou gritando, batendo no gato laranja listrado que apareceu em cima da cabeça dela, enrolado embaixo do chapéu de pele.

Só Catherine se virou para o outro lado.

Ela fugiu para a sacada, correndo o mais rápido que suas botas de saltos e seu espartilho apertado permitiam. A noite fresca gerou um arrepio na pele quente, mas cada respiração vinha com dificuldade.

Ela levantou a saia e desceu os degraus até o jardim de rosas. Ouviu um vidro quebrando e gritos assustados, e se perguntou que caos Cheshire devia estar provocando agora, mas não ousou olhar para trás, nem quando chegou ao jardim.

O mundo girou. Ela parou em um portão de ferro forjado, se segurando em uma das barras como apoio. Recuperando o fôlego, cambaleou em frente, pelo caminho de trevos entre roseiras e chafarizes, passando por topiarias e estátuas e um lago de vitórias-régias. Ela esticou a mão até as costas do vestido, desesperada para afrouxar os cordões. Para respirar. Mas não conseguia alcançar. Estava sufocando.

Ia vomitar.

Ia desmaiar.

Uma sombra surgiu na frente dela, iluminada por trás pelas luzes fortes do castelo, de forma que a silhueta se projetou pelos gramados de croquet. Catherine gritou e parou de repente, o cabelo úmido grudado no pescoço.

A sombra de um homem encapuzado a envolveu. Enquanto Catherine olhava, a silhueta levantou um machado enorme, a lâmina curva se projetando na grama.

Tremendo, Catherine se virou. Uma forma escura desceu do céu na direção dela. Ela gritou e levantou os braços em defesa.

O corvo grasnou tão perto que ela conseguiu sentir as asas batendo quando ele passou voando.

– Você está bem?

Ela ofegou e puxou os braços. O coração estava trovejando quando ela espiou pelos galhos de uma roseira branca.

Ela demorou um momento para encontrá-lo na escuridão. O Coringa estava deitado em um galho baixo, uma flauta prateada nas mãos, mas, se estava tocando antes, ela estava distraída demais para reparar.

Suas pálpebras tremeram. Metade do cabelo tinha se soltado do coque e caía sobre o ombro. A pele estava quente. O mundo estava girando loucamente,

girando com tortas de limão e gatos invisíveis e lâminas curvas e...

O Coringa ficou tenso e sua testa se franziu.

– Milady?

O mundo se inclinou severamente e ficou preto.

CAPÍTULO 7

— A DAMA CAMBALEOU por esta noite cálida, exausta e com pele extremamente pálida. – Uma voz séria e melancólica flutuou pela escuridão envolvente.

– Devidamente anotado, meu amigo penoso – disse uma segunda voz, mais leve e rápida. – Tem certeza de que não temos sal volátil aí?

– Não sei nada do seu desejado sal, embora no seu plano uma coisa não esteja legal. Para impedir que ela acorde atordoada, seria muito prudente acordá-la ensopada.

Uma coisa dura bateu no chão ao lado do cotovelo de Cath, seguido de um barulho baixo de água.

– Não, Corvo, nós não vamos jogar um balde de água nela. Continue procurando. Não temos um sanduíche de presunto? Palha? Sempre funcionou com o Rei.

Agitação, movimentação, estalos e estrondos.

Um suspiro.

– Quer saber? Deixe pra lá. Vamos usar isto.

A movimentação de folhagem veio seguida do estalo de um galho. Uma coisa macia fez cócegas na ponta do nariz de Cath.

Ela se contorceu, virou a cabeça e sentiu o perfume leve de rosas.

– A-há, está funcionando.

Ela franziu o nariz. As pálpebras se abriram. Escuridão e sombras giraram na visão dela. A cabeça parecia pesada, os pensamentos desorientados.

– Oi – disse uma das sombras embaçadas, tornando-se o bobo da corte. Ele afastou a rosa de pétalas macias do rosto dela. – Você está bem?

– Nunca mais – disse o Corvo, que estava empoleirado na beirada de um balde de metal.

O Coringa olhou para ele de cara feia.

– Não seja grosso.

– Não é grosseria repudiar um arbitrário cumprimento, uma pergunta sem sentido nesse primeiro momento. Estar *bem* implica uma fase impossível. Torcemos por *mais ou menos* em um dia sensível.

– Exatamente – disse o Coringa. – Grosseria.

O Corvo fez um ruído infeliz. Abrindo as enormes asas, ele pulou no ar e voou até um galho alto da roseira.

O Coringa voltou a atenção para Catherine. Ele tinha tirado o chapéu de três pontas, e o cabelo preto ondulado estava grudado na cabeça em algumas partes e se projetando em outras. A luz da tocha de um jardim próximo tremeluziu em dourado nos olhos dele, ainda contornados de lápis preto. Ele sorriu para ela, e foi o tipo de sorriso simpático que chegava a todas as partes do rosto, criando covinhas nas bochechas, enrugando os cantos dos olhos. O coração de Cath pulou. Durante a apresentação, ela ficou hipnotizada pela magia, distraída pelas peripécias dele... mas não tinha percebido que ele também era bonito.

– Que bom que a rosa deu certo – disse ele, girando-a nos dedos. – Desconfio que esse encontro seria bem diferente se tivéssemos sido obrigados a usar o balde de água.

Ela piscou, sem conseguir sorrir enquanto as sombras dançavam pelo rosto dele. Não era só a luz da tocha. Os olhos eram mesmo da cor de ouro. Da cor de girassóis e caramelo e limões pendurados nos galhos.

Ela arregalou os olhos.

– *Você*.

– Eu – concordou ele. Inclinou a cabeça para o lado, franzindo a testa de novo. – Em toda seriedade, milady, você está... – Uma hesitação. – ... *mais ou menos* bem?

Ela sentiu de novo aquele puxão interno que teve durante o sonho, dizendo que ele tinha alguma coisa que pertencia a ela e que ela tinha que pegá-lo se quisesse de volta.

– Milady? – Colocando a rosa de lado, ele levou as costas da mão à testa dela. – Está me ouvindo? Você está quente.

O mundo girou de novo, mas desta vez de um jeito delicioso que parava o tempo.

– Talvez eu devesse chamar um Esturjão...

– Não, eu estou bem. Está tudo bem. – As palavras estavam arrastadas e os dedos desajeitados, mas ela conseguiu segurar a mão dele antes que ele se afastasse. Ele parou, em dúvida. – Mas não consigo sentir as pernas – confessou ela.

Ele torceu os lábios para o lado.

– Mais ou menos bem mesmo. Não vamos dizer ao Corvo que ele estava certo, senão ele vai ficar insuportável o resto da noite. – Ele olhou para baixo. – Posso quase garantir que suas pernas ainda estão presas ao corpo, embora haja um monte de tecido escondendo. Vou procurar agora mesmo, se você quiser.

A expressão dele estava inocente e o tom, sincero.

Catherine riu.

– É muita generosidade sua, mas eu mesma posso procurá-las, obrigada. Você pode me ajudar a sentar?

Ainda segurando a mão dela, o Coringa passou o braço livre embaixo dos ombros dela e a puxou para cima. Ela viu o chapéu dele caído de cabeça para baixo não muito longe, e em volta havia um monte de tralhas espalhadas. Bolinhas de gude, um macaco de corda, lenços, um tinteiro vazio, botões variados, um velocípede de duas rodas, a flauta prateada.

Com uma batidinha rápida, Cath confirmou que suas pernas ainda estavam mesmo presentes. Os dedos dos pés começaram a formigar.

– Suas mãos parecem gelo. – O Coringa fechou os dedos dela na palma da mão dele e começou a massageá-los, primeiro nos nós dos dedos, na almofadinha do polegar, no pulso. – Você vai se sentir melhor quando o sangue estiver correndo novamente.

Cath inspecionou o Coringa, os cachos desgrenhados, a ponta do nariz. Ele estava sentado de pernas cruzadas na grama, inclinado sobre a mão dela. Seu toque era chocantemente íntimo em comparação aos toques com que ela estava acostumada, nos encontros breves e civilizados durante uma valsa ou quadrilha.

– Você é médico? – perguntou ela.

Ele olhou para ela e deu aquele sorriso que a desarmava novamente.

– Sou um bobo da corte, milady, o que é ainda melhor.

– Como isso pode ser melhor do que um médico?

– Você nunca ouviu que rir é o melhor remédio?

Ela balançou a cabeça.

– Sendo assim, você não devia estar me contando uma piada?

– Como a senhorita quiser. Como o Coringa aqueceu algumas mãos?

Ela fechou um olho e pensou, mas desistiu rapidamente.

– Não sei. Como?

– Sendo um Coringa caloroso e lindo mesmo.

A gargalhada dela foi inesperada, pontuada pelo ronco nada feminino que era motivo de provocação frequente de Mary Ann. Ela afastou a mão da dele para cobrir o nariz, constrangida.

O rosto todo do Coringa se iluminou.

– É possível! Uma dama de verdade com uma gargalhada assim! Eu acreditava que vocês eram criaturas mitológicas. Por favor, faça de novo.

– Não vou! – gritou ela, o rosto ficando vermelho. – Pare. A piada nem foi engraçada, e agora estou morrendo de vergonha.

Ele ficou sério, mas os olhos ainda estavam animados.

– Eu não quis ofender. Uma gargalhada assim vale mais do que ouro para um homem na minha posição. Vai ser o trabalho da minha vida ouvir esse som novamente. Todos os dias, se for do seu agrado. Não... duas vezes por dia, e pelo menos uma vez antes do café da manhã. Um Coringa real precisa ter as mais altas expectativas.

A pulsação dela acelerou. Duas vezes por dia? Uma vez antes do café da manhã?

Uma nova espécie de rubor surgiu nas bochechas dela.

Ao reparar no olhar, o Coringa soltou a mão dela, quase envergonhado.

– Quer dizer... é você, não é?

Ela olhou para ele, e nos olhos dele viu o limoeiro que cresceu no quarto à noite, os galhos retorcidos em volta da cama, carregado de frutas maduras.

– Eu?

– A futura Rainha de Copas?

A euforia sumiu dela em uma única respiração dolorosa.

– Perdão?

– Ah, não precisa pedir. – Uma dúvida surgiu na testa dele. – Devo eu pedir desculpas? Eu não pretendia ser direto. É só que o Rei pretendia pedir a mão de uma dama em casamento durante o baile de hoje, e... com seu vestido, acho que supus...

Ela olhou para baixo. A saia era um pesadelo vermelho que a envolvia.

– Ele disse de que garota pretendia pedir a mão?

– Não, milady. Só sei que era a filha de um lorde, embora isso não diminua muito a lista. – Ele se apoiou nas mãos. – Do que você estava fugindo?

– Fugindo? – Ela forçou um sorriso tímido. – Eu só queria um pouco de ar fresco. O salão fica tão quente em noites assim.

O olhar dele a grudou na grama e foi ficando mais preocupado.

– O Rei ainda não tinha feito o anúncio quando você saiu?

– Eu não ouvi nada.

Ela tremeu, não muito culpada pela mentira. O que estava acontecendo dentro do salão? O Rei a tinha chamado? Estavam procurando por ela?

Ela olhou para o castelo, surpresa de ver o quanto tinha corrido. Os jardins pareciam se prolongar por quilômetros, e as janelas do salão brilhavam ao longe. Ela se perguntou sobre o estrondo que ouviu e torceu para Cheshire não estar encrencado.

O Coringa massageou a nuca.

– Talvez seja você, então. Talvez eu devesse acompanhá-la de volta...

– Não! Não. Hum. – Ela riu com desconforto. – Tenho certeza de que ele pretendia pedir a mão de outra. Sua Majestade nunca demonstrou nenhum interesse particular por mim.

– Tenho dificuldade de imaginar isso.

– É a verdade. – Ela limpou a garganta. – Pode ser uma pergunta peculiar, senhor... er, Coringa...

– Jest. Meu nome é Jest. Milady.

– Ah... eu sou Catherine Pinkerton.

– É um grande prazer, Lady Pinkerton. Qual era sua pergunta?

Cath afofou o tecido vermelho volumoso em volta das pernas para ocupar os dedos enquanto ainda estavam formigando e agitados.

– Nós já nos conhecemos?

– Antes desta noite? – Ele apoiou o queixo na mão. – Parece improvável.

– Foi o que também achei.

– Eu pareço familiar? – As covinhas dele voltaram a aparecer.

– De certa forma. Peculiarmente, eu acredito que tenha sonhado com você.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Comigo?

– É estranho, não é?

– Bastante. – A palavra foi sutil, surpresa. Ele pareceu brevemente nervoso, como quando a viu com o vestido vermelho pela primeira vez em meio ao mar de preto e branco. A expressão segura sumiu momentaneamente. – Talvez nós tenhamos nos conhecido no futuro e você só esteja lembrando ao contrário.

Ela refletiu sobre isso.

– E aí? – perguntou ele.

Ela piscou.

– E aí o quê?

– Foi um sonho bom?

– Ah. – Ela repuxou os lábios em pensamento, mas percebeu que ele estava de provocação. Ela fez uma careta. – Para ser franca, achei meio chato.

– Ah, mas você não pode ser Franca. Você já me disse que seu nome é Catherine.

– Eu mudei.

A gargalhada dele não pareceu ofendida.

– Pelo menos a lembrança desse sonho trouxe um pouco de cor de volta às suas bochechas. Você estava branca como uma pomba quando desmaiou. Me desculpe se Corvo assustou você.

Ela se lembrou da sombra esticada sobre o gramado do castelo, a figura encapuzada com o machado acima dela. E tremeu.

– Não, não foi Corvo. Foi... eu achei que vi... nada.

– Eu vejo nada o tempo todo.

– Como falei antes, estava muito quente lá dentro, só isso. E eu quase não comi nada o dia todo.

– Sem dúvida o espartilho da tortura não ajudou.

A cara feia dela aumentou.

– As roupas de baixo de uma dama não são tópico adequado de conversa.

Ele levantou as mãos em rendição.

– É só uma teoria, milady. Tenho certeza de que sua falta de alimentação é mais culpada. Aqui. – Ele levou a mão a uma bolsa no cinto e tirou um chocolate. – Eu estava guardando para mais tarde, então devia estar guardando para você.

– Ah, não, eu não poderia. Ainda estou me sentindo um pouco fraca. Acho que vai me deixar enjoada.

– Alguns dizem que é melhor comer e perder do que não comer.

Ela franziu a testa, confusa, mas a sinceridade dele não sumiu.

– Caso você fique enjoada e o doce volte pelo caminho que desceu.

– Que *horrível*.

– Eu sei. Eu deveria pedir desculpas. – Em vez disso, ele esticou a mão com o doce na direção dela. – Devo insistir para que coma, independente dos riscos. Se você desmaiar de novo enquanto estiver sob os meus cuidados, não vou poder impedir Corvo de usar o balde.

Catherine balançou a cabeça e colocou a palma da mão na barriga. Conseguia sentir as barbatanas embutidas no espartilho.

Mas ele não parecia tão apertado quanto antes. Agora que o ar da noite a estava reavivando, havia até espaço para respirar. Não muito, mas talvez o bastante para caber um chocolatinho...

– Por favor, aceite – insistiu ele.

– É da mesa de banquete? – perguntou ela, sabendo que não devia experimentar alimentos não testados. Uma vez, quando era pequena, ela provou frutinhas silvestres e passou dois dias do tamanho de um dedal. Era uma experiência que não queria ter de novo.

– Do próprio Rei.

Catherine pegou o chocolate com hesitação, murmurou um agradecimento e mordeu. A trufa explodiu com caramelo sedoso e chocolate quebradiço na língua.

Ela sufocou um gemido de prazer.

Mas se fosse acrescentada uma pitadinha de sal marinho... ah, *euforia*.

Ela devorou o resto, a língua procurando qualquer chocolate esquecido nos dentes.

– Melhor? – perguntou Jest.

– Muito. – Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Bem o bastante para ficar de pé, eu acho. Você pode me ajudar?

Ele ficou de pé antes que ela tivesse terminado de perguntar, os movimentos graciosos como os de um antílope.

– Devo escoltá-la de volta ao salão? – perguntou ele, levantando-a.

– Não, obrigada. – Ela limpou o vestido. – Estou muito cansada. Acho que vou pedir uma carruagem para me levar para casa.

– Por aqui, então.

Ele pegou o chapéu no chão e colocou na cabeça. Parecia errado nele agora, e ela percebeu que foi a roupa de bobo da corte que escondeu sua beleza antes. Agora que ela sabia, era impossível não ver.

Virando a cabeça para o alto, Jest assobiou para os galhos.

– Corvo, você se importa...?

O Corvo inclinou a cabeça e espiou pelos galhos, observando-os com um único olho preto brilhante.

– Achei que talvez você tivesse esquecido seu companheiro no escuro, oprimido.

Jest olhou para ele.

– Isso é um sim?

O pássaro suspirou.

– Tudo bem. Eu vou. – Ele levantou voo do poleiro e desapareceu no céu negro.

Jest ofereceu o braço a Catherine, e ela passou dois dedos pela dobra do cotovelo. Estava perplexa com o quanto estava fácil respirar agora. Talvez ela

tivesse exagerado. Bom, não em relação à quase proposta do Rei, mas ao jeito como o vestido parecia que a estava estrangulando.

Eles passaram pelos arcos do jardim. As roseiras ficaram para trás e foram substituídas por cercas vivas altas que cintilavam com os raios ardentes dos vaga-lumes.

– Espero que você entenda se eu pedir sua discrição – disse ela, desejando que o coração parasse de pular. – Foi um encontro muito incomum para mim.

– Longe de mim macular a reputação intocada de uma dama. Mas, para ser claro, que parte do nosso encontro deve ficar em segredo? – Jest a olhou com o canto do olho. – A parte em que você desmaiou na grama e eu heroicamente a revivi? A parte em que demos uma caminhada sem supervisão pelos jardins? – Ele estalou a língua em reprovação fingida. – Ou talvez a parte em que você confessou que teve um sonho comigo, e que eu devo ser um libertino por torcer para que não tenha sido tão chato quanto você sugeriu?

Ela se encostou no braço dele.

– Todas as anteriores?

Ele levou a mão livre até os dedos dela e deu um tapinha.

– Vai ser um prazer termos um segredo juntos, milady.

Eles andaram até a cauda do grifo da guarda. Ele estava dormindo, como sempre, encostado no portão do jardim. Os roncos baixos os seguiram por metade do gramado.

– Já que estamos compartilhando segredos – disse ela –, posso perguntar como você fez aquilo? O truque com o sr. Coelho?

– Que truque?

– Você sabe. Quando o tirou do chapéu de Jack.

Jest franziu a testa, a expressão ligeiramente preocupada.

– Minha doce Lady Pinkerton, temo que você tenha enlouquecido nesse curto tempo em que nos conhecemos.

Ela olhou para ele.

– Enlouqueci?

– Imaginar que tirei um coelho de um chapéu? – Ele se inclinou para mais perto, a testa próxima da dela, em posição de conspiração, e sussurrou: – Isso seria impossível.

Ela sufocou um sorriso, tentando transformar a expressão em uma coisa igualmente dissimulada.

– Por coincidência, sr. Jest, eu às vezes chego a acreditar em até seis coisas impossíveis antes do café da manhã.

Ele parou de andar na mesma hora e olhou para ela, perplexo.

O sorriso dela sumiu.

– O que foi?

Jest apertou os olhos e a observou.

Catherine se assustou com a inspeção.

– O quê?

– Tem certeza de que não é por você que o Rei está apaixonado?

Demorou um momento, mas, quando a gargalhada veio, foi sincera e espontânea. A ideia de que o Rei pudesse querer se casar com ela era uma coisa, mas de ele estar apaixonado era um absurdo totalmente diferente.

– Eu garanto que não está – disse, ainda sorrindo, embora Jest não parecesse convencido. – O que isso tem a ver com acreditar em coisas impossíveis?

– Só parece o tipo de coisa que uma rainha diria – disse ele, oferecendo o braço de novo. Cath aceitou, embora com mais hesitação. – E, bem, o impossível é minha especialidade.

Ela olhou para o perfil dele, para os ângulos do rosto, para o contorno de lápis preto dos olhos.

– Isso me parece totalmente crível – disse ela.

Ele pareceu satisfeito.

– Estou lisonjeado de você achar isso, Lady Pinkerton.

Eles chegaram à entrada de pedra da porta principal do castelo, onde dezenas de carruagens esperavam seus lordes e damas. Um amontoado de cocheiros de libré fumava cachimbos embaixo de tochas do outro lado do pátio. Um deles gritou quando viu Cath e Jest se aproximando:

– Ei, o que foi toda a confusão?

– Confusão? – perguntou Jest.

– Só ouvimos gritos vindos do castelo há meia hora – disse o cocheiro. – Achamos que uma das velas pode ter botado o local em chamas com aqueles pavios curtos.

Jest olhou para Cath, mas ela deu de ombros.

– Deve ser a agitação por causa da sua apresentação. – Uma carruagem se aproximou deles, o corvo preto enorme empoleirado ao lado do cocheiro. Ele deve ter ido buscar o transporte para ela.

Um dos lacaios, um sapo usando uma peruca branca e uma casaca vermelha real transpassada e com botões dourados, veio pulando pelo pátio para abrir a porta para ela.

Jest ofereceu a mão para ajudá-la a entrar na carruagem, e ela ficou surpresa quando o pé tocou no segundo degrau e sentiu lábios pressionando seus dedos.

Ela olhou para trás.

– Ah... eu quase esqueci! – Soltando a mão dela, Jest tirou o chapéu, os guizos tilintando, e enfiou a mão nele. Puxou um monte de cordas brancas e compridas. – Isto pertence a você.

Cath pegou as cordas com insegurança.

– O que é... – Ela ofegou. A mão voou até as costas e tateou sobre o vestido, detectando as barbatanas do espartilho, sim, mas... não os cordões. As costas do espartilho estavam totalmente abertas sob a mão dela.

Suas bochechas foram tomadas de calor.

– Como?

Jest deu um salto para longe da carruagem, como se tivesse medo de que ela fosse bater nele, coisa que ela estava considerando de repente. Que ousadia!

Ele fez outra reverência, como se tivesse terminado o bis.

– Boa noite, Lady Pinkerton. Espero que respire fundo com prazer no caminho para casa.

Em parte envergonhada e em parte impressionada, Catherine subiu o último degrau e bateu a porta da carruagem.

CAPÍTULO 8

CATHERINE ACORDOU COM O SOM DA CARRUAGEM dos pais voltando para casa, o ruído alto e distinto dos cascos dos cavalos na entrada em comparação ao fundo abafado das ondas do mar. Não sabia quantas horas tinham se passado, mas ainda estava escuro lá fora, e ela se escondeu mais fundo nas cobertas, puxando a colcha até acima do nariz. A cabeça estava girando com confusão e sono. Ela tinha a sensação de filetes sonolentos estarem agarrados a ela de algum sonho distante. Braços colocando-a em uma cama de pétalas de rosas. Dedos contornando seu rosto. Beijos descendo pelo pescoço.

Ela suspirou e encolheu os dedos dos pés no lençol.

Ele apareceu lentamente no meio da confusão mental. Cabelo escuro desgrenhado. Olhos âmbar-dourados. Um sorriso com covinhas em lábios provocantes...

Seus olhos se abriram de repente, um rubor subindo pelo pescoço.

Ela estava sonhando com o Coringa.

De novo!

No andar de baixo, ela ouviu a porta da frente ser aberta e a voz da mãe se espalhar pelo silêncio da noite. Parecia preocupada, e Cath se encolheu. Estaria com raiva de Cath ter ido embora do baile sem avisar? Ou porque o pedido de casamento do Rei foi ignorado?

Talvez... *talvez*... ele tivesse pedido a mão de outra garota.

Energizada pela esperança, ela afastou a colcha e espiou através do dossel da cama. Sufocou um gritinho de susto.

Não um limoeiro desta vez, mas rosas. Eram brancas como penas de cisne, os caules espinhosos enrolados nos suportes laterais. Cath tirou uma das mãos de debaixo da coberta e se aproximou de uma das flores mais próximas. Um espinho afundou no polegar, e ela se encolheu, puxou a mão e colocou o ferimento na boca antes que pingasse sangue na camisola.

Desistindo da rosa, ela puxou as cobertas por cima da cabeça de novo e esperou os batimentos ficarem mais lentos.

O que queria dizer? O que os sonhos estavam tentando dizer para ela?

Ela enumerou as coisas que sabia sobre Jest.

Ele era o bobo da corte, mas ninguém sabia de onde tinha vindo.

Era amigo de um Corvo.

O impossível era sua especialidade.

O jeito como ele tocou em sua mão despertou alguma coisa dentro dela que Cath nunca tinha sentido. Uma coisa eufórica, mas também nervosa. Uma coisa curiosa, mas também temerosa.

E, se fosse possível acreditar nos sonhos, ele beijava muito, muito bem.

O frio na barriga voltou, e ela entrou mais sob as cobertas, tonta de repente. Talvez a presença dele no jardim do palácio tivesse sido inesperada e desconcertante, mas Cath era a mestra de seus próprios caprichos. Ela começou a se entregar ao sonho de beijos lentos e rosas brancas, a encontrar o caminho daquela fantasia pequena e inofensiva...

A porta do quarto foi aberta com toda a força.

– CATHERINE!

Assustada, Catherine empurrou as cobertas e se sentou. A luz do lampião iluminou a parede.

– O quê?

Sua mãe berrou, mas foi um som de alegria.

– Ah, graças aos deuses. Whealagig, ela está aqui! Está bem! – Com um choramingo, ela disparou pelo quarto, parando para colocar o lampião na mesa de cabeceira antes de se jogar na cama de Catherine e puxá-la para um abraço

sufocante. Catherine percebeu com um susto que sua mãe estava chorando. – Estávamos tão preocupados!

– Por quê? – Cath lutou para se soltar. – Eu saí cedo do baile e vim direto para casa. Não achei que vocês fossem ficar tão preocupados. Eu não estava me sentindo bem e...

– Não, não, querida, tudo bem. É que... – Ela caiu no choro na hora em que o pai de Catherine apareceu acima delas, com a mão no coração. O rosto estava flácido de alívio.

– O que está acontecendo? – perguntou Cath, vendo Mary Ann na porta. – O que houve?

– Nós não sabíamos onde você estava – disse a mãe, chorosa –, e houve... houve...

– Um ataque – disse o pai, a voz séria.

Cath olhou para ele, tentando ler sua expressão na luz fraca do lampião.

– Um ataque?

– E não foi um ataque qualquer! – Sua mãe recuou e apertou os ombros de Cath. – Um Jaguadarte!

Ela arregalou os olhos.

– Ele atacou o castelo – disse o pai de Cath, parecendo tenso e exausto. – Estilhaçou uma das janelas e pegou dois cortesãos direto da pista de dança. E saiu voando com eles...

Cath apertou a mão no peito. O Jaguadarte era uma criatura de pesadelos e mitos, de histórias contadas em volta da fogueira para assustar criancinhas e fazer com que se comportassem. Era um monstro que diziam que vivia na emaranhada e entrelaçada Floresta Tulgey, bem longe, no país do Xadrez.

Até onde Cath sabia, nenhum Jaguadarte era visto em Copas havia incontáveis gerações. As histórias diziam que tinha sido caçado por grandes cavaleiros séculos antes, até que o último Jaguadarte foi morto por um rei que portava a mítica Espada Vorpal.

– Era e-enorme – gaguejou sua mãe – e apavorante, e eu não sabia onde você estava! – Ela caiu no choro de novo.

– Está tudo bem, mãe. – Cath apertou forte a mãe. – Eu passei a noite em casa.

– E ainda sonhando, estou vendo – disse o pai.

A mãe recuou e se surpreendeu com a roseira espinhenta.

– De novo não. O que está se passando nessa sua cabeça?

Cath engoliu em seco.

– Me desculpe. Não sei de onde estão vindo.

A mãe limpou as lágrimas ainda presas nos olhos.

– Céus, Catherine. Se você vai sonhar, tente sonhar com algo útil.

Cath apertou a coberta com os dedos.

– Bom, podemos ter água de rosas fresca, e talvez eu faça macarons de rosa...

– Não, não, não. Eu não quis dizer útil no sentido do que dá para fazer ou preparar. Estou falando de *útil*. Como uma coroa!

– Uma coroa!?

A mãe escondeu o rosto atrás de dedos grossos.

– Ah, essa noite acabou com meus pobres nervos. Primeiro aquele gato Cheshire horrível aparece bem na hora que o Rei está se preparando para fazer o anúncio, depois você desaparece, depois o Jaguadarte... – Ela tremeu. – E agora uma roseira crescendo no meio da minha casa. Sinceramente, Catherine!

– Não quero discutir, mãe, mas uma coroa não faz muita coisa. Só fica parada na cabeça, bem inútil. Ah, mas acho que cintila.

– Foco, criança. Você não vê? O Rei pretendia pedir sua mão em casamento. Hoje!

Mary Ann ofegou, e Cath sentiu que sua surpresa fingida foi meio lenta.

– Nossa, mas que sugestão absurda – disse ela, rindo. – O Rei? Claro que não.

O Marquês limpou a garganta, constrangido, dando um susto na mãe dela, que se virou balançando os braços.

– Sim, sim, terminamos com você, querido – disse ela. – Vá para a cama. Precisamos ter uma conversinha de mãe para filha.

O pai de Cath pareceu agradecido de ser dispensado. Havia sombras embaixo dos olhos dele quando se inclinou e deu um beijo na cabeça da filha.

– Estou feliz de você estar bem.

– Boa noite, papai.

Mary Ann fez uma reverência quando ele passou e lançou um sorriso empolgado para Cath.

– Vou... trazer chá? – sugeriu ela. – Para acalmar os nervos de todo mundo.

– Obrigada, Mary Ann – disse a Marquesa. Ela esperou até estar sozinha com Cath e pegou as duas mãos da filha. – Minha querida, doce e burra criança – disse ela, e os ombros de Cath se contraíram em desafio. – Não é nem um pouco absurdo. O Rei quer você como noiva dele. Agora, estou muito feliz de você ter chegado em casa em segurança, mas isso não perdoa sua ausência em uma ocasião assim. Onde você estava?

Lembranças de chocolate com caramelo e espartilhos desamarrados surgiram na mente de Catherine.

Ela piscou, pura inocência.

– Como falei, eu estava me sentindo mal e pensei em ir embora para não fazer uma cena. Eu não queria interromper os ótimos momentos que você e papai pareciam estar tendo, então peguei uma das carruagens reais. Além do mais, acho que você está enganada sobre o Rei.

O rosto da mãe ficou roxo como repolho.

– Não estou enganada, garota boba. Você devia estar noiva agora.

– Mas Sua Majestade nunca demonstrou nenhuma preferência por mim. Bom, a não ser pelos meus doces. Mas, mesmo que tivesse, não houve cortejo. Não houve tempo para...

– Ele é o Rei! Que necessidade tem de cortejo? Ele pede e você diz sim, esse é todo o cortejo necessário. – Ela deu um suspiro, exausto. – Ou teria sido assim. Agora que você desapareceu no momento mais inoportuno, quem sabe o que vai acontecer com os sentimentos dele? Ele pode estar se sentindo rejeitado... a ligação que ele sente pode ter sido cortada permanentemente!

Catherine repuxou os lábios, tentando disfarçar o fluxo de esperança atrás de um véu de preocupação.

– Se o Rei desejasse pedir minha mão em casamento, eu espero que o sentimento não seja tão frágil assim. E ainda não estou convencida das intenções dele.

– Ah, ele tinha intenções. E é melhor que ainda tenha, senão você vai ficar confinada neste quarto até aprender quando é e quando não é apropriado ir embora de um baile! – Ela hesitou. – Independentemente de monstros selvagens e assassinos. Você precisa dar um jeito nisso, Catherine!

– O que você espera que eu faça?

– Espero que você peça desculpas por sair do baile prematuramente. Espero que esteja por perto na próxima vez que um homem fizer uma oferta que vá fazer de você rainha. Temos que pensar em uma forma de garantir que não tenhamos perdido a boa vontade dele. Alguma coisa que o impeça de mudar de ideia, ainda mais agora, que estávamos tão perto!

– Mas e se eu não... – Ela parou de falar e puxou os joelhos até o peito.

– E se você não o quê? Bote pra fora, criança.

Ela engoliu em seco. Hesitou. Fraquejou.

– E se eu não vir Sua Majestade por um tempo? Nós não podemos ir visitar o Rei, e não temos convite, temos?

A mãe levantou o nariz com arrogância.

– Na verdade, nós temos um convite. Fomos convidados para um chá da tarde nos jardins do castelo daqui a três dias. – Ela estalou os dedos. – Já sei! Você vai levar um presente para Sua Majestade! Vai ser a desculpa perfeita para se aproximar dele. Ele gosta dos seus doces. – A mãe se levantou e começou a andar pelo quarto, a luz do lampião lançando uma sombra inquieta na parede. – De que você acha que ele vai gostar?

– De qualquer coisa, eu acho.

– Por que você está sendo difícil?

Cath deu de ombros.

– Eu não quero ser difícil, mãe. Que tal aqueles macarons de rosas que mencionei?

– Sim, sim, perfeito! O que são macarons de rosas?

Cath preparou uma explicação, mas a mãe já estava dispensando a pergunta.

– Não importa, tenho certeza de que está bom. Agora, tente dormir um pouco. Você sabe que fica inchada quando não dorme bem. – Balançando os braços, ela saiu do quarto e quase esbarrou na bandeja de chá de Mary Ann.

Depois que a Marquesa saiu, Mary Ann entrou e fechou a porta com o pé. Virou os olhos arregalados para Catherine e abandonou a bandeja na mesa de cabeceira.

– Pode ser verdade, Catherine?

Catherine desabou nos travesseiros.

– Também não quero acreditar. Um Jaguadarte! Em Copas! O ataque deve ter sido horrível.

Mary Ann parou, os pensamentos se enrolando no tópico.

– Ah, sim. *Foi* horrível. Aconteceu muito rápido, eu mal vi o monstro voando com um cortesão em cada uma das garras grandes e desconjuntadas... – Ela fez uma careta. – Ninguém sabia o que fazer. O salão ficou um caos, todo mundo querendo fugir, mas com medo de sair. De repente, o Coringa apareceu do nada... Ele é meio misterioso, você não acha? Ele insistiu que o Rei reunisse todo mundo no salão até que fosse decidido que era seguro sair. Foi nessa hora que percebemos que você tinha desaparecido, e o Coringa tentou acalmar sua mãe. Ele disse que tinha visto uma garota de vestido vermelho entrar em uma carruagem e tinha certeza de que você estava bem, mas não podíamos mandar um mensageiro, e ficamos presos lá dentro por horas... – O rosto dela se contraiu de preocupação. – Estou tão feliz de você estar bem.

– Bom, mais ou menos bem. – Cath se apoiou em um cotovelo. – O Coringa reuniu todo mundo no salão?

Mary Ann assentiu.

– Ele estava muito calmo, enquanto o Rei estava... bem, você sabe como ele é. – Ela esticou os lábios em um sorriso. – Ou devemos dizer o seu namorado?

– Certamente que não. – Ela caiu para trás de novo. – Estou exausta só de pensar nisso.

Mary Ann riu.

– Ah, sim. Deve ser cansativo ser a favorita do próprio Rei.

– Estamos falando do mesmo homem? O baixinho com a barba encaracolada engraçada? O que nunca para de saltitar?

Mary Ann se sentou na cama, ao lado de Catherine.

– Não seja cruel. E pensar que, se você tivesse ficado presa no castelo com o resto de nós, o Rei teria tido que proteger você daquele monstro. Ou, pelo menos, teria mandado que os Espadas protegessem você, como seria bem mais prático, considerando as circunstâncias. É quase muito romântico. Nossa, nós estaríamos discutindo seu noivado agora mesmo. – Ela se deitou ao lado de Catherine e afofou um travesseiro embaixo da cabeça.

Catherine abriu um olho.

– Você não pode estar falando sério.

– Falando o quê?

Empurrando a coberta, Catherine pulou do colchão.

– Você já viu o Rei? – perguntou ela, ajeitando a camisola. – Prático? Romântico? Baboseira! Eu não posso me casar com ele!

Mary Ann se sentou, os olhos arregalados.

– Por quê? Você seria a Rainha.

– Eu não quero ser a Rainha! Eu quero... Não sei. Se um dia eu me casar, eu quero que haja romance e paixão. Quero me apaixonar. – Cath serviu chá em uma xícara, irritada com o quanto as mãos estavam tremendo. Ela estava agitada, por causa da conversa sobre o Rei, por causa da notícia do Jaguadarte... mas, principalmente, ela sabia, por causa do sonho.

Romance. Paixão. *Amor.*

Nunca tinha vivenciado nada disso, mas imaginava que a deixariam com a sensação parecida com a do sonho. O tipo de sentimento que o Coringa provocou nela, com os sorrisos rápidos e comentários astutos. Ela sentia que podia conversar com ele durante horas, dias e meses e anos e nunca se cansar.

Mas...

Ele era um bobo da corte. Era uma impossibilidade.

Ela engoliu em seco e tentou puxar as emoções de volta ao chão.

– Nada disso importa – disse ela, em parte para si mesma. – Me casar com o Rei... bah! O que quero é abrir nossa confeitaria. É o que eu sempre quis.

Mary Ann chegou para a beirada da cama.

– Eu também quero isso, claro – disse ela. – Mas... Cath. A confeitaria, por mais que tenhamos falado disso, sempre foi, bem... um sonho tolo, você não acha?

Cath se virou para olhar para ela, surpresa com a pontada de traição que as palavras provocaram.

– Tolo?

Mary Ann levantou as mãos na defensiva.

– Não assim. É um sonho bom. Um pensamento adorável, de verdade. Só que estamos discutindo há anos, mas não estamos nem perto de ter dinheiro, não

sem vender seu dote. Não temos nenhum apoio. Ninguém vai achar que somos capazes.

– Eu me recuso a aceitar isso. Sou a melhor confeiteira de toda Copas, e todo mundo que provou meus doces sabe.

– Acho que você não entendeu.

Cath colocou a xícara na bandeja, sem experimentar.

– O que eu não entendi?

– Você é filha de um marquês. Olhe ao redor. Olhe as coisas que você tem, a vida com a qual está acostumada. Você não sabe como é trabalhar todos os dias para poder se alimentar e ter um teto sobre a cabeça. Não sabe como é ser pobre. Ser criada.

– Nós vamos ser empresárias, não criadas.

– Ou – disse Mary Ann – você poderia ser rainha.

Cath inspirou fundo.

– Posso fazer qualquer tipo de cálculo, considerar todos os ângulos de lucros e perdas, mas nossa pequena e insignificante confeitaria nunca vai chegar perto de oferecer o que o Rei poderia. As roupas, a comida, a segurança... – Os olhos de Mary Ann ficaram vidrados, e embora suas palavras parecessem tediosamente práticas aos ouvidos de Cath, ela conseguia ver que não era a primeira vez que Mary Ann considerava como seria a vida para alguém que era mais do que uma empregada.

– Sim – disse Cath –, mas eu seria casada com o Rei, e mal consigo suportar ficar perto dele por uma valsa de cinco minutos. Como poderia suportar uma vida inteira?

Mary Ann parecia pretender defender Sua Majestade, mas hesitou.

– Ele é ridículo, não é?

– O pior.

– Você não acha que tem esperança de passar a amá-lo?

Cath pensou no Rei, pequeno, agitado e inconstante como uma borboleta. Tentou imaginar ser casada com ele. Inclinando-se para beijá-lo, o bigode curvo fazendo cócegas em sua boca. Ouvindo as risadinhas dele quando os dois percorressem os corredores do castelo. Vendo as expressões infantis e alegres cada vez que ele vencesse uma rodada de croquet.

Ela tremeu.

– Tenho certeza de que não conseguiria.

Mary Ann desceu da cama e serviu uma xícara de chá para si mesma.

– Bem, você tem três dias para pensar no assunto. Talvez seu coração amoleça nesse tempo.

Cath fechou os olhos, feliz de Mary Ann estar encerrando a conversa. Nunca mais queria pensar no assunto, mas sabia que teria que fazer isso. Em três dias, a mãe esperava que ela levasse macarons de rosas de presente em um chá da tarde no castelo. Em três dias, ela teria que enfrentar Sua Majestade.

– Você voltou sozinha ontem à noite? – perguntou Mary Ann, enchendo as xícaras de açúcar.

– Voltei.

– Como conseguiu tirar o espartilho?

Catherine afastou o olhar.

– As amarras se soltaram durante o baile. Tantas danças... – Ela parou de falar, aceitou a xícara de chá melhorada e se permitiu mudar de assunto: – Acho que devíamos ir olhar a loja do sapateiro hoje. Quero ver o lar da nossa futura confeitaria.

Mary Ann sorriu, mas havia um comedimento ali.

– Parece um bom passeio, Lady Catherine.

Pela primeira vez, Cath viu que só ela acreditava de coração que o plano poderia dar certo. *Daria* certo. Ela nunca achou que fosse ter que persuadir Mary Ann disso.

Mas então visualizou o Rei de Copas parado na frente dela, segurando sua mão. Fez uma careta ao pensar naquela mão pequena e grudenta na dela. E também no pedido dele. Para que ela fosse sua noiva. Sua esposa. Não haveria paixão, não haveria romance, não haveria amor. Mas ela conseguia imaginar precisamente como ele sorriria para ela, tão infeliz. Tão esperançoso.

Seu estômago deu um nó.

Ela poderia dizer sim para isso?

Quando tomou um gole de chá, uma pergunta mais importante surgiu em sua cabeça:

Poderia dizer não?

CAPÍTULO 9

LIQUIDAÇÃO DE FECHAMENTO, dizia a placa de madeira na janela do sapateiro. ENTRE ANTES QUE OS SAPATOS SUMAM.

Catherine e Mary Ann estavam embaixo da sombrinha de Cath, admirando a fachada do outro lado da rua e reunindo coragem para entrar.

– É perfeita – sussurrou Cath, a primeira a romper o silêncio. Ela apontou para um janelão. – Imagine uma coleção de pratos de bolo de cristal ali, com bolos de casamento e de aniversário e, ah, os melhores bolos de desaniversário. E uma peça central, um bolo de cinco camadas todo feito em treliças e formato de concha, com frutinhas caramelizadas e flores no alto.

Mary Ann se inclinou para ela.

– Eu teria que medir as dimensões da vitrine para ter certeza, mas aposto que poderíamos expor mais de dez bolos na frente. Isso atrairia muitos passantes, e se espalhássemos folhetos pela cidade... Ah, Cath. Me desculpe por ter chamado de tolice. É mesmo a nossa confeitaria, não é?

– Claro que é. Vamos pintar uma faixa no vidro dizendo DOCES E TORTAS: A CONFEITARIA MAIS MARAVILHOSA DE TODA COPAS.

Elas deram um suspiro concomitante. Um sapo transeunte olhou para elas de um jeito estranho, lambeu os próprios globos oculares e seguiu em frente.

A loja ficava em uma rua aconchegante, cheia de jardineiras floridas e telhados de palha, uma rua de pedra onde as carruagens passando faziam barulho. A manhã estava clara, e a cidade parecia mais movimentada do que o

habitual. As cestas que passavam estavam cheias de cebolas e nabos do mercado próximo. Uma equipe de formigas carpinteiras assobiava com a batida dos martelos enquanto erigia uma escola na esquina. As conversas que davam para ouvir só falavam do Jaguadarte, embora falassem mais como um conto de fadas do passado do que um horror recente, que era o jeito do povo de Copas.

Cath tinha uma sensação esmagadora de que seria feliz se fosse ali todos os dias. Se vivesse uma vida simples ali, na Rua Principal, longe da mansão do Recanto da Pedra da Tartaruga, longe do Castelo de Copas.

Sua atenção foi atraída por um artista de rua na esquina, um peixe tocador de trombeta, tocando para os passantes com o estojo aberto, juntando moedas. Normalmente, o som da música dele traria à mente o Coelho Branco, mas agora o primeiro pensamento de Cath foi em Jest e sua flauta prateada.

Um novo sonho se insinuou em seus pensamentos, espontâneo e inesperado.

Mary Ann e ela. A confeitaria. E... ele. Entretendo os clientes ou voltando para casa depois de um dia criando diversão no castelo.

Era tão absurdo que ela se repreendeu pelo pensamento. Ela mal conhecia o bobo da corte, e não tinha motivo para achar que ele seria alguma coisa para ela além de poucos sonhos incomuns.

Por outro lado, se ela fosse apenas uma simples confeiteira e não a filha de um marquês e pretendida do Rei... o pensamento do bobo da corte se tornar algo mais para ela não parecia agora tão impossível.

Poderia esse ser o futuro dela? Poderia esse ser seu destino?

Ela ficou surpresa com o quanto ficou encorajada pela perspectiva.

– Cath?

Ela deu um pulo. Mary Ann a estava observando com a testa franzida, o rosto protegido pela sombrinha.

– Você o conhece? – perguntou Mary Ann.

– Quem?

– O peixe-trombeta?

– Ah, não, eu só... achei a música bonita. – Ela tirou uma moeda da bolsa. – Vamos entrar para dar uma olhada.

Ela não esperou Mary Ann responder. Deixou a moeda no estojo do peixe-trombeta e seguiu para a loja do sapateiro.

Assim que elas abriram a porta, uma nuvem de fumaça com aroma doce chegou a elas e se espalhou pela rua. Cath balançou a mão e entrou. Havia um sino na maçaneta, mas estava adormecido e continuou roncando mesmo quando elas fecharam a porta depois de entrar.

Fechando a sombrinha, Cath permitiu que seu olhar avaliasse a loja fumacenta e enevoada. O piso estava coberto de sapatos de todos os tamanhos e formas, de sapatilhas de balé e botas de montaria a ferraduras e coberturas de nadadeiras, empilhados como montanhas e se espalhando pelas passagens. Nas paredes bege havia quadros de propagandas pintadas mostrando calçados de trinta anos antes. A luz era fraca e débil; o ar tinha cheiro de graxa, couro e meias sujas.

Atrás de um balcão, o sr. Lagarta, o sapateiro, estava sentado em um banco, fumando um narguilé enorme. Ele piscou sonolento para Cath e Mary Ann enquanto elas andavam em meio à bagunça. Havia um par de botas de sola de couro no balcão na frente dele, e embora parecesse mais interessado no narguilé do que nos sapatos, Cath se ocupou fazendo uma inspeção mais detalhada no espaço, sem querer interromper o trabalho dele.

Em pensamento, ela dissociou a loja do sapateiro desse lugar pequeno e sujo. Imaginou as paredes pintadas em listras creme e turquesa e a vitrine com cortinas leves de cor de pêssego. Três mesinhas ladeavam a entrada, cada uma com um ramo de flores em um vaso de garrafa de leite. O tapete manchado e mofado substituído por piso liso de mármore, e o balcão antigo de madeira do sapateiro trocado por uma vitrine de vidro cheia de bolos e biscoitos, tortas e strudels e croissants de chocolate. A parede de trás seria cheia de cestas, cada uma com pães recém-assados. Ela se viu atrás da vitrine, usando um avental rosa quadriculado ainda com a farinha da manhã. Estava enchendo um pote de *biscotti* enquanto Mary Ann, com um avental amarelo igual ao seu, embrulhava uma dúzia de biscoitos em uma caixa verde-limão.

Cath respirou fundo e engasgou com a fumaça do narguilé, que encheu seus pulmões, sendo que ela esperava especiarias e chocolate e o cheiro de fermentação dos pães. Ela cobriu a boca, tentando sufocar o ataque de tosse da melhor forma possível, e se virou para o sapateiro.

Ele estava olhando para ela e para Mary Ann. Não tinha tocado nas botas no balcão, embora, ao chegar mais perto, ela pudesse ver que ele mesmo estava usando uma variedade de sapatos, estilos diferentes de botas e chinelos ocupando os muitos pezinhos.

– Quem – disse ele preguiçosamente – são vocês?

Cath tentou dar seu sorriso mais encantador, o persuasivo, que aprendeu com a mãe, e abriu caminho entre as pilhas de sapatos.

– Meu nome é Catherine Pinkerton. Minha criada e eu estávamos passando e reparamos na placa lá fora. Eu queria saber o que vai acontecer com esta loja quando você a desocupar. Seria uma pena se ficasse vazia por muito tempo.

– *Não* seria uma pena – disse o sr. Lagarta com um certo mau humor antes de dar outra baforada no narguilé.

– Ah, de fato, eu só quis dizer para o bairro, entende. É sempre ruim perder uma loja, mas tenho certeza de que você está ansioso para a, er... aposentadoria, não é?

Ele olhou para ela por tanto tempo que ela ficou na dúvida se responderia ou se ela o tinha ofendido. Mas ele finalmente disse:

– Eu comprei um pequeno terreno na floresta, onde finalmente vou ter paz e solidão.

Cath esperou que ele continuasse, mas pareceu que era tudo.

– Entendi – disse ela. – Parece ótimo. – Ela limpou a garganta, ainda incomodada pela fumaça. – Você é o dono deste prédio também?

– Não – disse o sr. Lagarta. – O Duque é meu senhorio há muito tempo.

– O Duque! Você quer dizer Lorde Javali?

– O próprio, aquele chato. – Ele bocejou, como se entediado pela conversa. – Mas eu gosto dele. Ele é meio distraído. Não é xereta como vocês.

Cath tentou disfarçar a careta, não só pelo insulto injusto, mas também porque estava esperando que o dono da casa fosse alguém que ela não conhecesse. Alguém que não fosse acabar falando do negócio dela com o resto da nobreza, nem com seus pais, até as coisas ficarem prontas. Ela ainda não tinha tido coragem de pedir um empréstimo para o pai para abrir a confeitaria, nem permissão para usar o dote para isso.

Pelo menos o sr. Lagarta estava certo sobre uma coisa: Lorde Javali não parecia xereta, então talvez ela pudesse confiar que ele não fofocaria sobre os planos dela.

Mary Ann chegou mais perto.

– Sabe se houve interesse de alguém em alugar o espaço depois que você sair?

O sr. Lagarta virou lentamente o olhar para ela.

– Quem é você?

Mary Ann cruzou as mãos na frente da saia.

– Sou Mary Ann.

O Lagarta bocejou de novo.

– Quem vai alugar este espaço é problema do Duque, não meu.

– Entendo – disse Mary Ann. – Mas... você acha que uma confeitaria faria sucesso aqui? Digamos, a confeitaria mais maravilhosa de toda Copas?

O Lagarta coçou a bochecha com a ponta do narguilé, empurrando a pele como um marzipã esticado.

– Só se essa padaria servisse bolinhos de aveia com frutas secas e especiarias, que são meus favoritos dentre todos os bolinhos.

– Ah, serviria, claro – disse Cath. – Eu até procuraria o poço de melaço para fazer o melhor bolinho deste lado do Espelho.

Ela sorriu, mas o Lagarta só virou o olhar solene de volta para ela e disse, sem humor:

– O poço de melaço é mito.

Cath desanimou.

– Sim. Naturalmente. Eu falei como piada.

Era um mito antigo, que dizia que beber do poço de melaço podia curar os ferimentos de uma pessoa ou reverter o envelhecimento. O único problema era que ninguém tinha a menor ideia de onde encontrar o poço de melaço. Algumas pessoas diziam que ficava no labirinto do Espelho, mas que se deslocava, para você só ficar mais e mais perdido se tentasse encontrar. Alguns diziam que só as almas mais desesperadas conseguiriam encontrar o poço. Mas a maioria, como o sapateiro, dizia que não existia.

O Lagarta grunhiu:

– Sua piada não teve graça.

– Não era para ter.

– O que você quis dizer?

Cath hesitou.

– Só que... sim, nós teríamos bolinhos de aveia com frutas secas.

O Lagarta olhou para ela por um longo, longo momento antes de colocar o narguilé de volta na boca.

– Certo – murmurou ela. – Obrigada por toda a sua ajuda.

Virando-se, ela segurou o cotovelo de Mary Ann e a arrastou para fora, arrancando sons de roncos sonolentos do sino.

Mary Ann estava amarrando os nós do chapéu antes de elas darem dez passos.

– É um milagre ele ter ficado no mercado tanto tempo, não é?

– Realmente – disse Cath, mas já estava se esquecendo do sapateiro velho e mal-humorado. – Você acha que o Duque pensaria em alugar a casa para nós?

– É difícil dizer – disse Mary Ann. – Eu esperaria que ele tomasse a decisão como um empresário, baseado no nosso plano sólido de negócios e nas nossas projeções financeiras.

Cath balançou a cabeça.

– Ninguém pensa assim, só você, Mary Ann. Acho que o Duque gosta de mim, tanto quanto gosta de qualquer pessoa. Mas ele também sabe que sou filha de um nobre, que deveria estar procurando marido, não lojas. Ele talvez ache que seja um conflito de valores fazer negócio comigo. – Ela baixou os olhos, tendo facilidade demais para imaginar a risada debochada do Duque.

– A não ser que nós tenhamos a permissão do seu pai.

– É. Só nesse caso.

O nervosismo deu um nó no estômago de Cath, como acontecia cada vez que ela pensava em tocar no assunto com os pais. Era nessa hora que o sonho e a realidade se recusavam a se misturar, tão distintos quanto óleo e água. Por mais que ela tentasse imaginar a conversa com os pais e o que diria para convencê-los de que a confeitaria era algo que valia o investimento, ou que pelo menos valia dar permissão... eles nunca diziam sim. Nem nas fantasias dela.

Ela ainda era a filha de um marquês.

Mas podia seguir em frente sem eles por enquanto, ainda por um tempo.

– Mas vamos ter nossa resposta logo. – Ela abriu a sombrinha quando elas começaram a andar para a carruagem. – Nós vamos visitar o Duque esta tarde.



O Mais Nobre Javali-Africano Pigmalião, Duque de Tuskany, morava em uma bela casa de tijolos em uma propriedade no alto de uma colina. O telhado tinha seis chaminés, a entrada era ladeada de macieiras e o ar tinha o cheiro doce de feno, embora Catherine não soubesse direito de onde vinha. Ela e Mary Ann deixaram o lacaio esperando na carruagem de novo enquanto se aproximavam da casa. Cath estava segurando um cartão de visitas; Mary Ann, uma caixa de bolos em miniatura que Cath estava guardando na geladeira para uma ocasião assim.

Uma empregada abriu a porta.

– Bom dia – disse Catherine, entregando o cartão a ela. – Sua Graça está em casa?

A empregada pareceu momentaneamente perdida, como se receber visitantes fosse um evento incomum... e talvez fosse mesmo para o Duque.

– Eu... eu tenho que verificar – gaguejou ela, pegando o cartão e deixando-as na porta enquanto desaparecia dentro da casa.

Minutos depois, a empregada voltou e as levou até uma sala com uma tigela de maçãs vermelhas em um aparador e uma série de móveis aconchegantes, ainda que antiquados. Cath se sentou e deixou Mary Ann (naquela ocasião sua obediente dama de companhia) de pé.

– Aceita um chá? – perguntou a empregada. Seus olhos estavam brilhando agora, a incerteza da porta substituída por uma espécie de prazer ansioso. Ela parecia ansiosa para agradar o que Catherine só podia supor que eram raras visitantes.

– Seria ótimo, obrigada.

A empregada saiu. A porta tinha acabado de se fechar quando uma segunda porta se abriu e o Duque entrou.

Ele estava usando um paletó de veludo e segurava o cartão de Catherine em uma pata. Olhou para Catherine e depois para Mary Ann, e seus ombros tensos relaxaram um pouco, como se com decepção.

Catherine se levantou e fez uma reverência.

– Bom dia, Vossa Graça.

– Lady Pinkerton. Que surpresa. – Ele fez sinal para ela se sentar novamente e se sentou em uma cadeira em frente à dela, cruzando uma perna sobre a outra.

– Fazia muito tempo que eu não o visitava. Espero que seja um bom momento.

– Tão bom quanto qualquer outro. – Ele colocou o cartão em uma tigela de prata ao lado dele. A tigela era parecida com a que ficava no saguão da Mansão Recanto da Pedra da Tartaruga, feita para reunir cartões de visita, com a diferença de que a deles quase sempre estava cheia, enquanto aquela antes estava vazia. – Quanto a srta. Chortle entregou seu cartão, achei que talvez você tivesse... er, companhia.

– Companhia? – Ela inclinou a cabeça. – Ah, minha mãe costuma fazer as visitas dela pessoalmente agora, mas duvido que ela venha visitá-lo num futuro próximo.

O nariz achatado dele tremeu.

– Sua mãe. Sim. Como estão o Marquês e a Marquesa?

– Bem, obrigada. E como está – ela hesitou – sua propriedade?

– Bem... – ele também hesitou – ... solitária, para ser sincero. – Ele deu um sorriso que mais parecia uma careta, e alguma coisa na expressão dele sensibilizou o coração de Catherine. Ela queria sentir pena dele, mas era o Duque quem escolhia ficar de chá de cadeira nas festas do Rei, que nunca se dignava a dançar e era sempre o primeiro a sair de qualquer conversa.

Mesmo assim, quanto do comportamento "aparentemente desinteressado" dele era esnobismo e o quanto era timidez? Ela se surpreendeu por nunca ter pensado nisso antes.

– Sua empregada gostaria de se sentar? – perguntou o Duque antes de Catherine conseguir pensar em alguma coisa educada para dizer em resposta.

Mary Ann tinha acabado de se sentar na beirada de um sofazinho quando a empregada voltou, carregando uma bandeja com um bule fumegante e um prato

de biscoitos. As mãos estavam tremendo quando ela serviu o chá, e os olhos cintilantes foram de Catherine para o Duque em tantos momentos que ela derramou duas vezes. O Duque, franzindo a boca em volta das presas, agradeceu e a fez sair, acrescentando ele mesmo o leite e o açúcar. Quando ele estava inclinado por cima da bandeja, Cath viu um curativo no pescoço dele, manchado de sangue seco escuro.

Ela ofegou.

– Está ferido, Vossa Graça?

Ele olhou para ela e baixou a cabeça de constrangimento.

– Só um arranhão, eu garanto. Um ferimento de guerra do baile do Rei.

– Ah! Foi o Jaguadarte?

– Foi. Aceita uma xícara? – Essa xícara foi oferecida a Mary Ann, que aceitou com gratidão.

– Lamento por você ter se machucado – disse Catherine.

– E eu – disse ele – fico feliz de ter sido eu, e não uma das convidadas mais delicadas. – Ele deu um sorriso com atrevimento, e Cath não pôde evitar retribuir o olhar, embora não tivesse certeza se entendia.

Embora a curiosidade permanecesse, ela não queria insistir por mais informação sobre uma experiência tão traumática, então Catherine passou um momento procurando outro tópico de conversa.

– Me preocupo de nossa visita estar provocando problemas demais para sua empregada. Ela parece um pouco abalada.

– Não, não, nem um pouco. – O Duque entregou a ela uma xícara sobre um pires. – Nós não recebemos muito aqui, e... er, acho que ela pode ter confundido você com outra pessoa. – As bochechas rosadas ficaram mais escuras, e ele afastou o olhar. – Aceita um biscoito?

– Obrigada. – Catherine colocou o doce no pires. Sua curiosidade tinha sido despertada agora. Ela se perguntou quem a empregada estava esperando ou torcendo para que aparecesse, mas não era da conta dela e, além do mais, ela não foi bater papo, mesmo começando a sentir que um motivo assim não teria sido indesejado.

A xícara dela estalou no pires.

– Mary Ann e eu paramos na loja do sr. Lagarta hoje – começou ela. – Fiquei surpresa de saber que ele vai se mudar em breve. A sapataria parece um comércio permanente do bairro.

– Ah, sim. Você talvez esteja ciente de que o sr. Lagarta é meu inquilino. Vai ser triste ele sair de lá.

– Você tem planos do que fazer com a loja quando ele sair?

– Ainda não. – O Duque limpou a garganta. – Parece um assunto chato de conversa para vocês, jovens. Talvez vocês prefiram conversar sobre outras coisas, como... erm. – Ele olhou para o chá.

– Fitas de cabelo? – sugeriu Cath.

O Duque fez uma careta.

– Não entendo muito desse assunto, infelizmente.

– Nem eu. – Cath pegou o biscoito triangular. – Mas entendo de doces assados. Você sabia que fazer doces é um hobby meu? – Ela levou o biscoito à boca.

– Sei, Lady Pinkerton. Tive o prazer de experimentar sua torta de morang...

Catherine deu um pulo para a frente, tossindo. Um pedaço de biscoito caiu na xícara, espirrando chá.

O biscoito estava seco como madeira e tinha gosto de pimenta do reino.

– O que – gaguejou ela – tem nesses... b-biscooo... *atchim!* – O espirro sacudiu seu corpo todo e foi seguido de mais três em rápida sucessão. Chá escorreu pela beira da xícara.

– Peço desculpas! – disse o Duque, passando um lenço para Mary Ann, que entregou para Catherine. Mas os espirros pareciam ter passado. – Eu devia ter avisado.

Cath esfregou o lenço no nariz. A ponta ainda estava formigando, mas o gosto de pimenta na boca estava começando a passar.

– Me avisado? – disse ela, a voz anasalada por causa do nariz tapado. – Ora... Vossa Graça, acho que sua cozinheira está tentando nos matar.

Ele esfregou as patas, as pequenas orelhas achatadas na cabeça.

– Ah, não, Lady Pinkerton, eu garanto que não é isso. É que a minha cozinheira gosta muito de pimenta.

Cath pegou a nova xícara de chá preparada rapidamente que Mary Ann entregou a ela e ficou feliz de tirar o máximo do gosto de pimenta que pôde. Ela tossiu novamente.

– Lorde Javali, sua cozinheira sabe que existem outros ingredientes, não sabe? E que pimenta normalmente não se coloca em biscoitos?

Ele deu de ombros, indefeso.

– Eu tentei mudar os hábitos dela, mas, bem, a gente se acostuma depois de um tempo. Tira um pouco a capacidade de sentir gostos.

Ela tomou outro gole de chá.

– Que horror. Por que você não a despediu?

O Duque arregalou os olhos.

– Despedi-la? Por ser péssima cozinheira? Que crueldade.

– Mas... ela é cozinheira.

– Sim. E ela cozinha. – Ele se mexeu na cadeira. – Só não muito bem.

Catherine limpou a garganta de novo.

– Entendo. Bem. Obrigada pela sua hospitalidade, pelo menos. – Ela colocou a xícara na mesa ao lado do biscoito horrendo.

O Duque se encolheu, qualquer sinal da confiança que ele tinha no começo da visita desaparecendo.

– Já vai, tão rápido? – Ele pareceu infeliz com a perspectiva.

– Não era minha intenção – disse Catherine. – Se não for abuso demais da minha parte, eu pretendia pedir... um favor seu.

Ele apertou os olhos.

– Que tipo de favor?

– Nada impróprio, eu garanto. Mas, como falei antes, eu gosto de fazer doces. *De verdade*. – Ela olhou para os biscoitos com repugnância. – Até acho que sou boa nisso, e nunca uso pimenta, eu garanto. – Ela deu um sorriso para tentar aliviar o que tinha se tornado uma conversa constrangedora. – Estes são bolinhos em miniatura que fiz. São para você. Espero que você goste. – Ela hesitou. – Na verdade, espero que seus sentidos não estejam tão afetados e você ainda consiga sentir o gosto.

– Eu... é muita gentileza, Lady Pinkerton – disse o Duque, abrindo a caixa e olhando os bolinhos, não com gratidão, mas com desconfiança. – Mas por que

você os trouxe?

– É o motivo da minha visita. Eu andei pensando que Copas precisa de uma confeitaria de boa qualidade e pensei, bem, por que eu não poderia abrir uma? O que me levou a pensar na loja que o sr. Lagarta vai desocupar e se você estaria interessado em alugá-la para mim. – Ela manteve o tom leve e confiante, mas, quando terminou, a expressão do Duque tinha ficado sombria. Ela abriu mais o sorriso para compensar. – O que acha?

– Entendo – disse ele, colocando a tampa na caixa e pousando-a na mesa ao lado. – Então a visita não é social, afinal. – Ele suspirou, e o som foi arrasador. Cath sentiu Mary Ann se encolher ao seu lado.

– Não é bem assim – gaguejou Cath. – Eu pretendia o visitar havia semanas e só...

– Tudo bem, Lady Pinkerton. Não precisa continuar. Entendo que não tenho muita popularidade e que seus cartões de visitas sem dúvida são desejados em outros lugares.

Ela sentiu um aperto no peito.

– Me desculpe se o ofendi.

Ele descartou o pedido de desculpas dela e, depois de um momento, se empertigou na cadeira. Sua expressão mudou para o exterior gelado que ela conhecia dos incontáveis bailes. Sua voz, quando ele falou, carregava uma rigidez que não estava presente antes:

– O Marquês está ciente dos seus planos?

Ela pensou em mentir, mas não viu sentido.

– Não, ainda não.

Ele massageou a papada.

– Tenho grande respeito pelo seu pai. Não quero insultá-lo me envolvendo em um negócio que ele não aprova.

– Eu entendo. Tenho intenção de falar com ele em breve, mas achei que pudesse ser benéfico ter a loja primeiro. Para transmitir melhor meus planos para ele.

Mary Ann se inclinou para a frente.

– Esse pedido tem como condição um acordo de aluguel que coloque valor de mercado justo na loja e uma inspeção completa da propriedade...

Cath beliscou a perna de Mary Ann, silenciando-a, mas o Duque estava assentindo. Quase sorrindo pela interrupção dela.

– Mas é claro – disse ele. – Isso é negociação inteligente. – Ele jogou um biscoito apimentado na boca. Uma migalha ficou grudada no lábio inferior. Ele não olhou para Catherine, e quase tinha terminado o chá quando falou novamente: – Vou considerar a loja para vocês quando o sr. Lagarta tiver saído.

O corpo todo de Cath vibrou.

– Ah, obri...

– Mas eu também tenho um favor a pedir, Lady Pinkerton.

A gratidão dela entalou na garganta, ao lado da pimenta que ainda arranhava. Ela engoliu tudo de volta e torceu para que ele fosse pedir um suprimento vitalício de biscoitos frescos sem pimenta.

– Claro – disse ela. – O que posso fazer por você?

O véu da confiança escorregou novamente, e se ele não fosse tão suíno, Catherine acharia que pareceu quase tímido.

– Você é amiga da... – As presas dele balançaram quando ele engoliu em seco. – Da Lady Mearle, não é?

Ela ficou olhando para ele. *Amiga* não era a descrição mais precisa do relacionamento dela com Margaret Mearle, mas...

– Sim. Sim, ela e eu somos boas amigas.

– Você acha que poderia ser possível você, er, se não for pedir demais, você... poderia falar bem de mim para ela?

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– Para... Lady Mearle?

– Exato. Sabe, eu... – Ele ficou vermelho, e seus lábios formaram um sorriso breve e constrangido. – Eu gosto dela.

Catherine piscou.

– De Lady *Margaret* Mearle?

O Duque poderia ter visto a descrença no rosto dela, mas estava ocupado demais olhando para a parede.

– Eu sei. É absurdo eu pensar que posso ser digno de uma criatura tão especial, ou que ela poderia compartilhar meus sentimentos. Mas é que... ela é

um docinho de coco, não é? É tão inteligente. E correta. E tão, tão... – Ele quase desfaleceu. – Rosada.

Ele ousou olhar para ela.

Catherine fechou bem a boca e tentou parecer solidária.

Satisfeito, ele afastou o olhar novamente.

– Mas não consigo falar com ela. Não consigo imaginar o que ela acha de mim.

Mordendo o lábio inferior, Cath pensou em todos os comentários mordazes que Margaret fez sobre o Duque ao longo dos anos, a maioria sobre o quanto ele era metido e arrogante. Características que também tinha visto nele, mas que não pareciam mais justas.

Era difícil de imaginar. Ela não conseguia se lembrar de Lorde Javali, o eterno solteirão, demonstrando preferência por alguma dama, assim como não conseguia se lembrar de nenhum homem demonstrando interesse na intolerável e nada atraente Margaret Mearle.

Mas... ali estava: o queijo e a goiabada, bem na frente dos olhos dela.

Ela tentou sorrir, torcendo para diminuir o desespero no rosto do Duque.

– Eu ficaria feliz em falar bem de você para ela, Vossa Graça.

CAPÍTULO 10

OS DIAS ANTECEDENTES AO CHÁ foram de puro sofrimento. Catherine estava morrendo de medo do que aconteceria quando visse o Rei de novo. Sua mãe também estava ansiosa, embora elas estivessem torcendo por resultados bem diferentes do encontro.

Parecia o pior tipo de enganação fazer uma fornada de macarons com a intenção de conquistar o coração do Rei quando Cath não tinha intenção nenhuma de conquistá-lo. Ainda assim ficou feliz de ter uma desculpa para passar um dia na cozinha, onde não precisava se preocupar de a mandarem treinar alguma coisa inútil, como bordado.

Ah, se ao menos o Rei fosse volúvel. Se ao menos tivesse ficado tão constrangido pelo desaparecimento dela que não ousasse tentar de novo, ou, pelo menos, se tivesse o bom senso de pedi-la em casamento em particular desta vez.

Se bem que essa ideia também a fazia tremer.

Apesar do nervosismo crescente, conforme o dia do chá chegava, Cath também foi ficando agitada de impaciência. Tentou negar, até para si mesma, mas estava ansiosa pela tarde. Não por causa do Rei, nem pelos jogos no jardim, nem mesmo pelos bolinhos e sanduíches.

Ela estava na expectativa de outro encontro com o bobo da corte.

Como não o viu mais nos sonhos, ela desejava encontrá-lo novamente e fantasiava sobre todas as facetas em potencial do próximo encontro dos dois.

Queria testemunhar outro sorriso bem-humorado, ser a fonte da gargalhada fácil dele, sentir o toque dos dedos dele na nuca.

Ela parou e afastou o saco de confeiteiro da assadeira, onde quinze discos de massa esperavam para serem assados e virarem biscoitinhos de amêndoas com merengue. Sua pele tinha um novo rubor, que não era do forno, e as mãos tinham começado a tremer, o que era inaceitável para uma tarefa tão delicada.

Ela fechou os olhos e sufocou os pensamentos, como fazia todas as vezes em que se perdiam na direção de carícias ilícitas. Sua mãe implodiria se soubesse que Cath estava tendo pensamentos tão impróprios com o Coringa do Rei.

O Rei, pelo amor de Deus, seria com quem ela devia estar sonhando.

Seus nervos estavam em frangalhos por causa de tudo isso.

Colocando o saco de confeiteiro na mesa, ela jurou que não se permitiria deixar levar durante o chá. Era uma dama, e ele era uma novidade. Se o visse de novo, o que era bem improvável, ela só conversaria de forma civilizada. Não permitiria nenhum daqueles flertes que a envolveram antes. Não poderia haver nada de impróprio.

Embora estivesse curiosa para saber se ficaria tão atraída pelo Coringa de novo em um segundo encontro, uma parte dela torcia para que não. Porque que opção ela tinha se sentisse de novo? Os pais nunca permitiriam cortejo dele. Ela ainda não tinha decidido o que ia fazer em relação ao Rei. Além do mais, ela tinha que se concentrar em como persuadir os pais a deixarem que abrisse a confeitaria, o único sonho que a consumia mais do que todos os outros... até o limoeiro, pelo menos.

– Minha nossa, o que é esse aroma delicioso?

Ela deu um pulo para longe da bancada. Cheshire, ou melhor, a cabeça de Cheshire, ocupava a face do relógio de cuco na parede, os ponteiros direcionados para sua orelha esquerda e seus bigodes, indicando que passava de duas horas da tarde.

– Oi, Cheshire. – Ela franziu a testa. – Espero que você não tenha comido o cuco.

Ele desapareceu em uma nuvem de fumaça antes de reaparecer, totalmente formado, no parapeito alto acima da bancada. O tom laranja das tortinhas de abóbora tinha sumido do pelo dele.

– Eu não fiz nada disso – disse ele –, embora esteja determinando no momento quantos *disso* consigo comer sem você reparar quando se virar de costas.

Ela olhou para ele com desconfiança.

– Ah, tudo bem. Não ligo se você reparar ou não.

– São para o Rei.

Cheshire revirou os olhos, as pupilas quicando como a bolinha de uma criança.

– São sempre para o Rei.

Sorrindo, ela pegou o saco de confeiteiro, limpou o excesso de massa no bico com um pano de prato e voltou a colocar massa na forma.

– Eu queria agradecer pela distração no baile na outra noite. O momento que você escolheu foi perfeito.

– A maioria das coisas que eu faço é.

– Os convidados ficaram chateados?

– Lady Mearle não pareceu receptiva à distração.

– Não, eu quis dizer sobre eu ir embora. Todo mundo sabe que era eu que o Rei pretendia... – Ela engoliu em seco. – Pedir em casamento?

– Acho que ainda não ficou amplamente claro, mas só porque a maioria das pessoas é péssima em prestar atenção.

Ela soltou o ar lentamente, terminou de colocar a massa do último biscoito e pousou a assadeira na bancada para a massa assentar.

– Além do mais – disse Cheshire, com um sorriso largo –, o pedido fracassado do Rei ficou encoberto pelos horrores que vieram depois. Acredito que você tenha ouvido a notícia do Jaguadarte.

Ela passou uma manga pela testa úmida.

– Ouvi. Acho que eu não devia estar pensando em um pedido idiota de casamento depois do que aconteceu. Eu nem sabia se acreditava que Jaguadartes existiam.

– É perigoso não acreditar em uma coisa só porque provoca medo.

Cath colocou a assadeira no forno.

– Mas quanto tempo tem que nenhum era visto aqui?

– Bem antes de você e eu nascermos. – O sorriso dele nunca hesitara, tornando-o uma imagem sinistra em meio a um assunto sombrio. – Talvez tenha ficado aqui o tempo todo, escondido, esperando. Ou talvez tenha entrado pelo Espelho, embora pareça um acontecimento improvável. Duvido que consigamos descobrir a verdade, mas sabemos que o monstro está aqui agora, e acho que não foi a última vez que ouvimos sobre a brutalidade dele.

Cath engoliu um gosto amargo na boca.

– O que nós vamos fazer quanto a isso?

– Nós? Eu não tenho intenção de fazer nada.

– Tudo bem, não você, então. Mas alguém tem que fazer alguma coisa. O Rei devia designar um cavaleiro para ir atrás do monstro, como nas lendas antigas.

Cheshire fez um som gutural na garganta.

– Conhece algum cavaleiro aqui em Copas?

Ela pensou sobre isso. O mais perto que eles tinham eram os guardas de Paus no castelo, e ela duvidava que qualquer um deles se sairia melhor do que os cortesãos de Ouros.

– Alguém tem que fazer alguma coisa – repetiu ela, embora boa parte de seu fogo tivesse virado fumaça.

– Sim, e essa coisa deve ser ignorar esse incidente tão horrível e seguir fingindo que nada aconteceu. – Cheshire lambeu a pata e passou pelos bigodes. – Como costumamos fazer.

As entranhas de Cath se contraíram. Ela sabia que ele estava certo; apesar de nunca ter testemunhado uma coisa tão horrível, sabia que todo mundo estaria disposto a fingir que não existia e não deixar que a questão perturbasse suas vidinhas agradáveis.

– E aqueles pobres cortesãos? – murmurou ela. – O que vai acontecer com eles?

O sorriso de Cheshire começou a sumir, só um pouquinho...

– Eles já foram encontrados, querida Catherine. Duas cartas picotadas foram encontradas perto da Floresta de Nenhum Lugar ontem de manhã.

Ela se encolheu para longe dele.

– Não... talvez não fosse...?

– Eram eles. Parte de um desenho de ouros estava visível em meio aos pedaços.

Ela fez uma careta e se virou, apertando bem os olhos. Sentiu-se repentinamente infantil e pequena. Repreendida, embora ninguém a tivesse repreendido além dela mesma. Dois dias passados com medo de um encontro com o Rei e sonhando com o Coringa e, o tempo todo, dois cortesãos estavam mortos e um monstro à solta.

– Eu visitei o Duque de Tuscany ontem – disse ela. – Ele estava com um ferimento do Jaguadarte. Mais alguém se machucou?

– Acredito que não, e com muita sorte. Quase foi o fim de Lady Margaret Mearle.

– O que você quer dizer?

– Quando o monstro enorme quebrou a janela, pareceu... ora, detesto parecer egocêntrico, mas deu a ideia de que estava vindo para cima de *mim*. E eu ainda estava em cima da cabeça da garota, sabe. Então, eu sumi... motivado por instinto, não covardia, eu garanto.

– Naturalmente.

– Apareci do outro lado do salão na hora certa para ver Lorde Javali se jogar entre Lady Mearle e o monstro.

O queixo dela caiu.

– Que heroico!

– Fascinante, não é, a frequência com que *heroico* e *tolo* acabam virando a mesma coisa. Aquele monstro tinha garras que mais pareciam facas e quase arrancou a cabeça do Duque. Ele tem sorte de ter sido um ferimento superficial, eu diria. – O gato coçou atrás de uma orelha. – Ele às vezes é teimoso como um porco.

– Mas o Jaguadarte não o matou.

– Não. Voltou a atenção para a mesa de comidas e para os dois cortesãos de pé atrás dela. Pegou os dois e saiu voando pela varanda. Tudo aconteceu muito de repente.

Ela se encostou na mesa de confeiteiro.

– Eu nunca sonhei que uma coisa assim pudesse acontecer aqui.

Os olhos amarelos de Cheshire se apertaram e ele sustentou o olhar dela por um segundo ou dois. Ele começou a esticar a ponta do rabo, um lento desenrolar de listras.

– Essas coisas não acontecem em sonhos, querida garota – disse ele, desaparecendo até o pescoço. – Só em pesadelos.

A cabeça dele girou, e ele sumiu.

CAPÍTULO 11

Assim que Cath passou pelo caramanchão e chegou no gramado verde do Castelo de Copas, ela começou a procurá-lo. Não conseguiu evitar, por mais que tentasse. Seus olhos percorreram os convidados, caçando um chapéu de três pontas de bobo da corte em meio a chapeuzinhos delicados e chapelões de abas largas. Seu corpo todo estava segurando o ar, esperando o momento em que o veria... se ele estivesse presente. Coringas iam a festas no jardim? Ela não sabia.

Catherine se sentiu idiota, fazendo reverência para lordes e barões, damas e condessas o tempo todo deixando que sua atenção se desviasse para cada recém-chegado, para cada vislumbre de preto entre as roupas coloridas da nobreza. Ela sabia que devia estar procurando o Rei. Sua mãe foi inflexível ao reforçar que Catherine devia se apresentar para o Rei imediatamente quando chegasse. Ela tinha que dar a ele os delicados macarons de rosas que estavam guardados no bolso da saia e não devia sair do lado dele até a festa acabar ou ela estar com uma aliança no dedo.

Para o alívio de Cath, quando deu uma volta completa no jardim, o Rei não estava em parte alguma.

Para sua decepção, Jest também não.

Sonhos idiotas. Fantasias idiotas. Limoeiros idiotas e roseiras brancas e...

E se ele não fosse? Parecia que seria um desperdício ter usado seu vestido diurno mais bonito. Ela não havia percebido até aquele momento que o tinha

escolhido especificamente para ele.

– Minha querida Catherine, como você está apropriadamente vestida hoje.

Ela se virou e deu de cara com Margaret Mearle saltitando pela grama, segurando duas raquetes nas mãos. Ela estava toda de amarelo-girassol e na cabeça havia um chapeuzinho que parecia um broto de rosa enorme prestes a florescer.

Catherine inclinou a cabeça. Havia algo de diferente em Margaret hoje. Algo difícil de identificar. Se Cath não soubesse, teria achado que hoje, com aquele chapéu, aquela luz, Margaret estava quase...

Bem, bonita não. Mas sem agredir o olhar, pelo menos.

Talvez ela a estivesse vendo em uma nova luz por saber como o Duque gostava dela.

– Bom dia, Lady Margaret – disse ela, fazendo uma reverência.

– Bom o bastante, é de imaginar – disse Margaret –, embora um otimismo infundado não seja algo sábio para alguém desejoso de fugir da decepção. Ainda assim, eu espero que seja um dia melhor do que o do baile, pelo menos. Você soube do meu trauma? – Ela apertou as raquetes contra o peito.

– Ah, sim. Eu soube tudo sobre o ataque do Jaguadarte. Só posso imaginar o quanto foi apavorante! Fico feliz de ver você ilesa. – Catherine, ao falar, percebeu que era verdade.

Mas Margaret só bufou.

– Sim, sim, foi apavorante, mas antes *disso*: você soube o que aquele seu gato horrível fez?

– Meu... gato? Você está falando de Cheshire? Eu não o chamaria de meu exatamente.

– Ainda assim, ele é um aborrecimento que não devia ser aguentado pela sociedade civilizada. Espero que você o tenha deixado em casa hoje.

Cath inclinou a cabeça, fingindo ignorância.

– O que ele fez?

– Ah, querida, tenho dificuldade de acreditar que a informação não tenha chegado aos seus ouvidos. Foi horrível. O vira-lata apareceu do nada, daquele jeito esquisito dele, e caiu bem na minha cabeça. – Ela tremeu.

– Tenho certeza de que Cheshire não teve nenhuma intenção ruim. Acho até que ele gosta de você.

Margaret fez beicinho.

– Espero que não. Meu consolo é que todo mundo estava distraído pelo Jaguadarte e que isso encobriu meu tormento... ah, que humilhação!

– Sim, é o que esperamos. – Catherine contorceu os pulsos e sufocou um comentário sobre os pobres cortesãos de Ouros. – Você sabe se é verdade que o Rei fez uma menção a... uma noiva no baile?

– Ele ia fazer o pedido antes do caos. Você perdeu muito naquela noite, Lady Catherine.

– Prejuízo meu, sem dúvida. E houve muita especulação sobre quem pode ser?

– Eu não saberia. Não sou de fofoca. Fofoca sempre leva a leite estragado.

– Claro. É uma boa regra pela qual viver. – Cath estava assentindo intensamente quando viu Lorde Javali contornando o gramado com a Condessa Viúva de Wontuthry. A Condessa estava com a mão no cotovelo do Duque, a outra segurando uma bengala que ficava afundando na grama macia. Ela estava falando com fervor sobre algum assunto, mas o olhar do Duque ia de Catherine para Margaret, para o chão e para Margaret. Seu rosto flácido estava contorcido de ansiedade.

Limpando a garganta, Catherine se inclinou para mais perto de Margaret, como uma conspiradora.

– Me conte mais sobre o ataque do Jaguadarte – sussurrou ela. – Você ficou com medo?

– Ah! Temos que falar sobre isso? – Margaret colocou a mão na testa. – Minha memória está falhando. Você sabia que... aquele monstro quebrou a janela e seguiu direto para cima de mim! Não sei bem por quê. Só se pode imaginar se uma criatura com propensões tão cruéis não pode se sentir naturalmente atraída por outra cheia de bondade e valores morais imaculados, como eu.

– Er, sim – disse Catherine. – Só se pode imaginar.

– De fato, e os pesadelos vão me assombrar até meu leito de morte. Mesmo agora, eu vejo seus maxilares quando fecho os olhos, ainda ouço o estalo das garras enormes.

Catherine segurou o cotovelo dela para apoiá-la.

– Sim, mas... você foi salva, não foi? Eu soube que o Duque foi muito heroico. É verdade que ele se jogou entre você e o monstro?

Margaret fungou.

– Foi mais como ele não conseguiu sair do caminho rápido o suficiente. Aquele homem tem a graça de um javali selvagem.

Ela apertou os olhos.

– Na verdade, acho que javalis selvagens são rápidos e atléticos...

– Ah! Ali está ele! Acene, rápido, senão ele vai achar que estávamos falando dele. – Com uma expressão que foi mais careta do que sorriso, Margaret balançou os dedos para o Duque e a Condessa.

O Duque virou o rosto na mesma hora, escondendo o queixo grande atrás de uma gravata verde.

Margaret grunhiu.

– Quanta arrogância.

– Estou começando a achar que ele pode ser tímido...

– Nós não devemos encorajar um comportamento tão ruim, Catherine. É como pagar pelo transporte com cenouras antes do cavalo ganhar seu prêmio.

Cath tentou refletir sobre isso por um momento, mas desistiu rapidamente.

– Como eu gostaria de criticar sua sabedoria, Margaret.

Margaret bufou.

– Ora... eu acho que a Condessa está flertando com ele! Que mulher baixa.

– Não sei...

– Eu também poderia segurar no braço de qualquer homem se quisesse fingir ter a coluna torta.

– Para ser justa, ela *tem* a coluna torta.

– Sim, e evidentemente um desejo de aumentar sua riqueza. Você consegue se imaginar fazendo reverência para Sua Senhoria, a Duquesa Condessa de Wontuthry? Ou para a Condessa Duquesa de Tuscany? Quem precisa de tantas sílabas, aliás?

– Parece que ele só está ajudando uma senhora idosa a atravessar o gramado.

Margaret fez cara feia.

– Você é tão observadora quanto um cogumelo, Lady Pinkerton.

Cath tentou puxar a conversa para o lado certo.

– Bem, mesmo que a Condessa estivesse flertando, acho que o Duque está na verdade apaixonado por...

– Ah, não. Agora eles estão vindo para cá. – Margaret virou as costas para os dois. – Vamos fazer cara de que estamos envolvidas em um jogo de peteca, para que eles não nos incomodem. – Margaret colocou a segunda raquete na mão de Catherine.

– Não vai ser grosseria?

Ignorando-a, Margaret andou uma distância razoável e jogou a peteca, um beija-flor de bico de agulha, na direção de Catherine. Instintivamente, Cath pulou para rebater, mas errou. O beija-flor ficou de bico enfiado na grama.

– Desculpe, minha querida Catherine! – disse Margaret alto o bastante para ser ouvida por metade do gramado. – Você precisa passar mais tempo treinando.

Inclinando-se, Catherine tirou a ave da grama. As asas agitadas zumbiram. Ela olhou para Margaret, que estava determinada a não olhar para o Duque, enquanto ele, não muito longe, só tinha olhos para ela agora que não estava correndo perigo de ser descoberto.

A Condessa continuou a falar, alheia à atenção distraída dele.

– Vamos, Catherine – pediu Margaret. – Bata de volta.

Suspirando, Cath jogou a ave no ar e bateu na direção de Margaret. Elas conseguiram dar três passes, Margaret ficando mais competitiva a cada um. Embora Catherine jamais fosse se considerar atlética, ela estava em melhor forma do que sua competidora, que, em pouco tempo, começou a chiar com o esforço, o rosto inchado e contraído de concentração. Mas a falta de habilidade era compensada por determinação, e no terceiro golpe, ela rebateu a ave por cima da cabeça de Catherine. Cath se abaixou e desviou para seguir o caminho da ave pelo céu, na direção de um corvo negro enorme.

Catherine ofegou.

O beija-flor parou no meio do voo e recuou nas asas pequeninas. Hesitou por um momento, sem saber o que fazer, depois se virou e saiu voando para o labirinto.

Catherine não se importou. Seu coração estava na garganta, o olhar percorrendo a multidão. Vestidos e casacas, cartolas e chapeuzinhos.

Ela o viu entre as mesas onde as damas estavam se abanando e tomando chá, sorrindo para o Coringa enquanto ele dedilhava um bandolim. Acima deles, o Corvo grasnou, e Jest olhou para a frente, ainda dedilhando. O Corvo desceu e pousou no ombro dele.

Ele mal pareceu reparar de primeira. Mas, quando Catherine começou a olhar tão abertamente quanto uma criança em seu primeiro desfile, Jest lançou um olhar para ela.

Seus olhos se encontraram com os dela em um instante, como se ele soubesse exatamente onde Cath estava.

Como se a estivesse observando havia um tempo, esperando que ela reparasse.

Mesmo de longe, Catherine pensou detectar um leve sorriso dado para ela.

Todas as sensações sumiram do corpo dela. Não havia mais grama macia embaixo dos pés. Não havia mais raquete nas mãos. Não havia mais cabelo grudado na umidade da nuca.

O momento respondia a uma pergunta, pelo menos. Ela se sentiu tão atraída por ele quanto em todas as outras vezes, porém se era mera atração ou alguma outra força maior ela não tinha como saber e nem experiência anterior na qual se basear.

Jest afastou o rosto. A ligação foi interrompida, e Catherine respirou fundo, agradecida por ser salva de sua própria falta de sutileza.

O olhar foi longo o suficiente para abafar as chamas da curiosidade e curto o bastante para não apagar nenhuma.

A plateia dele estava aumentando rapidamente. Até alguns jardineiros de Espadas tinham parado de trabalhar para ouvir a música do Coringa. Catherine percebeu com um susto que sua mãe estava entre as pessoas, sorrindo largamente, como todo mundo.

A música terminou, as notas chegando a Catherine pelo gramado, seguidas dos suspiros e palmas satisfeitos da plateia.

Jest segurou o bandolim na lateral do corpo e fez uma reverência. O Corvo levantou voo de novo, na direção do jardim de ervas.

– Catherine! Você parece uma palhaça. Para o que está olhando?

– Ah... ah! – Ela olhou para Margaret de novo, enfiando as unhas na rede da raquete. – Fui distraída pelo... pelo Corvo. Você viu? Parece que o, hã... o Coringa está... Ah, minha nossa. Margaret, o que está acontecendo com seu chapéu?

O rosto de Margaret se iluminou e ela esticou dedos hesitantes na direção do prendedor.

– O que está fazendo? Me conte.

– Está... florescendo – disse Cath enquanto o broto do tamanho da cabeça de Margaret começava a se abrir, as pétalas amarelas se esticando para revelar uma flor exuberante, o tom ficando mais escuro e dourado no centro. As beiradas das pétalas cintilavam, como se polvilhadas de cristais de açúcar, e a fragrância mais suave e maravilhosa do mundo chegou ao nariz de Catherine.

– Nossa, que chapéu lindo você está usando, Lady Margaret.

Elas se viraram e viram a Condessa, que tinha falado, e o Duque, que estava enrubescido, não muito distante.

O entusiasmo de Margaret murchou e ela levantou o nariz.

– Obrigada – disse ela, um tanto sem gentileza.

– Você por acaso comprou naquela nova loja de chapéus perto de Cruzamentos? – perguntou a Condessa. – Ouvi falar tanto dessa chapelaria nessas últimas semanas e ando querendo ir até lá, embora com a minha idade seja difícil me deslocar, a não ser que eu tenha um jovem robusto para me ajudar. – Ela sorriu, como se tivesse dito alguma coisa maliciosa, e fechou os dedos na dobra do cotovelo do Duque.

– Foi lá mesmo que eu comprei. – A confissão pareceu arrancada. Os ombros de Margaret se contraíram embaixo das orelhas. – Isso quer dizer, naturalmente, que orgulho e... o pecado da arrogância... é preciso força de vontade para... para se livrar da vaidade que tanta necessidade de atenção pode... caso contrário... predominar... – Ela engoliu em seco. – Amém.

– Amém – repetiram Cath, o Duque e a Condessa.

Cath limpou a garganta.

– Acredito que o que Lady Margaret quer dizer é que "uma vez peixe-dourado, sempre peixe-dourado".

O Duque ousou olhar para a frente, os olhinhos escuros cativados por Margaret e o chapéu desabrochando. Apesar da arrogância dela e do nariz

empinado, com Lorde Javali olhando para ela assim e o chapéu aromático na cabeça, mais uma vez ficou possível imaginá-la como não atraente.

– Sempre peixe-dourado – sussurrou o Duque. – Eu não poderia concordar mais.

– É bom ver jovens fazendo atividades físicas – disse a Condessa, indicando as raquetes com a bengala. – Eu estava dizendo para o Duque que esse chá já está muito melhor do que o baile preto e branco. Eu gostaria de ver o Rei manter um padrão alto assim de convidados. Nada daquela... ralé que vinha antes.

– Ah, sim – disse Margaret. – Como aquele horrível gato Cheshire. O que um felino daqueles fazia em um baile real, aparecendo e desaparecendo e se sentando na cabeça das pessoas? Não é natural.

– É um insulto às damas e cavalheiros de verdade. – A Condessa apoiou a bengala de novo na grama. – Sem mencionar o sr. e a sra. Peter. – Ela fez uma cara que parecia de uma criança experimentando espinafre pela primeira vez. – Gente horrenda. Vou ficar feliz se nunca cruzar o caminho deles.

– O que pode nos deixar agradecidas – interrompeu Catherine, cruzando as mãos sobre a raquete – é por você estar presente, Vossa Graça. Margaret estava me contando sobre seu sacrifício corajoso de se jogar entre ela e o Jaguadarte para proteger uma pobre donzela! E vejo que você ainda tem o ferimento que prova seu feito. – Ela indicou o curativo acima da gravata do Duque e apertou a raquete contra o peito. – Parece coisa de história. Tão romântico! Margaret, você não acha que o Duque foi corajoso?

Ela foi recebida por um olhar profundo de Margaret e ficou feliz de o Duque estar ocupado demais corando de novo para reparar.

Uma nova voz invadiu o círculo deles, grave e sagaz e vibrando de risadas.

– Eu espero – disse o Coringa – que esse não seja o padrão de romance que todos os homens do Reino de Copas tenham que seguir.

Catherine virou a cabeça tão rápido que quase torceu o pescoço. O Coringa estava inclinando o chapéu cheio de guizos para o Duque.

– Você oferece uma concorrência difícil, Lorde Duque.

– Bem, eu não... – gaguejou o Duque, o focinho tremendo. – Q-quer dizer, qualquer homem teria... Lady Mearle estava em perigo, e eu... não foi nada de espetacular, eu garanto...

– E ainda é humilde? – disse Jest, levantando uma sobrancelha e olhando para Catherine, Margaret e a Condessa. – Qual das três damas ele está tentando tanto impressionar?

Mordendo o lábio, Catherine assentiu sutilmente na direção de Margaret.

– Ah. – Se Jest questionava a escolha do Duque, não houve sinal quando se balançou nos calcanhares.

A Condessa piscou, lisonjeada de ter sido incluída como potencial conquista romântica.

– Todos vocês, jovens de hoje, se acham tão encantadores – disse ela, claramente encantada. – Mas eu garanto que não vou me casar novamente. Uma vez na vida foi suficiente para mim.

– Uma perda para todos nós – disse Jest, segurando a mão da Condessa e beijando a parte de trás. Ela ficou ainda mais embevecida.

– Você deve ser a sábia Lady Mearle, da qual ouvi falar tanto – disse ele, dando um beijo em Margaret, e então: – E... a encantadora Lady Pinkerton, se não estou enganado? – A atenção dele voltou para ela. O couro de sua luva estava quente e rígido sob as pontas dos dedos dela, e o leve roçar dos lábios nos nós dos dedos não justificava o calor que subiu pelo pescoço até as orelhas dela. Havia gracejo por trás dos olhos pintados. Um segredo trocado entre os dois.

– Encantada, sr. Coringa – disse Cath, feliz por sua voz não tremer.

O sorriso dele aumentou.

Lorde Javali endireitou a casaca e empertigou os ombros com compostura renovada.

– E você, Lady Mearle? Não me lembro de ouvir sobre você ter recebido alguma, erm... proposta.

Cath se encolheu. Apesar de saber que as intenções do Duque não eram nada cruéis, a mudança repentina de postura fez a pergunta esperançosa parecer que ele estava debochando dela.

E foi precisamente o que Margaret ouviu, claro.

Com olhar furioso, ela arrancou a raquete das mãos de Catherine.

– Não vejo como seja da sua conta. Nem de ninguém, na verdade. Mas, se você realmente quer saber, eu me considero acima de questões triviais, como cortejos e bajulações. Eu prefiro passar meu tempo aprimorando a mente por um

estudo intenso de filosofia e costurar parábolas nos forros dos meus vestidos. Agora, se vocês me derem licença, vou procurar meu beija-flor. – Ajustando o chapéu na cabeça, ela saiu andando na direção para onde o pássaro voou, deixando um abalado Duque e uma Condessa alheia para trás.

– Acho que consigo adivinhar a resposta à sua pergunta – disse Jest, brincando, mas não sem gentileza. Ele deu ao Duque um sorriso gracioso. – Que você tenha melhor sorte da próxima vez, amigo.

Com um suspiro, Lorde Javali tirou o chapéu para Catherine e levou a Condessa embora, seu interesse na conversa sumindo assim que Margaret se foi.

– Peço desculpas por ter interrompido – disse Jest, embora falasse baixo e fosse difícil ouvir com o disparo repentino do coração dela.

– Não precisa pedir desculpas – disse ela. – Temo ter feito um desserviço ao Duque, embora pretendesse ajudar.

– Como costuma acontecer com as boas intenções. Unir pares é um hobby frequente seu ou o Duque é um beneficiário raro e sortudo dos seus serviços?

– Até o momento, meus serviços não parecem ter sido nem sortudos e nem beneficiários, mas é minha primeira tentativa. O Duque gosta de Lady Mearle, mas não tem talento para demonstrar, como você pode ter percebido. E assim, ele e eu estamos... trocando favores. – Ela deu de ombros. – É complicado.

– Então você negocia com favores. É bom saber.

Ele sorriu.

Ela também sorriu.

– Falando em favores – disse ele com certa hesitação. – Eu quase esqueci. Fui enviado para chamá-la, Lady Pinkerton.

– Me chamar?

Ele juntou as mãos nas costas imitando um dos escudeiros reais.

– Sua Majestade, o Rei, gostaria de dar uma palavra com você.

CAPÍTULO 12

Catherine seguiu Jest com nervosismo crescente. Estava com um nó no estômago por ir se encontrar com o Rei, mas fez o melhor para se preparar para o que supunha ser o pedido de casamento iminente.

Era difícil se preparar para isso quando ela não sabia bem qual seria sua resposta. Cada vez que imaginava como ficaria infeliz ao aceitar a proposta, surgia uma visão do quanto os pais ficariam satisfeitos. Do quanto ficariam orgulhosos. Ah, como sua mãe se gabaria...

Sua montanha-russa de emoções não teve nenhuma ajuda do assobio do Coringa, que andava um passo à frente, nem da posição estreita dos ombros, nem dos passos longos e elegantes que faziam o sangue dela disparar por motivos que ela não conseguia imaginar.

Sua cabeça girava. Talvez fosse desmaiar de novo. Ela quase gostou da ideia.

Jest a levou até um pátio cercado de abrunheiros e campânulas azuis tilintantes. Havia um chafariz no centro, e o Rei estava andando em volta dele como em uma corda bamba, os braços esticados para se equilibrar.

Jest limpou a garganta.

– Vossa Majestade, tenho o prazer de apresentar Lady Catherine Pinkerton.

O Rei deu um gritinho de prazer e pulou do chafariz.

Catherine fez uma reverência e se xingou por não ter desmaiado na caminhada.

– Obrigado, Jest, obrigado. Isso é tudo! – O Rei bateu as mãos quando Jest fez uma reverência para ele e outra para Catherine. Ele pareceu hesitar ao olhar nos olhos dela, como se visse a súplica no rosto. O cantarolar de *por favor, por favor, não vá* que se repetia na cabeça dela.

Ele franziu a testa.

Preparando-se, Catherine afastou o olhar.

– Não estarei longe – disse Jest –, se minha presença for desejada.

Embora falasse com o Rei, Catherine desconfiava que a frase foi para ela. Ela não voltou a olhar até ouvir o som das botas atravessando o pátio.

O Rei e ela ficaram sozinhos no jardim romântico. Ele estava sorrindo para ela como se tivesse acabado de abrir um presente de desaniversário e descoberto que era exatamente o que tinha pedido.

– Desejava me ver, Vossa Majestade?

– Desejava, Lady Pinkerton.

Um silêncio pesado e nublado veio em seguida, antes de o Rei limpar a garganta.

– Os jardins não estão maravilhosos hoje? Escute as campânulas, tão afinadas.

Ela escutou. O tilintar das campânulas era lindo, tocando todas as notas certas. A música não ajudou em nada a acalmá-la.

O Rei ofereceu o braço, e ela não teve escolha além de aceitar e permitir que ele a levasse pelos caminhos, entre gerânios e trepadeiras e dálias de cabeças pesadas. O Rei estava tão jovial, praticamente saltitando ao seu lado. Ela queria botar as mãos nos ombros dele e mandar que ele se acalmasse, mas fez o melhor que pôde para achar graça do entusiasmo dele. Ouviu-o falando sobre que flores os jardineiros escolheram para a estação seguinte e como o produtor de vinhos ia fazer vinho de sabugueiro naquele ano e como ele estava animado de ir ao Festival dos Dias da Tartaruga que o Marquês e a Marquesa mencionaram que organizariam, e ela estaria lá? Mas é claro que estaria, já que era filha deles, e ela gostaria de dançar a quadrilha, e estava ansiosa para tentar a sorte na caça às ostras?

Ela ouviu com muita educação, mas não prestou atenção em quase nada. O peso dos macarons embrulhados em papel dentro do bolso virou uma âncora

puxando-a para baixo. Ela os fez para garantir que ainda estava nas boas graças do Rei. Ela os fez com a intenção de levá-lo a um pedido de casamento.

Catherine tinha tentado deixá-los em casa de manhã, fingindo esquecimento, mas a mãe não deixou passar.

Ela não queria dá-los ao Rei. Não queria encorajá-lo.

Talvez não importasse. Ele ia pedir a mão dela de qualquer jeito. Por que outro motivo mandou chamá-la até o jardim?

Ela tentou respirar. Ali era melhor do que o salão de baile, pelo menos. Melhor do que estar cercada de todas as pessoas que ela conhecia na vida. Lá fora, sentia que tinha uma pequena chance de dizer não sem morrer de culpa quando falasse.

Eles passaram por um arco, contornaram um jardim de flores, passaram embaixo de uma treliça, enquanto o Rei falava de tudo e de nada. Catherine bocejou. Queria ainda estar jogando com Margaret. Queria estar tomando chá e fofocando com a mãe e as amigas. Queria ter pensado em comer alguma coisa quando chegou; seu estômago ia começar a roncar a qualquer minuto.

Quando eles entraram em outro pátio, seu olhar encontrou o traje escuro de Jest novamente. Como prometido, ele não foi longe, e estava agora agachado no jardim adjacente na frente do Dois de Espadas, um jovem jardineiro que estava olhando para o Coringa com espanto.

Jest estava mostrando a ele um truque de cartas.

Os pés de Catherine desviaram do caminho sem que ela percebesse. Ela vagou na direção dos dois, vendo Jest pegar um maço de cartas nas mãos e fazê-lo subir por um braço, depois virou-o em um gesto rápido demais para acompanhar. Ele fez as cartas dançarem e pularem, formarem uma corrente viva entre seus dedos, se espalharem em formas de estrelas e corações antes de desabarem em um maço de cartas novamente. Em seguida, jogou todas no ar em um fluxo tão alto quanto do chafariz e permitiu que caíssem por cima da cabeça dos dois como confetes vermelhos e pretos.

O jovem jardineiro parou no meio da gargalhada ao ouvir o som de um grasnado assustador. O Corvo desceu de uma roseira próxima e pegou uma única carta no bico antes de pousar no antebraço de Jest. A ave inclinou a cabeça para o lado, revelando a carta que pegou.

Era o Dois de Espadas.

Jest a deu para a jovem carta, que pareceu nunca ter ganhado nada tão especial na vida.

– Você gosta dele?

Cath deu um pulo. Tinha se esquecido do Rei.

Suas bochechas foram tomadas de calor.

– N-não... eu não...

– Eu o acho perfeito.

Ela apertou os lábios.

– Eu acho que ele pode ser o melhor bobo da corte que este reino já viu, e isso incluindo Canter Berry, o Comediante Conveniente.

Catherine não tinha ideia de quem era esse, mas ficou feliz de poder soltar o ar. Claro que o Rei estava perguntando a ela se gostava do Coringa. Dos truques e piadas dele, das ilusões e jogos.

Não do homem.

E a resposta era não.

Ela não gostava do homem.

Mal o conhecia, afinal.

Ela engoliu em seco.

– Ele é muito... divertido de ver – confessou ela.

– Você viu a apresentação dele no baile?

Ela entrelaçou os dedos.

– Sim, Vossa Majestade. Foi espetacular.

– Foi, não foi? – O Rei quicou. – Venha, eu não devia tê-lo mandado embora tão rápido. Vamos nos divertir um pouco!

– O qu... não!

Mas o Rei já estava passando no meio da vegetação.

– Jest, ah, Jest! – cantarolou ele.

Jest levou um susto. O Corvo estava deixando a jovem carta fazer carinho em suas asas, mas assim que eles viram o Rei, a carta se deitou de cara no chão por respeito, e o pássaro levantou voo até as árvores. O Rei não pareceu reparar em nenhum dos dois.

Catherine ficou para trás, tentada a se esconder atrás dos arbustos.

– Bom dia novamente – disse Jest, o olhar pintado pousando em Catherine, cheio de perguntas.

Ela endireitou a coluna centímetro a centímetro, ciente de que estava encolhida.

– Nós estávamos falando da sua apresentação na outra noite – disse o Rei, se balançando para a frente e para trás. – Lady Pinkerton é admiradora sua!

Catherine fez uma careta.

Jest olhou para ela sem tentar esconder o quanto achava graça.

– Fico lisonjeado, Lady Pinkerton.

– Não muito, espero.

As covinhas se esticaram dos dois lados do rosto dele.

– Você pode nos entreter? – perguntou o Rei.

– Ah, não, não precisa. – Catherine balançou as mãos. – Tenho certeza de que você tem outros convidados... E para uma plateia de só dois... – Ela parou de falar.

Jest a olhava como se ela tivesse feito um desafio.

– Com grande prazer, Vossa Majestade – disse ele, sem desviar a atenção de Catherine. – Mas primeiro talvez fosse prudente dar licença ao jovem jardineiro. – Ele balançou os dedos na direção do Dois de Espadas, ainda prostrado no chão.

O Rei piscou, como se não tivesse reparado na carta ali.

– Ah! Ah, sim, sim, você está dispensado – disse ele, ajeitando a coroa.

A carta se levantou, fez uma reverência rápida e saiu correndo do jardim o mais rápido que conseguiu, segurando a carta que Jest deu para ela.

Incapaz de arrumar um motivo lógico para pedir licença, Catherine deixou o Rei puxá-la até um banco de pedra. Ela manteve um espaço apropriado entre os dois, mas o coração ainda tremia como as asas de uma abelha. Jest sabia que o Rei estava planejando pedir a mão dela? Importava-se?

– Tem alguma preferência de entretenimento, Vossa Majestade? – perguntou Jest.

– Não, não. O que a dama quiser.

Cath sentiu o Rei olhando para ela e apertou as mãos no colo, determinada a não olhar para ele.

– Você deve conhecer seu ofício melhor do que ninguém. O que o agradar sem dúvida vai nos agradar também.

Ele recebeu o constrangimento dela com aquele sorriso relaxado e torto dele e guardou o maço de cartas na manga.

– Nada me agrada mais do que despertar um sorriso no rosto de uma moça bonita. Mas alguma coisa me diz que você não vai tornar essa tarefa tão fácil quando foi na noite do baile.

Ela corou.

– Ah, ela achou que você foi espetacular no baile – interrompeu o Rei. – Ela me disse.

– Disse? – perguntou Jest, e pareceu realmente surpreso.

– Disse – confessou ela –, mas agora estou desejando ter escolhido minhas palavras com mais cuidado.

Ele riu.

– É meu papel ser espetacular. Farei meu melhor para não decepcionar. – Tirando o chapéu de três pontas, ele enfiou a mão dentro e tirou a flauta prateada que ela o viu tocando no jardim naquela noite. O sorriso se alargou quando ele percebeu que ela reconheceu o instrumento, e ele sussurrou: – Tente não desmaiar.

Cath cruzou os braços, intoleravelmente ciente do Rei ao seu lado. Olhando. Ouvindo.

Ele não era um homem inteligente, ela lembrou a si mesma, pela primeira vez feliz de ele ser tão lento. *Ele não é um homem inteligente.*

Jest recolocou o chapéu e levou a flauta à boca. Lambeu os lábios, e Cath se xingou por imitar a ação dele, feliz de os olhos de Jest estarem fechados e não ter como ele perceber.

A música que soou em seguida era uma forma própria de magia.

As cadências e os saltos, as notas dançantes que envolveram Catherine e o Rei e as cercas vivas e as flores. As campânulas pararam de soar para poderem ouvir, a brisa parou de assobiar, os canários pararam de cantar. Catherine respirou fundo e prendeu o ar, sentindo como se a música da flauta estivesse penetrando na pele, enchendo todos os espaços do corpo.

Não era uma música que ela reconhecesse. As notas eram felizes e tristes ao mesmo tempo, e ela imaginou flores se abrindo na terra molhada de primavera, folhas se desenrolando pela primeira vez em galhos maltratados pelo inverno, o cheiro de chuva no ar e a sensação de grama fresca embaixo dos pés. A melodia indicava novidade e renascimento e beleza e eternidade...

... E, quando acabou, lágrimas desciam pelas bochechas de Cath.

Jest baixou a flauta e abriu os olhos, e Cath limpou as lágrimas, sem conseguir olhar para ele. Ela procurou um lenço no bolso e a mão esbarrou no pacote esquecido de macarons.

O Rei também fungou e começou a aplaudir.

– Bravo! Bravo, Jest!

Jest se curvou.

– Vossa Majestade me honra.

Os gritos do Rei foram correspondidos com entusiasmo similar de todas as criaturas que foram ouvir. Cath se obrigou a olhar para a frente depois que acabou de secar os olhos. Ela esperava arrogância, mas o que viu foi uma pergunta esperançosa nos olhos amarelos. Virou rapidamente outro sorriso, o *verdadeiro* sorriso dele, ela desconfiava. O que ele viu no rosto dela o satisfez.

O Rei ainda estava batendo palmas com entusiasmo.

– Isso foi maravilhoso! Absolutamente maravilhoso! Lady Pinkerton, isso não foi maravilhoso?

Ela limpou a garganta e concordou:

– Foi mesmo. Que música é essa? Foi a primeira vez que ouvi.

– Temo não saber, milady – disse Jest. – Acabou de me ocorrer.

Ela arregalou os olhos. *Impossível.*

– Talvez você seja minha musa – acrescentou ele, o tom brincalhão de volta. – Vou dedicá-la a você, Lady Catherine Pinkerton, se lhe agradar.

O Rei deu um gritinho.

– Ah, sim, é perfeito! Vou pedir para você tocar de novo no nosso... – Ele parou de falar de repente.

Cath enrijeceu e apertou o lenço na mão.

A expressão desconfiada de Jest voltou.

O Rei mexeu no fecho da capa forrada de veludo, a empolgação substituída por acanhamento e murmúrios.

– No, er... no casamento real.

Cath teve vontade de desaparecer por um buraco de coelho.

– Seria um prazer, Vossa Majestade – disse Jest, com uma nova tensão na voz. – Ouvi boatos de um casamento iminente. Que Coringa de sorte eu sou de ter uma rainha assim para quem compor todo tipo de baladas e poesias.

Apertando o lenço no colo, Cath se obrigou a olhar para o Rei com o máximo de ignorância que conseguiu fingir.

– Eu não estava ciente de que Vossa Majestade tinha escolhido uma noiva. Espero ansiosamente para dar os parabéns para nossa futura rainha.

O rosto redondo do Rei estava vermelho como o coração de rubi na coroa dele.

– Er... isso é... bem... eu ainda não... fiz o pedido exatamente, sabe... mas com você aqui, Lady Pinkerton...

– Ah, quanta inteligência! – disse ela, se encolhendo internamente pelo tom agudo da voz. Com o canto da visão ela viu que Jest estava paralisado, e o Rei também estava com uma expressão nova de olhos arregalados. – É tão inteligente da sua parte não se apressar. Tenho certeza de que a dama fica agradecida.

O Rei olhou para ela de boca aberta.

– Er. Bem, na verdade...

– Ninguém gosta de ser apressado nessas coisas, afinal. Cortejos e pedidos de casamento devem ser feitos lentamente se, er... o desejo é que resultem em felicidade mútua. Os homens são muito rápidos na hora de pedir a mão de uma dama, sem perceber que preferimos que seja um processo... longo e um tanto árduo.

O Rei continuou olhando para ela.

– Claro. Lady Pinkerton está correta – disse Jest, e a voz dele estava controlada e paciente em comparação ao desespero de Cath. Ela e o Rei voltaram a atenção para ele.

– Estou? – disse Catherine.

– Está? – ecoou o Rei.

– Absolutamente, mas o senhor é um homem sábio e já sabe disso. – Jest prendeu a flauta entre o cinto e a túnica.

– Er... sim. Quer dizer, sou, naturalmente. Sábio, claro. Mas, er, o que você quer dizer?

– Como Lady Pinkerton estava dizendo, todas as mulheres gostam da dança do cortejo, da emoção do novo amor, da expectativa da felicidade ainda desconhecida. – Ele hesitou, como se procurando as palavras certas antes de continuar. – O período de cortejo é a base que vai sustentar um casamento feliz e não deve ser apressado por nenhum amante devoto, nem mesmo um Rei. – Jest inclinou a cabeça. – Mas parece que Vossa Majestade já sabe disso tudo.

– S-sim – gaguejou o Rei. Ele pareceu confuso. – É o que eu sempre digo. O cortejo é... a base...

O peito de Cath estava se expandindo... de alívio, de gratidão. Jest olhou para ela e ergueu as sobrancelhas, como se fazendo uma pergunta. Como se estivesse preocupado de seu envolvimento não ser apreciado.

Mas era, e mais do que ela conseguia expressar.

– O Coringa explicou com perfeição – disse ela. – Pedidos de casamento, afinal, não deviam ser um choque. – Ela riu e esperou não soar tão desesperada quanto pareceu aos ouvidos dela. – Consigo ver que dar conselhos está entre seus talentos.

O sorriso de Jest foi provocador.

– Eu vivo para servir.

De repente, o Rei deu um pulo e ficou de pé.

– Já sei – disse ele, sorrindo com coragem renovada. – Vamos jogar croquet!

– Croquet? – disse Cath.

– Sim! Croquet! É meu melhor esporte. Não sou bom dançarino, sabe. E não sei compor baladas e nem escrever poesias. Mas... mas os ouriços gostam de mim. – Ele disse mais como uma pergunta, e seus olhos estavam brilhando quando ele olhou para Cath. – Você vai ver, Lady Pinkerton.

Ele saiu andando com determinação para a quadra de croquet, a capa com forro de pele voando atrás e o cetro bem alto.

Cath se virou para Jest. Se ele compartilhava da agitação dela, não estava demonstrando.

– Obrigada – disse ela.

– Por quê?

Antes que ela pudesse gaguejar alguma resposta, ele tirou o chapéu e o moveu na direção do Rei, que se afastava.

– Depois de você, milady.

CAPÍTULO 13

CATHERINE PERMITIU que seu ouriço favorito ficasse sentado em seu ombro, desde que ficasse calmo e concordasse em não cutucar seu pescoço com os espinhos. Ao lado dela havia um flamingo com uma perna fina dobrada sob as penas. Tinha um bafo horrível de camarão, e Cath ficava tentando se afastar discretamente.

O Rei, Margaret Mearle e Jack estavam jogando simultaneamente, deixando a quadra cheia. O ouriço de Cath tinha rolado para fora da área um tempo antes, e ela o perdeu de vista por cima de uma das colinas. O flamingo de Margaret tinha a estrutura óssea de um macarrão, e ela não parava de gritar e sacudir a coisa inerte, então seu progresso até o momento estava dolorosamente lento. Jack só parecia interessado em tentar jogar os ouriços de todo mundo para fora da quadra.

O Rei tinha começado o jogo bem, seu ouriço gostava realmente dele, mas seu flamingo estava imprevisível. Catherine o viu bater no ouriço pela terceira vez seguida, e mais uma vez seu flamingo encolheu o pescoço comprido no último momento, passando longe do ouriço. O Rei soltou uma bufada irritada e balançou o flamingo pelas pernas magras.

– Nós treinamos isso, sua ave maldita! Você não pode ficar com medo de palco *agora*.

– Sua pobre Majestade – refletiu Catherine.

O flamingo ao lado dela rolou o bico duas vezes e disse:

– Gostei do seu vestido rosa.

Cath deu um sorriso murcho e puxou o vestido de lese rosa, do mesmo tom das penas da ave.

Flamingos eram criaturas tão burras.

Finalmente, na quarta tentativa, o Rei bateu no traseiro do ouriço, e ele saiu voando por cima da quadra de croquet, passando ao lado do pé do Seis de Paus sem rolar por baixo das costas em arco.

Fechando as mãos, o Rei pulou com irritação na grama.

– Coisa inútil!

Cath, ainda nas laterais, achou que isso era bom para a estratégia dela. Um dos guardas tinha adormecido inclinado, formando um arco, e Cath desconfiava de que seria um alvo fácil se ela chegasse a ele antes que caísse.

Ela virou a cabeça e piscou para o ouriço.

– Vamos?

– Conspirando com peças do jogo, veja só – disse Jest, assustando-a. Ela se virou e o viu encostado em uma estátua de jardim com um flamingo sobre o ombro. – Não sei se isso é permitido, Lady Pinkerton.

Ela ajeitou a saia. Os macarons embrulhados estalaram no bolso dela.

– Você é mau perdedor, sr. Coringa?

Ele inclinou a cabeça.

– Eu estou perdendo, Lady Pinkerton?

Dando de ombros, Cath observou o gramado.

– Eu não sei nem se você ainda está jogando. Para onde foi seu ouriço?

– Para lá. – Ele apontou com o flamingo para o canto da quadra, onde Margaret estava tentando bater no ouriço dele com o dela, sem sucesso.

Os gritos dela chegaram até eles:

– SUA AVE MALDITA, NÃO DÁ PARA MIRAR DIREITO UMA VEZ? – Ela bateu, e o bico do flamingo roçou no ouriço, mandando-o para alguns centímetros ao lado do de Jest.

– Talvez você esteja ganhando – refletiu Catherine.

– Estou vendo que nem todas as peças do jogo estão na quadra. Você não vai se juntar a nós?

– Estou esperando a quadra se abrir. Gosto de ter espaço para minha tacada. – Catherine coçou o ouriço no queixo com pelos macios.

– Então vou deixá-la com seus planejamentos.

Ela ficou um pouco decepcionada quando Jest voltou para a quadra.

Margaret tinha conseguido chegar ao arco seguinte, deixando o ouriço de Jest com caminho livre. Ele não perdeu tempo, só sacudiu o flamingo, alinhou o ouriço com os arcos, girou a ave e bateu no ouriço com precisão, enviando-o por baixo da carta de Paus.

Ele estava com um gingado evidente quando voltou para o lado de Catherine um momento depois, deixando o ouriço onde tinha parado.

– Boa tacada – disse ela.

– Eu confesso que não sou o tipo de cavalheiro que permite abertamente que uma dama vença.

Ela riu, o som tão agudo que assustou seu ouriço, e um dos espinhos menores a cutucou na orelha. Ela afastou a cabeça.

– Uma lembrança relacionada a amarras de espartilho me faz questionar se você é um cavalheiro, sr. Coringa.

Ele levou a mão ao peito, fingindo dor.

– Pelo menos, se sou libertino, sou um libertino honesto. Já você, Lady Pinkerton, não foi totalmente verdadeira.

– O que você quer dizer?

– Você me convenceu de que não tinha ideia que o Rei estava apaixonado por você.

Ela ficou vermelha e chegou mais perto, para poder baixar a voz:

– Ele não está apaixonado por mim.

Ele levantou uma sobrancelha.

– Posso parecer bobo, mas garanto que não sou.

– Ele pode querer se casar comigo, ou achar que quer, mas isso não é o mesmo que estar apaixonado.

Ele desfranziu a testa.

– Concordo com isso. Mas, se você acha que ele não gosta de você mais do que o necessário em um casamento de conveniência, é tão distraída quanto Lady Mearle.

– Ah, olhe! – interrompeu Cath. – Jack acabou de tirar o Rei da quadra. É melhor eu ir dar minha tacada.

– Você está mudando de assunto.

– Não, estou jogando croquet. – Ela segurou o flamingo com bafo ruim e foi para a quadra.

– Lady Pinkerton?

Ela parou e olhou para trás.

Jest estava com um olhar gentil, mas não chegava a ser um sorriso.

– Eu acredito que ele realmente gosta de você, tanto quanto é capaz. Não precisa ser tão modesta. Sem dúvida, muitas das moças presentes ficariam felizes de chamar a atenção do nosso venerado soberano.

Ela apertou os olhos.

– E você pegou no *meu* pé por ter bancado a casamenteira.

O corpo dela todo estava rígido quando se aproximou do começo do percurso. Ela viu que três dos arcos de Paus tinham saído do lugar e estavam fazendo apostas nas laterais, mas torceu para que voltassem quando precisasse deles. O Rei ainda estava caçando seu ouriço. Margaret e Jack estavam quase empatados, com Jest ainda na liderança. Quando parou no começo do percurso, ela viu Jest voltando para o jogo também, sem o gingado no andar.

Catherine soprou uma mecha de cabelo do rosto, frustrada com seu comportamento dos últimos dias. Todos aqueles sonhos, todas aquelas fantasias, todo aquele tempo passado andando atordoada... tudo por quê? Um garoto que ela mal conhecia, com quem mal tinha falado e que, estava bem claro agora, não passou nem metade do mesmo tempo pensando nela. Que queria vê-la casada com o Rei!

Jest estava certo. Podia ser ele quem estava vestido de bobo, mas parecia que o título estava reservado para ela.

Ela reparou em Jack andando em sua direção, um punho gordo estrangulando o pescoço do flamingo. Sua expressão estava sombria, e Cath enrijeceu antes que ele chegasse nela.

– Você ainda nem começou! – acusou Jack. – O que estava fazendo conversando com o Coringa esse tempo todo? Você está jogando ou não?

– Não é da sua conta com quem eu falo – disse ela com rispidez. – E eu estava indo começar minha rodada. Se você chegar para o lado...

Jack rosnou e se virou para olhar para o Coringa com o olho bom. Mas Jest não estava prestando atenção.

– Você acha que ele é engraçado ou alguma coisa assim?

Cath revirou os olhos.

– Bom, não sei, Jack. Ele é um bobo da corte.

– Eu acho que ele tem uma *cara* engraçada. – Ele olhou para ela de novo. – E você também, Lady Pinkerton!

Ela balançou a mão livre com exasperação.

– Obrigada por esclarecer isso. Você pode fazer a gentileza de chegar para o lado para eu poder jogar agora?

O rosto dele tinha ficado vermelho, mas ele não se mexeu.

– Você trouxe algum doce?

Cath pensou brevemente nos macarons no bolso, mas balançou a cabeça.

– Não desta vez, infelizmente.

O valete pareceu em uma dúvida momentânea se ficava ou ia, como se quisesse dizer mais, porém não conseguisse pensar em mais nada para dizer.

Finalmente, ele soprou com a língua entre os lábios para ela e saiu andando pela quadra com passos rápidos.

Cath baixou os ombros. O cansaço veio rápido, a irritação com Jest e com o Rei e agora com Jack ardendo nas veias. Estava feliz pela distração do jogo.

Ela segurou o ouriço na mão.

– Vamos em frente, então – disse ela, colocando-o na frente do primeiro arco, o Nove de Paus. O ouriço se encolheu em formato de bola.

Cath levantou o flamingo até os dois ficarem com os olhos na mesma altura e tentou não respirar muito fundo.

– Proponho um acordo. Você me ajuda a vencer este jogo, e na próxima vez que eu vier ao palácio, trago bolinhos de camarão com coco.

– Eu gosto de camarão – disse o flamingo.

– Deu para perceber. – Franzindo o nariz, Cath segurou o flamingo de cabeça para baixo e botou as mãos nas pernas dele. Alinhou a cabeça com o ouriço. Mirou. Bateu.

O ouriço rolou pelos primeiros dois arcos, chegou tranquilamente para a direita, passou por um morrinho, desceu para a direita, passando pelo ouriço do Rei, rolou para a esquerda, passou por mais dois arcos e finalmente parou. Deitou-se de barriga, sorrindo para Catherine.

Ela deu um aceno de aprovação, já se sentindo melhor.

– Bravo, Lady Pinkerton! – disse o Rei. A plateia que estava assistindo das laterais também começou a gritar, optando por seguir a preferência do Rei.

– Não importa quem vence e quem perde! – gritou Margaret. – É quem fica igual!

– Bem lembrado, Lady Mearle! – gritou o Duque, sozinho ao lado da plateia.

– Ninguém perguntou para você! – gritou ela.

Ignorando todos, Cath deu sua segunda tacada, superando Jest na quadra.

– Boa tacada – disse ele, ecoando as palavras anteriores dela quando passou.

Ela se envaideceu.

– Ora, obrigada.

– Você me deseja sorte na próxima jogada? – perguntou ele. – Parece que vou precisar, se quiser vencer.

Ela olhou para trás.

– Eu não vou fazer isso.

Ele começou a andar até seu ouriço.

– Você é uma adversária difícil.

Cath arregalou os olhos quando os calcanhares dele quase colidiram com um dos ouriços do jogo, ela achava que era o de Jack, mas, mesmo andando de costas, Jest sabia quando pular. Ele riu pela surpresa dela e se virou.

Balançando a cabeça, Catherine gritou:

– Espero que seu ouriço entre em hibernação precoce!

– Vai ficar mais fácil de acertar – respondeu ele.

Catherine viu uma figura baixa se apressando na direção dela. O rosto do Rei estava rosado de empolgação, e havia uma camada de suor na testa dele.

– Lady Pinkerton! – disse ele, secando a testa com o canto da capa. Ela pensou em oferecer um lenço, mas decidiu fingir que ele não estava suando. – Você viu?

– Hum...

– Meu ouriço foi... *chuuuuuiiinnnn!* Direto por três arcos. – Os gestos da mão dele imitaram o rolar e o quicar da última batida. – Foi glorioso! Você não achou?

Cath resistiu à vontade de dar um tapinha na cabeça dele e oferecer um biscoito por um trabalho bem-feito.

– Você foi esplêndido, Vossa Majestade.

Sorrindo largamente, o Rei se virou para olhar Jest dar sua tacada. Cath olhou de cara feia para o ouriço de Jest, desejando que saísse de curso.

– Sobre o que você e Jest estavam conversando, afinal? – perguntou o Rei.

– Ah. Hum... sobre Vossa Majestade. E suas habilidades fenomenais...

Houve um ruído quando Jest bateu no ouriço, que foi rolando pela grama aberta... pelo menos aberta até as três cartas de Paus ausentes correrem e se jogarem em arcos a tempo de o ouriço passar rolando embaixo.

– ... no croquet – terminou Cath, de cara feia.

O Rei suspirou, parecendo igualmente desanimado.

– Bom, parece que fui superado.

Depois de três tacadas contínuas, Jest levou seu ouriço quase até o final do percurso. Mais uma jogada razoavelmente decente faria com que ele vencesse, sem dúvida. Ele andou tranquilamente na direção do ouriço, balançando o flamingo para a frente e para trás como um pêndulo.

– Muito bem, Jest – disse o Rei.

– Muitíssimo obrigado, Vossa Majestade.

Trincando os dentes, Cath bateu com o flamingo em seu ouriço, uma onda de determinação teimosa se espalhando pelos membros. Ela nunca tinha se considerado uma pessoa competitiva, mas aquilo... aquilo era diferente.

Aquilo parecia estranhamente pessoal.

Depois de um encontro, o Coringa se infiltrou em seus sonhos e dominou todos os seus pensamentos enquanto acordada. Ela até o incluiu na fantasia da confeitaria, embora jamais fosse admitir para ninguém, principalmente agora que ela sabia que Jest preferia vê-la casada com o Rei.

Ele não passava de um verme paquerador, e ela se apaixonou mais e mais a cada sorriso libertino. Que piada ela devia ser para ele.

Como ele *ousava*?

Ela assumiu sua posição ao lado do ouriço e observou a pista. O ouriço e o flamingo ficaram olhando para ela, esperando, enquanto ela olhava das cartas em arco, sendo que algumas tinham caído de exaustão enquanto esperavam, até o arco final. Para todos os ouriços adversários espalhados pelo percurso, os jogadores correndo atrás deles ou gritando com os flamingos que não cooperavam.

Para Jest, andando pela grama.

Ela apertou os olhos e afastou as pernas, baixando a cabeça do flamingo até o chão. O ouriço se enrolou.

– Se você falhar comigo – sussurrou ela para o flamingo –, vou enrolar seu pescoço em um tronco de árvore e amarrar em um lindo laço cor-de-rosa e vou deixar você lá até um dos jardineiros o encontrar.

O flamingo virou o pescoço com cautela para olhar para ela de cabeça para baixo.

– Eu gosto de lindos laços cor-de-rosa.

Ela deu uma sacudida irritada, e a ave se esticou de novo.

Ela puxou o flamingo, olhou para o ouriço...

... e bateu.

Com força.

Foi um croquet perfeito, batendo no ouriço de Jest momentos antes de ele dar uma tacada. Assustado, ele deu um pulo para trás, e seu ouriço rolou por baixo das pernas dele e saiu quicando para fora do percurso.

Ele piscou e olhou para Cath por cima do gramado.

Ela sorriu para ele, satisfeita pela expressão atordoada de Jest, e deu uma giradinha no flamingo. Tinha praticamente entregado a vitória para o Rei.

– Ah, droga – disse ela, fingindo inocência.

Satisfeita, ela saiu da quadra e enfiou os pés do flamingo na terra macia antes de ir para as mesas. Com aquela excelente jogada, ela sentia que merecia bolo e uma boa xícara de chá.

CAPÍTULO 14

— Por que tem tanta pimenta nessa sopa? – reclamou a Marquesa, empurrando o prato fundo. – Mal dá para comer.

– Me desculpe, milady – disse Abigail, retirando o prato desagradável. – Foi uma receita nova; acho que foi o Duque de Tuscany que nos deu, uma especialidade inventada pela cozinheira dele.

A Marquesa franziu o nariz.

– É um milagre ele não ter morrido de fome. – Ela ajeitou o guardanapo no colo enquanto Catherine e o pai tomavam a sopa sem reclamar.

Se bem que Catherine podia admitir que estava terrivelmente picante e começando a fazer sua garganta arder.

– E então, Catherine? – disse sua mãe. – Como foi o chá?

Cath parou com a colher a caminho da boca. Reagiu ao sorriso ansioso e esperançoso da mãe com um nervoso e inocente.

– Achei bem parecido com o último chá e com o que houve antes dele – mentiu ela, e tomou outra colherada. – Pode me passar o sal, por favor?

Mary Ann deu um passo à frente para levar o sal para ela, para que seus pais não tivessem que esticar os braços por cima de sopeiras e molheiras.

– Talvez, mas você falou com Sua Majestade?

– Ah. Hum. Ora, falei, sim. Ele e eu demos uma volta no jardim. – Ela fez uma pausa para garantir que nada que relatasse fosse condenável. – Nós encontramos o novo bobo da corte, e ele nos distraiu com uma bela melodia da flauta.

Silêncio. O relógio de chão encostado na parede levantou um braço para coçar embaixo do bigode grisalho. Catherine olhou para ele e se perguntou se a pimenta estava chegando na mobília.

– E? – insistiu a mãe.

– Ah, ele é muito talentoso. – Cath se inclinou por cima do prato fundo. – Talvez talentoso demais, se você quiser saber. Pode até não parecer natural. Tocar flauta e bandolim, saber truques de cartas e truques de mágica e charadas, e eu soube que ele é até um malabarista bem talentoso. É suficiente para fazer o resto de nós se sentir incompetente, e acho que ele não precisa se exibir tanto assim, e depois de apenas dois encontros! Além do mais, tem algo de peculiar naquele chapéu dele, você não acha? Alguma coisa que não é... – Ela fez um contorno invisível do chapéu de três pontas com a colher no ar. – ... espacialmente preciso. Acho esquisito. – Ela olhou para a mãe, nada impressionada, e para o pai, confuso, e percebeu que estava tagarelando. Enfiou a colher de sopa na boca.

– Bem – disse a mãe. – Isso tudo é... interessante. O que aconteceu depois que o Coringa divertiu vocês?

Ela engoliu em seco.

– Ah. Depois nós jogamos croquet.

– Você e o Coringa?

– S-sim. Bom, e o Rei também. E algumas outras pessoas.

A mãe tremeu de alívio.

– Espero que você o tenha deixado ganhar.

Catherine sentiu orgulho de não ser mentira quando ela disse:

– O Rei ganhou, na verdade.

Quando a sopa foi retirada, Abigail apareceu com fatias de um assado colocadas acima de uma cama de abóbora assada.

As sobrancelhas da mãe dela subiram.

– E depois?

Ela pensou.

– Depois... eu comi bolo. Para ser sincera, achei meio seco. Ah, e Jest apareceu e tocou flauta novamente depois do jogo. Que exibido.

A melodia foi linda, claro, e ainda soava nos ouvidos dela.

– Jest – disse sua mãe, e ouvir o nome dele na voz dela fez Catherine levar um susto.

– Desculpe – gaguejou ela. – É o Coringa. Esse é o nome dele.

Sua mãe pousou o garfo na mesa com tanto cuidado que daria no mesmo se tivesse jogado.

– Que importância o Coringa tem? Fale sobre o Rei, Catherine. O que ele disse? O que ele fez? Ele experimentou seus macarons? Gostou? Você está noiva ou não?

Cath se encolheu, ciente dos macarons de rosa ainda pesando no bolso. Já deviam estar em farelos agora. Ela ficou agradecida quando o prato principal foi colocado na frente dela, dando-lhe uma desculpa para olhar para baixo. Ela enfiou o garfo em um pedaço de abóbora assada.

– Eu posso ter me esquecido de dar os macarons para ele – confessou ela, enfiando a abóbora na boca.

Ela enrijeceu de surpresa. Não era uma abóbora qualquer, mas uma abóbora saborosa e amanteigada, salpicada com folhas de tomilho e, desta vez, a medida certa de pimenta.

Estava delicioso. Ela colocou outro pedaço na boca, se perguntando se todos ficariam laranja como Cheshire ficou. Seria melhor do que ficar do tamanho de carvalhos, o que aconteceu uma vez, quando eles compraram um lote ruim de abóbora-bolota.

Sua mãe grunhiu e ignorou o prato.

– Como isso está acabando com meus nervos velhos! E pensar que eu estava tão perto de noivar minha filha... e com o próprio Rei! – Ela colocou uma das mãos no peito. – É mais do que meu coração aguenta. O dia todo fiquei esperando o soar de trombetas, o anúncio de que a proposta foi feita e aceita, que eu viveria para ver minha filha ser coroada rainha. Mas o anúncio não veio, apesar de você ter dado uma volta com Sua Majestade pelo jardim! E de ter jogado croquet! E de ter ouvido música! Você não pode dizer que o clima não foi romântico. A não ser que... a não ser que ele tenha mudado de ideia. Ah, céus, o que vamos fazer?

Catherine olhou para Mary Ann e foi recompensada com um sorriso confidente, secreto, mas de apoio. Ela sorriu em resposta, mas encobriu com um

gole de vinho.

– Não sei, mãe – disse ela, colocando o copo na mesa. – Ele não fez pedido nenhum. Não tenho como adivinhar os motivos. Já experimentou a abóbora? Está fantástica. Abigail, por favor, diga para o chef que essa abóbora está fantástica.

– Pode deixar, milady – disse Abigail com uma pequena reverência. – Acredito que tenha vindo da plantação de Sir Peter.

Cath comeu outro pedaço.

– É impressionante que um homem tão horrendo possa cultivar uma coisa tão saborosa.

– Do que você está falando? – gritou sua mãe. – Abóboras! Sir Peter! Nós estamos falando do Rei. – Ela bateu com a mão na mesa. – E você pode não conseguir adivinhar seus motivos para não fazer o pedido hoje, mas eu posso. Ele perdeu a confiança na escolha da noiva, esse é o motivo. Ele soube que você passou mal no baile e agora acha que pode ser uma garota doente, e nenhum homem quer isso. Como você pôde ter saído correndo tão cedo?

– Para falar a verdade, eu não sabia que o Rei faria um pedido, e você insistiu que eu usasse aquele vestido apertado...

– Isso não é desculpa. Você sabe agora. Sabia hoje. Estou absurdamente decepcionada, Catherine. Sei que você pode fazer melhor do que isso.

Cath olhou para o pai, torcendo para ser defendida.

– É isso que você acha também?

Ele ergueu o rosto, as fatias de rosbife e abóbora no prato já reduzidas a um quarto do tamanho. Sua expressão, embora confusa no começo, se anuviou rapidamente, e ele esticou a mão para Cath e pousou-a no pulso dela.

– Claro, querida – disse ele. – Você pode fazer qualquer coisa que decida fazer.

Cath suspirou.

– Obrigada, pai.

Ele deu um tapinha amoroso no pulso dela antes de voltar a atenção para o prato. Mexendo-se na cadeira, Cath se resignou à decepção da mãe e se concentrou em cortar a carne em pedacinhos.

– Eu tinha tantas esperanças naqueles macarons – continuou a Marquesa. – Sei que não é coisa de uma dama trabalhar na cozinha o dia inteiro, mas ele gosta das suas sobremesas, e achei que, quando sentisse o gosto, se lembraria de fazer o pedido. Como você pôde ter falhado em uma tarefa tão simples? – Ela fez cara feia para o prato de Catherine. – Você já comeu o suficiente, Catherine.

Catherine levantou o olhar. Para a boca retorcida da mãe, para o alto da cabeça abaixada do pai, para Mary Ann e Abigail fingindo não estarem ouvindo. Ela colocou a faca e o prato na mesa.

– Sim, mãe.

Com um estalo dos dedos da mãe, os pratos foram retirados, até o do pai, embora ele ainda estivesse segurando o garfo. Ele murchou os ombros de resignação.

Antes que o constrangimento pudesse se estender, o Marquês se animou.

– Eu ouvi uma história deliciosa na festa hoje – disse ele, passando o guardanapo nos cantos do bigode –, sobre uma garotinha que descobriu um buraco de coelho que cai para cima perto de Cruzamentos, e quando começou a subir, seu corpo caiu para cima e para cima e...

– Agora não, querido – disse a esposa dele. – Não percebe que estamos discutindo as perspectivas da nossa filha? – E resmungou: – Se ainda sobrou alguma para ela, claro.

O Marquês desanimou e colocou o guardanapo na mesa.

– Claro, minha querida. Você sempre sabe a coisa certa para conversarmos.

Catherine franziu a testa. Teria gostado de ouvir a história.

Estalando a língua, a Marquesa disse:

– Ninguém nunca avisa sobre o quanto é exaustivo ter uma filha solteira. E agora, tenho o festival com que me preocupar. Se esse aborrecimento de casamento estivesse resolvido, eu poderia me dedicar melhor, como fiz nos outros anos, mas, agora, minha atenção está sendo puxada em duas direções diferentes. Eu nunca vou conseguir me concentrar no festival agora.

Catherine viu que Mary Ann não conteve uma revirada de olhos. Embora o Marquês e a Marquesa fossem os anfitriões do Festival dos Dias da Tartaruga, eram os criados que faziam todo o trabalho.

– Me desculpe, mãe – disse Catherine.

– É pior agora que o reino todo está em frenesi por causa desse... desse Jaguadarte. – Ela tremeu.

– É apavorante – disse Catherine, embora sua atenção estivesse divagando quando um pudim de pão fumegante foi colocado na frente dela. Tinha um cheiro intenso de fava de baunilha e creme. Com a boca aguando, ela levantou a colher.

– Ah, pelos céus, não – disse sua mãe. – Não seja absurda, Catherine. Você vai ser confundida com uma morsa no festival. Abigail, retire isso.

Cath choramingou e olhou para a sobremesa enquanto era tirada da mesa. Ela apertou a palma da mão na barriga, sentindo o estômago embaixo do espartilho e se perguntando se a mãe estava certa. Estaria virando uma morsa? Ela tinha uma vontade quase constante de comer doces, mas só cedia talvez uma ou duas vezes por dia. Não era estranho, era? E ela não se sentia maior, mesmo os espartilhos sugerindo algo diferente.

Cath viu um sorriso solidário de Mary Ann quando ela estava enchendo as taças de vinho na mesa.

– Você não tem nada a dizer sobre isso tudo, sr. Pinkerton?

O Marquês estava olhando o prato de pudim de pão desaparecer com a mesma tristeza que Catherine sentia.

– Sobre você mandar retirar a sobremesa? – disse ele. – Eu tenho uma opinião ou duas sobre isso.

– Não isso, seu velho. Se bem que foi de *você* que ela puxou isso.

Cath se irritou.

– Eu estou sentada bem aqui.

Sua mãe descartou o fato de ela estar presente.

– Estou perguntando se você tem alguma opinião sobre a possibilidade de casamento da sua filha. Uma possibilidade que está ficando menor enquanto ficamos sentados aqui, emburrados.

– Eu não ficaria emburrado se estivesse comendo pudim de pão – murmurou o Marquês.

Sua mãe deu um suspiro.

– Não temos nenhuma outra perspectiva. Nenhuma proposta de cortejo. Nada!

Cath lambeu os lábios, e ocorreu-lhe que agora era a hora de contar sobre a confeitaria. Naquele exato momento. Ela não teria oportunidade melhor, não com os dois prestando atenção.

Agora.

Peça a eles agora.

Ela se endireitou na cadeira.

– Na verdade, tem uma perspectiva, mãe. Uma que eu... ando querendo discutir com vocês dois.

Mary Ann enrijeceu, mas Cath tentou não olhar para ela. A presença dela só a deixaria mais nervosa.

– Tem uma coisa em que ando pensando ultimamente. Bem, por um tempo, na verdade. Mas eu precisaria da ajuda de vocês e... do apoio. E você acabou de dizer, pai, que eu sou capaz de fazer qualquer coisa que decidir...

– Fale logo, criança – disse a mãe –, nós não temos a noite toda.

– Tem... a ver com o meu hobby. Os... doces.

A mãe levantou as mãos no ar.

– Ah... seus doces! É por isso que ninguém quer nada com você. Quem já ouviu falar de uma filha de marquês que cozinha quando devia estar treinando bordado ou piano?

Catherine lançou um olhar de pânico para Mary Ann, que tinha começado a dar nós nos cordões do avental.

Ela se virou novamente para a mãe.

– Mas... você acabou de admitir que isso é parte do motivo de o Rei gostar de mim. Ele gosta das minhas sobremesas. Você não está feliz de existir uma coisa que faço bem?

Sua mãe bufou, mas o pai estava assentindo.

– Eu gosto das suas sobremesas – disse ele. – Lembra aquele bolo de rum que você fez no meu aniversário? Com passas? Você devia fazer de novo.

– Obrigada, pai. Eu adoraria.

– Não a encoraje.

– Mãe, por favor. Escute por um momento e... tente não fazer nenhum julgamento apressado.

O Marquês se inclinou para a frente, curioso. A Marquesa grunhiu e cruzou os braços, mas dedicou sua atenção a Cath, pelo menos. Mary Ann ficou no canto, contando silenciosamente os nós que tinha feito.

– Bem – disse Catherine –, tem uma loja na cidade que vai ficar disponível. A do sapateiro, na Rua Principal. E, vejam, andei pensando e...

– Perdoe a interrupção, meu senhor.

Cath fez uma pausa, se virou e viu o sr. Pinguim, o mordomo deles, de pé na entrada da sala de jantar com o smoking de sempre.

– Nós temos visita – disse ele.

– A essa hora? – disse a Marquesa, chocada. – Mande voltar amanhã.

– Mas, milady – disse o sr. Pinguim –, é o Rei.

CAPÍTULO 15

A SALA DE JANTAR ficou em silêncio por dois segundos, três, até a mãe de Cath pular da mesa.

– Whealagig! O que você está esperando? Vá cumprimentá-lo!

– Er... certo. Claro, querida. – O Marquês jogou o guardanapo na mesa e seguiu o sr. Pinguim até a sala.

– Nós já vamos! Não deixe que ele vá embora! – A Marquesa foi até Catherine e puxou uma parte do cabelo escuro para que caísse em cachos ondulados pelos ombros. Beliscou as bochechas de Catherine. Molhou um canto de guardanapo no copo de água mais próximo e esfregou na boca de Catherine.

Catherine se contorceu.

– Pare! O que você está fazendo?

– Deixando você apresentável! O Rei está aqui!

– Sim, mas ele não pediu uma audiência *comigo*.

– Claro que não pediu uma audiência com você, mas é óbvio que é por isso que está aqui! – Aninhando o rosto de Catherine nas duas mãos, sua mãe abriu um sorriso. – Ah, minha garota tão preciosa! Estou tão orgulhosa de você!

Cath franziu a testa.

– Um momento atrás você estava...

– Esqueça um momento atrás, o Rei está aqui agora. – Afastando-se, sua mãe a empurrou com as duas mãos. – Venha. Para a sala. Aqui, mastigue isto. – Ela

tirou uma folha de menta de um buquê no aparador e enfiou na boca de Catherine.

– Mãe – disse ela, mastigando duas vezes e tirando a folha de menta da boca. – Eu não vou *beijá-lo*.

– Ah, pare de ser tão pessimista.

Catherine empalideceu só com a ideia.

Ela foi levada pelas portas, passando pela biblioteca do pai, até a sala principal, onde seu pai estava de pé com o Rei, o Coelho Branco e dois guardas, o Cinco e o Dez de Paus, e...

Seu coração deu um pulo, mas ela o repreendeu silenciosamente até voltar para o lugar.

Jest estava no final do grupo do Rei, vestindo trajes pretos, as mãos nas costas. Embora estivesse observando um retrato pintado de um dos ancestrais distantes de Catherine, ele se empertigou quando ela entrou com a mãe.

Uma batida vibrou dentro da caixa torácica dela. Mal teve tempo de recuperar o ar, e um trompete soou pela sala, e ela deu um pulo.

O olhar amarelo de Jest se deslocou para o chão.

O Coelho Branco baixou o trompete.

– Sua Majestade Real, o Rei de Copas!

– Vossa Majestade! – gritou a Marquesa. Cath acompanhou a mãe em uma reverência, tentando recuperar a compostura. – Sua visita nos honra! Aceita um chá? *Abigail! Traga chá!*

O Rei limpou a garganta e bateu o punho no esterno algumas vezes.

– Um caloroso obrigado, Lady Pinkerton, mas seu marido já ofereceu e já recusei a gentileza. Eu não gostaria de ocupar muito do seu tempo. – Ele estava sorrindo, como sempre, mas era um sorriso constrangido e nervoso, não o alegre com que Cath estava acostumada.

Ele não olhava para ela.

Catherine se sentiu enjoada e ficou feliz, pela primeira vez, de a mãe ter mandado retirarem a sobremesa.

– Ah, mas não quer pelo menos se sentar, Vossa Majestade? – A Marquesa indicou a melhor poltrona da sala, normalmente onde o Marquês se sentava.

Puxando a capa vermelha, o Rei assentiu com gratidão e se sentou.

Ao mesmo tempo, o Marquês e a Marquesa se sentaram no sofá em frente. Só quando a mãe esticou a mão e a puxou foi que ocorreu a Catherine de se sentar.

Os guardas olharam para a parede, os cajados com o símbolo de paus na ponta ao lado do corpo. O Coelho Branco parecia um pouco aborrecido de não ter sido convidado para se sentar também.

E Jest...

Mudo e imóvel, e Cath achava impossível afastar o olhar. Ele podia ser lascivo e paquerador, mas, contra todo o bom senso, ela se sentia mais atraída por ele do que nunca. Ela roubou olhares repetidamente, como se estivesse reunindo migalhas insuficientes na esperança de poderem se reagrupar em forma de bolo.

Como o Rei não falou nada imediatamente, a mãe de Cath se inclinou para a frente, sorrindo.

– Como gostamos do chá desta tarde, Vossa Majestade. Ficamos mimados neste reino.

– Obrigado, Lady Pinkerton. Foi uma reunião esplêndida. – O Rei empurrou a coroa para uma posição mais firme na cabeça. Ele parecia estar se preparando.

Catherine, enjoada e desconfortável na beira da almofada do sofá, também se preparou.

Ele pediria a mão dela.

Seu pai aceitaria.

Sua mãe aceitaria.

Seus pensamentos só conseguiam ir até aí.

Não, ela tinha que imaginar tudo. Estava acontecendo. Era agora.

O Rei pediria a mão dela.

Seu pai aceitaria.

Sua mãe aceitaria.

E ela...

Ela diria não.

A promessa silenciosa para si mesma a deixou tonta, mas se lembrou da determinação que sentiu durante o jogo de croquet e tentou incorporá-la novamente.

Catherine seria a imagem da educação, claro. Rejeitaria a proposta dele com o máximo de elegância possível. Ficaria agradada e lisonjeada e humilde, mas

explicaria para ele que não se sentia adequada ao papel de rainha. Diria que certamente devia haver escolha melhor, e embora a gratidão dela pelas atenções dele não tivesse limites, ela não podia de boa consciência aceitá-lo...

Não, não, não.

Ela estava errada e odiava saber disso.

Com o pai ali, a mãe e o querido e doce Rei de Copas e todos os olhos esperançosos virados para ela... sabia que sem dúvida diria sim.

Cath parou de olhar para Jest. Seus olhos se sentiram de repente repelidos por ele. A presença dele na sala era dolorosa, sufocante.

– Eu tive um ótimo jogo de croquet com Lady Pinkerton no chá – disse o Rei.

– Ah, sim, ela nos contou sobre isso – disse a Marquesa. – Ela se divertiu também. Não foi, Catherine?

Ela engoliu em seco.

– Sim, mãe.

– Ela é uma jogadora incrivelmente talentosa. – O Rei riu. – Um olhar dela e os ouriços saem rolando para onde ela quer que eles vão! – Ele continuou rindo.

Os pais de Cath riram junto, embora ela conseguisse ver que o pai não sabia bem o que era tão engraçado.

– Nós temos muito orgulho dela – disse a Marquesa. – Ela tem tantas habilidades, entre o croquet e a cozinha. – Seus olhos pousaram em Catherine, pura adoração maternal.

Cath afastou o olhar e viu os olhos azul-claros de Mary Ann pela fresta da porta. A criada deu um sorriso encorajador.

– Lady Pinkerton e eu também, hã, tivemos uma conversa esclarecedora com meu novo bobo da corte. Você se lembra? – O Rei olhou para ela pela primeira vez, e entre a inquietação dela e a menção do Coringa, Cath se viu tomada por uma vermelhidão humilhante que certamente seria mal interpretada.

A mãe dela deu uma cotovelada no pai.

– Sim, Vossa Majestade – disse ela. – Eu me lembro.

– Ah, sim, que bom. Ele, hã... Jest me deu conselhos importantes, pelos quais sou grato, e eu ando... pensando e... bem. – O Rei puxou a gola de pele da capa para longe do pescoço. – Eu tenho uma pergunta muito importante para você, Lady Pinkerton. E... e para Lorde e Lady Pinkerton, claro.

A Marquesa segurou o pulso do marido.

– Nós somos seus humildes servos – disse o Marquês. – O que podemos fazer por Vossa Majestade?

Cath afundou no sofá. Adeus, confeitaria. Adeus, cheiro de pão assado de manhã. Adeus, aventais sujos de farinha.

O Rei se mexeu. Seus pés bateram na cadeira.

– Eu vim visitá-los esta noite com a intenção de... de... – Uma gota de suor escorreu pela têmpora dele. Cath acompanhou com o olhar até o Rei esfregar com a capa do casaco. Em seguida, começou a falar rápido, como se estivesse dando uma declaração importante que tinha sido ensaiada cem vezes: – ... de pedir a honra de começar a cortejar Lady Catherine Pinkerton.

Em seguida, arrotou.

Só um arrotinho de nervosismo, ou talvez de náusea.

Catherine, delirante de ansiedade, sufocou uma risadinha debochada.

Atrás do Rei, Jest se encolheu, e a pequena ação levou a atenção de Cath de volta para ele.

Ele a encontrou na sala.

Ela não conseguiu entender se ele estava achando graça ou constrangido pelo Rei, mas passou rápido, o que quer que fosse. Jest pareceu mudar quando olhou para ela. Seu corpo se endireitou em sua altura máxima, seus ombros se projetaram para trás, os olhos observaram os dela.

Cath não sabia o que ele estava procurando e nem o que encontrou. Sentia-se meio perdida, acometida pelo desejo de estar em qualquer lugar, menos ali.

– Cortejar? – disse a Marquesa.

Cath afastou o olhar de Jest. Seus pensamentos começaram a girar, o subconsciente dissecando as palavras do Rei.

Cortejar. Foi o que ele disse.

O Rei estava pedindo para cortejá-la, exatamente como Jest aconselhou.

Ele não estava fazendo pedido nenhum.

Ela foi tomada de alívio, tão rapidamente quanto uma maré subindo por uma enseada.

Cath colocou a mão sobre o coração disparado e olhou para a mãe, que estava com a boca aberta.

– Bem – disse o Marquês –, Vossa Majestade nos honra. Eu... – Ele se virou para a esposa como se pedindo permissão para responder.

Ela calou a boca e deu um chute no tornozelo dele.

– Eu... hã, dou minha bênção sincera para o cortejo, mas é claro que a decisão é da minha filha. Catherine? O que você diz?

A sala ficou em silêncio.

O Rei, apavorado e esperançoso.

Sua mãe, pálida de ansiedade.

Seu pai, paciente e curioso.

Mary Ann abrindo um pouco mais a porta para não perder uma palavra.

O Coelho Branco olhando um vaso caro com desejo.

E Jest. Ilegível. Esperando, junto com os outros, que ela falasse.

– Eu... fico lisonjeada, Vossa Majestade.

– Claro que fica lisonjeada, criança. – A mãe deu um chute *nela* desta vez. – Mas não deixe Sua Majestade esperando uma resposta. O que você diz para essa proposta gentil e generosa?

Cortejo. Sem obrigações. Sem compromissos. Ainda.

E, possivelmente, tempo para persuadir o Rei de que ele não queria de verdade se casar com ela.

Não parecia que ela tinha escolha, não de verdade, mas também não parecia totalmente horrível.

– Obrigada, Vossa Majestade – disse ela, já exausta com a perspectiva. – Seria uma honra ser cortejada pelo senhor.

CAPÍTULO 16

CATHERINE ESTAVA TREMENDO quando se recolheu ao quarto, tonta com a visita do Rei. Mary Ann tinha acendido a lareira horas antes, e o quarto estava tomado de um calor agradável que Cath não conseguiu apreciar. Ela afundou na cadeira da penteadeira com um grunhido.

Estava oficialmente cortejando o Rei.

Ou melhor, o Rei a estava cortejando.

E em pouco tempo todo o reino saberia.

Uma batida a assustou, mas era só Mary Ann. Ela fechou a porta e se encostou.

– Cath!

Catherine levantou a mão antes que Mary Ann pudesse dizer mais.

– Se você ousar me parabenizar, nunca mais vou falar com você.

Mary Ann hesitou, e Cath conseguiu ver os pensamentos dela se rearrumando na cabeça.

– Você está... infeliz?

– Sim, eu estou infeliz. Lembra quando eu falei que não queria me casar com ele, que não queria ser rainha? Era verdade!

Mary Ann deixou os ombros caírem, desanimada.

– Ah, não fique assim. É uma grande honra. Eu acho.

– Talvez o cortejo faça você mudar de ideia.

– Espero que faça com que *ele* mude de ideia. – Ela esfregou as têmporas. – Eu não tenho ideia do que vou fazer se ele fizer o pedido. Quando ele fizer o pedido.

– Ah, Cath... – Mary Ann atravessou o quarto e lhe deu um abraço de lado. – Vai ficar tudo bem. Você ainda não está casada. Ainda pode dizer não.

– Posso? E correr o risco da tirania e decepção da minha mãe pelo resto da vida?

– A vida é sua, não dela.

Catherine suspirou.

– Eu não sei como deixei que isso chegasse tão longe. Eu queria dizer não, mas mamãe e papai estavam bem ali, com expressão tão ansiosa, e o Rei parecia tão desesperado, e eu simplesmente... não sabia o que fazer. Agora tudo está pior do que antes.

– Sim, mas nada que não possa ser consertado. – Mary Ann ajeitou o cabelo dela. – Quer chá para acalmar os nervos? Ou... talvez um pouco daquele pudim de pão?

O coração de Cath ficou mais leve.

– Você pode? Ah, mas me ajude a soltar o cabelo primeiro. Parece que estou com esses grampos há uma semana.

Ela se virou para que Mary Ann pudesse começar a tirar os grampos, e seus olhos pousaram na janela com vidraças em forma de diamante. Havia uma única rosa branca no parapeito, pelo lado de fora.

Ela sufocou um gritinho.

Mary Ann estava falando, mas Cath não ouviu uma palavra. Seu cabelo foi caindo camada a camada por cima dos ombros.

Ela desviou o olhar da flor, o coração disparando.

– Você acha que estou sendo boba? – perguntou ela. – Sobre o Rei?

– Nós não temos como escolher de quem gostamos – disse Mary Ann. Ela colocou os grampos na penteadeira e começou a puxar as cobertas, tomando o cuidado de evitar os galhos espinhosos de roseira ainda enrolados nos suportes do dossel. A mãe de Cath tinha decidido deixá-los lá por um tempo, com esperança de que pudessem manter qualquer outra planta dos sonhos longe. –

Mas, no que me diz respeito, eu acho o Rei... um homem doce. E a afeição dele por você é mais do que aparente.

Cath viu Mary Ann trabalhar, embora fosse uma tortura manter o olhar longe da janela. Já estava pensando que só tinha imaginado a rosa, mas não ousou olhar novamente, com medo de chamar a atenção de Mary Ann também.

E era peculiar esse instinto de guardar segredo. Nunca na vida ela escondeu nada de Mary Ann. Mas a rosa parecia uma mensagem sussurrada, um olhar silenciado por uma sala lotada. Uma coisa preciosa que não devia ser compartilhada. Uma coisa que ela achava que a prática Mary Ann não entenderia.

– Eu mudei de ideia sobre o pudim de pão e o chá. Não estou com apetite.

Mary Ann olhou enquanto afofava o travesseiro.

– Você está doente?

Catherine riu, o som tenso e agudo.

– Não, só precisando de um momento de paz. Acho que vou ficar acordada, lendo um tempo. Não estou cansada. Não precisa se incomodar com tudo isso.

– Ah. Quer que eu fique? Nós poderíamos jogar alguma coisa ou...

– Não, não. Obrigada. Eu... gostaria de ficar sozinha. Acho que preciso pensar em tudo que aconteceu.

O rosto de Mary Ann se suavizou.

– Claro. Boa noite, Cath. – Ela saiu do quarto e fechou a porta.

Catherine lutou com o redemoinho de nervosismo no estômago enquanto ouvia o som dos passos de Mary Ann se afastando pelo corredor. Os estalos da casa ao redor.

Ela se obrigou a olhar para a janela.

Não tinha imaginado. Uma rosa branca perfeita com um cabo comprido tinha sido colocada no parapeito, de forma que a flor ficasse enquadrada pela moldura de ferro em forma de Arlequim.

Ela se aproximou da janela com a pulsação disparada e levantou o caixilho. Tomando cuidado com os espinhos, segurou a flor entre os dedos.

O ar da noite carregava um aroma cítrico, e, ao olhar para fora, ela viu que o limoeiro que tinha sido replantado embaixo de sua janela já tinha crescido até o

segundo andar, os galhos escuros cheios de frutas amarelas. Ela observou os galhos, o gramado e o jardim, mas a noite só oferecia sombras.

Mais um olhar para cima, e desta vez viu olhinhos pretos. Recuou e largou a rosa perto dos pés.

O Corvo inclinou a cabeça. Ou ela achou que tivesse reclinado. As penas escuras eram quase invisíveis na escuridão.

– Oi de novo – disse ela, tremendo no ar da noite.

– Boa noite, bela dama, imploramos seu perdão por aparecermos tão descaradamente no seu portão.

– Ah, bem, aqui não é exatamente o meu portão. Está mais para uma janela, na verdade.

O Corvo balançou a cabeça.

– Fiz algumas alterações por causa da rima.

– Entendo. Bem... boa noite, belo Corvo, meu perdão eu concedo por esse encontro inesperado nesse arvoredo.

Uma gargalhada retumbante assustou Catherine, fazendo seu coração subir à garganta.

Com a roupa preta, ele era quase impossível de ver nas sombras, empoleirado em um galho de árvore. Estava misterioso e elegante, os olhos dourados cintilando na luz do fogo do quarto dela.

– Foi impressionante, não foi, Corvo? – disse Jest. – A dama é uma poeta natural.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Catherine. – Achei que tivesse ido com o Rei.

– Ele não tinha mais necessidade da minha companhia hoje, então me retirei. Pensei em dar uma volta, olhar por aí. Ainda sou novo aqui.

– Mas você não está andando. Está subindo em árvores.

– Ainda é exercício.

Catherine se inclinou mais na janela.

– O cortejo foi sua ideia, não foi?

O sorriso dele sumiu, e na escuridão ele pareceu quase desconfortável.

– Espero não ter extrapolado, milady. Mas pareceu, pela sua reação na festa hoje, que você preferiria uma proposta de cortejo a uma proposta de casamento.

Ela apertou os lábios.

– Se bem que também pareceu – continuou Jest, a voz solidária – que você não queria nenhuma das duas.

– Você deve me achar uma boba por pensar em rejeitá-lo.

– Milady, sou um bobo profissional. Posso dizer com certeza que você não tem talento para isso.

Ela deu um sorrisinho.

– Então isso é um alívio.

– É? Você tem alguma coisa contra bobos?

– Nem um pouco. Só que, se eu tivesse um talento tão natural para a bobeira quanto tenho para a poesia, eu poderia tentar tirar seu trabalho de você, e você parece muito adequado a ele.

O corpo dele mudou, como se os músculos derretessem, e ela se deu conta de que ele estava relaxando. Cath não tinha visto a tensão no corpo dele antes que sumisse.

– Parece ser mesmo adequado a mim – disse ele –, embora eu ouse dizer que o chapéu ficaria melhor em você. – Ele balançou a cabeça o suficiente para os guizos tocarem.

Os sorrisos se encontraram na escuridão, hesitantes e meio tímidos.

O momento foi destruído por passos no corredor. Cath ofegou e se virou, a pulsação disparada, mas os passos seguiram em frente. Provavelmente, seu pai, indo para a biblioteca pelo resto da noite.

Ela soltou o ar lentamente, sentindo as batidas intensas do coração embaixo das pontas dos dedos.

Virando-se, ela viu que Jest não tinha se movido, embora o corpo estivesse rígido de novo.

– Bem – disse ela, tentando manter a voz leve, embora tremesse um pouco –, parece que, querendo ou não ser cortejada, agora eu serei. Obrigada por seu... envolvimento, mas acho que você devia ir, antes que alguém o veja. – Ela esticou a mão para o caixilho da janela.

– Espere! – Jest escorregou pelo galho e pulou alguns outros até estar ao alcance dela. Ele fez parecer tão simples quando andar em chão plano. – Tem outra pessoa?

Ela fez uma pausa.

– Como é?

– Você está apaixonada por outra pessoa?

Ela enrijeceu, perplexa.

– Por que você me pergunta isso?

– Achei que talvez fosse por isso que você se opôs ao Rei. Achei que podia já ter dado o coração para outra pessoa, mas talvez... talvez seja alguém que seus pais não aprovariam com tanta rapidez.

Ela começou a balançar a cabeça.

– Não, não tem mais ninguém.

– Tem certeza?

Ela ficou surpresa com a irritação que sentiu.

– Se eu tivesse dado meu coração para outra pessoa, acredito que saberia.

Os ombros dele murcharam, embora as mãos ainda o estivessem apoiando em um galho acima. Ele pareceu quase aliviado, mas confuso.

– Claro que saberia.

– Não me entenda mal – disse Catherine. – Eu gosto do Rei. É que...

– Não precisa explicar para mim, Lady Pinkerton. Admito que passei a gostar do Rei, embora não o conheça há muito tempo. Ainda assim, acho que entendo você.

Era uma gentileza dizer isso quando Catherine se sentia desleal pela falta de sentimento que tinha pelo Rei.

– Eu também gosto de você, eu acho.

Ela riu pelo elogio inesperado. Ou pelo que achava que pudesse ser um elogio. Não parecia romântico o bastante para se qualificar como confissão.

– Eu?

– Sim. Você é diferente dos outros lordes e ladies aqui. Tenho certeza de que qualquer outra garota teria gritado e começado a jogar pedras em mim se eu tivesse aparecido na janela do quarto *dela*.

– Eu não tenho um estoque muito grande de pedras aqui. – Uma onda de calor subiu de repente pela garganta quando ela se deu conta de que ele estava certo. Havia um garoto na janela dela. À noite. Eles estavam sozinhos, com exceção do amigo Corvo dele, pelo menos. Ela franziu a testa. – Se bem que, se

você estiver insinuando que eu talvez tenha uma moral questionável, está tristemente enganado.

Ele arregalou os olhos.

– Isso não é... – Ele fez uma pausa e começou a rir de repente. – Eu falei como uma gentileza, garanto.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

– Seja como for, acho que você está errado. Não sou diferente. Sou...

Ele esperou.

Ela engoliu em seco, um tremor começando a surgir na bochecha.

– O que você quer dizer com isso? Me chamar de *diferente*?

– É verdade. Eu soube no momento em que a vi girando no baile, os braços levantados como se você não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Ela piscou.

– De todas aquelas damas e todos aqueles cavalheiros, você era a única que girava.

– Você viu isso?

– Com aquele vestido, seria difícil não ver.

Ela franziu o nariz.

– Minha mãe que escolheu. Ela achou que seria meu baile de noivado. Eu não fazia a menor ideia.

– Estou vendo isso agora. – Ele apertou os olhos para ela e abriu a boca uma vez para falar, mas fechou de novo.

Catherine engoliu em seco.

– Você não devia estar aqui.

– Não tenho certeza absoluta de que isso seja verdade. – Ele se abaixou no galho, como um gato pronto para pular. – Lady Pinkerton, você já esteve em um chá de verdade?

– Ah, incontáveis.

– Não, milady, não como o do castelo hoje. Estou falando de um de verdade.

A pergunta se cristalizou entre os dois enquanto Catherine pensava em todas as festas, bailes, reuniões a que foi ao longo dos anos, mas não conseguia imaginar o que ele queria dizer.

– Eu... acho que não sei.

Ele deu um sorriso um tanto malicioso.
– E gostaria?

CAPÍTULO 17

ELA ENTROU NO LAVATÓRIO com a desculpa de prender o cabelo. O coração dançava enquanto penteava os cachos longos e amarrava uma fita na nuca. Não sabia o que estava pensando. Talvez tivesse ficado louca.

Catherine afastou as dúvidas. Não podia mudar de ideia agora. Ou melhor, podia, mas sabia que não mudaria.

Era só por uma noite. Faria isso uma vez. Para ver, vivenciar, fazer sua própria escolha.

Ela beliscou as bochechas, passou água de rosas nos pulsos e estava na janela de novo antes que o nervosismo pudesse dominá-la.

Jest ainda estava nos galhos da árvore, brincando com o baralho. O Corvo estava limpando as penas. Ao reparar nela, Jest se endireitou e guardou as cartas em um bolso secreto.

– Está pronta? – perguntou ele, o rosto todo se iluminando de um jeito que a encheu de calor e açúcar.

– Não sei se isso é boa ideia.

– É porque provavelmente é uma péssima ideia.

Com um movimento fácil, ele pisou no parapeito e pulou no quarto dela.

Uma certa dose de choque deslizou pela coluna dela. Havia um homem em seu quarto, sem supervisão. Sem ninguém tomando conta.

Em segredo.

Ela não disse nada dessa natureza, só deu meio passo para longe dele. Seu calcanhar roçou na rosa branca que tinha deixado cair.

Jest tirou o chapéu e o virou de cabeça para baixo.

– Isso vai funcionar – disse ele, enfiando a mão no chapéu. – Mas vai exigir uma certa dose de fé.

Jest tirou a mão e revelou uma sombrinha de renda preta com cabo de marfim. Ele a abriu acima da cabeça dos dois.

– O que vamos fazer com isso?

– Você vai ver. – Ele colocou o chapéu na cabeça, subiu no parapeito e esticou a mão livre para ela.

Depois de contar até três, quando determinou que tinha perdido a cabeça, Cath colocou a mão na dele e permitiu que a puxasse para cima, ao seu lado.

– Você não vai gritar, vai?

Ela não se deu ao trabalho de tentar esconder o pavor quando olhou para ele.

Franzindo a testa, Jest chegou com o rosto mais perto e soltou a mão dela para poder segurar seu cotovelo.

– Você não vai *desmaiar*, vai?

Ela balançou a cabeça, embora não houvesse confiança por trás do movimento. Ela arriscou uma olhada para o chão, dois andares abaixo.

– Lady Pinkerton – disse ele com cautela na voz.

Ela olhou para ele novamente e moveu as mãos trêmulas na direção da túnica dele.

– Eu me pergunto se seria terrivelmente impróprio eu me agarrar em você.

– Acho que é melhor mesmo.

Ela assentiu uma vez e passou os braços em volta dos ombros dele, escondendo o rosto em seu peito. Agarrou-o como alguém agarraria uma boia no mar.

Jest enrijeceu e passou o braço livre na cintura dela.

Houve um momento de suspensão ao redor. Ela sentia o coração dele batendo perto do dela, sua respiração no cabelo. Alguma coisa nele parecia ter sido feita para ela, e esse pensamento deixou seu rosto quente, como se ela estivesse de pé perto do fogo.

– Tudo bem – disse ele, e ela se perguntou se foi sua imaginação que fez com que ele parecesse subitamente nervoso. – Nada de gritar.

Ela apertou bem os lábios.

Jest deu um passo para fora do parapeito, levando-a junto.

Um grito subiu pela garganta dela, mas foi capturado e abafado entre os dentes. Houve uma oscilação, o estômago dando um nó dentro dela, e uma queda, mas gradual. Tremendo, ela abriu os olhos. Virou a cabeça para poder ver além do ombro de Jest, o contorno de tijolos e a janela da casa enquanto eles pairavam até o chão.

Acabou rápido demais.

Eles chegaram ao chão com facilidade. Ela não o soltou, não conseguiu soltá-lo enquanto as pernas não recuperaram a força, mas ele não reclamou. O aperto dele não afrouxou enquanto ela não o soltou, mas ele também não tentou segurá-la quando ela se afastou.

Enquanto Catherine olhava boquiaberta para a janela do quarto, brilhando com a luz da lareira, Jest colocou a sombrinha de volta no chapéu.

– Como eu vou voltar lá para cima?

– Não se preocupe – disse ele, colocando a mão enluvada na dela, de uma forma que parecia quase mais íntima do que o abraço recente. Ela não puxou a mão, apesar de saber que devia. – Eu também tenho um truque para isso, Lady Catherine.

– No chapéu?

Ele riu.

– Meu chapéu não é a única coisa mágica em mim.

Ela deu um sorrisinho, se sentindo mais ousada fora do confinamento de casa.

– Estou bem ciente – disse ela. – O impossível é sua especialidade.

O rosto dele se iluminou com aquele sorriso verdadeiro de novo. Ele assobiou, e ela ouviu as asas da ave batendo acima. O Corvo apareceu das sombras e se empoleirou no ombro de Jest enquanto ele puxava Catherine para a rua.

– Onde fica o Cruzamento mais próximo? – perguntou ele.

– Debaixo da pequena ponte por cima do riacho.

Quando eles saíram do gramado, Jest soltou a mão dela, e Cath tentou esconder a decepção até de si mesma. Mas ele ofereceu o cotovelo, que ela aceitou, dobrando os dedos ao redor do braço dele, e ficando surpresa de encontrar mais músculos ali do que o corpo leve sugeria.

Era uma caminhada curta até a ponte que atravessava o Riacho Chiador, onde uma série de degraus levava para fora do caminho até a margem. Cath foi na frente, guiando-os até a beirada da água e apontando uma porta pintada de verde construída na base da ponte.

Jest tirou o chapéu e segurou a porta para ela.

O Cruzamento era uma interseção que conectava todos os cantos do reino. Era um corredor longo e baixo cheio de portas e arcos, janelas e escadas. O piso era feito de azulejos pretos e brancos como um tabuleiro de damas, e as paredes se projetavam em todas as direções. A forma mudava constantemente. Algumas das paredes eram feitas de terra, com raízes de árvore aparecendo nelas. Outras eram cobertas de papel de parede dourado delicado. Outras eram feitas de vidro, e água podia ser vista em uma delas do outro lado, como um aquário.

Jest levou Cath até um tronco de árvore oco com uma abertura que parecia ter sido cortada a machadinha. Segurou a mão dela e a puxou por ali.

Do outro lado, Cath se viu em um caminho de terra que estava sucumbindo ao musgo. Árvores se projetavam acima, e pelos troncos próximos uns dos outros Cath viu um ponto de luz dourada. Era a direção em que Jest estava seguindo, escolhendo o caminho pela trilha escura.

A floresta se abria em uma clareira, e a fonte de luz foi revelada: uma pequena loja itinerante. Tinha um telhado de lona e rodas bambas de carroça e um engate na frente que não tinha mais cavalos nem mulas presas para puxá-lo. Havia uma porta redonda na parte de trás da loja, com uma placa acima que dizia, com letras douradas floreadas:

Chapelaria Maravilhosa do Hatta
Chapéus e Adereços Elegantes para Damas e Cavalheiros Distintos

Cath inclinou a cabeça para o lado, a testa franzida.

– Nós vamos a... uma chapelaria?

– A melhor chapelaria – corrigiu Jest. – E eu garanto, o Chapeleiro organiza os chás mais malucos deste lado do Espelho. – Ele fez uma pausa. – Avaliando melhor, talvez seja dos dois lados do Espelho.

Os pensamentos de Cath estavam sendo tomados rapidamente de ansiedade. Ela começou a rir, questionando como tinha ido parar lá.

– Não sei se quero ir a um chá *maluco*.

Jest piscou para ela.

– Confie em mim, milady. Você quer.

Indo até os fundos da loja, ele abriu a porta.

CAPÍTULO 18

CATH PAROU NA PORTA, sufocada pelo aroma de chá de ervas e pelo barulho doloroso de um dueto desafinado. A chapelaria era no mínimo oito vezes maior por dentro do que por fora. Fogo estalava em uma lareira de canto, e as paredes eram cobertas de prateleiras e ganchos que exibiam uma variedade de enfeites elaborados de cabeça. Cartolas e chapéus-coco, toquinhas e diademas, chapéus de palha e chapéus de burro altos e pontudos. Havia chapéus cobertos de flores-do-campo e outros exibindo penas de pavão e tremendo com as asas de dezenas de libélulas vibrantes, algumas soltando ocasionalmente uma baforada de fogo e fumaça.

Enquanto Catherine olhava, o Corvo saiu do ombro de Jest e entrou. O vento das penas dele bateu no cabelo dela e, só por um momento, a sombra dele se alongou pelo piso de madeira da loja. O coração de Cath saltou quando se lembrou da sombra ameaçadora que a seguiu no gramado do castelo. A figura encapuzada, o machado erguido.

Ela piscou e o arrepio passou. Só um pássaro, agora pousando em um busto de cerâmica de um palhaço com o rosto bobo e sorridente pintado com diamantes pretos.

Jest puxou Catherine para a longa mesa que se estendia pelo centro da chapelaria. A superfície estava coberta de lenços de cores vibrantes de várias texturas, cheia de bules e xícaras, cremes e pratos de açúcar e colheres de prata e de ouro e de porcelana. As cadeiras em volta da mesa também eram diferentes

entre si, de costas largas a bancos escolares, de divãs a uma cadeira de balanço fofa. Na extremidade da mesa havia uma cadeira luxuosa o bastante para o próprio Rei se sentar.

Os ocupantes da mesa eram igualmente variados. Um Porco-Espinho perfurava com um dos espinhos um prato de bolinhos, tipo scones; um Sabujo falava em tons sussurrados com uma mulher pequena e grisalha que trabalhava com agulhas de tricô entre goles de chá; dois Peixinhos-Dourados nadavam em formato de oito em volta um do outro em um aquário cheio de água da cor de chá; um Arganaz cochilava na juba de um Leão cantando baixo e sozinho em um aquecimento vocal; um Papagaio discutia com uma Cacatua; uma Abelha passava os olhos por um jornal; uma Jiboia afinava uma rabeca; um Camaleão apertava os olhos em concentração enquanto tentava mimetizar-se à estampa exata da cadeira estofada; uma Tartaruga enfiava metade do sanduíche de pepino na xícara.

Os cantores barulhentos e desafinados no meio de tudo eram uma Lebre de Março, que estava em cima da mesa, e um Esquilo de pé na cabeça dela. Os dois usavam touquinhas florais ridículas, embora buracos tenham sido acrescentados para permitir a passagem das orelhas. Juntos, eles eram a fonte do dueto irritante e chato que perfurou os tímpanos de Cath. A música era sobre estrelas-do-mar e poeira estelar, embora os dois parecessem roucos e confusos demais para dizer as frases direito e estivessem assassinando horrivelmente a melodia. Catherine fez uma careta enquanto a música se arrastava.

Com a mão no cotovelo dela, Jest guiou Catherine em torno da mesa, na direção do homem que ocupava o trono na extremidade. Ele estava vestido com extravagância, com fraque ameixa e uma gravata de seda rubra. Um dedo percorria distraidamente a beirada de uma cartola roxa combinando. Embora fosse jovem, o cabelo era branco-prateado, com alguns cachos desgrenhados caindo sobre as orelhas e o resto amarrado com uma fita de veludo na nuca.

Ele estava jogado na cadeira, com aparência de entediado, os pés ao lado de uma xícara de chá pela metade.

De repente, sua atenção se voltou para Jest e se transformou, um sorriso iluminando rapidamente o rosto. Ele tirou os pés da mesa.

– Ora, ora, se não é nosso artista principal que voltou do mundo dos galanteios e das riquezas.

Ele se levantou e deu um abraço rápido em Jest, para depois recuar e o segurar pelos ombros. O sorriso dele tinha virado um escrutínio.

– Não parece muito diferente – refletiu ele, fechando um olho de cada vez para completar a inspeção. – Um pouco mais magro, talvez. Não dão comida para você naquele seu castelo elegante? – Ele beliscou a bochecha de Jest, mas foi empurrado para longe.

– Como uma vaca indo para o abate – disse Jest –, mas eu também sou obrigado a trabalhar pelo salário. Uma ideia nova para você, eu sei.

– Um desperdício horrível de talento, é assim que eu chamo. – O Chapeleiro, Cath supôs que devia ser ele, fez uma careta repentina e virou o olhar para a Lebre e o Esquilo na mesa. – Já chega! Não aguento mais. – Pegando uma bengala que tinha sido apoiada na cadeira, ele bateu no cabo de uma colher, que jogou uma castanha de uma tigela de frutas secas direto na boca aberta da Lebre.

A Lebre parou. Um silêncio repentino tomou a sala. A Lebre bateu no esterno... engasgada. Os olhos vermelhos saltaram. Catherine ficou tensa.

A Jiboia deslizou pela mesa, envolveu o corpo da Lebre e espremeu tanto que a castanha saiu voando e caiu na xícara da Tartaruga.

Catherine ficou olhando atordoada, mas o resto dos convidados já tinha retomado a conversa e o chá. Ela parecia ter sido a única preocupada.

– O que arrastou junto com você, Jest?

Ela levou um susto. A inspeção do Chapeleiro estava voltada para ela. Seus olhos, ela reparou, eram da cor de violetas, e as feições igualmente suaves. Ele era muito bonito e simultaneamente pareceu, ao olhar dela, muito delicado.

– Lady Catherine, este é meu querido amigo, Hatta. Hatta, Lady Catherine Pinkerton.

– Encantada. – Ela fez uma reverência.

Hatta tirou o chapéu para ela, mas não sorriu.

– Pinkerton. Parente do Marquês?

– Ele é meu pai.

Uma gargalhada estrondosa saiu pela boca do Chapeleiro.

– Uma verdadeira dama, então. – Hatta lançou um olhar carregado de significados para Jest que Cath não conseguiu interpretar. – Ou isso só vai até o camisolão de cetim?

As bochechas de Catherine foram tomadas de calor, mas Jest não mordeu a isca. Seu tom estava frio quando ele respondeu:

– Ela é de fato uma dama, assim como somos cavalheiros. Não me obrigue a duelar com você pela honra dela.

– Duelar! Minha nossa, não. Uma troca de chapéus, talvez, mas nunca um duelo. – O escrutínio dele percorreu o vestido de Cath, e ela teve a sensação distinta de que ele estava calculando quantos xelins o tecido custara. – Qualquer amigo de Jest é amigo meu. Bem-vinda à minha chapelaria.

– Obrigada.

– E este é meu parceiro de longa data, Sir Haigha – disse o Chapeleiro, levantando a bengala para a Lebre, que desceu desajeitada da mesa.

– Sir o quê? – perguntou Catherine.

– Haigha – respondeu a Lebre de Março. – Rima com *lebre*, mas tem um *g* no meio.

Ela ficou olhando sem entender nada, nem a rima nem como a palavra *lebre* podia ter um *g* no meio. Antes que pudesse perguntar de novo, Jest colocou a mão no ombro dela e sussurrou:

– Vamos mudar de assunto.

Ela fez outra reverência.

Hatta voltou o olhar para a mesa e avaliou os ocupantes. A Abelha tinha transformado o jornal em três barquinhos de origami, e a maioria dos convidados os estava olhando competir em uma xícara de chá que era do tamanho de uma tigela de ponche. O Leão e a velha senhora estavam fazendo apostas de qual barco afundaria primeiro enquanto a Tartaruga botava açúcar nas velas para fazê-los afundar mais rápido.

Hatta bateu com a ponta da bengala no chão três vezes, depois a girou no ar.

– Atenção todos, cheguem para lá! Abram espaço para nosso bobo e sua dama. E quem é o próximo?

Repetições de *chegue para lá, chegue para lá* ecoaram pela mesa enquanto todos empurravam cadeiras para trás e tinham um momento confuso, se

ajeitando nos novos assentos. Sentando, testando, pulando e saltando, por cima e por baixo da mesa, saltitando entre cadeiras, tropeçando no colo uns dos outros e por cima dos ombros uns dos outros e alguns dos animais menores encontrando lugares aconchegantes dentro de uma xícara vazia. Só o trono de Hatta ficou fora da troca de cadeiras, até todos estarem acomodados novamente, deixando dois lugares, um de cada lado do anfitrião, para Jest e Catherine.

Percebendo que aquilo era um jogo do qual não sabia as regras, Cath foi se sentar.

– Não, milady, você vai preferir ficar aqui. – Jest foi para o assento do lado esquerdo de Hatta e puxou a cadeira para ela.

Hatta riu e inclinou o chapéu com a bengala, vendo Catherine se sentar ereta na cadeira oferecida e ajeitar a saia em volta das pernas.

– Jest não acredita que você consiga ficar bem entre nós, inferiores e baderneiros.

Jest fez cara feia. Ao passar atrás do trono de Hatta, ele se inclinou na direção do ouvido do amigo.

– Ela é nossa convidada. Eu não a trouxe aqui para entreter você.

Catherine cruzou as mãos no colo e tentou ser agradável.

– Errado, Jest – disse Hatta, o sorrisinho astuto nunca se afastando dela. – Todo mundo está aqui para me entreter.

– Muito bem, então. Me permita.

Jest tirou a cartola da cabeça de Hatta, segurando-a no alto enquanto Hatta tentava pegá-la de volta. Jest já estava rindo e saindo da cadeira para a mesa. As xícaras e pires estalaram quando as botas bateram na madeira.

Com um suspiro inconformado que não escondia a curva nos cantos dos lábios, Hatta colocou os calcanhares de volta na mesa e pegou o chá.

Catherine viu o Corvo, ainda pousado no busto de palhaço, quase uma parte das sombras. Ele virou a cabeça para ver Jest desfilar pela mesa.

A sala ficou em silêncio. A expectativa subiu pela coluna de Catherine e ela se inclinou para a frente, os dedos apertados no colo.

Contornando a bagunça de pratos, Jest parou no centro da mesa. Ele segurou a cartola para que todos pudessem ver. Então, com um giro dos pulsos, fez a

cartola girar no próprio eixo com velocidade e afastou as mãos. O chapéu continuou levitando no ar.

Catherine mordeu o lábio, sem ousar piscar.

Batendo o punho no peito, Jest limpou a garganta. E, para a surpresa de Catherine, ele começou a cantar:

– *Brilha, brilha... morceguinha.*

Os lábios dela tremeram ao ouvir a cantiga familiar, embora Jest tivesse atrasado a cadência, de forma que a música mais parecia uma serenata. A voz dele soou confiante, mas suave. Forte, mas não esmagadora.

– *Onde é que você...* – Ele bateu com um dedo na aba do chapéu que girava, de forma que virou de cabeça para baixo – *... está?*

Uma revoada de morcegos saiu voando. Catherine se encolheu quando eles se espalharam pela sala. Os guinchos encheram a loja de ruído, as asas próximas o bastante para bagunçar o cabelo de Cath sem tocar na pele.

A voz de Jest soou mais forte do que a balbúrdia:

– *Em cima do mundo, tão alto...*

Os morcegos se transformaram em um ciclone, rodando em volta da sala, a mesa virando o olho de uma tempestade viva. O ciclone começou a apertar, se aproximando de Jest. Em pouco tempo ele não podia mais ser visto além do amontoado de corpos batendo asas, guinchando, empurrando. Cada vez mais.

O peito de Catherine se apertou quando o furacão de morcegos girou ao mesmo tempo e voou para uma janela aberta... deixando para trás a cartola de Hatta meio torta sobre um bule e nenhum sinal de Jest.

O coração dela estava disparado. Sussurros começaram a se espalhar pela mesa. Convidados olharam embaixo da mesa e da cartola e até nos bules, mas Jest tinha desaparecido.

– Que coragem dele abandonar você assim. À minha mercê, ainda por cima.

Ela olhou para Hatta.

Colocando a xícara no pires, ele piscou para ela.

– Jest sempre teve uma fraqueza por charadas.

Ajeitando o cabelo desgrenhado pelos morcegos, Cath fez o melhor possível para não demonstrar como o Chapeleiro a deixava nervosa.

– Vocês se conhecem há muito tempo?

– Muitos anos, amor. Eu tentaria contar quantos, mas já estou com tantas dívidas com o Tempo que sem dúvida contaria errado.

Ela franziu a testa.

– Isso é uma charada?

– Se você quiser que seja.

Sem saber como responder, Cath esticou a mão para a xícara, mas a viu cheia de botões de madrepérola. Ela a colocou no lugar.

– Jest propôs uma charada no baile – disse ela. – Era: "Qual é a semelhança entre um corvo e uma escrivaninha?"

O Chapeleiro riu e jogou a cabeça para trás.

– Não essa! Às vezes, eu me pergunto se ele ao menos se esforça.

– Eu não sabia que era uma charada velha. Ninguém no baile parecia saber, e achamos a resposta divertida.

– Com o devido respeito, milady, os nobres não são famosos pela incapacidade de acharem graça.

Cath admitiu que o chapeleiro talvez tivesse razão, principalmente em relação ao Rei. Mas o jeito como Hatta falou fez parecer um defeito vergonhoso, e ela não tinha certeza se concordava com isso.

– Me diga, qual foi a resposta que ele deu? – perguntou Hatta.

– Como?

– Qual é a semelhança entre um corvo e uma escrivaninha?

– Ah... ambos podem produzir algumas notas, embora tendam a ser muito monótonas. – Ela sentiu orgulho por lembrar, de tão absorta que estava na performance. – Ele cobriu o salão de confetes. Pequenas notinhas de papel, todas com desenhos encantadores.

Hatta girou a bengala.

– Eu sempre preferi a resposta: os dois têm penas sujas de tinta.

Cath ficou surpresa de ver que a charada, que tinha parecido impossível de responder quando ela a ouviu pela primeira vez, podia ter duas soluções adequadas. Ela olhou para o Corvo, que tinha escondido a cabeça embaixo de uma asa preta, aparentemente dormindo.

– Essa resposta teria causado um alvoroço no salão – disse ela.

Hatta mexeu uma colher de açúcar no chá, a colher tilintando alto na cerâmica.

– Acho que você está certa. Andei trabalhando em uma charada minha ultimamente. Gostaria de ouvir?

– Muito.

Ele bateu com a colher na beirada da xícara e a colocou no pires.

– Quando feliz, eu bato como um tambor. Quando triste, eu me parto como vidro. Quando roubado, não posso ser devolvido. O que sou?

Ela pensou por um momento e arriscou:

– Um coração?

Os olhos dele se aqueceram.

– Muito preciso, Lady Pinkerton.

– É muito boa – disse ela –, mas me pergunto se não seria mais preciso dizer "quando *dado*, não posso ser devolvido".

– Isso implicaria que damos nossos corações por vontade nossa, e não tenho tanta certeza de que seja o caso. Talvez devamos perguntar a Jest quando ele voltar. Acredito que ele seja especialista. – Ele puxou um relógio dourado do bolso do colete. – Ele não costuma desaparecer por tanto tempo. Talvez já estivesse cansado da sua companhia.

Cath se irritou, certa agora de que ele estava tentando provocá-la, embora não conseguisse imaginar por quê. Apertando os punhos embaixo da mesa, ela observou os convidados de novo. A maioria tinha voltado a conversar.

– "Brilha, brilha, estrelinha" é uma cantiga de ninar – disse ela. – Não uma charada.

– Como termina? Não consigo lembrar.

Ela cantarolou a música novamente e acrescentou:

– *"... igual a uma bandeja de chá no céu."*

Hatta estalou os dedos.

– Haigha! Bandeja! Céu!

A Lebre, que tinha tirado a touquinha florida, virou as orelhas enormes para trás e olhou para Hatta. Em seguida, pulou da mesa rápido como um disparo e pegou uma bandeja, colocando uma pilha de sanduíches de pão sem casca em cima, e correu para uma janela aberta. Em momentos, todos os outros

convidados, com exceção de Catherine e Hatta, tinham empurrado as cadeiras e xícaras para se reunir em volta dele.

Catherine inclinou a cabeça, pensando que não seria a atitude de uma dama estar espremida no meio de todos aqueles estranhos...

– Ah, não resisto – murmurou ela, se afastando da mesa e se juntando ao grupo na janela.

Haigha jogou a bandeja, que girou até a floresta e desapareceu na noite.

Eles esperaram.

Em algum lugar lá fora, eles ouviram o estalo da bandeja caindo no meio das árvores até o chão.

Os convidados prenderam a respiração.

Ninguém falou nada.

O Arganaz bocejou e se mexeu na juba do Leão; em seguida, foi girando para se encolher do outro lado.

– O que vocês estão procurando?

Catherine se virou para a mesa.

Jest estava sentado à direita de Hatta, segurando um biscoito comido pela metade em uma das mãos e uma xícara de chá na outra.

Os convidados gritaram e assobiaram, o ruído se espalhou pela loja.

Com o olhar em Catherine, Jest sorriu, e o coração de Cath se juntou a ele. Ela tentou afastar o humor do rosto quando apoiou as mãos nos quadris e o encarou do outro lado da mesa.

– Hatta estava certo – repreendeu-o ela. – Foi uma grosseria imensa me abandonar assim.

Jest lambeu uma migalha do canto da boca.

– Eu sabia que você ia descobrir.

O Chapeleiro grunhiu e pegou a cartola de volta com a Jiboia, que tinha ido buscar no centro da mesa.

– Não vamos tornar a dama um prodígio quando tudo que ela fez foi recitar uma cantiga de ninar. – Ele pegou a bengala, bateu com ela três vezes no chão e gritou: – Quem de vocês quer seguir nosso bobo? *Andem!*

CAPÍTULO 19

O CHÁ DO CHAPELEIRO NÃO ERA APENAS UM CHÁ, parecia mais um circo. Cadeiras eram constantemente trocadas e mudadas de lugar, e o convidado que parava à direita de Hatta era escolhido como o próximo a se apresentar. Cada convidado se levantava, escolhia um adereço vibrante de cabeça nas paredes e entretinha os outros da forma que achasse conveniente. O Papagaio e a Cacatua interpretaram uma comédia sobre um palhaço e um mímico. O Leão cantou um solo alto perfeito de uma ópera famosa. A mulher grisalha se sentou de pernas cruzadas em cima da mesa e fez um solo impressionante de bateria usando as agulhas de tricô e uma variedade de pratos virados. A jovem Tartaruga recitou um soneto de amor com voz trêmula e palavras tímidas e gaguejantes; uma vez enquanto recitava, ele olhou para Catherine e corou em verde-escuro e não conseguiu mais olhar para ela pelo resto da noite.

Talvez houvesse algo no chá, que ela classificou como o chá mais delicioso que já provara quando finalmente conseguiu uma xícara, porque, ao relaxar, Catherine percebeu que não conseguia parar de rir e gritar e bater com os dedos dos pés embaixo da mesa. Descobriu que Hatta tinha a tendência de dar ordens a todo mundo, embora a maioria dos convidados não desse muita atenção a elas. Descobriu que o Arganaz era o mais animado do grupo, mas tinha entrado em hibernação um ano e meio antes e ainda não tinha saído. Descobriu que Jest sentia culpa pelo truque dos morcegos ter levado alguns a se emaranharem no

cabelo dela, uma confissão feita enquanto ele prendia uma mecha e gerava um arrepio que se espalhou pela pele dela.

Nervosa, ela bateu na mão dele.

Cada vez que eles se moviam, Jest ficava ao lado de Catherine, ajudando-a a circular pela agitação das atividades, levando-a para longe da cadeira do artista. Foi um alívio não ser forçada a ser o centro das atenções, mas Catherine não pôde deixar de revirar o cérebro em busca de um talento que pudesse usar para impressioná-los. Uma fantasia surgiu em sua cabeça, deixando todos boquiabertos, sendo mais impressionante do que Jest com suas ilusões e truques. Mas como? Não sabia cantar, nem dançar, nem fazer malabarismo. Não era artista. Era só uma dama.

Quando todos tinham se apresentado, e Hatta mais uma vez os mandou pular um lugar, Jest foi o primeiro a se mover para a cadeira do artista para deixar Catherine livre dela.

Mas, antes que ele pudesse se sentar, Hatta bateu com a bengala nos braços da cadeira.

– Paciência, meu amigo. Acredito que ainda não tivemos o prazer de ver nada da sua dama. – Hatta desviou o olhar arrogante para Catherine.

Jest afastou a bengala.

– Ela veio apreciar a sua hospitalidade, e não ser transformada em espetáculo por você.

Catherine sustentou o olhar de Hatta e permaneceu imóvel.

Jest revirou os olhos e fitou novamente Catherine.

– Não o deixe intimidar você. Fico feliz de me apresentar no seu lugar, se você quiser.

– É só uma certa avareza – interrompeu Hatta. – Receber e receber para diversão própria e não oferecer nada em troca. – As palavras dele transbordavam reprovação.

Jest fez cara feia para Hatta, se virou para ela e sussurrou:

– Não é assim. Não há vergonha nenhuma em pedir a outra pessoa para se apresentar no seu lugar, principalmente no seu primeiro chá. – Ele esticou a mão.

Cath sabia que Jest tentava aliviar a pressão que Hatta estava botando em cima dela, mas sentiu uma ponta de irritação. Certo ou não, como ele podia estar

tão seguro de que ela não tinha nada com que contribuir?

Ela observou a mão de Jest, dedos finos não tão lisos quanto os dela, mas também não tão ásperos quanto os de um jardineiro ou criado. Gostava do jeito como ele chamou aquilo de primeiro chá, insinuando que poderia haver mais no futuro.

– Eu vou me apresentar – ela se ouviu dizendo muito de longe.

Um sorriso se abriu no rosto de Hatta, mas ela não sabia se foi encorajador ou provocador.

– A dama é a próxima! – gritou ele, antes que Cath pudesse mudar de ideia, e indicou os chapéus na parede com a mão. – Escolha um chapéu, milady. Você vai ver que ajuda.

– Ajuda como? – Ela tentou parecer casual enquanto andava junto à parede cheia de touquinhas e cartolas, véus de rede e turbantes de seda.

– Pense que é como usar uma fantasia. Ou... talvez para você, um vestido muito elegante. – Hatta passou os dedos pela aba da própria cartola. – Um chapéu bem-feito deixa uma pessoa... mais ousada.

Cath não sabia se concordava. Seus vestidos mais sofisticados fizeram bem pouco para deixá-la mais ousada no passado, mas todo mundo usou um chapéu na hora de se apresentar, então quem era ela para argumentar? Os convidados esperaram para ver o que ela escolheria, mas Cath sabia que só estava ganhando tempo enquanto mexia em uma fivela dourada aqui e uma pluma de avestruz ali.

Ela devia ter algum talento. Qualquer talento que não a constrangesse.

A maior parte dos chapéus era bem mais extravagante do que os que ela estava acostumada a usar. Seu favorito até o momento tinha sido um carrossel rosa e verde listrado de tirar o fôlego, completo com pôneis que galopavam sem parar. Mas foi usado pelo Leão na apresentação de ópera, e ela reparou com decepção que ele ainda não o tinha tirado.

– Posso sugerir um dos vermelhos? – disse Hatta.

Ela levou um susto e olhou para ele.

– Por que vermelho?

Ele deu de ombros com um ombro só.

– Ficaria bom com seu tom de pele, amada. Que tal aquele ali?

Catherine seguiu o gesto dele até um chapéu de aba larga, o monte de babados e franzidos feitos em seda vermelho-vinho e ornamentado com brotos de papoulas brancas e amarelas. Cath franziu o nariz. Era um belo chapéu, mas nem de longe um que ela escolheria para si.

No entanto, ao lado, havia um chapéu de cozinheiro branco com uma fita preta. Catherine o pegou no gancho de madeira e colocou na cabeça antes que pudesse pensar duas vezes.

– Ah, um chapéu para tomar decisões nada convencionais. – Hatta apertou os olhos. – Escolha interessante.

Quando ela ousou olhar para Jest, ele pareceu indiferente ao chapéu. Mais uma vez, ofereceu a mão a ela.

Cath amarrou a fita preta embaixo do queixo e aceitou a ajuda dele quando subiu na cadeira e depois na mesa.

Enquanto estava tomando sua decisão, a chapelaria ficou em silêncio, uma diferença gritante do caos com que ela tinha se acostumado. Os convidados a observavam, silenciados pela curiosidade.

A própria Cath estava curiosa. Suas mãos tinham começado a tremer.

Ela encontrou um lugar entre os pires lascados e biscoitos virados e inspirou fundo, olhando ao redor para os rostos expectantes. Olhos fendidos de cobra, olhos com duas pálpebras de lagarto e olhos saltados de peixe olhavam para ela. A barra de sua saia roçava em chá derramado e migalhas.

– Cante uma música, bela dama! – sugeriu o Leão enquanto pôneis do carrossel pulavam acima da juba. – Cante uma balada antiga!

– Não, dance para nós. Talvez balé?

– Ela pode servir chá como uma gueixa?

– Pintar com os dedos dos pés?

– Dar uma estrela?

– Prever nosso futuro?

– Dar um nó com a língua em um cabo de cereja?

– Não seja bobo... isso é impossível!

– *Catherine*.

Ela se virou e percebeu que ainda estava segurando a mão de Jest. Ele sorriu, mas com certa preocupação.

– Você não precisa fazer isso.

Ela se perguntou se Jest estava constrangido por ela ou por si mesmo, por levá-la. Uma dama. Uma nobre. Uma pessoa com mãos macias e uma cabeça cheia de vazio. Uma pessoa que não era louca o bastante para fazer parte dos chás do Chapeleiro.

Ela puxou a mão e olhou para o Chapeleiro. Os calcanhares dele estavam na mesa de novo, os dedos mexendo na gravata.

Seu pai era conhecido em Copas como grande contador de histórias, um dom que foi passado pela família por gerações, mas por algum motivo a pulou. Agora, Catherine lutou para se lembrar de uma das histórias dele. As que podiam encantar um cardume perdido. As que eram capazes de fazer as nuvens chorarem e de deixar montanhas de joelhos.

– Era... era uma vez... – começou ela, mas teve que parar quando as palavras entalaram na garganta.

Ela esfregou as palmas úmidas na saia... e encontrou um volume no bolso.

Seu coração pulou.

– Havia... havia uma garota. Ela era filha de um marquês.

Os cantos da boca de Hatta se inclinaram para baixo.

– Apesar de ter sido criada para ser uma dama – disse Cath, se virando e observando os convidados hipnotizados... ou, pelo menos, convidados que estavam esperando e dispostos a ficarem hipnotizados – e de ter aprendido todas as coisas que uma dama precisa aprender, ela só era boa em uma coisa. Não era uma grande coisa, uma coisa importante, nem uma coisa de damas, mas ela realmente amava fazer.

Ela enfiou a mão no bolso e tirou o pacote de macarons. O papel encerado ficara amassado ao longo do dia, mas o barbante que o amarrava não soltou. Ao redor da mesa, os convidados se inclinaram para a frente.

– Eu... – Ela hesitou. – Eu faço confeitos, sabe.

– Ela disse *confissões*? – murmurou a velha senhora. – Ah, céus. Acho que já confessei demais este ano.

Cath sorriu.

– Não, *confeitos*. – Ela abriu o pacote e exibiu cinco macarons de rosa, um pouco amassados nas beiradas, mas de resto intactos.

Um silêncio se espalhou pela mesa.

– Nada convencional, de fato – disse Hatta, a sobrancelha franzida de desconfiança. – Mas o que eles fazem?

Catherine não puxou a mão.

– Não fazem nada. Não vão deixar você menor e nem maior. Mas... espero que deixem mais feliz. Foram feitos como presente para o próprio Rei, mas eu... eu me distraí hoje. Me esqueci de dar para ele.

Ela não ousou olhar para Jest.

– Um presente para o Rei? – disse Hatta. – Parece promissor. – Ele balançou a bengala para Haigha, que esticou a mão e tirou os macarons da mão de Cath. Ela ficou sem fôlego de repente, de alívio de não estar mais com eles. Ainda estava tremendo de nervosismo.

Haigha colocou os macarons em um prato e, um a um, cortou os merengues em forma de sanduíche da melhor forma que pôde. Eles esfarelaram e esmigalharam embaixo da faca. Os convidados chegaram mais perto e viram o recheio de creme escorrer e grudar no papel.

Sentindo um puxão na saia, Catherine se virou e viu Jest esticando a mão para ela. Ela permitiu que ele a puxasse da mesa.

– Você fez isso? – sussurrou ele.

– Claro que fiz – disse ela, e não pôde deixar de acrescentar: – E, como você vai ver, Hatta não é o único aqui capaz de fazer coisas maravilhosas.

Seus lábios tremeram. Os olhos tinham uma nova intensidade, como se ele estivesse tentando decifrar uma charada.

Os pedaços de macaron foram passados pela mesa e até oferecidos ao Corvo, sentado imóvel no busto, mas ele estufou as penas e virou a cabeça. Catherine e Jest receberam os dois últimos pedaços, deixando um amontoado de migalhas de merengue de amêndoas e creme no prato.

Hatta se levantou e tirou o chapéu.

– Um brinde a Lady Pinkerton, a mais bela dama a agraciar nossa mesa.

Palmas ressoaram pela loja, mas morreram quando eles começaram a comer.

Catherine ouviu dedos sendo lambidos e dentes sendo sugados.

Os olhos de Jest pousaram nela de novo, brilhando como velas, um dedo entre os lábios. Ele piscou de surpresa.

Cath sorriu e colocou seu pedaço na língua. O macaron era doce e exuberante e suave, com um leve toque crocante do merengue e um momento floral sutil da água de rosas destilada, tudo derretendo junto em uma porção perfeita.

Ela ouviu ofegos e gemidos, o estalar de papel encerado quando alguém passou o dedo no creme que tinha ficado lá.

Era por isso que ela gostava de fazer doces. Uma boa sobremesa podia fazê-la sentir que tinha criado alegria com as pontas dos dedos. De repente, as pessoas ao redor da mesa não eram mais estranhas. Eram amigas e confidentes, e ela estava compartilhando sua magia com elas.

– Muito bem, Lady Pinkerton – zumbiu a Abelha. Em seguida, deu vários gritos, pulando pela mesa. No caos renovado, o Arganaz despertou e olhou sonolento ao redor. Alguém tinha deixado uma migalha no prato dele, que ele colocou na boca sem hesitação. Ele mastigou e engoliu, sorriu com expressão sonhadora e voltou para a soneca, ainda lambendo os lábios.

Só o Chapeleiro não estava comemorando. Ele inclinou a cadeira para trás e cobriu o rosto com o chapéu.

A exultação de Cath recebeu um golpe repentino. Um toque de rejeição.

Mas então Hatta baixou o chapéu, e ela viu que ele estava sorrindo, e o sorriso dele era aberto, sincero, lindo. Os olhos lilases cintilaram quando a encontraram e se desviaram para Jest.

– Ótimo. Ótimo! – disse ele, levantando a mão em rendição. – Acho que vou deixá-la ficar.

Cath fez uma reverência, ainda nervosa com o sucesso.

– Você é gracioso demais, Hat...

A loja balançou de repente. Ela escorregou e caiu em cima de Jest, cujos braços a envolveram.

Os convidados ofegaram e tentaram recuperar o equilíbrio. Alguma coisa pisou no teto, com arranhões em seguida, como garras tentando se apoiar. A loja balançou de novo, espalhando vários pratos para um lado da mesa, chá e biscoitos virando no chão.

Um grito de partir os tímpanos fez os cabelos da nuca de Cath ficarem em pé.

Jest olhou para cima e chamou a atenção de Cath para o Corvo. O busto de palhaço onde ele estava pousado tinha mudado, o sorriso jovial arqueava para baixo, imitando uma expressão de medo.

O Corvo inclinou a cabeça, como se seus olhos pretos pudessem ver através das vigas do teto, e recitou em cadência sombria:

– É o pesadelo das pintalouvas, o terror das lesmolisas touvas. Embora há muito visto por todos como mito, o Jaguadarte veio visitar nosso pacífico abrigo.

CAPÍTULO 20

JEST SE VIROU PARA HATTA.

– Nós temos que correr para os Cruzamentos. A criatura é grande demais para nos seguir por lá.

Cath olhou para ele boquiaberta, o coração apertado.

– Você quer que a gente saia? – Ela se virou para Hatta, cujo rosto estava tenso, e o maxilar, firme. – Não seria mais prudente ficarmos aqui, esperando o monstro se cansar? Vai acabar se entediando e indo embora se não conseguir nos pegar.

Uma janela nos fundos da loja se estilhaçou. O Porco-Espinho e o Sabujo correram para longe dos cacos.

Dois dedos em garra entraram pela janela destruída. O restante dos estilhaços de vidro raspou a pele com escamas enquanto os dedos se balançavam e procuravam uma forma de entrar, tirando sangue cor de carvão dos ferimentos.

Cath tremeu e se encostou nos braços de Jest.

– Não consegue pegar a gente aqui... consegue?

– Essas paredes não passam de madeira e pregos, Lady Pinkerton – disse Hatta, a voz baixa. – O Jaguadarte pode não passar pela porta, mas sem dúvida pode abrir uma nova.

A boca de Cath ficou seca.

A garra desapareceu na janela. A loja balançou e tremeu de novo enquanto o monstro andava para o outro lado do telhado. Procurando. Por uma abertura na

cortina, Cath viu uma cauda deslizante passar.

O medo se apoderou dela, envolvendo seus membros em pedra.

Ela ia morrer. Ali, entre estranhos, no meio da noite. Seria banquete do Jaguadarte, e seus pais e Mary Ann nunca saberiam o que tinha acontecido com ela.

Um sopro repentino pela chaminé apagou o fogo que estava ardendo na lareira de canto. O ar se encheu do cheiro de fumaça e brasas.

Hatta, o único ainda sentado, se levantou da mesa, e as pernas da imitação de trono arranharam o piso. Ele pegou a bengala e enfiou o chapéu na cabeça antes de observar os convidados. Sua atenção pousou em Jest.

– Pense nisso como estar em casa, amigo – disse ele. – Haigha e eu vamos sair primeiro para distrair o inimigo com um alvo claro. Você e Corvo nos guiam pelos lados. Protejam os outros enquanto estiverem correndo para os Cruzamentos. – Seu olhar se desviou para Cath, e ele pareceu brevemente achar algo divertido na situação. – Como sempre, temos que proteger a Rainha.

Jest fez uma careta e seus dedos afundaram nos braços dela.

Uma voz grave ribombou pela mesa:

– Eu vou na retaguarda.

Cath se virou para o Leão, que estava majestoso e imponente na luz fraca das velas, a juba laranja como uma auréola, embora a expressão fosse diminuída pelo chapéu de carrossel enfiado na cabeça. A cauda balançou no momento em que olhou as outras criaturas, todas menores do que ele.

– Eu não vou entrar nos Cruzamentos até estarmos todos em segurança.

Hatta tirou o chapéu para ele.

– Você é um soldado corajoso.

Acima, o Jaguadarte gritou novamente. O grito foi seguido do som de madeira se fragmentando e de unhas estalando. As paredes tremeram.

– Todo mundo em posição! – gritou Hatta. – Se preparem para correr para a entrada dos Cruzamentos! Temos que nos deslocar juntos!

Jest recuou, segurando os ombros de Cath. A testa dele estava repuxada com medo e desculpas, mas ela o impediu antes que ele pudesse falar.

– Foi escolha minha vir – sussurrou ela. – Você não tinha como saber que isso aconteceria.

Um músculo tremeu no maxilar dele.

– Vou levar você para casa em segurança.

Ela assentiu, e apesar do medo correndo pelas veias, confiava nele.

– O impossível é sua especialidade.

O olhar ficou menos tenso, mas não encobriu a consternação.

– É mesmo.

– Estamos prontos? – perguntou Hatta. Ele tinha ido para perto da porta, pronto para abri-la de novo. Haigha parou diante dele, as orelhas grandes tremendo.

Cath olhou ao redor. A velha senhora tinha subido nas costas do Sabujo, portando as agulhas de tricô como adagas. O Esquilo segurava o aquário, com os dois Peixes-Dourados escondidos embaixo de um açucareiro que caíra lá dentro. A Jiboia estava com o Arganaz adormecido aninhado na boca. O Papagaio e a Cacatua estavam prontos para levantar voo; o Camaleão mudou de cor para ficar igual à grama e às flores da campina lá fora; a Abelha estava com o ferrão à mostra; o Porco-Espinho tinha inflado os espinhos afiados; e a Tartaruga tinha enfiado a cabeça no casco.

A imagem de todos, que estavam tão alegres e despreocupados minutos antes, encheu Cath de medo.

– Corra rápido – sussurrou Jest ao ouvido dela. – Siga direto para os Cruzamentos e tente ficar no meio do grupo, se puder. Vai ser mais seguro.

– Por quê? – disse ela. – Minha vida não tem mais valor do que a dos outros.

Os olhos de Jest ficaram mais sérios, e ela achou que ele refutaria, mas ele pareceu reconsiderar. Finalmente, disse:

– Vá logo e não olhe para trás. Vou estar em seguida com você.

Cath engoliu em seco e assentiu.

As mãos dele se afastaram dos ombros dela. O Corvo voou até eles e se empoleirou no ombro de Jest.

Juntos, as penas pretas como tinta do pássaro e a roupa preta de Jest, eles pareciam sombras que ganharam vida.

– No três – disse Hatta.

Mais arranhões no telhado. Outro grito do monstro lá fora.

– Um.

Jest empurrou Cath para a frente, fazendo-a ficar no meio dos outros. Embora as pernas estivessem tremendo, ela as mandou serem fortes enquanto se colocava entre o Porco-Espinho e o Sabujo. A senhora grisalha olhou para eles e deu um aceno que talvez fosse para ser reconfortante, mas para Cath pareceu um olhar trocado entre soldados sendo enviados para o campo de batalha.

– Dois.

Uma coisa estalou, parecia madeira se partindo: o telhado sendo arrancado da estrutura.

Na parte de trás do grupo, o Leão rosnou:

– Três!

Hatta abriu a porta, e ele e Haigha saíram correndo, pulando os degraus de madeira. Os pés bateram na grama lá fora, e eles seguiram em direções opostas, Haigha correndo a toda para os Cruzamentos, as pernas traseiras poderosas o impulsionando rapidamente pela campina, enquanto Hatta corria para a árvore mais próxima. Ele apoiou o chapéu na ponta da bengala e a esticou para cima.

A loja explodiu em caos. Os animais saíram correndo pela porta em um grupo unido. Cath puxou a saia e mal percebeu que já começara a correr até sentir o chão macio embaixo dos pés. À frente, ela via Haigha acenando da vegetação, chamando-os para a entrada dos Cruzamentos.

Um berro sacudiu a campina, seguido da batida de asas trovejantes. Cath imaginou o Jaguadarte se jogando do telhado da loja itinerante e mergulhando para cima deles do céu, mas não ousou olhar para trás.

O grito do monstro foi recebido pelo grasnido de um corvo, não, dois corvos, e um rugido vibrante e retumbante do Leão, e Hatta gritou uma coisa que ela não conseguiu entender.

Cath já estava sem fôlego, suas pernas tremiam tanto que ela achou que fraquejariam antes de ela chegar na floresta. Mas não fraquejaram. Ela correu pela trilha apenas alguns passos atrás do Sabujo e se sentiu imediatamente segura embaixo das copas das árvores.

Haigha estava ao lado de um tronco, ajudando-os a passarem pela entrada dos Cruzamentos. Mas a porta era estreita, e depois da corrida para sair da loja, um gargalo se formou e eles pararam.

O Esquilo e os Peixes-Dourados desapareceram nas sombras. A Jiboia deslizou pela passagem. O Sabujo pulou pelo umbral, carregando sua companheira para um lugar seguro.

Um choramingo fez Cath olhar para trás.

A Tartaruga estava paralisada, não exatamente no final da clareira, e tinha recolhido todos os membros para dentro do casco. Ela conseguia ouvir seu choro ecoando de dentro.

Uma sombra surgiu acima dele, e a grama se inclinou com as batidas das asas do monstro.

Cath se encolheu na vegetação, o coração disparado, e ousou olhar para o monstro que já tinha assombrado seus pesadelos. Garras longas como facas de açougueiro. Pescoço escorregadio e retorcido. Brasas ardendo nos olhos. A criatura era feita de sombras escuras e fogo e músculos presos embaixo de uma pele rígida e escamosa.

Dois pássaros voavam em torno da cabeça dele, tentando distraí-lo das criaturas embaixo. Mergulhavam, enfiando as garras e escapando do alcance dele.

O Corvo... e Jest.

Hatta estava no lado extremo da clareira, o chapéu ainda na bengala e os olhos arregalados. A distração que ele oferecera primeiro, fosse qual fosse, estava esquecida agora.

– Levante! – gritou o Leão, batendo no casco da Tartaruga com a pata. – Você está quase lá. Precisa ir em frente!

– Eu... sou... lento... demais – choramingou a Tartaruga. – Nunca... vou ch-chegar!

– Você tem que tentar! – disse o Leão.

– Milady!

Cath olhou para trás. Haigha estava acenando para ela da porta, os olhos vermelhos arregalados de pavor. Todo mundo já tinha passado.

– Venha agora, rápido!

Ela engoliu em seco.

Acima, o Jaguadarte berrou. O som foi faminto. O som foi *voraz*.

O monstro desceu e se empoleirou novamente na loja, que oscilou nas rodas bambas. Mesmo na escuridão, Cath conseguia ver a destruição causada no telhado.

Uma coisa escorregou por cima dos seus olhos, e Cath empurrou para trás. Tinha se esquecido do chapéu de chef, o que tinha escolhido na parede de Hatta. Um chapéu para tomar decisões nada convencionais.

Ela respirou fundo e observou a área. Pegou uma vara comprida.

– Milady! – gritou Haigha de novo, mas Cath o ignorou quando saiu correndo da vegetação na direção do Leão e da Tartaruga.

O Jaguadarte gritou, e Cath soube que o monstro a tinha visto correndo pela campina.

– Não! – gritou Hatta. – Aqui!

Um pássaro grasniu.

Os olhos do Leão se arregalaram em pânico quando Cath se posicionou atrás da Tartaruga. Ela enfiou a vara embaixo do casco e a empurrou com força.

A Tartaruga deu um gritinho de dor e corcoveou para a frente, tentando se apoiar no chão.

– Vamos, vamos, vamos! – gritou Cath, cutucando-o de novo e de novo, fazendo-o seguir com um coro de choramingos e gritinhos. Ele chegou ao caminho. As patinhas se apoiaram na grama.

– Lady! – gritou Haigha.

O grito do Jaguadarte perfurou seus tímpanos. Com o coração na garganta, Cath se virou, segurou a vara como uma espada bem a tempo de ver a sombra do monstro acima dela.

Todos os membros se contraíram, e ela conseguiu ver o pescoço esticado e as presas à mostra e a língua se esticando para ela...

Uma mancha laranja surgiu na visão dela, misturada com um rugido feroz e o relincho de cavalinhos. O Leão se jogou na frente de Catherine, uma pata enorme levantada como se fosse bater no Jaguadarte para o céu.

O monstro gritou e jogou a cabeça para trás, mudando de posição para esticar as garras enormes para eles.

Cath ouviu o momento do impacto. Carne e osso e chão macio e um grito de dor e asas batendo e um berro triunfante... e o Jaguadarte saiu voando

novamente. A presa nas garras, o tufo da cauda do Leão pendurado no ar logo atrás.

CAPÍTULO 21

CATH AINDA ESTAVA OLHANDO PARA O JAGUADARTE, a vara nas mãos trêmulas, quando uma sombra de penas e guizos caiu do céu. Jest segurou os ombros dela. As luvas carregavam a memória de penas macias antes de voltarem a ser couro.

– Você está bem? – perguntou ele, sem ar.

– N-não – gaguejou ela. Os olhos estavam grudados no horizonte e na memória do corpo do Leão, pura graça e músculos, tão rapidamente levado. Tão facilmente derrotado.

Hatta também estava ali, no canto da visão dela.

– Venham – ordenou ele, empurrando os dois para a floresta. – Vamos para um lugar seguro, para o caso de o monstro voltar.

– O Leão... – A voz de Cath falhou com um soluço.

– Eu sei – disse Hatta. – Eu vi.

Hatta a levou, passando por Haigha, cujos olhos estavam brilhando de lágrimas. Ela ouviu as asas do Corvo batendo atrás deles. Viu o casco da Tartaruga depois da porta dos Cruzamentos. Os outros estavam esperando por eles do outro lado, amontoados no piso preto e branco. Os olhos assustados começaram a se virar quando eles perceberam que um do grupo tinha sido perdido.

Os Cruzamentos pareceram silenciosos demais, comuns demais, seguros demais depois dos horrores da clareira.

– Ele se foi – gaguejou Cath. – Ele... ele me salvou.

– Ele era um rei entre os animais – disse Jest. Parecia um memorial.

– Ele era mesmo – disse Hatta. – Alguns podem chamar isso de xeque-mate.



CATH NÃO RECLAMOU quando Jest ofereceu de levá-la para casa. Embora houvesse um sentimento de proteção nos Cruzamentos, com as portas diferentes entre si e acessos a todos os cantos do reino, assim que eles pisaram nas margens do Riacho Chiador Cath sentiu o mesmo terror tomar conta dela.



COPAS NÃO ERA SEGURO. O Jaguadarte era real e estava aqui, e eles não estavam em segurança.

– Milady – disse Jest, a voz pesada. Eles mal se falaram depois que os outros convidados se espalharam e seguiram para suas próprias casas. Até o Corvo pareceu feliz de abandoná-los e sair voando para um canto desconhecido de Copas. – Sinto tanto, tanto. Coloquei você em perigo. Eu...

– Você não teve controle sobre o Jaguadarte. – Ela parou e se virou para olhar para ele. O riacho gorgolejava atrás. – Teve?

As mãos deles estavam entrelaçadas, ficaram assim durante toda a caminhada, mas não parecia tão romântico como quando eles saíram da casa dela mais cedo naquela noite. Na verdade, havia uma necessidade pulsando pelas pontas dos dedos dela. De toque. De segurança. Ela se sentia segura com ele ao lado, procedendo ou não.

– Se não fosse eu – disse Jest –, você estaria segura na sua cama e não teria testemunhado uma coisa tão horrível.

Ela olhou para os dedos deles. Os dela, tão pálidos no couro preto da luva dele.

– Talvez amanhã, quando meus sentidos não estiverem confusos, eu sinta que a noite toda foi um erro. Mas não sinto isso agora. – Ela respirou fundo e

levantou o olhar novamente. – Apesar do monstro, eu gostei do meu primeiro chá de verdade.

Um vestígio de sorriso tremeu nos cantos dos lábios de Jest.

– E eu gostei de levar você. Apesar do monstro.

– Então não vamos terminar nossa noite falando de coisas terríveis – disse ela, e embora houvesse um toque de culpa nas palavras dela (como ela podia esquecer o que tinha acontecido com o corajoso e galante Leão?), era gostoso pensar de novo na música e nos chapéus e no chá que aconteceu antes.

– Como quiser, milady – disse Jest, e também pareceu disposto a pensar em coisas mais agradáveis. Ele a puxou pela margem do riacho. – Eu não tive oportunidade de elogiar sua apresentação. Os macarons estavam deliciosos, como você falou.

Ela apertou os lábios para conter um sorriso de orgulho e deu de ombros.

– Ora, obrigada, senhor Coringa.

– Onde você aprendeu a cozinhar?

Ela pensou na pergunta. Fazer doces era parte de sua vida havia tanto tempo que era difícil lembrar uma época em que ela não gostasse de enfiar os dedos em uma tigela de massa de bolo ou em massa quente crescendo.

– Nossa cozinheira começou a me ensinar quando eu era pequena, mas eu aprendi mais sozinha, usando os livros de receitas que encontrava e fazendo experiências a partir disso. Gosto da ideia de pegar ingredientes que são sem graça sozinhos, farinha seca, claras de ovo oleosas e chocolate amargo, e fazer uma coisa irresistível com eles. Pode ser loucura, mas às vezes parece que os ingredientes estão falando comigo. – Ela ficou vermelha. – O que deve ser bobagem.

– Eu gosto de bobagens. O que mais você sabe fazer?

– Quase qualquer coisa, se eu já tiver visto a receita. Tortas. Tarteletes. Biscoitos. Até bolos de sementes. Você acha que o sr. Corvo gostaria de um assim? Reparei que ele não pareceu tentado pelos macarons... – Ela hesitou e lançou um olhar desconfiado para Jest com o canto do olho. – Ou *você* gostaria de um bolo de sementes? Ainda não tenho certeza se você é mais homem ou pássaro.

Jest riu.

– Infelizmente, se o Corvo experimentasse seus bolos de sementes e descobrisse que gosta, isso poderia estragar a capacidade impecável dele de ficar pensativo. – Uma das pontas dos dedos dele roçou nas costas da mão de Cath. – Quanto a mim, se os macarons servem como referência, acredito que vou gostar de qualquer coisa que você faz.

Ela arriscou um olhar tímido para ele. Jest retribuiu o olhar antes de continuar:

– O Rei mencionou umas tortas que você levou para o baile. Não dei atenção na hora, achei que tinha sido a cozinheira dele que preparou, mas agora... Entendo por que ele está tão encantando. Você não é apenas muito talentosa, mas... Sabe, você fica ainda mais bonita quando fala sobre seus doces. Você sabe que é boa, e saber disso ilumina você.

As defesas de Cath tremeram, e ela teve que afastar o olhar, lisonjeada e corada e...

Infeliz novamente.

Não tinha pensado no Rei a noite toda, com Jest e a festa e... e o que tinha acontecido depois.

Mas ele não era mais somente o Rei. Ele era seu pretendente.

Agora que a noite estava acabando, que não estava mais cheia de potencial e impossibilidades, as decisões dela pareciam insuportavelmente tolas. O que ela poderia estar pensando ao sair por aí com o bobo da corte? Seus pais ficariam envergonhados se descobrissem. Sua reputação estaria destruída.

– É só um hobby bobo – murmurou ela quando eles entraram no caminho que levava ao Recanto da Pedra da Tartaruga. Seus saltos estalavam nas pedras, e ela tentou andar na ponta dos pés. Jest, por outro lado, andava como neve caindo. – Mas é bom ser boa em alguma coisa. Não é o que meus pais queriam que eu fosse boa, mas é alguma coisa. – Ela suspirou. – Já você parece ser bom em tudo.

– Nem tudo – disse ele. – Você acreditaria que eu nunca segurei um batedor de ovos?

– Escandaloso!

Ele sorriu para Cath, e ela ficou surpresa com o quanto queria contar para ele sobre a confeitaria que ela e Mary Ann iam abrir. O desejo de incluí-lo na fantasia foi rápido e fervente, talvez até de dizer que ela tinha começado a sonhar com

ele sendo parte de tudo. Mas ela e Mary Ann não tinham contado os planos para ninguém além do Duque, o que foi necessário, e contar para Jest parecia uma traição de sua amizade mais antiga. Foi apenas isso que conteve sua língua.

– Não precisa me acompanhar até a casa – disse ela, percebendo que seus pés estavam mais arrastados a cada passo.

– Besteira. Depois da noite que tivemos, eu não poderia abandoná-la até você estar em segurança na porta. Ou janela.

Catherine não estava disposta a discutir. Eles atravessaram o gramado, macio e úmido do orvalho. Orvalho matinal? A noite toda passou voando, mas parecia que ela tinha acabado de sair.

Seu olhar acompanhou os galhos do limoeiro até a janela do quarto. O vidro estava preto como piche. O fogo da lareira tinha se apagado horas antes.

– Agora você vai fazer aquelas asas crescerem e vai voar até lá comigo?

– Infelizmente, minhas asas só vêm em um tamanho, e elas não ajudariam nessa circunstância. – Ele firmou o maxilar, os olhos amarelos tomados de incerteza. – Você perguntou se sou homem ou pássaro, Lady Pinkerton, mas eu não sou nem uma coisa nem outra. – Ele respirou fundo e olhou diretamente para ela. – Eu sou uma Torre, e Corvo também.

Ela inclinou a cabeça.

– Torre não é um imóvel?

– Em Copas, talvez. – Os dedos dele apertaram os dela. – Mas em Xadrez nós somos protetores da Rainha Branca.

Ela sustentou o olhar dele, tentando entender as palavras, sem saber se era outra charada.

– Xadrez?

Ele virou a cabeça no que poderia ser um aceno de concordância.

– Eu e Corvo somos de lá.

– *Xadrez*. – A palavra mal passou de um sussurro agora, falada com surpresa. Xadrez. A Terra dos Reinos Vermelho e Branco.

Ela não conhecia ninguém de Xadrez. Havia boatos de que dava para viajar entre as duas terras, mas havia um labirinto onde ninguém sabia chegar e uma porta que diziam ser guardada pelo próprio Destino.

Mas esses boatos podiam ser contos de fadas, pelo que ela sabia.

– Se você é protetor da Rainha Branca – disse ela –, o que está fazendo aqui?

– É... complicado. – Ele parecia estar lutando com uma explicação. – A Rainha nos mandou aqui em uma espécie de missão. Uma missão que poderia determinar o destino de Xadrez. Que poderia acabar com a guerra entre ela e a Rainha Vermelha, uma guerra tão antiga quanto o Tempo.

Cath ficou olhando para ele, se perguntando se poderia ter havido uma época em que ela olhou para aquele homem e só viu um bobo da corte, só brincadeiras e magia.

Ele era de Xadrez.

Estava em uma missão que podia acabar com uma guerra.

Era protetor de uma rainha.

Seu coração deu um nó repentino, e ela ficou surpresa com o quanto doeu.

– E quanto tempo você vai ficar em Copas? – perguntou ela, sem se importar com a dor inesperada que demonstrava na pergunta.

Os olhos de Jest se arregalaram de surpresa e se suavizaram. Ele colocou a mão livre nos dedos entrelaçados, envolvendo completamente os dela.

– Não sei. Quando nossa missão estiver completa... pode ser que eu tenha um motivo para voltar e ficar.

– Será... – A voz dela falhou, e ela precisou limpar a garganta para continuar. – Será que sua rainha não vai precisar de você?

– Ela indicou Torres substitutas na nossa ausência. – O olhar dele se deslocou para um ponto acima do ombro de Cath e ele franziu a testa. – São homenzinhos bizarros os irmãos Tweedle. Sempre brigando por uma coisa boba, mas... acho que eles se encaixam bem no papel. Talvez ela não precise mais de mim, nem de Corvo. – Ele olhou para ela e disse com mais hesitação: – Se eu tivesse motivo para ficar, claro.

– Naturalmente. – Os lábios dela tinham secado, e ela os lambeu instintivamente.

Jest inspirou e soltou a mão dela, dando meio passo para trás. E massageou a nuca.

– Peço desculpas, Lady Pinkerton. Já prendi você demais.

– Não, eu... – Ela juntou as mãos na barriga, se perguntando como seus dedos ficaram frios tão rápido. – Obrigada por me contar sua história. Prometo que seu

segredo estará seguro comigo. – Ela hesitou. – Ou pelo menos eu acho que é segredo. O Rei sabe?

– Ninguém sabe. Só você e o Corvo, claro, e Hatta e Haigha.

Ela arregalou os olhos.

– Eles também são de Xadrez?

Jest se balançou nos calcanhares.

– Mais ou menos, mas os segredos são deles e não posso contar.

Ela assentiu com compreensão, embora a curiosidade a consumisse por dentro.

– De qualquer modo, como meu trabalho é ser protetor, ele não vai acabar até você retornar ao seu quarto. – Jest tirou o chapéu com três pontas e colocou na cabeça dela. – Segure isso, por favor.

– Eu devia saber que o chapéu teria um papel.

– Na verdade, só atrapalha. Além do mais, eu estava certo. Fica mesmo melhor em você. – Esticando a mão para cima, Jest se segurou em um galho baixo e subiu na árvore. Catherine recuou para olhar as sombras. Ele era agradável de olhar, tão ágil e rápido.

Agachado em um galho baixo, ele esticou a mão para ela.

– Agora me dê a sua mão.

Ela acompanhou com os olhos a árvore até sua janela, apreensiva.

– Sua magia acabou?

– Algumas coisas, como subir em árvores, são feitas melhor sem magia. Sua mão, milady.

Ela torceu a boca para o lado.

– Você não entende. Eu não sou... como você.

A mão dele começou a balançar.

– Como eu?

– Gracioso. Forte.

A expressão de Jest se aqueceu.

– Você ficaria surpreso com a frequência com que sou comparada a uma morsa, na verdade. E morsas não sobem em árvores.

Com isso, o sorriso dele sumiu. Ele hesitou, momentaneamente sem palavras, antes de puxar a mão.

– De todas as besteiras que ouvi hoje, essa foi a pior de todas. Mas fique à vontade. – Ele montou no galho, as botas se balançando no ar. – Pode usar a porta, se preferir. Vou ficar esperando aqui.

Cath apertou o chapéu na cabeça e observou os galhos novamente. Considerou a proposta dele e já conseguia ouvir o guincho alto da porta da frente que ela ouviu a vida toda.

Bufando, ela esticou os braços para ele.

O sorriso dele voltou, e ele se moveu para ficar em posição melhor.

Um brilho de pânico surgiu na mente de Cath quando ele segurou os punhos dela (e se ela fosse pesada demais para ele a levantar?), mas momentos depois Jest a estava puxando sem dificuldade aparente. Ele esperou até ter certeza de que ela estava equilibrada e com uma das mãos em volta de um galho para soltá-la.

A subida foi mais fácil do que ela esperava, embora Jest estivesse fazendo a maior parte do trabalho. Ele a orientou sobre onde botar as mãos, em quais galhos se apoiar, qual era a melhor forma de apoiar o peso. Foi como ser criança de novo, subindo nas árvores, fingindo que tinha nascido em uma família de chimpanzés. Ela teve que segurar uma gargalhada para não acordar ninguém em casa.

A janela do quarto ainda estava aberta. Jest entrou antes de se virar para ajudá-la a pular o vão. Era a parte mais ousada, confiar que suas pernas podiam cobrir a distância, e ela teve que prender a respiração até as pontas dos dedos estarem no parapeito e as mãos de Jest em sua cintura, a puxando.

Catherine ofegou e caiu em cima dele, os guizos do chapéu tilintando. Os braços de Jest a envolveram e ele virou, segurando-a antes da queda. Cath se viu caída nos braços dele, os dedos afundando em seus ombros, um pé ainda no parapeito e o outro roçando no tapete. Seus batimentos dançavam entre eles, e uma gargalhada de embriaguez ameaçou invadir o silêncio gelado da madrugada.

Jest sorria, e embora estivesse escuro demais para ver a cor dos olhos dele, ela conseguia visualizar o tom exato.

Engolindo em seco, ela tirou o chapéu e o devolveu à cabeça de Jest.

– Obrigada – murmurou ela, torcendo para ele saber que não era só por ajudá-la a subir a árvore e passar pela janela. Torcendo para ele saber que era por tudo. A emoção, as gargalhadas, os segredos que ele contou. A noite podia ter tido momentos de pânico e terror, mas também foi uma noite inteira em que ela não precisou ser a filha de um marquês.

Ele não a colocou no chão. Não a soltou.

– Quando vou ver você de novo? – sussurrou ele.

Um formigamento surgiu na barriga dela.

Ele queria vê-la de novo.

Uma felicidade seguiu até as pontas dos seus membros.

Ela podia ser o motivo para ele ficar em Copas. *Queria* ser.

Mas, com esse pensamento, uma dor profunda pela situação dela voltou com tudo.

Em Copas, ele não era uma Torre. Era um bobo da corte, e ela estava sendo cortejada pelo Rei.

Cath firmou os dois pés no chão e se soltou dos braços dele. Ele não tentou impedi-la, talvez a maior decepção de todas.

Ela se apoiou na moldura coberta de rosas da cama, as pernas ainda trêmulas.

– Nós não podemos – disse ela, mas logo consertou: – Eu não posso.

As covinhas dele sumiram.

Ela tentou de novo:

– Esta noite foi... – *Magnífica. Maravilhosa. Mágica.*

Mas também horrível e perigosa.

– Esta noite não pode se repetir.

O meio-sorriso dele aumentou, mais sardônico desta vez.

– Eu sei. O Tempo é assim mesmo.

Ela balançou a cabeça.

– Me desculpe. É melhor você ir. – Ela estava dolorosamente ciente de como suas vozes podiam se espalhar com facilidade pelas paredes. Em pouco tempo, Mary Ann voltaria para acender a lareira e encher a bacia. Jest tinha que ir embora e não podia voltar para sua janela nunca mais, e ela não podia admitir para ninguém que aquela noite tinha acontecido.

Ela foi a um chá de verdade. Fez amigos que não eram nobres. Quase não escapou da morte e viu o pobre Leão ser levado para a noite.

Mas nunca poderia falar dessas coisas. Ela também tinha um segredo a guardar agora.

– Será que vou vê-la no Festival dos Dias da Tartaruga? – disse Jest. – Ou em outro chá de Sua Majestade.

O tom dele foi leve, mas pareceu forçado. Agarrando-se ao otimismo.

Cath deu de ombros, ficando mais tensa a cada momento.

– Eu vou estar no festival. É o festival da minha família, afinal.

Surpreso, Jest olhou ao redor, observando os moldes elaborados de coroa e os candelabros de prata e as cortinas da cama com tapeçaria.

– Isso mesmo – murmurou ele. – Você é a filha do Marquês.

Como se ele tivesse esquecido.

– É tradição eu começar as danças. Vou dançar a quadrilha da lagosta. Eu imagino... imagino que eu vá dançar com o Rei. – Ela esticou a língua de desprazer.

A expressão de Jest se animou.

– Assim como imagino que eu vá me apresentar para ele.

Ele esticou a língua para imitá-la.

Uma gargalhada roncada constrangedora escapou dela sem querer, e Catherine escondeu o rosto nas mãos.

– E se... – começou Jest.

Ela baixou as mãos. Ele tinha dado um passo mais para perto.

– Você dança sua quadrilha da lagosta, eu faço malabarismo com alguns mariscos, e nós dois fingimos estar escondidos em uma caverna marinha secreta, onde não temos que pensar em cortejos e nem missões reais e nem mais nada além de nós dois.

– Parece ótimo – disse ela, lutando para lembrar por que era má ideia. Tudo nele era má ideia, mas...

– Então vou ver você no festival?

Ela começou a balançar a cabeça, para ser firme na postura de que, o que quer que *aquilo* fosse, não podia passar daquela noite, daquela madrugada, daquele momento.

– Jest...

Ele levantou as sobrancelhas e pareceu satisfeito com a intimidade do uso do nome dele. Nada de senhor.

– É melhor você ir – gaguejou ela.

Como se os tivesse conjurado, passos soaram em frente à porta.

Cath se virou. A maçaneta girou.

Houve um baque suave atrás dela e o estalo de folhas.

Ela olhou para trás, e Jest tinha sumido.

CAPÍTULO 22

A PORTA SE ABRIU e Mary Ann apareceu, o uniforme de empregada delineado contra a luz do corredor junto com uma cesta cheia de lenha e fósforos compridos de lareira.

A criada deu dois passos para dentro, indo para a lareira com o andar silencioso de criada, até ver Catherine de pé à luz da janela aberta.

Mary Ann gritou.

A cesta caiu no chão e virou com uma barulheira, os fósforos se espalhando pelo tapete.

– Está tudo bem! Sou só eu! – Catherine se aproximou, balançando os braços.

Mary Ann colocou a mão na boca e cambaleou até a porta.

– Cath! Meu Deus! O que você... céus, meus ossos pularam para fora da pele! Achei que você era o Jaguadarte subindo pela janela!

Cath tremeu quando as lembranças do monstro voltaram com tudo. Ela tentou afastá-las.

– Eu pareço um monstro? – Correndo por ela, Cath olhou para o corredor e, ao ver que não havia sido dado nenhum alarme no quarto dos pais, fechou a porta.

– O que você estava fazendo perto da janela? – perguntou Mary Ann, a voz tremendo. – Está gelado aqui. Você vai pegar alguma coisa mortal! E... o que está usando? Está vestida?

– Shh, Mary Ann. Você vai acordar a casa inteira, se ainda não acordou.

Mary Ann se abaixou e começou a recolher o conteúdo da cesta que caiu, enquanto Cath voltava até a mesa de cabeceira e acendia um lampião a óleo.

Mesmo depois de ajeitar a cesta, Mary Ann ficou de joelhos, com a mão no peito. Cath se sentiu mal por tê-la assustado, mas também feliz de não ter sido Abigail.

– O que você está fazendo fora da cama a essa hora? – Mary Ann finalmente perguntou, a histeria sumindo da voz.

– Eu estava... eu achei que tivesse ouvido alguma coisa. Lá fora.

Mary Ann arregalou os olhos de novo. Levantou-se e foi até a janela.

– E você age como se eu fosse uma criança assustada. Pode mesmo ter sido o Jaguadarte, sabe. – Ela colocou a cabeça para fora e observou as árvores cheias de sombras. – Ou talvez um bandido guaxinim, coisinhas sorrateiras.

– Pode ser – murmurou Catherine, se perguntando se Jest ainda estava lá fora, se esgueirando.

Mary Ann fechou a janela, se virou e olhou para o vestido de Catherine. Era o mesmo que ela usou na festa do Rei no jardim no dia anterior, mas a barra estava agora manchada de chá e molhada de orvalho, e seus joelhos estavam sujos de lama de quando ela andou pela vegetação para salvar a Tartaruga. Ao olhar para baixo, Cath reparou que uma folha brilhante estava presa no punho de renda da manga. Ela a puxou. Mordeu o lábio. Olhou para Mary Ann de novo.

– Você ouviu alguma coisa? – disse Mary Ann, desconfiada de repente. – Talvez você estivesse tendo outro sonho.

– Será?

Mary Ann cruzou os braços.

Começando a tremer, Cath abraçou a si mesma com força.

– Está bem frio mesmo aqui...

Houve mais um momento longo e constrangedor, até Mary Ann se empertigar e andar com lentidão agonizante até a lareira. Seu olhar desconfiado permaneceu em Cath o tempo todo.

Cath engoliu em seco.

– Obrigada, Mary Ann.

Ela mexeu nas rosas enquanto ouvia Mary Ann remover a grade da lareira e ajeitar a lenha. Em minutos, um fogo ardia alto.

Cath viu a rosa de cabo longo que Jest deixou no parapeito da janela dela, agora esquecida no chão. As pétalas já estavam murchando. Ela se perguntou se Mary Ann também tinha reparado e se tinha descartado como outro fragmento de um dos sonhos de Cath.

Mordendo o lábio, ela olhou para a querida amiga. O brilho laranja-dourado do fogo se refletia no rosto de Mary Ann. O maxilar estava em posição de irritação, e Cath sentiu uma pontada de culpa.

Ela foi até a lareira e se ajoelhou ao lado de Mary Ann.

– Eu menti – disse ela.

Mary Ann apertou os lábios enquanto usava o atiçador e uma pinça de ferro forjado para mexer a madeira pelas chamas.

– Eu não ouvi nada lá fora. Não ia investigar nenhum mistério. – Ela respirou fundo lentamente, o ar cheio do aroma de madeira e fumaça, e deixou a lembrança viajar de volta ao começo.

Uma alegria intensa surgiu na boca do estômago dela e subiu até o peito, até explodir em um sorriso na boca. Ela passou os braços em volta do corpo, tentando conter a euforia que ameaçava explodir dela.

Mary Ann a estava observando agora, a irritação substituída por confusão.

– Cath?

– Ah, Mary Ann – sussurrou ela, com medo de que falar fosse acordar e descobrir que era tudo outro sonho. – Eu tive uma noite e tanto. Nem sei por onde começar.

– Pelo começo seria o recomendável.

Catherine olhou para trás, além das cortinas e das paredes e dos Cruzamentos, para uma lojinha de chapéus cheia de delírio e músicas... e também uma clareira onde pesadelos ganharam vida.

Ela balançou a cabeça. Não queria assustar Mary Ann com toda a verdade. Contaria só as coisas alegres para que ela não se preocupasse.

– Eu fui convidada para um chá. – Ela sentiu como se estivesse segurando uma bolha de sabão nas palmas das mãos, com medo de dizer demais, rápido demais, e acabar estourando.

– Um chá? Com... o Rei? – arriscou Mary Ann.

Catherine grunhiu.

– Não. Minha nossa, não. Eu não quero pensar no Rei.

– Então quem?

– Com o bobo da corte. – Ela encolheu os ombros, protegendo o coração. – Eu fui a um chá com o Coringa.

O silêncio que veio em seguida foi pontuado pelo estalar de madeira e uma torre de lenha desabando na lareira, gerando um rodopio de fagulhas pelo duto da chaminé. Catherine ficou encurvada, se preparando para qualquer reação que Mary Ann pudesse ter: descrença ou decepção ou uma repreensão furiosa.

– O Coringa?

– O nome dele é Jest.

– Você quer dizer... Eu não... Você foi sozinha?

Cath riu de novo e se sentou, sorrindo para Mary Ann por um longo momento, antes de voltar para o chão. Ela abriu os braços no tapete e tirou os sapatos, para que os dedos dos pés pudessem apreciar o calor da lareira. Acompanhou as sombras no teto e se perguntou quando foi a última vez que ela se deitou no chão. Não era adequado. Jovens damas não faziam isso.

Mas esse ponto de vista parecia certo para recontar sua história.

Ela contou tudo para Mary Ann... pelo menos, tudo que ousou. Que desmaiou no jardim. Que jogou croquet. Sobre a rosa e o Corvo que rima e a chapelaria maravilhosa. Sobre o Chapeleiro e seus convidados. Jest e os sonhos e os olhos amarelo-limão.

Ela não contou sobre o Jaguadarte e o corajoso Leão.

Não contou que Jest era Torre da Rainha Branca, nem que estava em uma missão secreta que poderia acabar com uma guerra, nem que ela torcia para talvez ser o motivo para ele voltar para Copas quando tudo estivesse resolvido.

Quando terminou, parecia que seu coração estava maior do que o corpo. Estava do tamanho da casa agora. Do tamanho do reino inteiro.

Mas Mary Ann não estava compartilhando seu sorriso. Estava fazendo uma grade no chão com os fósforos, a testa franzida.

Com essa expressão, toda a felicidade de Cath começou a desmoronar. Ela conhecia aquela expressão. Podia apostar que era a mesma que fez para Jest quando ele estava naquele mesmo quarto e perguntou se a veria no Festival dos Dias da Tartaruga.

Por mais espetacular que a noite tivesse sido, não podia acontecer de novo.

Catherine se apoiou nos cotovelos.

– Eu sei o que você está pensando e você está certa. O Rei pediu para me cortejar e eu aceitei. Eu estaria destruída se alguém soubesse sobre esta noite e eu... Não vai acontecer de novo. Eu não sou boba. Ou... vou parar de ser boba. Esta noite. Agora.

– Não era isso que eu estava pensando – disse Mary Ann. – Mas você está certa. Isso poderia causar um escândalo enorme, um constrangimento não só para você, mas para o Marquês e a casa toda.

Cath afastou o rosto.

– Mas o que eu estava mesmo pensando era que você fala sobre ele como... como fala sobre um delicioso pedaço de bolo de chocolate.

Uma gargalhada roncada escapou pela boca de Cath antes que ela pudesse se controlar.

– Ele não é um pedaço de bolo!

– Não, mas consigo ver que você já está esperando com expectativa a hora que vai vê-lo de novo, e está vermelha e sorrindo da mesma forma que faz quando está perfeitamente satisfeita. E... sua mãe proibiria as duas coisas.

Cath engoliu em seco, o ânimo desmoronando.

– É uma pena você não sentir isso pelo Rei.

– Eu não consigo.

– Eu sei.

Cath suspirou.

– Não vai importar. Não posso fazer nada enquanto esse cortejo não for resolvido. – Ela balançou a cabeça. – E nada mudou. Foi só uma noite, uma noite divertida. Eu queria saber como era ser... outra pessoa, só uma vez. – Ela esticou a mão, segurou a de Mary Ann e a puxou para se deitar no tapete ao seu lado. Mesmo depois de tantos anos, ficava surpresa ao sentir os calos nas mãos da amiga. – O mais importante é que todos que estavam lá hoje vão ser clientes ávidos da nossa confeitaria. Eles amaram os macarons, cada um dos convidados. É nisso que preciso me concentrar agora, e é coisa suficiente em que pensar sem reis e bobos e chás atrapalhando.

Sua declaração foi seguida de um silêncio tenso, até Mary Ann virar a cabeça e dar um aperto de mão delicado na de Cath.

– Pode ser verdade que você não pode ser confeiteira e dama ou confeiteira e rainha... mas não existe regra que diga que você não pode ser confeiteira e esposa. Se você gosta mesmo do Coringa, talvez não seja tão impossível, afinal. – Ela franziu a testa. – Isto é... se ele ainda quisesse você se você, não fosse mais herdeira do Recanto da Pedra da Tartaruga.

– Que vergonha, Mary Ann! Você está dizendo que o interesse dele pode estar mais no meu dote e no meu título, quando eu sou tão encantadora? – Cath falou como piada, mas também houve uma pontada de ingenuidade no fundo dos pensamentos. Como não tinha ocorrido a ela que a riqueza da família podia mesmo ser a motivação dele?

Não, ela não acreditava. Ele parecia gostar dela. Gostar de verdade e com sinceridade. Ele até deu a entender que ela podia ser motivo suficiente para ele ficar em Copas... mas ele também sabia que ela estava sendo cortejada por Sua Majestade. Ele sabia que havia gente que acreditava que ela seria a próxima Rainha de Copas.

E mesmo assim ele ousou pedir para vê-la de novo.

Ele a queria ou queria alguma coisa dela?

Ela balançou a cabeça e afastou os pensamentos. Jest compartilhou um segredo grande com ela. Que motivo ela tinha para duvidar dele?

– Eu quero dizer – consertou Mary Ann – que eu não o conheço. E, apesar de você ter ido passear com ele de boa vontade à noite, não estou convencida de que o conheça.

Cath cantarolou, pensando no sonho. O sorriso com covinhas, recuando cada vez mais. O vazio no peito. Suas mãos se esticando na direção dele, tentando pegar de volta o que ele roubou, mas ele já estava fora do seu alcance.

– Você está certa – disse ela. – Acho que não o conheço muito bem mesmo.

Um Coringa. Uma Torre. Um mistério.

Talvez ela não o conhecesse, mas estava mais segura do que nunca de que queria desesperadamente conhecê-lo.

CAPÍTULO 23

Os dias que vieram depois estavam entre os mais tortuosos que Cath já tinha vivido.

Virou hábito espiar a janela em busca de rosas brancas e observar os galhos das árvores atrás de corvos pretos, mas não houve sinal de Jest e nem do companheiro dele. Jest não tentou roubá-la para outro encontro noturno. Nem apareceu em sua porta pedindo para falar com seu pai, explicando por que devia ter permissão de cortejá-la.

E isso era uma coisa boa, ao menos pelo ponto de vista prático. Mas ela não conseguia impedir as fantasias com ele fazendo exatamente isso, e seu pai milagrosa e impossivelmente concordando.

O cortejo do Rei, por outro lado, começou de verdade, e queria dizer uma chateação constante da sua mãe. Por que Sua Majestade não convidou Catherine para outra reunião? Por que Catherine não estava fazendo mais para aparecer no caminho dele? Quando ele ia fazer o pedido? Que flores elas deviam escolher para o buquê de noiva? E assim por diante.

– Mais uma entrega para Lady Catherine – disse o sr. Pinguim. O mordomo ficou pequeno ao lado do enorme arranjo de flores, só os pés com membranas e a ponta da casaca aparecendo embaixo.

Cath suspirou e afastou o livro que estava lendo. Uma semana antes, ela teria olhado as flores com esperança: seriam de Jest? Estaria ele pensando nela tanto quanto ela pensava nele?

Mas os presentes nunca eram de Jest, e uma olhada no buquê de rosas, cravos e dálias vermelhas confirmou que era outro presente do seu pretendente.

O cortejo até ali não estava sendo exigente, embora mais porque Cath o estava evitando. Ela recusou uma série de convites para caminhadas supervisionadas pelos jardins do palácio, idas à ópera e convites para chás. Até onde o Rei sabia, ela estava sofrendo de uma dor de cabeça de uma semana de duração, e estava torcendo para ele logo a achar doente demais para ir em frente.

Seu cortejador (como sua mãe o chamava) compensou a falta de contato com um fluxo constante de presentes. Cada um enchia Catherine de medo, por saber que o Rei não poderia ter disposto sua generosidade a alguém menos agradecido. Sua mãe, por outro lado, ficava exultante a cada entrega.

Ela recebeu bolos, tortas e doces dos chefs confeiteiros do palácio e fez o melhor para não ser crítica demais com eles... nas raras ocasiões em que sua mãe a deixava experimentar as sobremesas. Recebeu brincos de diamantes, broches de rubis e pingentes de ouro, todos decorados com os corações que eram a marca registrada da coroa, como se as intenções do Rei já não estivessem óbvias o suficiente. Recebeu luvas de seda delicadas e caixas de música e até uma mecha cacheada de cabelo branco amarrada com uma fita de veludo vermelho. Esse presente impressionante chegou com um poema:

Rosas são vermelhas, violetas são azuis,
Eu cortaria até o bigode por você!

Ela decorou a estrofe curta contra a vontade, e as palavras a nausearam em ocasiões múltiplas.

Pior de tudo eram os presentes embaixo dos quais ela visualizava o envolvimento de Jest. O ocasional poema que aquecia sua alma. As cartas que a tocavam em um nível mais profundo. As palavras que ela conseguia imaginar murmuradas na voz de Jest, talvez até escritas por ele... mas sempre no final assinadas pelo Rei.

Ela sabia que o Rei procurava os conselhos de Jest para o cortejo, e cada cartão era uma agulha em seu coração. Ela se viu examinando cada palavra,

imaginando Jest as trabalhando na mente, e fingiu que cada palavra era dele, de coração.

Uma realidade dolorosa e agridoce. Jest a estava encantando, mas só em nome do Rei.

– Nossa casa está começando a ficar com cheiro de floricultura – murmurou ela, tirando o cartão de linho do buquê mais recente.

– Gostaria que eu colocasse com os outros, Lady Catherine?

– Por favor. Obrigada, sr. Pinguim. – O mordomo saiu, levando o arranjo de flores para a sala de sua mãe, onde a única pessoa que apreciava o buquê podia admirá-lo.

Quebrando o lacre de cera, Cath desdobrou a carta. Ela sempre esperava que, a cada nova entrega, essa seria a carta em que o Rei pediria desculpas e confessaria que o cortejo não estava atendendo às expectativas e que ele era obrigado a encerrar o acordo deles.

Ela não devia ter se permitido tanto otimismo.

Pelo menos não era uma das cartas que a faziam tremer, subindo do papel na voz de Jest. Aquela era toda de Sua Majestade.

Para minha mais querida e amada Doçura,

Seus olhos são como maçãs verdes maduras polvilhadas com canela. Sua pele cintila como cobertura de creme de manteiga. Seus lábios são uma framboesa madura. Seu cabelo é chocolate amargo derretido na ponte levadiça do castelo em um dia muito quente. Você tem cheiro melhor do que um pão fresco de manhã. Você é mais bonita do que um bolo de aniversário. Você é mais doce do que ~~mel de baunilha~~ baunilha e mel misturados. Com açúcar em cima.

Ardentemente seu, com toda minha admiração mais melada e grudenta,

A assinatura e o pós-escrito do Rei estavam com letra diferente. Era assim na maioria dos cartões que ele mandava. Ela visualizou Jest, pena na mão, enquanto o Rei ditava a carta. Com uma careta pelo texto exagerado, mordendo a língua educadamente.

(Não que haja outros reis por aqui. Principalmente reis que chamam você de Doçura. Pelo menos eu espero!)
(Hihihi!)
P.S.: Posso ganhar mais tortas?

Com ânsia de vômito, Cath caiu no divã e enfiou a carta nas páginas do livro, torcendo para ficar esquecida lá para sempre, quando um segundo bilhete caiu das dobras do envelope. Era um pedaço de pergaminho branco impresso com um coração vermelho. Lembrou-a dos confetes que ela pegou no salão de baile, o que pareceu ter sido séculos antes.

Seu coração pulou quando ela o virou. O bilhete estava escrito com a mesma caligrafia floreada da carta do Rei.

Cara Lady Pinkerton,

Não culpe Sua Majestade pelas boas intenções, mas só pela incapacidade de colocar seu sentimento em palavras. É certo que seu charme transformaria até o mais articulado dos homens em tolos balbuciantes. Imploro para que você pense com carinho em nossas terríveis tentativas de lisonjear alguém cujas qualidades só poderiam ser citadas na poesia das ondas do oceano e na música de trovões distantes.

Seu mais humilde Coringa

P.S.: Posso ganhar mais macarons?

Cath riu, as bochechas se aquecendo. Ela guardou o bilhete no envelope e fechou o livro, escondendo as duas cartas nas páginas.

– Você não vai responder a seu soberano?

Ela levou um susto, mas era só Cheshire deitado no parapeito da janela acima. Ela soltou o ar lentamente.

– Você sempre precisa ser sorrateiro assim comigo?

– Não se iluda, Lady Catherine. Eu sou sorrateiro assim com todo mundo. – Levantando uma das pernas de trás, Cheshire começou a se limpar com um jeito nada apropriado de gato.

Catherine revirou os olhos e se acomodou no divã novamente, virando as páginas do livro para tentar achar onde tinha parado.

– Não. Eu não pretendo responder à carta do meu soberano. Estou tentando não encorajar as atenções dele o máximo que puder.

– E isso se mostrou uma técnica eficiente?

– Não muito, mas estou determinada.

– Parece que ele também. O que você está lendo? – O sorriso exuberante apareceu acima do joelho de Catherine, e o rabo listrado se moveu, erguendo o livro para ele poder ver a capa. Ela rosnou para ele, mas ele fingiu não reparar. – *Viagens de "Guliber"?* Nunca ouvi falar.

Cath fechou o livro e o gato mal teve tempo de puxar o rabo.

– Você veio por algum motivo, Cheshire?

– Ah, sim. Eu gostaria de uma xícara de chá. Gosto com muito creme e sem chá. Obrigado.

Com outro suspiro, Cath colocou o livro na mesa e foi para a cozinha. Cheshire estava lá esperando quando ela chegou e começou a ronronar quando ela tirou uma garrafa de chantili do refrigerador.

– Como está indo o cortejo real?

– É só isso que acontece. Ele me manda presentes, eu dou para a minha mãe.

– Que romântico. – Cheshire levantou o pires com as duas patas e virou o chantili em um gole só.

Catherine se apoiou na bancada e esperou que Cheshire acabasse de lamber os lábios.

– Eu não tenho necessidade de romance – disse ela antes de acrescentar rapidamente: – pelo menos não do Rei.

– Sim, eu ouvi que você talvez tenha outras perspectivas, embora não esperaria que *você* ficasse encantada assim.

Ela enrijeceu.

– O que você quer dizer?

– Eu tomei um pote de leite delicioso com Haigha ontem. Ele é uma Lebre, e é louco como o mês de março, mas se lembrou de uma linda garota presente no chá mais recente do Chapeleiro, uma convidada de ninguém menos do que o bobo da corte. Você acredita que ela levou os mais deliciosos macarons que ele já comeu? Agora me diga: a quem ele poderia estar se referindo?

Por um momento, Cath pensou em negar tudo, mas Cheshire também não era do tipo para quem valia a pena negar as coisas. Por mais fofoqueiro que fosse, ele também era dedicado a obter fontes de confiança para sua máquina de boatos.

– Você não vai contar para ninguém, vai?

Cheshire enfiou a pata entre os dentes da frente, como se com medo de estar com chantili preso ali.

– Para quem eu contaria?

– Para todo mundo. Você contaria para todo mundo, mas estou pedindo para não contar. Por favor, Cheshire. Meus pais...

– Ficariam arrasados, e o Rei também. O Coringa provavelmente perderia o emprego, e a sua reputação, junto com qualquer esperança de um casamento adequado, estaria destruída.

– Não ligo para a minha reputação, mas não quero magoar meus pais, o Rei e nem... Jest.

– Você devia se importar com a sua reputação. Você sabe como as pessoas são. Por mais que suas sobremesas sejam deliciosas, nenhum dos nossos lordes e damas se dignaria a comprar em uma confeitaria de uma mulher de reputação suja.

Ela se encolheu.

– Cheshire. Por favor.

– Não me olhe com essa cara de cachorrinho. Você sabe que desprezo cachorrinhos. Não vou contar para ninguém, mas não posso fazer promessas em nome dos outros convidados. Eu só vim ter certeza de que você tinha escapado ilesa.

Ela tremeu.

– Haigha deve ter contado sobre o Jaguadarte, então.

– Sim, minha querida. E sobre o corajoso sacrifício do Leão, o mais nobre dos felinos.

Cath fechou os olhos pela tristeza que sentia cada vez que se lembrava dos momentos finais do Leão. Seu rugido desafiador. O corpo dourado entre o dela e o do monstro.

– O Jaguadarte precisa ser impedido – disse ela. – Primeiro os cortesãos, agora isso. O Rei deve estar fazendo alguma coisa, não?

– Ah, sim, o Rei anda muito ocupado ultimamente. Escrevendo cartas de amor e tal.

Ela soltou um ruído frustrado.

– Esses ataques não vão parar sozinhos. Não tem nada que possamos fazer?

– Não quero saber desse *nós* implícito, mas vou aconselhar *você* a evitar passeios de madrugada. Embora a perda do Leão seja trágica, eu não o conhecia pessoalmente. Já você, Lady Catherine, pode ser que acabe me fazendo falta.

– Que fofo, Cheshire. Eu prometo tomar mais cuidado. Nada de chás. – Ela engoliu em seco. – E nada de bobos. Pelo menos até eu ter tomado uma decisão com o Rei.

Cheshire a observou com os olhos fendidos e dentes demais.

– O quê?

– Você está mesmo apaixonada por ele, não está?

– Tenho certeza de que não sei o que você quer dizer. Já estou sendo cortejada, sabe.

– Mas é o Rei que você quer que a corteje?

– O que eu quero não parece importar. – Ela guardou o chantili no refrigerador. – Nem quem eu quero que me corteje, nem o que quero para o meu futuro.

– Você tem a oportunidade de ser rainha, Catherine. O que mais há?

– Ah, Cheshire, não você também. Eu não quero ser Rainha de Copas. Não entendo como sou a única que não vê graça nisso.

– Mas, se você fosse a Rainha, talvez pudesse fazer o bolo e também comê-lo.

– Qual seria o sentido de fazer um bolo se não puder comer?

– Só estou dizendo que você poderia ser até esposa do Rei, mas quem disse que também não poderia ter um relacionamento clandestino com o Coringa?

O queixo dela caiu, e ela disparou pela cozinha em um piscar de olhos.

– Seu felino horrível! Como você ousa sugerir uma coisa assim! – Ela bateu no gato, mas ele desapareceu, e a mão dela só encontrou ar. Seu rosto estava vermelho como um morango quando ela se virou e viu Cheshire flutuando acima do armário de panelas.

– Calma, querida, foi só uma sugestão. – Ele pontuou a declaração com um bocejo.

– Foi uma sugestão grosseira, e não vou tolerar outro insulto assim. – Ela apoiou as mãos fechadas nos quadris. – Se eu for ser esposa, serei fiel. – Ela virou o olhar para o teto. – E você me entende totalmente errado, Cheshire. Minha oposição ao Rei não é só porque eu... porque talvez esteja... como você diz, um pouco atraída pelo Coringa...

– Obviamente.

– Imploro para que você não repita isso. – Ela fez cara feia. – Minha oposição é porque rainhas não abrem confeitarias. E é isso que eu quero, o que você sabe que eu sempre desejei.

– Ah, sim, a famosa confeitaria, a mais maravilhosa confeitaria de toda Copas. – Os bigodes de Cheshire tremeram. – Aquela que, se eu não estiver enganado, não está mais próxima da realidade agora do que quando você começou a falar sobre ela, quantos anos atrás?

Ela trincou o maxilar.

– Está mais perto da realidade. Nós estamos mais perto diariamente.

– O Marquês deu a bênção dele, então?

Ela se virou de costas, o rubor ainda ardendo nas bochechas, e carregou o pires vazio de Cheshire até a pilha de pratos que ficou do café da manhã.

– Ele vai dar – insistiu ela, de costas para o gato – quando eu pedir.

– Continue repetindo isso. Pode ser que você passe a acreditar.

Franzindo a testa, ela secou as mãos em um pano de prato.

– Aliás, tenho outra novidade que achei que interessaria a você e àquela sua empregada.

Ela se virou para Cheshire de novo. Ele tinha começado a sumir, deixando a cabeça volumosa flutuando acima das panelas. Um momento depois, uma pata desconectada apareceu na frente do rosto de Cath com uma garra afiada atravessando um pedaço de pergaminho amassado. Um pôster.

Ela arrancou o papel da garra dele e o esticou na mesa. Ela fungou.

– Acredite ou não, Cheshire, eu já sabia do Festival dos Dias da Tartaruga.

– Mas você viu a agenda de eventos?

Ela observou a lista, desde a temida quadrilha da lagosta a um torneio de *battledore* e uma corrida de oito pernas e...

Ela ofegou.

– Um concurso de doces?

– O primeiro anual. – A pata de Cheshire sumiu novamente para se reconectar com o resto do corpo invisível, Cath supôs. – Por favor, me diga que você vai fazer uma torta de atum para o concurso. *Por favor, por favor, por favor.*

– Você sabe quais são os prêmios?

– O primeiro lugar ganha uma medalha de fita azul.

– Só isso?

– *Só?* Medalhas de fita são lindas, sabe. Não tão legais quanto um rolo de lã, mas não é algo a se esnobar.

Ela mordeu o lábio inferior.

– Ah, acho que tinha alguma coisa sobre uma bolsa. Vinte moedas de ouro, se eu não estiver enganado.

– Vinte! – O coração dela acelerou.

Com vinte moedas de ouro na mão, ela não teria que vender seu dote. Não precisaria de empréstimo e nem permissão dos pais...

Só o reconhecimento já valeria a pena. Uma medalha de fita azul pendurada na vitrine da confeitaria, junto com uma placa:

GRANDE VENCEDORA
DO PRIMEIRO CONCURSO ANUAL
DE
DOCES DOS DIAS DA TARTARUGA

– Eu estou arrasado de não ter sido convidado para ser juiz.

– Talvez se você não ficasse pedindo torta de atum. – Ela dobrou o pôster e guardou em um bolso do vestido. – O que será que vou fazer? Talvez uma torta de maçã ou um pavê de frutas silvestres ou... Ah! Já sei. Vou fazer alguma coisa

com abóbora. Está tão na moda agora, e estamos na estação certa. – Ela bateu com o dedo no lábio. – Quem são os juízes?

– Preciso pensar. Acho que Jack é um.

– Ugh, não o Valete. Ele me odeia.

Cheshire arregalou os olhos.

– Tem certeza?

– É o que ele me diz todas as vezes que me vê.

O gato fez um ruído vago na garganta, e Cath se perguntou como ele conseguiu se não tinha garganta no momento.

– Se você diz. Também vão avaliar os doces o Duque de Tuskany e aquele sapateiro, o sr. Lagarta.

– Aquele velho mal-humorado? É incrível ele sentir algum gosto, fumando aquele narguilé o tempo todo.

– Pois então. Quem mais? Ah, um representante das tartarugas, claro. Um amigo de Haigha e do Grifo. Você talvez o tenha conhecido na festa.

– Conheci. Uma tartaruga jovem e doce. Gostei bastante dele, e ele gostou dos meus macarons.

– E o último juiz, por sorte grande, já é um grande fã seu.

– Hã?

– Na verdade, ele talvez seja seu maior fã. Bem... talvez seja seu menor fã, mas não vamos usar isso contra a capacidade superior de avaliação dele.

O entusiasmo dela começou a murchar.

– Não.

– Sim.

Cath desanimou. Claro que seria o Rei. Claro que seria a única pessoa que ela estava determinada a evitar.

CAPÍTULO 24

— EU NÃO QUERO ESTAR AQUI — sussurrou Mary Ann quando o lacaio as ajudou a descer da carruagem.

Cath olhou para o alto do portão preto à frente, cheio de barras curvas e finais denteados. Havia abóboras esculpidas em formato de caras empilhadas em cima do portão, os rostos grotescamente entalhados olhando para a rua, com filetes de polpa grudados nas barras embaixo.

Do lado oposto do portão, hectares de lama escura tinham pontos com vinhas e folhas e cabaças. A maioria era de um tom laranja-dourado, mas outras eram brancas fantasmagóricas ou verde-amareladas ou pontilhadas de escarlate. Havia abóboras tão pequenas quanto as orelhas de Catherine e algumas do tamanho da carruagem. Havia abóboras lisas e outras cheias de nódulos, abóboras gordas e estreitas, algumas eram afundadas e pareciam baleias encalhadas na lama. A névoa da floresta próxima tinha se espalhado, cobrindo o chão de cinza. Embora Catherine estivesse usando seu xale mais pesado, ela estava gelada até os ossos enquanto olhava para a plantação escura.

— Eu mesma estou começando a ter dúvidas — confessou ela.

— Vamos embora — sugeriu Mary Ann, se agarrando às dúvidas de Catherine com entusiasmo renovado. — Vamos conseguir abóboras no mercado, como todo mundo. O custo provavelmente vai ser melhor. Ou, melhor ainda, não vamos fazer sobremesa de abóbora. Por que não alguma coisa de pêssego? Todo mundo gosta de pêssego.

– Está na época de abóboras agora, e sobremesas da estação são sempre melhores. E dizem que as abóboras de Sir Peter são as mais doces do reino.

– Tudo bem, mas... por que não groselha? Também está na época. Ou maçã? Você faz um ótimo crumble de maçã...

Catherine mordeu o lábio inferior.

– Eu faço mesmo um ótimo crumble de maçã – concordou ela. Suspirou. Balançou a cabeça. – Nós estamos sendo bobas. Estamos aqui, e eu já escolhi uma receita, então podemos resolver logo isso. Ele é fazendeiro, não é? Vai ficar feliz de fazer negócio.

– Tem certeza? Não é muito receptivo aqui. – Mary Ann olhou para as abóboras enfiadas nas grades. – Na verdade, ele precisa de um conselheiro comercial.

– Pena que você não tem disponibilidade. Venha, vamos entrar e sair com o bater das asas de um beija-flor. – Cath chegou mais perto do portão. Dava para ver um pequeno chalé situado ao norte da plantação, com um filete de fumaça saindo da chaminé e luz de fogo tremeluzindo nas janelas. – Eles parecem estar em casa.

O portão gemeu relutante nas dobradiças quando ela o abriu.

– Ah, tudo bem – murmurou Mary Ann. – Espere um momento enquanto pego minha touca. – Ela voltou correndo até a carruagem.

Juntando as mãos, Catherine pisou no caminho que contornava a plantação de abóbora. Inspirou o aroma de terra remexida e coisas crescendo, mas por baixo do frescor também havia algo semelhante a mofo e podridão. Ela fez uma careta. Era impossível imaginar uma coisa agradável saindo daquela terra, mas os boatos sobre as famosas abóboras de Peter eram inconfundíveis.

Um bom doce começava com ingredientes excepcionais. E ela precisava ganhar aquele concurso.

– Tenho a sensação de que estamos invadindo – disse Mary Ann, fechando o portão ao passar.

Cath se virou, prestes a concordar, mas parou. Ela nunca tinha visto a touquinha de Mary Ann. Era simples e linda, feita de musselina tingida de azul, combinando com os olhos dela. Estava amarrada com uma fita amarela da cor de girassóis.

– Essa touca é nova.

– É, eu comprei ontem. Na Chapelaria Maravilhosa do Hatta. – Mary Ann amarrou as fitas em um laço.

Cath arregalou os olhos.

– Não acredito! – disse ela, tentando imaginar Mary Ann olhando a loja onde ela tomou chá, subiu na mesa e fugiu de um ataque de monstro.

– O quê? – disse Mary Ann, sorrindo com atrevimento. – Eu tive que ir lá ver depois que você me contou sobre o chá. Além do mais, o segredo não é seu. A maior fofoca da cidade é sobre a nova e extraordinária loja de chapéus. Aquele é um homem que sabe vender para seus clientes. O que você achou?

– É... linda – respondeu Cath. – Você fica linda com ela.

Mary Ann deu de ombros com modéstia.

– Não é a peça mais elaborada das que estavam expostas, mas assim que a vi, achei que era a certa. Usá-la me faz sentir quase... – Ela hesitou um momento. Um longo momento.

– O quê? – perguntou Cath.

Mary Ann afastou o olhar.

– Excêntrica – murmurou ela.

Catherine demorou um momento para perceber que a amiga estava vermelha.

Mary Ann nunca ficava vermelha.

– Excêntrica – repetiu Cath.

– É bobeira. Eu sei. Mas você sempre está sonhando com rosas e limoeiros, e o Marquês tem tanta imaginação quando o assunto são as histórias que ele conta, e até Cheshire é apaixonado por atum e chantili. Para mim, a vida é só números e lógica. Lucro e perda. O que é prático e o que é seguro. Eu achei que podia ser bom me permitir sonhar. Ao menos uma vez. – Ela mexeu em uma fita amarela. – Com esse chapéu, parece possível. Ora – seus olhos se iluminaram –, hoje de manhã, eu tive uma fantasia de que equilibrei sozinha o orçamento do Tesouro real, e toda Copas me viu como heroína.

Cath balançou a cabeça, perplexa.

– Algum vilão tinha desequilibrado o orçamento?

– Vamos deixar isso pra lá. A parte de eu ser heroína é que foi importante. Em toda a minha vida, eu nunca sonhei que pudesse ser qualquer coisa diferente de criada, só a velha eu de sempre.

– Ah, Mary Ann. – Cath a puxou em um abraço. – Eu não sabia que você se sentia assim. Eu compartilharia todos os meus sonhos com você, se pudesse.

– Eu sei, Cath. E você compartilha. Você compartilha o sonho mais importante comigo... o nosso sonho.

Cath sorriu.

– Sim, e isso é o começo dele. Essas abóboras, esse concurso de doces e essas vinte coroas de ouro. Claro que vou precisar de minha sócia brilhante para me dizer o que fazer com as coroas quando as ganharmos. Sem dúvida eu tomaria decisões horríveis se ficasse sozinha.

– Tomaria mesmo – disse Mary Ann, sem pedir desculpas. – Mas não tema. A touquinha não parece afetar minha cabeça na parte de matemática básica.

– Que bom. Então vamos procurar as melhores abóboras dessa plantação, certo?

Elas seguiram até o chalé, as botas mergulhando na lama até os tornozelos. À direita, elas passaram por uma cerquinha de madeira, ou o que já tinha sido uma cerquinha de madeira, embora agora parecesse mais uma série de tábuas irregulares e meio podres com tinta rachada e descascando. Cercava uma plantação menor, afastada da propriedade principal, com sinais de destruição recente e ainda com cheiro de fumaça. Plantas queimadas estavam empilhadas, cotocos pretos que talvez já tivessem sido abóboras, tinta com bolhas onde as chamas tocaram as tábuas da cerca. Aquele canto da plantação parecia abandonado.

O caminho de terra virou cascalho e ervas daninhas quando elas se aproximaram do chalé. Seus passos soaram alto no silêncio sinistro.

Cath abriu um sorriso simpático e bateu na porta. Elas esperaram, os ombros próximos para obter calor no corpo da outra, mas o único ruído lá dentro era o estalar de uma lareira solitária. Catherine bateu de novo, com mais força, mas só houve mais silêncio.

Depois da terceira batida, ela começou a se perguntar se Peter Peter e sua esposa não estavam em casa, afinal. Ela deu um passo para trás e observou as

janelas, mas estavam cobertas de trepadeiras de abóbora.

– Acho que eles não estão em casa – disse Mary Ann, relaxando de alívio.

Catherine olhou para a plantação. As abóboras pareciam bibelôs desaparecendo na neblina. Ela teve vontade de pegar algumas e fugir.

– Está ouvindo? – perguntou Mary Ann.

Catherine inclinou a cabeça e prestou atenção. Havia um barulho baixo, ela achava que de serrar, como o ruído de dentes cortando madeira de um lado para o outro.

– Vamos lá ver. – Ela se afastou da porta do chalé.

– Nós temos mesmo que ir? – resmungou Mary Ann, mas seguiu Cath mesmo assim, por um emaranhado de trepadeiras que tinham crescido da plantação e ocupado parte do caminho lamacento.

Ao chegar aos fundos do chalé, Cath viu dois lampiões tremeluzindo nos galhos da floresta densa, delineando as cascas de duas abóboras enormes.

Eram as maiores abóboras que ela já tinha visto. Os cabos cortados eram da largura de troncos de árvore, e a carne laranja era da mesma altura do teto do chalé. A abóbora mais distante dela até foi entalhada para parecer uma espécie de construção, com janelinhas quadradas cortadas na carne e um cano de ferro que podia ser uma chaminé saindo do teto.

Peter Peter estava em uma escada bamba apoiada na segunda abóbora, empurrando uma serra para a frente e para trás pela casca. Estava usando um macacão imundo e suava muito, cada músculo contraído enquanto ele empurrava a serra para dentro e para fora, para dentro e para fora. Líquido laranja aguado escorria do corte e pingava pela lateral da abóbora.

Com medo de dar um susto nele, Catherine e Mary Ann esperaram até ele terminar o corte. Ele pendurou a serra em um gancho na escada, empurrou a casca da abóbora e forçou um pedaço alto e fino de polpa para dentro da abóbora. Deixou uma janela um pouco mais larga do que a mão de Catherine. Dentro, ela conseguia ver os fiapos e sementes pendurados no teto. O cheiro de abóbora recém-cortada chegou a elas.

Cobrindo a boca, Catherine tossiu.

Peter se virou tão rápido que quase escorregou da escada, mas se segurou em uma trepadeira baixa ao lado da abóbora.

– O que vocês estão fazendo aqui?! – gritou ele.

– Bom dia, Sir Peter – disse Catherine, fazendo uma reverência. – Lamentamos incomodar você, mas eu tinha esperança de poder comprar algumas das suas famosas abóboras. Vou participar do concurso de doces no Festival dos Dias da Tartaruga amanhã e estou decidida a fazer bolo de abóbora com especiarias.

Peter olhou de cara feia para as duas, e Cath teve a terrível visão dele serrando as duas em pedaços.

Ela tremeu. Mary Ann olhou para o lado, para ela, e Catherine aumentou o sorriso para esconder os pensamentos horríveis que tinha na cabeça.

Peter pegou a serra e desceu tão rápido para o chão que Catherine ficou surpresa de a escada não ter caído na lama. O olhar dele foi de uma para a outra com intensidade incômoda, uma loucura mal contida. Catherine e Mary Ann deram passos assustados para trás.

– Eu não convidei vocês para virem aqui! Vocês não são bem-vindas, e não vou fazer negócio com vagabundas metidas e condescendentes como vocês, que acham que são melhores do que eu, apesar de eu ter sido nomeado cavaleiro pelo próprio Rei, tanto quanto qualquer outro. Se vocês querem uma abóbora, podem plantar, sujar suas belas mãos para variar.

Com o coração disparado, Catherine cambaleou mais um passo para trás, puxando Mary Ann junto. Seus olhos ficavam se desviando para a serra e os dentes enferrujados.

– Eu... eu imploro – gaguejou Mary Ann, parecendo quase corajosa com o heroísmo recente – que você não fale da m-minha lady dessa...

Catherine apertou o cotovelo de Mary Ann, silenciando-a. Ela pareceu aliviada de ser silenciada.

– Lamento invadir sua privacidade, *senhor*, mas se não fui respeitosa com você é por causa do seu comportamento vergonhoso. – Apesar de estar com as pernas fracas, Catherine se manteve firme, recusando-se a ser intimidada por maus modos. – Eu tive a impressão de que essa plantação de abóboras estava aberta ao comércio, e se você se comportar decentemente, eu gostaria de ser cliente sua.

Peter mostrou os dentes para ela, o que a deixou um tanto intimidada.

– Eu... eu não desejo tomar muito do seu tempo, mas estou disposta a pagar seu preço se você me mostrar onde estão as abóboras. Nós poderíamos colher nossas próprias...

Cath foi interrompida por um baque alto. Ela pulou e olhou além de Peter, para a abóbora já entalhada com janelas finas. O baque foi seguido de som de arranhado, unhas raspando madeira podre. O som a lembrou Cheshire afiando as garras na mobília fina de sua mãe.

Ao seu lado, Mary Ann deu um gritinho.

– O que foi isso? – perguntou Cath.

– O que foi *o quê*? – disse Peter, mas Cath tinha certeza de que ele devia ter ouvido também. A pergunta dele foi seguida de um ronco expirado da casca da abóbora, como um cavalo lutando contra as rédeas.

– Tem alguma coisa...? – Catherine deu um passo na direção da abóbora, mas Peter se posicionou no caminho. Ele era grande e estava imóvel como uma rocha.

– Minhas palavras mal-educadas não foram claras o bastante para seu entendimento refinado? – disse ele. – Acredito que eu tenha dito para vocês saírem das minhas terras.

– Mas...

– Catherine. – Mary Ann puxou o cotovelo dela. – Ele não quer fazer negócio conosco. Vamos.

Cath cerrou os dentes e encarou a cara feia de Peter com outra cara feia, parte dela querendo se soltar de Mary Ann e dar um tapa naquele homem pelo comportamento grosseiro, a outra parte agradecida pela intrusão da criada e por ter um motivo para ir embora.

Ela olhou mais uma vez para a abóbora grande, que estava em silêncio. Deu o menor dos acenos respeitosos.

– Me desculpe pelo incômodo. Mande lembranças a Lady Peter.

– Eu não vou mandar nada – resmungou ele, mas Catherine fingiu não ouvir quando ela e Mary Ann começaram a voltar pelo caminho de cascalho, espalhando pedrinhas e besouros ao passar.

Só quando dobraram a esquina do chalé foi que Mary Ann soltou o ar com tensão. Ela tinha dado vários nós nas fitas amarelas da touca nova.

– Essa é a última vez que eu deixo você me arrastar aqui – disse ela. – A última.

– Isso não vai ser problema. Que homem horrível. E aquele barulho estranho... o que pode ter sido?

– Algum tipo de animal, eu acho – disse Mary Ann, balançando a cabeça. – Com aquelas janelas verticais, a abóbora me lembrou uma jaula. Mas por que alguém deixaria um animalzinho em uma abóbora gigante?

Elas passaram pela cerquinha branca chamuscada, e o olhar de Cath percebeu um ponto laranja no meio da destruição. Ela parou de repente.

Mary Ann se virou.

– O quê?

– Eu acho que vi... – Ela hesitou. – Espere aqui.

A cerca era baixa o bastante para ela conseguir pular levantando a saia.

– Cath! – Mary Ann olhou para o chalé. – O que você está fazendo?

– Um momento. – Ela abriu caminho pela lama mole e cinzas espalhadas, filetes de trepadeiras queimadas. Havia uma pilha de dejetos no canto, caules e plantas em pedaços. Praticamente se desfizeram quando ela os empurrou para o lado, descobrindo a pequena abóbora laranja que chamou sua atenção.

Uma abóbora, com casca brilhante e lisa e nenhum caroço à vista. Era uma sobrevivente linda e impressionante em meio à destruição.

Sorrindo, ela tirou a faca de cozinha da bota (tinha ido preparada para colher, caso Peter se mostrasse um inútil) e cortou o caule verde grosso que prendia a abóbora às outras, destruídas.

Ela aninhou a abóbora suja de terra no vestido e voltou pelas cinzas até a cerca.

– Você está louca? – perguntou Mary Ann. – Ele vai nos matar se reparar que sumiu.

– Ele não vai reparar. Essa plantação foi destruída. Mas, olhe. – Ela ergueu a abóbora na luz fraca que atravessava a neblina. – É perfe... ai! – Uma coisa dura e afiada penetrou a sola fina da bota. – O que foi isso?

Mary Ann se inclinou, se apoiou nos joelhos e pegou uma coisa na lama com um ruído úmido. A coisa em que Cath pisou era pequena o bastante para caber na palma da mão de Mary Ann.

Ela mostrou o objeto.

– Um... pônei?

Cath chegou mais perto, tentando tirar o peso do pé que latejava. Ela arregalou os olhos. O pequeno pônei tinha um alfinete de metal com indícios de tinta dourada por baixo da lama.

– Um pônei de carrossel – murmurou ela, sem conseguir olhar nos olhos de Mary Ann. Porque ela reconheceu o objeto, sem a menor sombra de dúvida.

Era do carrossel do chapéu do Leão, o que ele estava usando na noite do chá do Chapeleiro. O que ele estava usando quando o Jaguadarte o levou no meio da noite.

CAPÍTULO 25

CATHERINE ACORDOU na manhã do festival com massa de bolo seca debaixo das unhas e um respingo de cobertura atrás de uma orelha. Foi bem depois da meia-noite que o bolo de abóbora com especiarias ficou frio o bastante para ser decorado.

Apesar de estar ansiosa para o concurso, Cath não estava com medo. Ela e Mary Ann fizeram um teste com uma abóbora do mercado, e esse primeiro bolo ficou exatamente como ela esperava que ficaria: úmido e saboroso, com toques de noz-moscada e açúcar mascavo misturados com abóbora assada e doce que derretia de forma deliciosa na boca, confeitado de cobertura aveludada e caprichada de cream cheese, e, de impulso, ela cobriu com lascas de coco queimado, acrescentando um toque crocante e doçura adicional.

Ela ficou satisfeita com o teste e, depois de fazer alguns ajustes menores, ficou confiante de que o produto final seria ainda mais extraordinário.

Catherine mal podia esperar para ver a cara dos juízes quando experimentassem. Até a do Rei.

Ela não precisava usar um vestido formal, pois o festival acontecia na praia arenosa e cheia de pedras, e ela provavelmente estaria com frio e molhada no final. Mas como sua família era anfitriã da comemoração anual, ela ainda tinha que usar espartilho e um vestido de lã com saia ampla que a mãe escolheu, verde-esmeralda e com decote maior do que ela gostaria. Ela fez o melhor que pôde para escondê-lo com um xale de renda de crochê que cobria seu pescoço e

ombros, preso com um medalhão de âmbar. Quando Catherine viu seu reflexo, não pôde deixar de pensar em Jest e em como o broche de âmbar era quase da mesma cor dos olhos dele.

O festival já estava acontecendo quando Catherine e seus pais chegaram. A carruagem parou no alto do penhasco branco, com o festival acontecendo no litoral abaixo. Tendas enormes cobriam a praia, as paredes de lona pintadas com diamantes de arlequins, listras e xadrezes, as flâmulas estalando no vento. Dentro das tendas havia cerâmicas e quadros, colares de pérolas e brinquedos de corda, meias de crochê e livros costurados a mão que teriam páginas eternamente onduladas por causa do ar salgado.

Do alto dos penhascos, ela viu um quarteto de belugas ensaiando a capela na praia, uma plateia razoável esperando o começo da primeira corrida de cavalos-marinhos, um polvo pintando eficientemente oito rostos ao mesmo tempo. Havia barracas com a parte favorita de Catherine no festival: a comida. Ela já sentia o cheiro de óleo e alho e fumaça de macieira. Seu estômago roncou. Ela deixou de tomar café da manhã de propósito, na expectativa das guloseimas que mais amava no festival: uma saborosa torta de carne, nozes-pecãs torradas com canela e um pão macio e grudento, do tipo que derretia na língua e cobria os lábios de mel e farofa de nozes.

Era uma descida traiçoeira a dos degraus que levavam à praia, mais ainda com Catherine observando a multidão abaixo, em vez de olhar por onde andava. Seu olhar pulou as lagostas, caranguejos, estrelas-do-mar, morsas, dodôs, flamingos, sapos, salamandras, pombos. Estava vendo só as pessoas. Estava procurando uma túnica preta e um chapéu de três pontas de bobo da corte. Estava tentando ouvir o revelador tilintar de guizos. Estava esperando uma multidão reunida em volta de um artista, hipnotizada e impressionada por um espetáculo de tirar o fôlego.

Mas ela chegou à areia sem ver sinal de Jest. Na verdade, também não viu o Rei. Talvez eles chegassem juntos.

O Marquês e a Marquesa foram cumprimentar os convidados da alta sociedade, deixando Catherine livre para explorar as tendas. Ela comprou a torta de carne primeiro, torcendo para acalmar um pouco seus nervos. Sucesso: assim que quebrou a casca crocante e inspirou a nuvem de vapor temperado, ela se sentiu mais calma. Uma calma eufórica e geradora de água na boca.

Era um dia frio e cinzento na praia, o vento sacudindo o xale dela, mas nenhuma das criaturas de Copas parecia estar qualquer coisa que não fosse feliz. O Marquês estava uma pilha de nervos de medo no dia anterior. O boato se espalhou rápido depois que Catherine contou a Cheshire que encontrou o pônei do chapéu do Leão, e um grupo de busca foi enviado para revirar as áreas ao redor da fazenda em busca de mais sinais do Leão ou do Jaguadarte, mas não encontrou nada. Havia uma teoria de que o Jaguadarte podia estar escondido dentro da Floresta de Nenhum Lugar e que o pônei caiu quando o monstro carregou o Leão por cima da plantação de abóboras.

Com as histórias do Jaguadarte renovadas, a Marquesa ficou com medo de as pessoas ficarem trancadas em casa durante o festival, mas suas preocupações pareceram desnecessárias. A multidão só crescia. Catherine sorriu para rostos familiares, mas sua mente estava distraída, os olhos sempre procurando a pessoa que ela queria ver.

Nenhuma das bijuterias e bibelôs tinha interesse para ela, embora sua bolsa estivesse cheia de moedas que o pai lhe dera de manhã. Até a loja de temperos, com seus aromas exóticos e ingredientes incomuns, não capturou o seu entusiasmo de sempre.

Desejando uma distração, ela seguiu para a tenda maior, onde a competição aconteceria. Mary Ann levou o bolo quando ela e os outros criados foram terminar os preparativos de último minuto, e Catherine não via sua criação desde a noite anterior.

Na tenda maior, as cadeiras estavam vazias, exceto por alguns gansos descansando as asas depois da longa migração para chegar a tempo do festival. Catherine passou pelas fileiras e foi até a vitrine que exibia os concorrentes, e ali, na segunda prateleira, a terceira sobremesa a partir da esquerda era seu bolo de abóbora com especiarias, a cobertura em leque nas laterais e trançada em cima como uma cesta. Uma pequenina abóbora fantasma estava no meio da chuva de coco queimado, ideia de Mary Ann.

Ela observou os concorrentes. A maioria era uma variedade de tortas de frutas, uma torta de chocolate, dois pudins e um pequeno bolo com “me coma” escrito com groselha em cima. Nenhuma era tão bonita quanto a dela, mas isso não queria dizer nada sobre o gosto.

– Acredito em você, bolinho – sussurrou ela para a sua criação. – Acredito que você é o melhor. – Ela hesitou. – Acredito que *nós* somos os melhores.

Sentindo-se mais ansiosa do que reconfortada, ela saiu correndo da tenda. Tinha acabado de passar pela fileira principal de lojas, a vontade de doces desperta e sonhando com as nozes torradas com canela, quando alguém segurou a aba de seu chapeuzinho e tirou de sua cabeça. A fita prendeu em seu queixo e caiu, o chapéu pendurado em suas costas.

Ela se virou na hora em que um outro chapéu, mais pesado, foi colocado em sua cabeça.

Hatta deu um passo para trás e cruzou os braços, olhando não para ela, mas para o chapéu agora em cima da cabeça dela. Ele pareceu refinado demais para o ambiente úmido e sujo, vestindo um terno de corte formal azul-marinho e um colete listrado de laranja e roxo. O cabelo branco aparecia sob uma cartola laranja e roxa combinando. Uma bengala de doce estava pendurada na boca, agora virada para baixo, pensativa.

– Oi de novo – disse Cath.

Ele tirou o chapéu para ela e passou o doce para o outro lado da boca.

– Milady.

Catherine levou a mão à aba larga do chapéu que ele colocou na cabeça dela, mas ele a impediu.

– Hã-hã – disse ele, segurando sua mão e puxando-a pelos degraus. – Tem um espelho aqui.

Ela percebeu com um susto que estava na loja do Chapeleiro, a mesma carroça bamba itinerante que tinha visto na floresta, com a placa escrita à mão em cima da porta: CHAPELARIA MARAVILHOSA DO HATTA. Ela não conseguia imaginar como não tinha visto antes no meio das tendas.

Ela reparou que uma janela ainda estava quebrada do ataque do Jaguadarte, agora coberta com tábuas irregulares e pregos de ferro.

Como antes, a loja era maior por dentro do que por fora, mas agora a mesa comprida e as cadeiras diferentes tinham sumido e sido substituídas por uma variedade de estantes e suportes de chapéu e cabeças de manequim, duas das quais tendo uma discussão sobre colares com camafeu da moda. A coleção de chapéus tinha se multiplicado. Havia cartolas com buracos cortados para orelhas

de coelhos. Havia outros à prova d'água para golfinhos e chapéus de sol para lagartos e chapéus com depósito para bolotas para esquilos. Havia véus feitos de penas de avestruz e toucas modestas incrustadas de pedras e um chapéu com rede que cairia ao redor do corpo da pessoa como uma gaiola enorme.

Além do bizarro e do inesperado, também havia as coisas simples, as coisas lindas. Coronetas delicadas feitas de ouro e pérolas. Chapéus de jardinagem de abas largas cobertos de musgo macio e campânulas tilintantes. Faixas sedosas ornamentadas com teias de aranha tecidas de forma intrincada.

Quando Catherine passou, admirando todos, Hatta esticou a mão para a fita no chapeuzinho dela e o removeu. Ela viu um espelho de piso no canto, brilhando com a luz de um lampião na parede.

Ela atravessou o aposento, parou na frente do espelho e começou a rir.

O Chapeleiro tinha feito para ela uma réplica de um macaron de rosas. Os dois biscoitos de merengue eram feitos de musselina creme pontilhados de brilhos rosa, e o recheio doce foi feito com camadas e mais camadas de renda.

Era ridículo e nada encantador. Cath adorou na mesma hora.

– Céus, Hatta. E eu achando que você não tinha gostado de mim.

– Meus presentes por natureza não correspondem ao meu afeto, milady. – No espelho, ela o viu fazer cara feia. – Vamos dizer que me inspirei na sua performance.

Ela se virou para olhar para ele.

– Então você não gosta de mim?

– Eu gosto bastante de você. – Os olhos roxos brilharam. – Gosto mais quando você está usando um dos meus chapéus. O que você achou?

Ela olhou para seu reflexo e não pôde deixar de rir de novo.

– É diferente de tudo que já usei. – Levantando a mão, ela apalpou o biscoito de baixo e viu que era macio e apertável. – Gostei bastante, na verdade.

– Que bom. É seu.

– Não, não, eu não poderia... – Ela tirou o chapéu da cabeça, surpresa com sua leveza, apesar da aba.

Hatta riu com deboche.

– Eu falei que é seu, então é seu. Você não pode devolver depois que foi dado. Agora coloque de volta, antes que a sua cabeça fique gelada. Odeio ver

cabeças nuas.

– Se você insiste. – Ela resistiu a um sorriso quando botou o chapéu de macaron na cabeça de novo. Lembrando-se das moedas na bolsa, perguntou: – Posso pelo menos pagar por ele?

– Agora você está sendo grosseira. Considere um pedido de desculpas, Lady Pinkerton, pela forma como meu humilde baile terminou de forma tão horrenda. Eu costumo mandar meus convidados para casa sem botar a vida deles em perigo.

– O ataque não foi sua culpa.

Ele sustentou o olhar dela e respondeu:

– Fico feliz de ver que você chegou em casa em segurança, Lady Pinkerton.

– Cheguei sim. Obrigada pelo presente, Hatta. Vai ser apreciado. – Ela olhou para o espelho mais uma vez. Era impossível não sorrir. – Tem muita gente falando das suas criações ultimamente. Parece que você está conquistando uma grande reputação.

– Reputações são instáveis. Lucros não.

Ela deu um sorrisinho.

– É o tipo de coisa que minha criada diria. – Cath se virou para ele. – É um feito impressionante, foi o que eu quis dizer, se tornar tão popular tão rapidamente. Seus chapéus são mesmo maravilhosos.

– Agradeço o elogio. Acredito que Copas ficou sem um chapeleiro decente por muito tempo.

– Talvez você esteja certo. – Cath olhou para os chapéus e enfeites de cabeça nas paredes. Um arco-íris de cores, um caleidoscópio de estilos, uma variedade de texturas. Cada um parecia meio mágico. – Eu me lembro vagamente de um outro bom chapeleiro, anos atrás, quando eu era só uma criança. Minha mãe comprava dele regularmente. Queria saber o que aconteceu com ele.

– Ele ficou louco – disse Hatta sem nem hesitar. – Depois se matou. Com um modelador de aba de chapéu, se minha memória estiver certa.

Ela se virou para olhar para ele, boquiaberta. Hatta a estava observando, mas sua expressão era ilegível.

– Você nunca ouviu a expressão "louco como um chapeleiro"? – perguntou ele. – É uma característica familiar infeliz que é passada há gerações.

Ela repuxou os lábios em um O surpreso, mas não conseguiu elaborar uma pergunta e nem um pedido de desculpas, embora os dois estivessem na ponta da língua.

Finalmente, Hatta a repreendeu:

– Não fique aí com essa expressão trágica, amor. Meu pai e o pai dele e tantos pais no passado que nem daria para contar todos. Cada um foi um ótimo chapeleiro, cada um completamente louco. Mas – sua boca se curvou em um sorriso dissimulado – eu sei de um segredo que eles não sabiam, então talvez ainda haja esperança para mim.

Cath forçou a boca a se fechar. Agora que ele a lembrou da história, ela repassou a história do chapeleiro que se matou tantos anos atrás. Ora, Hatta devia ser menino ainda. Mas, como todas as tragédias de Copas, foi abafada e esquecida, para nunca mais ser mencionada.

A confusão dela aumentou quando pensou na história de Jest. Tinha concluído que Hatta também era de Xadrez, mas como ele podia ser de lá e de Copas ao mesmo tempo?

– Posso saber seu segredo? – perguntou ela.

Ele pareceu perplexo por ela perguntar.

– Você sabia que contar um segredo destrói a confidencialidade dele, não sabe?

– Eu imaginei. – Ela se perguntou se havia mesmo segredo ou se dizer isso era parte da loucura herdada dele.

Ele já estaria louco? Ela não conseguiu deixar de inspecioná-lo, novamente especulativa e curiosa. Ele não parecia louco. Não mais do que qualquer outra pessoa que ela conhecesse. Não mais do que ela mesma.

Eles eram todos *um pouco* loucos, se fosse para ser sincera.

– Bem – disse ela, tentando direcionar os pensamentos para uma conversa mais civilizada. – Fico feliz de ver sua loja de chapéus indo tão bem. Desejo o melhor para você.

– Desejos têm valor, Lady Pinkerton. Você tem minha gratidão. – Ele tirou o chapéu para ela. – Se não for presunção minha, posso sugerir que você use o macaron durante o concurso de doces? Acredito que você esteja participando.

– Ah... na verdade, estou.

– Que bom. – Ele se inclinou para mais perto. – Você já reparou como atração é uma coisa subjetiva, difícil de capturar em enfeites de cabeça, mas que o *carisma* é mais universal? Acho que consegui realizar uma coisa espetacular. Pode-se até dizer que você está irresistível agora, não muito diferente do doce que inspirou o chapéu. – Ele piscou, mas Cath não sabia bem o que a piscadela quis dizer.

– Não sei se tinha reparado nisso – confessou ela.

Ele deu de ombros.

– Outros vão, eu garanto.

A declaração dele foi pontuada por um trompete soando na praia, lembrando a Cath que ainda estava no festival da família dela e que ainda tinha o papel de filha do Marquês a executar.

O medo dela voltou com tudo.

– Me perdoe, eu preciso ir dançar a quadrilha da lagosta.

– Ah, sim. – Hatta balançou a mão no ar. – As obrigações pesam nos ombros da nobreza.

Ela não conseguiu entender se ele a estava insultando ou não.

– Mais do que você pode pensar. Obrigada novamente pelo presente.

– Você vai usar durante a dança também? Tenho certeza de que vai ser o centro das atenções, e nenhum comerciante pode reclamar de atenção.

Cath firmou o chapéu na cabeça.

– Hatta, acho que nunca mais vou tirar.

Ele fez uma reverência.

– Então, vá. E, por favor, se você encontrar Sua Majestade, espero que mande lembranças minhas.

Ela cambaleou no caminho da porta.

– Sua Majestade?

Os olhos violeta de Hatta cintilaram.

– O Rei de Copas, amor? Achei que você o conhecesse, mas como você parece surpresa, devo ter me enganado. – Ele esticou as mãos em súplica. – Ainda assim, seu caminho tem mais chance de se cruzar com o dele do que o meu, e eu não reclamaria de uma referência gentil feita ao nosso soberano. – Ele deu um sorriso irônico. – Afinal, eu sou um homem de ambições, Lady Pinkerton.

CAPÍTULO 26

O DIA ESTAVA MAIS QUENTE, levando os convidados do festival para a beira da água, com ondas espumantes e paisagens de pedra. Sabendo que já estava atrasada para participar das cerimônias de abertura, Cath fez o melhor possível para desviar entre as conchas que tinham o dobro da altura dela na margem úmida e as multidões indo para a praia, deixando as vibrantes tendas com as flâmulas ao vento para trás.

Reparou em uma quantidade excessiva de convidados usando criações de Hatta. Era fácil vê-los na multidão, com formas elegantes e decorações peculiares. Ela se lembrou de Mary Ann dizendo como os chapéus dele estavam ficando populares, mas não estava pronta para acreditar. Pareceu na ocasião que a Chapelaria Maravilhosa do Hatta era descoberta *dela*, sua lembrança especial, mas a notícia se espalhou rápido pelos círculos da moda de Copas.

Na plataforma construída no centro da praia, seu pai, o Marquês, já estava no meio de uma história sobre como o Festival dos Dias da Tartaruga nasceu. Catherine amava essa história e ainda mais o jeito como seu pai a contava. Estava triste de ter perdido o começo.

A lenda era que sua tatara-tataravó, quando era jovem e bonita e pobre, um dia levou uma trupe de tartarugas e lagostas dançantes para a sala do trono do Rei e da Rainha de Copas. Sob orientação da garota, as criaturas dançaram um balé que era desengonçado e absurdo, mas a narração que a garota fez da dança tornou-a uma coisa espetacular. A dança contava a história de uma lagosta e uma

tartaruga que se apaixonaram perdidamente, apesar da impossibilidade da união. Elas lutaram por inúmeras provações e obstáculos para ficarem juntas, finalmente conquistando sua eternidade de alegria.

Quando sua avó contou a história, ela foi tão honesta e sentimental que, no final, a dança levou o Rei e a Rainha às lágrimas. Eles choraram tanto que a sala do trono foi inundada e jorrou pelo penhasco, e foi assim que o Recanto da Pedra da Tartaruga nasceu.

Por felicidade, a Rainha deu à garota uma mansão e o título de Marquesa.

Daí em diante, esse dom de contar histórias foi passado a cada geração que cresceu na mansão do Recanto da Pedra da Tartaruga, e o talento entreteve incontáveis reis e rainhas que se sentaram no trono. O pai de Cath não era exceção. Quando Cath era criança, o pai lhe contava histórias todas as noites quando ela estava deitada na cama. Histórias de terras distantes e criaturas míticas, aventuras ousadas e finais felizes. Quando cresceu, ela tentou replicar a habilidade do pai. Praticou primeiro com suas bonecas, com o sr. e a sra. Lesma no jardim e com Cheshire. Tinha certeza de que também seria uma contadora de histórias incrível, como toda sua família antes dela.

Na primeira vez que ela contou uma de suas histórias para o pai, ele chorou. Não porque a história dela foi emocionante, mas porque a narração de Cath era horripilante.

A infelicidade pela decepção do pai a assombrou por dois longos anos, até a manhã em que ela desceu para a cozinha e viu a cozinheira preparar uma torta de batata-doce. Cath descobriu uma nova paixão.

– ... a história da Marquesa Pinkerton, que ela descanse para sempre em uma fatia de bolo – proclamou seu pai no palco, a voz se espalhando pela margem com a mesma facilidade de ondas batendo e segurando a plateia hipnotizada –, começou a se espalhar pelo reino. Homens e criaturas vieram de longe para ouvir a Marquesa recontar a história da tartaruga e da lagosta. Sobre o romance proibido. Sobre a união impossível. O amor que resultou em uma era de paz entre todas as criaturas da terra e do mar.

Catherine olhou ao redor, nada surpresa de ver lágrimas brilhando nos olhos dos que estavam ao lado dela. E tinha chorado tanto com essa história quando

criança que às vezes só ouvir a palavra *lagosta* a deixava toda mole e melosa por dentro.

Mas não hoje. Hoje ela ouviu a palavra *lagosta* e soube que a dança estava chegando. Seu medo aumentou.

– Como as pessoas do reino chegaram em multidões, uma unidade se formou entre os que ouviram a Marquesa contar sua história maravilhosa, e uma comemoração noturna começou entre os que tinham acampado nas praias do Recanto da Pedra da Tartaruga. Houve cantoria e danças e delírio e fogueiras, todas as noites! As pessoas compartilharam sua comida e suas histórias, e um grande companheirismo se desenvolveu.

Cath ouviu uma fungada ao lado e olhou para baixo. Levou um susto ao reconhecer a Tartaruga do chá de Hatta, usando o mesmo chapéu-coco que tinha usado na festa, enfeitado com uma fita de cetim verde. Lágrimas escorriam de seus olhos.

Cath tirou um lenço da bolsa e entregou para o jovem, que agradeceu e puxou a cabeça para dentro do casco, deixando só o chapéu em cima. Seu desaparecimento foi logo seguido de um ruído de nariz assoado.

Ela queria se inclinar para perto e sussurrar que estava feliz de ele estar bem, feliz de ele ter chegado aos Cruzamentos naquela noite em que o Jaguadarte atacou, mas ele já parecia perturbado demais para ela lhe lembrar tais horrores.

– Com o passar dos anos – prosseguiu seu pai –, a Marquesa decidiu homenagear a reunião nas praias do Recanto da Pedra da Tartaruga e declarou um dia de comemoração, um dia no qual todas as criaturas de Copas são convidadas a relembrar o amor de dois animais improváveis e a felicidade que o amor deles trouxe ao reino.

Quando seu pai terminou, a multidão aplaudiu. A Tartaruga apareceu novamente e tentou passar o lenço de volta para ela, mas Cath sorriu e sugeriu que ele ficasse, para o caso de precisar de novo.

Ela se preparou para o que viria em seguida, a garganta seca como se tivesse comido areia. Regulou a respiração para tentar se acalmar.

– Para dançar a quadrilha da lagosta, nossa primeira dança do dia, apresento a todos o meu amor, a minha querida, a minha alegria... minha filha, Catherine.

Cath saiu do meio da multidão. A empolgação vibrava em volta dela, mas ela se esforçou para não olhar para nenhum dos rostos quando passou. Depois de subir no palco de madeira, seu pai levantou a mão, pedindo silêncio.

– Por favor, abram espaço na praia para que a dança possa começar! Dançarinos participantes, assumam seus lugares!

A plateia recuou e abriu caminho para os dançarinos, embora a maioria das criaturas marinhas não precisasse de estímulo para correr para seus lugares. A orquestra também já estava pronta embaixo do penhasco. Só faltavam as medusas saírem, e uma equipe de morsas chegou lá em segundos, com pás nas patas, para agir com rapidez.

Catherine amava o festival e a história, mas, no que dizia respeito a tradições, odiava aquela. Sua mãe passou a responsabilidade para Cath quando ela tinha onze anos, e, como acontecia todos os anos, ela e o parceiro seriam os únicos humanos entre as focas, caranguejos e golfinhos.

Catherine não odiava a dança, mas odiava ser a primeira, ser observada, julgada. Ela sempre tinha certeza de que estava a um passo de dança de fazer papel de boba. Ainda conseguia lembrar o nó no estômago do primeiro ano. O suor nas palmas das mãos, apesar do frio. Parecia pior a cada ano, principalmente conforme seu corpo começou a amadurecer e ela foi obrigada a dançar com potenciais pretendentes, em vez de com os cavalheiros bem-intencionados da corte, que riam como avôs gentis enquanto a giravam no ar.

Só algumas medusas ainda estavam na praia quando ela sentiu o formigamento leve de um dedo roçando seu pulso.

Cath deu um pulo e se virou, mas Jest já tinha se afastado. Sua atenção se desviou enquanto ele vestia as luvas pretas.

– Bom dia, Lady Pinkerton – disse ele, casual demais. Estava usando o traje de sempre, o coração preto escorrendo do lápis em volta dos olhos dele. Se não fosse um leve toque de vermelhidão nas bochechas, ela acharia que tinha imaginado o toque, mas sabia que não tinha. Seu braço todo ainda formigava.

– Bom dia, Sir Coringa – disse ela, de repente sem fôlego.

Os cantos da boca de Jest tremeram e ele olhou nos olhos dela antes de desviar para o chapéu de macaron.

– Percebo que você foi ver Hatta.

Ela levantou a mão e apertou o chapéu, gostando cada vez mais da leveza quando o interior macio afundou na mão dela.

– Ele é muito inteligente.

– Ele certamente gosta de pensar que é. – Jest inspirou fundo, e ela reparou que os olhos dele estavam perturbados, ainda olhando o chapéu. – Ele disse o que faz?

– O chapéu? Acho que não faz nada. – Ela inclinou a cabeça para o lado, mas o chapéu estava bem enfiado e não se moveu. – A não ser que você vá me ensinar aquele truque com o Coelho Branco.

Ele estava balançando a cabeça, mas foi um movimento sutil.

– As criações de Hatta não são comuns. E você está... – Ele hesitou.

Cath ergueu as sobrancelhas e viu o pomo de adão dele subir e descer.

– Hoje, você parece bastante...

Ela cruzou as mãos pacientemente na frente da saia. Podia vê-lo segurando as palavras. Considerando e reconsiderando, antes de finalmente dizer:

– Você está um prazer de se observar, só isso, Lady Pinkerton. – Ele apontou com o queixo para depois de Catherine, a decepção encobrindo sua expressão. – Como seu pretendente sem dúvida vai dizer.

– Meu p... Ah.

Catherine primeiro ouviu o Rei, as risadinhas altas em meio à falação da plateia, e seu medo retornou. Ela se virou e viu o Rei de Copas saltitando pela pista de dança de areia.

Sua pulsação disparou. Ela não ficava na presença do Rei desde que ele pediu para cortejá-la. Ela queria se virar e correr, mas já tinha sido vista. O Rei andou até ela e subiu no palco.

– Bom dia para a dama mais perfeita, preciosa e p... p...

– Provisória? – ofereceu Jest.

– Provisória do reino! – O Rei hesitou, sem saber se a descrição era adequada ou não.

Cath lançou um olhar frio para o Coringa. Ele sorriu.

O Rei afastou sua insegurança.

– Devo dizer que é muito bonito esse chapéu que você está usando, Lady Pinkerton. Ora, você parece quase adequada para eu comer... *meu docinho.* – O

rosto dele estava corado e frívolo, e todos os versos horríveis de poesia escritos nos cartões dele ao longo da semana anterior voltaram com tudo à cabeça de Catherine.

Ela fez uma reverência e tentou ficar lisonjeada.

– Vossa Majestade é muito gentil. Está gostando do festival?

– Estou sim! – Ele tomou sua posição, o rosto cheio de expectativa alegre. – Tudo está muito divertido. O que o reino precisava, eu acho.

Cath inclinou a cabeça.

– É bom ter um pouco de alegria durante tempos difíceis. Tenho certeza de que Vossa Majestade ouviu falar que os ataques do Jaguadarte continuam. – Um tremor se apossou dos ombros dela quando pensou no pequeno pônei do carrossel na plantação de abóboras. – E a mais recente vítima dele, um corajoso Leão...

O Rei levantou as mãos e recuou como se *ela* fosse o monstro.

– Por favor, eu imploro, minha querida, não vamos falar disso. Fico todo me coçando cada vez que aquela criatura horrenda é mencionada. – Ele afastou a gola da capa e revelou uma irritação nova na pele.

Cath franziu a testa.

– Mas o senhor está fazendo alguma coisa sobre isso, não está? Eu achava que talvez um cavaleiro ou matador de monstros devesse ser contratado. Nas histórias, sempre havia uma alma corajosa que se oferecia para matar o Jaguadarte, e isso parecia funcionar, a julgar pelas baladas resultantes. Bom, acho que não para o Jaguadarte, mas considerando tudo...

– Ah, ah! – O Rei bateu palmas. – A quadrilha da lagosta vai começar! Passei a manhã ansioso por ela!

Cath fez uma pausa.

– A qualquer momento agora, eu desconfio.

O Rei estava suando profusamente, sem olhar nos olhos dela. Ela reconheceu vergonha na expressão dele, mas isso só a deixou irritada. Bobo ou não, inteligente ou não, ele era o Rei de Copas. Devia estar fazendo alguma coisa sobre o Jaguadarte, não devia?

Ela suspirou.

– Imagino que Vossa Majestade vá assistir à quadrilha?

– Eu não perderia por nada – disse ele, feliz de olhar para ela agora que ela não o estava pressionando sobre os ataques. Seus olhos cintilaram.

Catherine sentiu inveja dos avestruzes, desejando poder esconder a cabeça na areia.

Como ela não disse mais nada, a expressão do Rei virou um pouco de súplica.

– Você já... escolheu um parceiro de dança? Para a quadrilha?

A culpa cresceu nela. Cath se sentia pesada de culpa, como se o vestido estivesse encharcado de água do mar. A presença de Jest permanecia no canto dos olhos dela, tão tentadora quanto sorvete de baunilha fresco, mas ela fez o melhor possível para ignorá-lo.

– Ainda não, Vossa Majestade.

Os olhos dele se iluminaram novamente.

E por um momento, só um momento, Catherine imaginou se virar pra Jest, esticar a mão e perguntar se ele daria a ela a honra de dançar a quadrilha da lagosta.

Imaginou as expressões atônitas dos pais, o murmúrio surpreso das pessoas, as mãos seguras de Jest em sua cintura, e mordeu a língua para conter um borbulhar de alegria.

– Vossa Majestade, bom dia! Que grande prazer.

A fantasia desmoronou quando sua mãe entrou entre ela e o Rei.

Ela recuou.

– Bom dia, Lady Pinkerton!

Eles deram os cumprimentos exigidos, a reverência de sua mãe bem mais grandiosa do que a de Catherine tinha sido. Cath observou os próprios pés, sabendo que erguer o rosto seria olhar para Jest; seu magnetismo ia ficando mais forte a cada momento.

– Minha querida Catherine, estamos prontos para a dança começar.

Ela olhou para o rosto febril e impaciente de sua mãe.

– Já escolheu um parceiro, minha doce filha?

Ela balançou a cabeça.

– Não, mãe. Ainda não.

– Muito bem, então. – O olhar de sua mãe estava cortante. – É melhor fazermos uma escolha, não é? Não queremos deixar todo mundo esperando. – A

Marquesa uniu os dedos embaixo dos seios enquanto Catherine enfiava as mãos fechadas nas dobras de lã pesada da saia. Os olhos da mãe se arregalaram para ela, sem sutileza nenhuma.

Catherine inspirou fundo e olhou para o Rei. Mas a esperança dele era dolorosa de ver, e ela olhou para Jest.

Jest. O bobo da corte. Que parecia estar *rindo* dela.

Bem, não literalmente, mas seus lábios estavam pressionados em uma tentativa de conter a gargalhada que estava obviamente escondida atrás da boca trêmula.

Uma indignação ardeu no esterno dela. Jest sabia que o Rei queria desesperadamente ser convidado. Sabia que a Marquesa queria desesperadamente que Cath o convidasse. Sabia que Catherine estava igualmente desesperada para não fazer isso.

Mais uma vez, pareceu que o desconforto palpável dela foi fonte de diversão para ele.

Levantando o queixo, Cath se virou para o Rei, mas baixou o rosto para poder olhar nos olhos dele.

– Vossa Majestade me faria a grande honra de ser meu parceiro de dança na quadrilha da lagosta? – perguntou ela.

O Rei deu um gritinho.

– Ah, sim, sim. Eu ficaria *encantado*, Lady Catherine. Tenho que dizer que adoro uma quadrilha!

Com um certo alívio por a decisão ter sido tomada, mesmo sendo aquela, ela passou o braço pelo cotovelo do Rei.

Antes que eles pudessem descer da plataforma, Jest inclinou a cabeça para ela e sussurrou:

– As intenções dele são boas, Lady Pinkerton.

Ela olhou para ele por tempo suficiente de ver que a diversão tinha sumido da expressão dele, levando sua confiança junto. Naquele momento, ele pareceu vulnerável e talvez até decepcionado, embora tenha tentado sorrir. Ser encorajador.

– Divirtam-se com a quadrilha – disse ele com um movimento leve do chapéu.

Seu estômago deu um nó.

Mais uma vez, ela escolheu o Rei. Foi escolha dela. Podia não parecer assim, mas foi.

Não dava para voltar atrás, mas...

– Ah, eu não vou dançar a quadrilha da lagosta – sussurrou ela em resposta. – Eu vou para uma caverna secreta no mar. Lembra?

Os olhos dele se iluminaram, mas ela se virou antes de conseguir ver se ele se lembrava ou não da promessa. Daquelas palavras sussurradas, ditas quando ele estava no quarto dela no final de uma noite impossível.

Ela dançaria sua quadrilha da lagosta. Ele faria malabarismo com mariscos. E, o tempo todo, eles fingiriam estar escondidos em uma caverna marinha secreta, sem se preocupar com ninguém além deles mesmos.

Ela tinha certeza de que o mundo todo seria capaz de reparar no desejo no rosto dela, só que o mundo todo estava concentrado em sua mão segurando a dobra do cotovelo do Rei.

Eles chegaram às filas duplas de criaturas marinhas, já formando parceria com suas lagostas. O Rei estava exultante demais para reparar no quanto Cath estava distraída.

O que teria acontecido se ela tivesse convidado Jest para dançar?

O que aconteceria se ela o escolhesse?

Uma decisão assim estava mesmo fora da realidade ou só parecia ser porque tal escolha nunca tinha aparecido antes?

Ela estava tão vazia quanto uma marionete quando a dança começou, o corpo a levando pelos passos. Eles avançaram, recuaram. Sua saia girou em volta dos tornozelos. Os saltos afundaram na areia. As mãos do Rei estavam meladas nas dela, e o vento fazia suas bochechas arderem, e ao redor as lagostas estavam sendo jogadas no mar e seus parceiros estavam mergulhando atrás. Todo mundo estava rindo, jogando água e dando cambalhotas com a música. Até o Rei, absorto no momento, pulou nas ondas, molhando até as panturrilhas. Ele se virou para ela, rindo.

Só Catherine ficou fora d'água, o sorriso congelado. Em pensamento, ela estava afastada, em uma caverna marinha em algum lugar. Na mente dela, era

Jest sorrindo para ela, as covinhas marcando as bochechas. Ele fez sinal para chamá-la, e ela foi.

Cath soube naquele momento que iria com ele se ele chamasse. Que seria dele se a quisesse.

– Ah, não – murmurou ela, o sorriso murchando, desmoronando, sendo destruído pela verdade inegável, inevitável, impossível.

Ela estava se apaixonando por ele.

CAPÍTULO 27

A PLATEIA APLAUDIU INTENSAMENTE quando Catherine colocou a mão em cima da do Rei e eles andaram juntos até a praia. O Rei estava encharcado, e tinha um pedaço de alga preso nos sapatos. Não podia parecer mais feliz nem se o festival todo fosse uma festa de desaniversário surpresa em homenagem a ele.

Catherine, com os pensamentos em tormenta, fez o melhor possível para manter o olhar grudado nos penhascos brancos, para não ficar tentada a procurar Jest na multidão. Ela tinha certeza de que, com um olhar, ele saberia a profundeza dos pensamentos dela.

A orquestra começou uma valsa, e Catherine sentiu o Rei reunindo coragem de pedir outra dança, então ela agradeceu com exuberância pela quadrilha e fugiu para o meio das pessoas antes que ele encontrasse as palavras.

Em volta dela, os convidados do festival começaram a se dividir em casais e se alinhar para a dança seguinte. Cath evitou olhar nos olhos das pessoas, sem querer ser puxada para uma conversa ou para outra dança, ser capturada pelos giros e figuras e conversas triviais até o fim do festival e até que todos se dispersassem, com medo de ficar presa no escuro, agora que um monstro estava à espreita.

Foi arrancada dos pensamentos pelo som do próprio nome ribombando nos ouvidos. A multidão estava virada para ela. Várias mulheres conversavam sobre os boatos do cortejo, vários homens perguntavam sobre a disponibilidade dela

para dançar e recuavam brincando, fingindo que não queriam que o Rei se ofendesse. Mãos roçaram em suas mangas e sorrisos pairavam como Cheshire em frente ao rosto dela.

– Lady Catherine, como você estava linda durante a quadrilha.

– Você tem sido a favorita do Rei ultimamente, não é, Lady Pinkerton?

– Você estava tão linda lá... realmente majestosa!

– Catherine...

– Catherine...

– *Catherine...*

Ela baixou a cabeça e tentou abrir passagem, implorando para que dessem licença. Sua mente girava, oscilava enquanto a multidão dava parabéns, fazia elogios e dizia palavras lisonjeiras. Os sorrisos de estranhos que eram cegos demais para ver a frustração por trás do rosto bonito, das roupas bonitas e da vida bonita...

Uma nuvem de fumaça branca explodiu aos pés dela, enchendo o ar ao redor de ofegos assustados. Catherine ficou paralisada. Em momentos, a fumaça estava tão densa que ela não conseguia ver as próprias mãos esticadas à frente do corpo.

Mas logo apareceu uma mão enluvada na dela, dedos entrelaçados, puxando-a para a frente. *Jest.*

Ela o seguiu sem perguntas, desconcertada pela tensão de corpos confusos.

A fumaça diminuiu quando ela foi puxada para um banco de pedras brancas, um caminho estreito em uma alcova embaixo do penhasco. Jest olhou para trás para ver se ela estava bem e seguiu para trás de uma parede de pedras caídas. As superfícies cintilavam com pedaços de quartzo.

Não era tão privativo quanto uma caverna marinha, mas era sereno e eles estavam sozinhos, ao menos por enquanto. Catherine, ofegando, sentia calor da testa até os dedos dos pés, mas o local protegido era confortável e sua respiração já ficava mais calma.

– Você está bem? – disse Jest, segurando a mão de Cath e olhando para ela com a mesma preocupação de quando ela acordou no jardim.

Cath assentiu:

– Já estou melhor, obrigada.

– Eu achei que você fosse desmaiar de novo. Você comeu alguma coisa hoje?

Ela engoliu em seco.

– C-comi. Uma torta de carne quando cheguei, de manhã.

Ele curvou a boca.

– Excelente escolha.

Os minutos anteriores sumiram e, novamente de pé nas ondas, Cath olhava para o mar e percebia com uma certeza repentina que estava se apaixonando por aquele bobo.

Ela afastou a mão e se virou para olhar por uma abertura nas pedras. Na praia, a fumaça estava sumindo rápido, deixando uma névoa fina ao redor das pessoas atordoadas. Mas a orquestra ainda estava tocando, e a confusão abria espaço para outra dança.

Jest afastou uma mecha de cabelo do ombro dela.

– Você não gosta de dançar?

Ela fechou os olhos. A ponta dos dedos dele permaneceu na pele da sua nuca, e ela não conseguiu resistir ao toque.

– Nem todos podemos ser grandes artistas.

– Mas você é uma ótima dançarina. – Ele estava tão próximo que ela sentia o calor emanando dele em meio ao frio do vento. – Ao seu lado, até mesmo o Rei pareceu um tanto respeitável. É fácil ver por que ele quer você como rainha.

O estômago dela deu um nó. Não havia amargura no tom dele. Ela se perguntou por quê. Se os papéis estivessem invertidos e Jest cortejando outra garota, ela estaria arrasada. Suas emoções seriam como cascas de limão passadas num ralador.

Ela se afastou dele e abriu os olhos, mantendo as mãos apoiadas na pedra branca cintilante.

– Você não devia tocar em mim – disse ela, a voz tensa com os batimentos disparados do coração.

Jest se encostou na pedra.

– Você está certa. Me desculpe. – Ela não conseguiu saber se ele estava falando sério.

Seu coração a puxava na direção dele. Queria que ele não tivesse recuado. Queria que a tivesse puxado mais para perto.

– Me diga, Sir Torre, você se comportava assim com todas as damas de Xadrez também?

– A que comportamento você está se referindo? Meus bons modos, meus comentários encantadores, meu carisma sedutor...

– Eu estava me referindo à sua determinação de me fazer corar com o único objetivo de rir de mim depois.

Ele empalideceu e deu um passo mais para perto. Cath ouviu o estalo das botas de couro.

– Garanto que, quando eu repassar essa conversa em pensamento mais tarde, não vai ser rindo.

Cath baixou o olhar com um frio na barriga.

– Eu tenho que voltar. Meus pais vão ficar preocupados. – Ela se virou.

– Pode esperar?

Foi uma pergunta, não um pedido, então ela esperou. Uma esperança idiota corria em suas veias.

– Não cabe a mim, claro...

Engolindo em seco, ela se virou. Jest tinha tirado as luvas e estava apertando-as nos punhos. Embora sua expressão fosse calma, as mãos diziam outra coisa.

– O Rei... – começou ele, e Cath fez uma careta, feliz por Jest estar ocupado demais, inspecionando as luvas, para reparar. – Ele gosta mesmo de você. Acho que quer mesmo fazer você feliz.

Ela esperava que Jest continuasse, mas ele ficou em silêncio, e pareceu que isso era tudo que pretendia dizer.

– Você está me dizendo para aceitá-lo?

– Não – gaguejou ele. – Eu estou dizendo que, se você o aceitasse, eu entenderia. Ficaria feliz por você.

Ela apertou as mãos.

– Que reconfortante saber que pelo menos um de nós ficaria.

Jest olhou para ela novamente, a testa franzida.

– Aconteceu alguma coisa na praia – disse ele, largando as luvas em uma pedra. – Você voltou da quadrilha parecendo que tinha visto um fantasma.

– Não sei o que você quer dizer. – Ela cruzou os braços de forma protetora sobre o peito. – Eu entrei no concurso de bolos. Acho que estou nervosa.

Um sorriso fraco se abriu no rosto dele.

– Não consigo acreditar nisso.

– O que você pode saber sobre isso? Eu posso ficar nervosa se quiser.

Ele deu de ombros.

– Nós dois sabemos que você vai ganhar o concurso.

– Eu não sei de nada. – Ela se empertigou. – Eu acho que vou ganhar sim, mas não é a mesma coisa. E tenho que dizer que isso não foi bem um elogio.

– Não era para ser, mas se for um elogio o que você quer... – Seu olhar ficou mais suave. – Você está lindíssima com esse chapéu absurdo. Absolutamente, inegavelmente linda. Acredito que esse fosse o objetivo de Hatta, mas ele não tem como saber que o alcançou tão bem, senão teria considerado impróprio deixar você sair da loja enfeitada assim. – Ele hesitou e limpou a garganta, parecendo quase tímido. – Era o que eu queria dizer antes.

Cath riu com deboche, mas seus batimentos aceleraram de qualquer jeito.

– Você é irritante.

– Você não é a primeira pessoa a dizer isso. – O acanhamento temporário dele virou outro sorriso enlouquecedor.

Ela apertou os braços com mais força, ainda se protegendo, ou talvez em um esforço para não os esticar para ele.

– Você age como se me conhecesse, mas você não me conhece, não de verdade. Não sabe do que eu gosto, nem o que quero, nem com o que sonho...

– Você sonha comigo, se eu não estou enganado.

– Eu nunca devia ter contado isso.

Os olhos dele brilharam.

– E tudo que sei sobre você é que entra em quartos de garotas no meio da noite e tira os cordões dos espartilhos delas quando elas estão inconscientes e parece querer que eu aceite o Rei, mas aí me chama de lindíssima e me toca quando não deveria. E está sempre rindo de mim e em uma missão secreta da Rainha Branca, mas eu não tenho a menor ideia do que isso quer dizer e não sei reconhecer o que é real e o que é ilusão, e eu... eu tenho que voltar. – Ela girou para longe dele. – Obrigada por me salvar da multidão, mas eu tenho mesmo que voltar.

– Eu também não consigo parar de pensar em você, Lady Pinkerton.

Sem ter dado um único passo, ela sentiu os pés afundando na areia. Desta vez, não ousou se virar. Não precisava. Um momento depois, ele apareceu na frente dela, sem tocar nela desta vez, mas perto o bastante, a ponto de poder tocar se quisesse.

O olhar dele para ela já estava removendo camadas e camadas de determinação. Como ele ousava parecer estar nervoso ou com medo quando era ela que estava com um martelo batendo dentro do peito?

– Não foi isso que eu falei – sussurrou ela.

– Eu sei, mas espero que tenha sido o que quis dizer. – Ele umedeceu os lábios, um movimento pequeno e cruel que fez os dela formigarem. – Eu não consigo parar de pensar em você, Lady Catherine Pinkerton do Recanto da Pedra da Tartaruga. Eu tento, mas não adianta. Você me enfeitiçou desde o primeiro momento em que a vi com aquele vestido vermelho, e não sei o que fazer além de usar todas as habilidades à minha disposição para tentar enfeitiçar você também.

O vento assobiou pelas pedras, e as ondas sussurraram na praia, e Catherine não teve reação.

Ele desviou a atenção para o chão, e ela quase conseguiu respirar novamente. Jest levantou a mão para coçar a têmpora, mas pareceu surpreso de encontrar o chapéu no caminho, então o tirou; os guizos tilintaram, e seu cabelo estava amassado e desgrenhado, e quando ele não estava olhando diretamente para ela, podia passar por tímido, embora ela achasse difícil de imaginar.

Tímido ou arrogante, encantador ou irritante, e Catherine estava se apaixonando, se apaixonando, se apaixonando.

– Sua Majestade vive me procurando para pedir conselhos. – Ele levantou o rosto novamente, com infelicidade no olhar. – O Rei parece achar que sou especialista em como cortejar você. O que dizer, que presentes mandar. – Ele hesitou. – Claro que eu o ajudo, porque... bom, eu tenho que ajudar. Mas, às vezes, finjo que sou eu e não ele. Sugiro que ele faça as coisas que eu faria se fosse... merecedor de você.

O coração dela bateu mais forte ainda.

– Você quer dizer se fosse da nobreza.

– Eu quero dizer. – Ele tentou sorrir, mas o sorriso não chegou aos olhos. – Eu ando pensando no que você disse, que não pode haver mais noites como... como a do chá. E você está certa. Eu fui descortês de tirar você de casa escondida daquele jeito, e sei do mal que podia ter acontecido. Não só por causa do Jaguadarte, mas... dos perigos à sua reputação, ao cortejo, e... foi egoísta de minha parte.

– Espero que você não esteja querendo levar todo o crédito. – A voz dela carregava pouco do fogo que ela pretendia. – Eu fiz a escolha tanto quanto você.

– Concordo com seu argumento.

Os dedos dela estavam coçando para se esticarem para ele, para tocarem nele. Ela se controlou.

– Eu juro, minha intenção não é ser volúvel. Eu não quero esse cortejo. É que... – Ela riu, um som consternado. – Eu não achei que fosse ser tão difícil, mas como se rejeita um rei? Sem falar nos meus pais. Minha mãe. Ah... – Ela gemeu. – Ela quer tanto. Fica tão feliz quando fala do cortejo, e não suporto pensar no quanto vai ficar decepcionada. – Ela se agitou e passou as mãos pelo cabelo preso, puxando-o acima das orelhas.

Decepcionados não era nem o começo de como seriam as reações dos pais dela se ela rejeitasse o Rei, principalmente quando ela dissesse que se apaixonou pelo bobo da corte.

– Eu quero dar orgulho a eles – disse ela –, mas temos opiniões tão diferentes do que o futuro deveria oferecer. É como se... se eu os amo bastante, claro que posso aprender a amar o Rei também. Sei que é assim que minha mãe vê as coisas. Ela acharia que eu fracassei nessa obrigação das mais simples. A de ser uma boa filha que se casa com o Rei. Que dá orgulho a eles.

– Você fala como se o amor fosse distribuído como prêmios em um festival. Eles só querem que você seja feliz.

– Claro que querem que eu seja feliz. Eles só acham que eu vou ser feliz com o Rei, mas eu sei que estão enganados. Eu nunca poderia ser. E é por isso... – Ela empertigou os ombros. – Quando ele fizer o pedido, eu não vou... eu não posso aceitar. Você tem que acreditar nisso.

Ele olhou para ela por um longo momento e disse:

– Eu acredito que *você* acredita.

Ela franziu a testa. Não era a confiança que esperava, mas não podia culpá-lo. Até o momento, ela tinha feito poucas coisas para dissuadir os avanços do Rei.

– Eu consigo saber quando os presentes e poemas são seus e não dele.

Ele deu um sorriso irônico.

– Eu esperava que sim.

Ela afastou o olhar.

– Jest...

– Lady Pinkerton.

Ela mordeu o lábio, não conseguindo encontrar as palavras que queria dizer para ele. Sem saber se era corajosa o bastante para dizer qualquer coisa para ele.

Ele chegou mais perto.

– Eu entendo o quanto o Rei tem a oferecer a você e como eu tenho pouco em comparação. Vou entender se você o aceitar.

– Jest...

– De verdade. Ele é a escolha melhor em todos os aspectos.

– Não em todos os aspectos.

– Por favor, não me dê falsas esperanças. – A voz dele falhou, obrigando-a a encará-lo novamente. Sua pulsação parecia trovejar. – Eu não posso competir com um rei e *não vou* competir com o homem que me empregou, que ofereceu um lugar na corte dele quando não precisava ter feito isso. Não quero tornar sua escolha mais difícil do que já é. Ele é um bom homem. Acredito que se esforçaria para ser um bom marido.

A boca de Catherine ficou seca. Uma rachadura se abria em seu peito, ameaçando parti-la no meio.

– Mas – disse ele, a voz gentil agora –, se você decidir dizer não para ele...

Ela piscou para afastar as lágrimas dos olhos.

– Então espero que não seja ofensivo se eu... – Jest hesitou. Havia uma nova tensão nos ombros dele, uma timidez inesperada na posição da testa. – Visitar você. Ou... seu pai.

– Meu pai – sussurrou ela.

– Você acha... existe alguma chance de ele aceitar meu pedido de cortejar você? Com todas as boas intenções que um pobre bobo como eu poderia ter.

O coração dela se apertou. Com a esperança controlada na voz dele. Com a súplica nos olhos. Com todas as lembranças da mãe dela a empurrando para os braços do Rei.

– Não sei – disse ela. – Torre é uma posição alta em Xadrez?

Ele apertou os lábios e pareceu estar considerando a questão.

– Na verdade – disse ele –, está em posição similar a um marquês.

Ela se empertigou, surpresa com a resposta.

E pensar que os pais só veriam um Coringa inferior quando olhassem para ele.

– Mas – disse Jest, talvez vendo esperança demais na expressão dela – nós não estamos em Xadrez.

– Não, eu sei. Se você pedisse para me cortejar, eu acho que meus pais ficariam... bem... eles provavelmente ficariam...

– Envergonhados? – sugeriu ele. – Insultados? Perplexos de alguém como eu ter a ousadia de pensar que eles concordariam com uma coisa dessas?

Sua respiração tremeu quando ela inspirou.

– Sim. Tudo isso.

O silêncio se prolongou entre os dois. Ela não conseguia suportar olhar para ele porque, se olhasse, talvez mentisse. Talvez dissesse que sim, havia chance de os pais concordarem com o cortejo. Havia esperança de o aceitarem.

Ou pior, poderia dizer para ele que não importava para ela, mesmo sabendo que importava.

Jest suspirou.

– Eu imaginei. Acho que vou ter que encontrar outra forma de fazer essa impossibilidade se tornar possível. – Ele riu, um som meio oco. – Talvez eu entre no próximo concurso de comer abóbora para o Rei me tornar cavaleiro.

A bochecha dela tremeu.

– Desejo sorte com conquista tão nobre, Sir Jest.

– Espero de coração que esteja falando sério, milady.

CAPÍTULO 28

Os nervos de Cath estavam no limite quando ela voltou pelas fileiras de barracas sacudidas pelo vento. Desta vez não havia empolgação pela comida e nem por bibelôs bonitos. Sua cabeça estava lotada de Jest e de saber que era uma covarde. Sentia tanto medo de decepcionar os pais que estava disposta a botar a felicidade deles à frente da dela?

– Cath! Aí está você! – Mary Ann estava correndo para ela, a saia preta presa nas mãos fechadas e o cabelo caindo da touca azul e amarela. – Eu procurei você por toda parte!

– O que aconteceu? – Cath olhou ao redor e reparou pela primeira vez em como a praia estava vazia.

– Nada ainda. Mas o concurso começou dez minutos atrás e vão chegar ao seu bolo a qualquer momento, você precisa estar presente se quer ganhar!

– Conc...? Ah! O concurso!

Mary Ann lançou um olhar indignado a ela.

– Você esqueceu?

– Não, claro que não, eu só estava... Eu...

Mary Ann segurou o punho dela.

– É melhor não ter esquecido. Eu passei a manhã sonhando com aquelas vinte coroas, imaginando tudo que podemos fazer com elas para dar vida à confeitaria. – Relaxando, ela lançou a Cath um sorriso luminoso e apontou para a touca. – Eu

acho mesmo que tem alguma coisa nesse chapéu. O seu também é da Chapelaria Maravilhosa? É encantador.

– Ora, é... – Catherine fez uma pausa, levando uma das mãos à aba macia do chapéu, o macaron ridículo. Percebeu com um susto que sua mãe, que devia ter dado um chilique pela inadequação de sua filha usar uma coisa tão extravagante, não tinha dito nada. Nem pareceu perceber.

O que Hatta tinha dito? Qualquer coisa sobre capturar carisma em adereços de cabeça... mas o que ele quis dizer?

Pensou em Margaret Mearle no chá do Rei e como ela ficou quase bonita com o chapéu de broto de rosa. Pensou nos sonhos de Mary Ann. Pensou no chapéu de chef que escolheu nas paredes da loja, quando Hatta mencionou decisões não convencionais, momentos antes de ela pensar em oferecer os macarons como prova de seu talento.

A boca de Cath tremeu de prazer pela maravilha da descoberta.

Hatta estava vendendo chapéus exóticos e mágicos.

Mary Ann puxou Catherine para a maior tenda. Todos os assentos estavam ocupados, com mais incontáveis pessoas de pé no fundo. Cinco juízes ocupavam uma mesa grande coberta no palco: o Rei e o Valete de Copas, o Duque de Tuskany, o sr. Lagarta e a Tartaruga, para quem Cath emprestou o lenço. À frente de cada um, havia um cupcake com cobertura azul e cristais de açúcar rosa-framboesa sendo comidos a garfadas. Com a exceção da Tartaruga, claro, cujo prato só continha farelos com cobertura azul. Boa parte dos cristais de açúcar estava grudada no lábio superior pontudo.

O Coelho Branco estava em um pódio na lateral do palco. Quando todos os juízes provaram os cupcakes, o sr. Coelho gritou:

– Os juízes vão dar as notas para os cupcakes de frutas silvestres feitos pela Sociedade das Trepadeiras e Flores!

Três plantas em vasos foram colocadas na plataforma dos concorrentes na frente, de folhas dadas.

– Silvestremente saboroso! – gritou o Rei.

– Saborosamente acabado! – gritou a Tartaruga.

– Podia ter um pouco de pimenta moída em cima – sugeriu o Duque, o que fez Catherine trocar olhares cautelosos com Mary Ann, que respondeu com

movimentos labiais: *Pimenta?*

O sr. Lagarta tirou o narguilé da boca e soprou uma nuvem de fumaça sobre a mesa. Os outros juízes tossiram educadamente e se inclinaram para longe.

Jack, o Valete, jogou o garfo ao lado do cupcake depois de só ter experimentado um pedacinho.

– Porcaria – murmurou ele.

As flores nos vasos balançaram a cabeça umas para as outras, satisfeitas com a avaliação dos juízes. Três lacaios se aproximaram para levar as plantas da plataforma, enquanto outro grupo de cortesãos levava o prato seguinte: quadrados do bolo invertido de abacaxi de Lady Margaret Mearle.

Margaret assumiu seu lugar na plataforma dos concorrentes e empertigou os ombros já retangulares. De onde estava na mesa de juízes, a pele rosada do Duque ficou avermelhada. Ele tentou sorrir para Margaret em torno das presas protuberantes.

Margaret fez uma expressão de desprezo e virou o queixo com arrogância para o outro lado.

O Duque pareceu murchar.

Tentando controlar o frio na barriga, Catherine olhou para a plateia e viu sua mãe e seu pai na primeira fila. Eles não faziam ideia de que ela tinha se candidatado ao concurso, e não sabia como eles reagiriam.

Atrás de seus pais estavam Peter Peter e sua esposa, cuja palidez só tinha melhorado um pouco desde a última vez que Cath a viu, embora os olhos continuassem vidrados e com aparência doentia. Ela olhava com expressão faminta para a vitrine que guardava as sobremesas do concurso.

Cath afastou o olhar antes que Sir Peter reparasse nela, torcendo para ele não ficar desconfiado por causa do bolo de abóbora com especiarias. Mas por que deveria? Ele não era o único cultivador de abóboras em Copas. Não tinha motivo para desconfiar que ela tinha roubado da plantação dele.

Era o que ela esperava.

Seu olhar foi mais longe e pousou em Hatta. Ele estava no fundo da tenda, a fita da cartola voando no vento da praia. Ele também reparou nela e deu um aceno, indicando o chapéu de macaron. Mas se virou antes que ela pudesse retribuir o gesto, a postura mudando completamente. Em um momento, ele tinha

abandonado a expressão sombria e deu um sorriso raro e simpático. De repente, Jest estava ao lado dele, apertando o ombro de Hatta em um cumprimento.

Seu coração deu um pulo, ainda dolorido do encontro recente.

O Coelho Branco limpou a garganta, e Catherine se obrigou a prestar atenção no palco.

– O que os juízes têm a dizer sobre a sobremesa de Lady Mearle?

– Abacaxisticamente delicioso! – gritou o Rei.

– Deliciosamente acabado! – gritou a Tartaruga, raspando o finzinho do bolo.

– Fica melhor de cabeça para baixo – disse Jack, inclinando-se para trás na cadeira e olhando para o teto da tenda.

– De cabeça para baixo é um ótimo jeito de ficar – concordou a Lagarta. Ele tinha tirado um par de chinelos e estava pressionando o pé descalço no bolo. – Já passei bastante tempo de cabeça para baixo.

Depois de limpar a garganta com nervosismo e de coçar a orelha, o Duque disse:

– Bem, eu achei esplêndido. A quantidade perfeita de abacaxi e... virado de cabeça para baixo do jeito certo, posso dizer. Muito bem, Lady Mearle. Eu não poderia ter pedido uma sobremesa mais satisfatória!

Catherine revirou os olhos, mas Margaret tinha aberto um pequeno sorriso ao ser levada para longe da plataforma dos competidores.

– O próximo! – pediu o Coelho Branco.

A cabeça flutuante de Cheshire apareceu, e fatias de torta de atum foram apresentadas aos juízes. Cath empalideceu e virou o rosto. Seu olhar se desviou novamente para Jest.

Ele estava olhando para ela do outro lado da tenda.

Os dois olharam para baixo rapidamente, e ela esperava não ser a única ficando vermelha.

– Está peixisticamente f-fabuloso – gaguejou o Rei, o rosto um pouco verde.

– Fabulosamente acabado! – gritou a Tartaruga, revelando mais um prato vazio.

Os outros três juízes se recusaram a experimentar, e minutos depois que a torta foi retirada da mesa, Cheshire comeu sua própria criação fora do palco.

– O próximo – disse o Coelho – é um bolo de abóbora com especiarias de Lady Catherine Pinkerton, do Recanto da Pedra da Tartaruga.

Os dedos de Mary Ann se entrelaçaram nos dela e apertaram com força.

– Vem comigo – disse Cath, puxando-a. – Vamos vencer juntas.

Elas andaram entre fileiras de observadores para assumir seu lugar na frente. Cinco fatias de bolo foram levadas à mesa. Cath arriscou um olhar aos pais: as sobrancelhas peludas do pai estavam erguidas de curiosidade enquanto a mãe estava com o rosto vermelho, se sentindo traída. Cath sorriu fracamente antes de se virar para os juízes. O Rei abriu um largo sorriso para ela, e a expressão da Tartaruga também se iluminou em reconhecimento.

– A garota do macaron! – sussurrou ele com empolgação.

Catherine inclinou o chapéu de macaron para ele.

A Tartaruga se inclinou para o lado e esbarrou no Valete com o casco duro.

– Eu já provei um doce dela – disse ele. – Ela é maravilhosa. E também é corajosa... tão corajosa.

A pele dela formigou. Apesar de suas lembranças mais proeminentes do ataque do Jaguadarte girarem em torno da perda trágica do Leão, ela parou um momento e sentiu orgulho de a Tartaruga, pelo menos, ter sido poupada. Ela tinha ajudado a salvar a vida dela.

Sem reparar no prazer e na preocupação dela, Jack deu uma risada debochada. Seu rosto ficou vermelho-cereja.

– *Maravilhosa* me parece meio excessivo. Ela é adequada. Talvez. Em um bom dia. – Sua expressão ficou mais feia quando ela olhou para Catherine e seu chapéu. – Não sei o que as pessoas veem nela... com as tortas deliciosas, os olhos grandes de gazela e o cabelo brilhante nada natural. – Ela cruzou os braços por cima do peito e ergueu o nariz no ar. – Lady Pinkerton é superestimada, se você quer saber.

O sr. Coelho limpou a garganta.

– Pedimos que os juízes evitem avaliações prévias dos competidores.

Baixando a cabeça, a Tartaruga enfiou a primeira fatia de bolo de abóbora na boca, mas o Rei estava distraído, olhando com um brilho nos olhos para Catherine. Ela mexeu os pés.

Ao lado dele, a Tartaruga gemeu em êxtase açucarado, o chapéu-coco se inclinando na cabeça. Os outros juízes tinham acabado de pegar os garfos quando o Rei empurrou a cadeira para trás e se levantou.

– Eu não posso me considerar um juiz imparcial, sr. Coelho, nosso mais atencioso mestre de cerimônias! – Seus olhos cintilaram com alegria quase incontida.

O estômago de Cath despencou. Ela começou a balançar a cabeça, mas o Rei continuou:

– Sou cheio de parcialidade. Sou a definição de parcialidade! Pois esse bolo de abóbora à nossa frente foi feito pela encantadora Lady Catherine Pinkerton, uma garota que vai ser minha noiva um dia!

O corpo de Catherine ficou gelado, paralisando-a na plataforma, grudando o sorriso de pânico em suas bochechas.

O Rei olhou para ela com um orgulho que não devia pertencer a ele.

– Então, sabem, em qualquer concurso do qual ela seja participante, eu vou dizer sim! Ela deve ser a vencedora! Ela vence tudo, meu coração, minha alegria!

Catherine sentiu cem olhos se virando para ela, mas estava paralisada, incapaz de afastar o olhar do Rei.

Aquilo era um pesadelo.

– Que rainha você vai ser, Lady Pinkerton, boleira e feiticeira da felicidade! Ah, ah, alguém anote isso! Jest... aí está você! Anote isso! Vou incluir no meu próximo poema! – O Rei segurou a barriga, sacudido por risadinhas.

A plateia se agitou. Os sussurros dominaram a tenda. Cath sentiu o olhar zeloso de sua mãe. Conseguia imaginar a rapidez com que a fofoca se espalharia daquele pequeno festival na pequena praia, como uma pedrinha largada em um lago.

A vergonha tomou conta dela.

Eu não disse sim, ela queria dizer para todos. *Eu não aceitei. Não sou noiva dele, apesar do que ele diz.*

Ela abriu a boca, o corpo tremendo de negação, quando um grito soou na tenda.

CAPÍTULO 29

CATHERINE GIROU À PROCURA DO GRITO enquanto o caos se espalhava: cadeiras caindo, patas e asas se sacudindo para se afastar de alguém, de alguma *coisa*...

Sua atenção se voltou para a Tartaruga, aquele juiz adorável e animado. Ele tinha caído da cadeira atrás da mesa, e se Jack não tivesse tropeçado acidentalmente na toalha de mesa na pressa para fugir, arrancando-a e jogando os pratos com bolo longe, Cath não teria conseguido ver a Tartaruga. Mas ele estava visível para a plateia assustada. Virado de costas, com a parte de baixo do casco virada para cima, as patas balançando. Ele ainda estava grunhindo e batendo com as patas na barriga, a voz rouca de dor, os olhos arregalados e assustados.

Da altura da plataforma dos competidores, Catherine teve visão perfeita da Tartaruga quando ele começou a mudar. A pele borbulhou embaixo da superfície, se transformando e ondulando. Algumas das escamas caíram e uma nova pele se formou nos quatro membros. Os gritos ficaram gorgolejados quando a cabeça também começou a se transformar em uma coisa estranha. Uma coisa horrenda.

Cath colocou a mão sobre a boca para não vomitar. Alguém sugeriu carregar a Tartaruga para o mar, para que um dos Esturjões pudesse dar uma olhada nela, mas ninguém ousava tocar na pobre coisa.

Ninguém conseguia afastar o olhar, até que os membros espremidos e retorcidos da Tartaruga pararam gradualmente e os gritos se reduziram a choro. Uma poça de lágrimas tinha se formado embaixo da cabeça agitada.

A cabeça que não era mais a cabeça de uma tartaruga.

O bico pontudo e os olhos afundados tinham sumido, substituídos pela cabeça contorcida de um bezerro bebê, com narinas rosadas e pelo castanho macio.

Embora o casco, a barriga e as nadadeiras frontais tenham permanecido intactos, as pernas da Tartaruga eram agora patas com cascos, e, com um último tremor sofrido da criatura, a cauda reptiliana se esticou e enrolou e projetou um tufo na ponta. A cauda também era agora a de um bezerro.

– É impossível – disse alguém, e a palavra gerou um arrepio na espinha de Catherine.

A plateia não conseguia parar de olhar, embora algumas crianças tivessem sido afastadas da visão horrível. A Tartaruga continuou chorando lágrimas enormes e balbuciadas, ainda tentando, em vão, rolar para o lado, e Catherine se deu conta do quanto ela estava vulnerável. Constrangida e com dor na frente de toda a plateia, sem ter ideia do que estava acontecendo. Palavras se formavam junto aos soluços: *O que aconteceu? O que está acontecendo comigo? O que houve? Me ajudem, me ajudem...*

Catherine botou as pernas em movimento e se adiantou.

– Alguém a ajude! – gritou ela, ficando de joelhos para passar embaixo da mesa. Ela se ajoelhou ao lado da Tartaruga e colocou a mão na perna dela, acima do novo casco. Estava coberta de uma camada fina de pelo e úmida de suor.

– Você vai ficar bem – sussurrou ela. A Tartaruga continuou a balbuciar coisas sem sentido e soluços. – Ou pelo menos quase. Eu espero. Nós vamos rolar você. Fique parado.

Ela olhou para os rostos perplexos. O Rei pálido e chocado, o Valete enojado, o Duque parecendo estar passando mal e a Lagarta olhando para a Tartaruga como o resultado inesperado de um experimento de ciências. O Coelho Branco tinha corrido do palco, e os olhos cor-de-rosa agora espiavam pela beirada. Mary Ann tinha tirado a touca, talvez confusa ao ver seus sonhos com o concurso de doces virando tão rapidamente um pesadelo.

– Me ajudem! – gritou Cath.

Ninguém se mexeu, e foi uma visão surpreendente que chamou sua atenção na multidão. Dois olhos penetrantes a observavam de um rosto furioso. A expressão de Peter Peter estava contorcida em fúria, um lábio erguido revelando dentes trincados. E ele estava olhando diretamente para ela.

Cath se encolheu com a força do ódio dele. Não conseguia compreender o medo que se formou em suas entranhas quando ela olhou para a mesa dos juízes e para os cinco pratos que tinham sido colocados lá.

Quatro pedaços intocados de bolo de abóbora com especiarias e um prato só com migalhas.

Guizos tilintaram, debochadamente alegres, e a multidão se abriu para deixar Jest e Hatta passarem. Os dois pareciam tão perplexos quanto todo o resto, mas também preocupados ao subirem no palco e se ajoelharem ao lado da criatura histérica.

– Está tudo bem, amigão – disse Hatta, pegando o chapéu-coco que tinha caído durante a transformação da Tartaruga e segurando embaixo da pata. Ele colocou a mão livre no casco da criatura. – Fique calmo agora. Não pode ser tão ruim assim.

Mas sua testa franzida e a boca apertada de Jest diziam algo diferente. A Tartaruga balbuciava sem parar.

Eles rolaram a Tartaruga de barriga para baixo, mas a posição não era mais natural com as patas saindo da parte inferior do casco. Com um arfar e um soluço, a Tartaruga se ergueu em duas patas bambas, as nadadeiras da frente penduradas sem uso diante dele.

– Eu sou uma tartaruga – choramingou ele, olhando para baixo, para a abominação que tinha se tornado. – Uma tartaruga de verdade. Vocês acreditam em mim, não acreditam?

Catherine tremeu.

– Claro que é.

Mas era mentira.

A pobre criatura estava mudada. Desfigurada. Ela não conseguia imaginar como, mas ele tinha se tornado uma Tartaruga Fingida bem na frente dos olhos deles.

O FESTIVAL QUE TINHA COMEÇADO com tanta animação e alegria terminou de forma sombria, com a lembrança dos choros da Tartaruga Fingida na mente de todos e ameaças recentes do Jaguadarte ainda no ar. As festividades que costumavam seguir noite adentro acabaram antes do crepúsculo. O concurso de doces foi deixado incompleto, uma série de participantes com doces que não foram provados nem julgados, mas todos sem apetite e sem alegria. Cath não conseguia ser egoísta o suficiente para perguntar do prêmio.

Ela subiu na carruagem com os pais. O trajeto foi sufocante. Catherine ficou olhando pela janela, vendo de novo e de novo a expressão furiosa no rosto de Sir Peter. Sentia culpa, mas não porque tinha roubado a abóbora dele. Não conseguia deixar de se sentir responsável pelo que tinha acontecido, mas como era possível?

Era só um bolo de abóbora. E apesar de já ter ouvido falar de doces que faziam uma pessoa encolher e de cogumelos que faziam uma pessoa crescer, ela nunca tinha ouvido falar de nada desastroso acontecendo como resultado de uma abóbora.

Com dedos trêmulos, Catherine levantou a mão e tirou o chapéu de macaron da cabeça, colocando-o no colo. Não dava mais o prazer de horas antes.

Seu pai suspirou. Não tinha parado de suspirar desde que eles saíram da praia.

– Já estão chamando de Festival da Tartaruga Fingida – disse ele enquanto a carruagem entrava no terreno da casa. – É uma piada. Logo vão começar a me chamar de Marquês da Tartaruga Fingida.

– Não seja dramático – disse a mãe dela. – Essa catástrofe toda vai estar esquecida em poucos dias, você vai ver.

Mas ela não parecia convencida disso, e o fato de que não mencionou o Rei nenhuma vez durante o trajeto sugeriu a Catherine que ela estava mais preocupada do que queria demonstrar.

O festival anual era a grande contribuição da família dela ao Reino de Copas; de certa forma, o lugar deles entre a nobreza dependia do festival, e essa foi a

característica notável deles por gerações.

Ainda assim, saber o quanto isso podia afetar a reputação da família não passou pela cabeça de Catherine. Era a pobre Tartaruga quem mais sofreria, a pobre coisinha arrasada.

Assim que eles chegaram em casa, Catherine correu para a cozinha. O fogo tinha se apagado, então ela manteve o xale em volta dos ombros.

Ela colocou um lampião em uma das mesas, pegou uma pilha de livros de receitas e os espalhou à frente. Começou a folheá-los, lendo os nomes dos pratos que a cozinheira fazia havia anos. Fizera muitas anotações nas margens: "Clarificar a manteiga primeiro, senão vai confundir o resto dos ingredientes" ou "Não deixar os tomates cozinharem demais, senão ficam amargos e ressentidos".

Finalmente, ela chegou na receita que estava procurando.

Sopa de tartaruga fingida.

Ela se inclinou sobre as páginas ásperas e sujas de caldo e começou a ler.

Comece com uma tartaruga fingida de tamanho médio, começava a receita. *Usando uma faca afiada, retire a cabeça. As tartarugas fingidas morrem devagar, então saiba que a cabeça vai continuar a fazer ruído e o corpo pode tentar se afastar alguns minutos depois da decapitação. Quando o corpo não estiver mais se movendo, mergulhe-o em uma panela grande com água fervendo. A carne vai se separar naturalmente do casco durante o cozimento. Retire a tartaruga fingida da água e puxe a pele e o casco antes...*

Cath fechou o livro, o estômago embrulhado.

Ela nunca mais comeria sopa de tartaruga fingida.

Passos leves soaram na escada, Cath se virou e viu Mary Ann descendo os degraus com uma trouxa de toalhas de mesa sujas nos braços. O cabelo estava desgrenhado e marcas de cansaço tinham aparecido embaixo dos olhos.

Cath empurrou o banco para trás e foi ajudar a abrir o cesto de roupa suja.

– Você está bem? – perguntou ela.

Mary Ann gemeu:

– Foi um dia longo e cansativo até para mim.

Cath puxou um dos bancos para ela.

– As pessoas estavam falando da pobre Tartaruga depois que nós saímos?

Sentando-se no banco, Mary Ann desamarrou a touca linda e colocou na bancada.

– As pessoas só falavam disso. Ninguém consegue imaginar o que causou aquilo. Só ficavam dizendo sem parar como foi horrível. – Ela suspirou. – Uma tartaruga fingida. O que poderia causar uma coisa daquela?

Ela pensou de novo em Sir Peter. No pedaço devorado de bolo de abóbora.

– Não sei – disse ela, e começou a recolher os livros de receitas de novo. Mordendo o lábio, ela se virou e viu que Mary Ann tinha apoiado a cabeça nos braços. Normalmente, ela era um modelo de produtividade. Era estranho ver o cansaço tomando conta dela.

– Eu seria uma pessoa horrível se perguntasse sobre o vencedor do concurso de doces?

Mary Ann ofegou no cotovelo.

– Nós podemos ser pessoas horríveis juntas. Eu também fiquei querendo saber, mas não consegui ter coragem de perguntar, apesar de ter visto o sr. Coelho enquanto estávamos desmontando a tenda. – Ela levantou a cabeça o suficiente para olhar nos olhos de Cath. – Não conseguiram terminar de julgar, então não vejo como possam escolher um vencedor. Provavelmente, o prêmio vai voltar para o tesouro ou vai ser aplicado em alguma outra comemoração.

– Foi o que eu imaginei. – Cath se sentou no outro banco, desejando ter começado a fazer pão, em vez de pesquisar receitas horríveis. Sovar e amassar a massa teria feito com que ela relaxasse.

Os olhos de Mary Ann estavam fechados.

– Dizem que o sr. Lagarta está quase terminando de esvaziar a loja. Não vai demorar agora...

Ela não terminou, e nem precisava. Não demoraria para alguém ocupar a loja delas se não estivessem prontas para fazer isso.

– Tudo bem – sussurrou Cath, reunindo coragem. – Chega de enrolar. Eu tenho que pedir dinheiro para os meus pais, ou permissão para vender meu dote. Não tem outra solução.

– Ah, Cath. – Com um gemido, Mary Ann levantou a cabeça do cotovelo de novo. – Eu adoro seu otimismo, sempre adorei, mas eles vão dizer não. Você sabe

tão bem quanto eu. – Sua boca se virou para baixo, e seus pensamentos pareceram muito distantes quando ela acrescentou: – Não vamos ter confeitaria sem financiamento, e não vamos ter financiamento sem um investidor, e quem investiria em uma empregada pobre e na filha de um marquês? Talvez esteja na hora de percebermos que isso nunca ia acontecer e encarar nosso verdadeiro destino. – Ela forçou um sorriso para Catherine. – Pelo menos ser criada de uma rainha é mais do que eu poderia esperar quando era jovenzinha, então até que não é tão ruim.

Trincando os dentes, Catherine pegou a touca azul e jogou na cabeça de Mary Ann, amarrando a fita amarela embaixo do queixo com um puxão.

– Eu não vou tolerar essa besteira. Se já houve hora de sonhar, essa hora é agora, Mary Ann. Eu vou subir lá e exigir falar com meus pais, e preciso saber que tenho seu total apoio. Você quer abrir uma confeitaria comigo ou não?

Mary Ann abriu a boca para falar, hesitou e pareceu refletir um momento. Sua cabeça começou a encolher entre os ombros, e os olhos azuis ficaram borrados de tantas lágrimas.

– Eu quero, Cath. Minha cabeça me diz que nunca vai acontecer, mas meu coração...

– Às vezes seu coração é a única coisa que vale a pena ouvir. – Cath empertigou os ombros e se preparou. – Quem sabe? Talvez eles estejam tão cansados do festival que não tenham disposição para brigar.

– A *sua* mãe, sem disposição para brigar? Desejo sorte a você, Catherine, de verdade, mas também temo que esse dia tenha chegado ao limite de coisas impossíveis.

CAPÍTULO 30

O Marquês e a Marquesa estavam tomando licor na biblioteca quando Cath bateu na moldura da porta. Eles pareciam tão exaustos quanto Mary Ann, e apesar de Cath saber que o dia deles tinha sido passado entretendo e conversando ao contrário do tipo de trabalho que Mary Ann e os criados tinham feito, ela ainda sentia muita pena deles.

O Festival dos Dias da Tartaruga foi uma provação para todo mundo.

Apesar do pessimismo de Mary Ann, Cath achava que talvez os pais estivessem chateados demais para brigar com ela. Talvez estivessem mais receptivos às ideias novas e assustadoras dela com as tradições antigas tendo desabado tão recentemente em cima deles.

Ela se sentiu culpada por torcer para isso.

– Já indo dormir? – perguntou o pai quando a viu na porta. – Eu não a culpo, criança. Venha me dar um beijo de boa-noite.

Cath forçou os lábios a sorrirem e se adiantou para dar um beijo na testa enrugada do pai.

– Na verdade – disse ela, recuando –, eu queria ter um momentinho para falar com você. – Ela olhou para a mãe, reclinada no sofá. Cath ainda usava o vestido do festival; a barra estava suja de areia seca. – Com os dois.

Sua mãe ergueu o rosto, perdendo um pouco do cansaço que havia nele, e se empertigou com um sorriso.

– Ah, Catherine. Claro que vamos dar consentimento. Não precisa ficar tão preocupada. Mas sente-se e nos conte tudo. Seria bom ter um pouco de alegria para encerrar esse dia horrível.

Catherine arregalou os olhos, e uma alegria impressionante estava prestes a borbulhar quando ela se deu conta de que é claro que sua mãe estava falando do Rei.

– Obrigada, mãe, mas eu não estava...

Sua mãe indicou a cadeira vazia em frente a eles.

– Não seja tímida, querida. Seu pai e eu estamos esperando há dezessete anos por uma boa notícia assim, e não poderia vir em hora melhor. Só podemos torcer para que todo mundo fique tão empolgado com o casamento que esqueça o infortúnio de hoje. – Ela apertou a mão na testa como se estivesse tentando apagar a lembrança, mas seus olhos se iluminaram de novo. – Ele fez o pedido durante a quadrilha? Você parecia tão feliz lá. Apaixonada até, se não estou enganada. Criança levada, mal consigo acreditar que você guardou segredo de nós por um momento sequer!

Catherine uniu as mãos.

– Você não entendeu, mãe. O Rei não fez pedido nenhum. Ele falou prematuramente durante o concurso. – O canto do olho dela tremeu. – Para ser sincera, fiquei irritada de ele não ter sido mais cuidadoso em manter nosso cortejo uma questão particular.

A mãe dela franziu a testa.

– Você não está noiva?

– Não. Não estou. – Cath se sentou na beirada da cadeira alada que sua mãe tinha indicado. As asas com penas tentaram abraçá-la, mas ela as afastou. – Tem outra coisa que eu gostaria de discutir com vocês.

Sua mãe ainda parecia confusa.

– Uma coisa que não é o Rei?

– O Rei não ocupa meus pensamentos tanto quanto ocupa os seus, mãe.

Sua mãe enrijeceu, e Cath sentiu culpa pela ousadia, mas o riso do pai aliviou o ambiente. Ele se inclinou para a frente, segurando o copinho de licor com a mão enorme.

– Pode falar. O que você tem em mente?

– Bem. – Ela afundou as pontas dos dedos no tecido da saia para não se agitar muito. – Vocês sabem que Mary Ann e eu nos inscrevemos com um bolo no concurso de hoje. O bolo de abóbora com especiarias que os juízes estavam provando logo antes...

– Sim, nós reparamos – disse sua mãe, apertando os olhos. – Eu sei que o Rei gosta dos seus doces, mas quando você vai perceber que não é adequado passar todo o seu tempo na cozinha... e entrar no concurso! A filha de um Marquês entrando em um concurso no festival do próprio. Você não parou para pensar na imagem que isso passaria?

– Eu queria ganhar – disse ela. – Queria o dinheiro que era parte do prêmio.

Seu pai ergueu uma sobrancelha grossa.

– Para quê? Se você precisar de dinheiro...

– Era sobre isso que eu queria falar com vocês. Eu preciso de dinheiro porque eu... eu quero abrir uma confeitaria. – Ela engoliu em seco e falou mais baixo quando percebeu que já estava ficando vermelha: – Mary Ann e eu queremos abrir uma confeitaria.

Os pais olharam para ela, boquiabertos. Os dois sem palavras, pela primeira vez.

Ela seguiu em frente.

– Nós falamos sobre isso há anos. Sei que vocês não acham apropriado. Sei que acham um hobby bobo, que vocês nem aprovam. Mas fazer doces é o que eu amo fazer, e sei que nossa confeitaria seria a melhor do reino. Mary Ann vai ser a sócia perfeita. Ela é boa com números e tem ideias maravilhosamente criativas para atrair clientes. Ela chama de *marketing*. Além do mais, tem uma loja que vai ficar vazia na Rua Principal em breve. Onde fica a sapataria agora, vocês sabem. É do Duque, mas tenho confiança de que consigo persuadi-lo...

– Uma confeitaria! – rugiu sua mãe, e Catherine deu um pulo, se perguntando se tudo depois da declaração inicial foi um desperdício de palavras. – Para que você quer abrir uma confeitaria? Você vai ser Rainha, Catherine!

Seus ombros se contraíram.

– O Rei não me pediu em casamento, e eu não aceitei.

A mãe deu uma risadinha e balançou os dedos no ar. Apaziguada, assim, de repente. Sempre entre a irritação e a diversão.

– Mas ele vai pedir. Além do mais, você consegue imaginar? *Você*, cuidando de uma confeitaria? Você viraria um elefante! Mal consegue controlar seu apetite por açúcar agora. – Ela esfregou as mãos, como se para limpá-las da conversa absurda. – Já chega disso. Vamos para a cama. Está tarde, e acho que amanhã vai ser um dia melhor.

O peito de Catherine estava apertado. Por causa da acusação da mãe. Por causa do menosprezo dela. Por causa da voz de dúvida em sua cabeça que se perguntava se sua mãe estava certa.

Mas também de raiva.

Ela virou o corpo para olhar para o pai, fixando o olhar nele como se a mãe não tivesse falado.

– Estou pedindo sua ajuda. Eu nunca peço nada, mas quero isso. Quero desesperadamente. Você nem precisa me dar o dinheiro. Posso usar meu dote, com a sua permissão.

– O quê? – Sua mãe de novo. – Seu dote! De jeito nenhum, eu nunca...

O Marquês levantou a mão e falou com gentileza:

– Já chega, Idonia. – Para a surpresa de Cath, a mãe fechou a boca.

Um toque de esperança surgiu nela, mas não durou quando o olhar do pai ficou pesaroso.

– Fico feliz de você nos procurar para falar sobre isso, Catherine. Mas tenho que concordar com a sua mãe.

A Marquesa limpou a garganta e cruzou os braços sobre o peito com um movimento vigoroso de cabeça.

– Mas, pai...

– Damas não devem ser proprietárias de negócios, e a herdeira do Recanto da Pedra da Tartaruga tem coisas bem maiores no futuro do que uma vida com as mãos enfiadas em ovos e farinha.

– Coisas maiores de acordo com quem? Não é escolha minha me tornar esposa. E não é escolha minha me tornar rainha. Essas coisas são os sonhos da mamãe, não os meus.

– São meus sonhos também – disse seu pai, e Cath se encolheu com a severidade do tom dele. – São *nossos* sonhos. Para você. Você é jovem, querida, e

apesar do que pode pensar agora, nós só temos sua felicidade em mente. Nós sabemos o que é melhor.

Ela conseguia sentir a ameaça de lágrimas frustradas formigando no nariz, mas as segurou.

– Não. Vocês acham que sabem, mas estão errados. É isso que eu quero. É isso que vai me fazer feliz.

Sua mãe levantou a mão no ar acompanhada de um som enojado do fundo da garganta, mas o olhar do pai permaneceu firme. Na verdade, Catherine não conseguia se lembrar de o pai já ter parecido tão determinado. Era desconcertante, e seu lábio tremeu por ser alvo desse olhar.

– Você não entende o que está pedindo. Uma vida de trabalho. Longas horas, as lutas eternas que acompanham ser proprietária de comércio...

– Como você pode saber?! – gritou ela, balançando os braços para as paredes cobertas de papel da biblioteca e para as coleções de livros antigos. – Você nasceu no meio disto. Não sabe nada sobre propriedade de comércio, enquanto Mary Ann e eu estamos planejando e pesquisando há anos. Sei exatamente o que estou pedindo. Não ligo para herdar seu título. Não ligo para casamento, nem com o Rei e nem com ninguém. É isso que eu quero, e não é justo você achar que conhece meu coração melhor do que eu.

– A resposta é não, Catherine. – O pai colocou o copo de licor na mesa. Os nós dos dedos estavam brancos. – Não vou lhe dar dinheiro e você não vai tocar no seu dote, a não ser que faça parte do processo de entregar para um marido que sua mãe e eu tenhamos aprovado. É o fim da nossa discussão.

A visão de Cath ficou borrada. Ela se levantou.

– Você não vai me dar nem a cortesia de pensar no assunto?

– Acredito que eu tenha acabado de responder à pergunta. Se você tentar tocar no assunto comigo novamente, vou ser obrigado a despedir Mary Ann do trabalho nesta casa.

Ela cambaleou para trás. Mais uma vez, as asas da cadeira tentaram reconfortá-la, e ela as empurrou cegamente.

– O quê?

– Ela é uma criada, Catherine. Não uma amiga. Não uma sócia. Claramente, está botando ideias demais na sua cabeça, e não vou tolerar isso. Está claro?

Ela olhou para ele, movendo o maxilar, mas sem conseguir formar palavras.

– Você está dispensada, Catherine.

Com uma fagulha de ressentimento, ela fechou a boca e apertou os punhos nas laterais do corpo.

– Mary Ann pode ser uma criada, mas *eu* não sou. Posso sair sozinha, obrigada.

Ela deu meia-volta e saiu da sala, batendo a porta no caminho. Lágrimas quentes começaram a escorrer dos olhos. Seus pensamentos gritavam, uma série de argumentos, insultos, chiliques infantis pressionavam o interior do crânio dela.

Em pensamento, ela disse para os pais que eles estavam sendo injustos e antiquados. Disse que não era criança e que tomaria suas próprias decisões. Disse que encontraria outro jeito, com ou sem a bênção deles.

Estava corajosa e indignada e furiosa... mas furiosa consigo mesma mais do que tudo. Ela não soube sempre o que eles diriam? Não esperava isso desde o começo? Não foi por isso que evitou a conversa por tanto tempo?

Ela não podia fingir que as coisas não tinham ido como ela esperava, por mais que tivesse desejado que fosse diferente.

Catherine ficou agradecida de encontrar o quarto vazio. Ainda não estava preparada para conversar com Mary Ann sobre o fracasso. Não conseguia suportar a ideia de destruir os sonhos da amiga, não com os sonhos ainda sendo uma coisa tão nova para ela.

Precisava de um momento para se recompor. Talvez até para elaborar um novo plano. Pois isso não podia ser o fim de tudo que elas desejaram.

Seus olhos pousaram no chapéu de macaron em um canto do guarda-roupa. Uma onda de emoções cresceu dentro dela, todas se unindo em uma só.

Ela era a melhor confeiteira de Copas, e todo mundo que experimentava seus doces sabia. Até Hatta ficou inspirado a fazer aquele chapéu bizarro depois de um pedacinho.

Hatta, que fazia chapéus mágicos.

Hatta, cujo negócio estava prosperando. Que provavelmente tinha vendido mais hoje no festival do que o infeliz sr. Lagarta durante todo o ano na lojinha da Rua Principal.

Sentando-se à mesa, Catherine pegou uma folha de papel, tirou a tampa do tinteiro e considerou sua proposta.

CAPÍTULO 31

A Chapelaria Maravilhosa do Hatta tinha voltado ao local na clareira da floresta, a pequena carroça nas sombras de árvores amplas e folhosas. Mas quando Jest levou Catherine lá da outra vez, o caminho entre os Cruzamentos e a loja estava vazio, abandonado na calada da noite em um canto isolado do reino.

Mas não mais.

Catherine passou por mais de dez clientes da loja voltando para os Cruzamentos. Aves, mamíferos e répteis, todos com sorriso no rosto e chapéu elaborado na cabeça, alguns com criados atrás carregando caixas de chapéu ainda mais coloridas.

A popularidade de Hatta estava se expandindo como um balão de ar quente.

Uma placa de ABERTA estava pendurada na porta da loja, novinha em folha. A janela que o Jaguadarte tinha quebrado fora substituída.

Cath entrou sem bater. Duas Corujas estavam na frente de um espelho, experimentando chapéus diferentes e piando uma para a outra, mas, fora isso, a loja estava vazia. Parecia a loja da praia, só que a mesa comprida estava de volta, agora coberta de ferramentas e suprimentos para dar forma, enfeltrar e ornamentar uma série de adereços de cabeça. Não havia só tesouras e linha, fitas e rendas, mas também pequenos ornamentos estranhos pelos quais Hatta estava se tornando conhecido: fragmentos azuis e verdes de vidro marinho. Escamas de peixe. Garras. Dentes compridos e afiados, ela não sabia de que criaturas.

Conchas variadas. Favos de mel ainda grudentos. Tufos de dente-de-leão, galhos de mirtilo e a casca branca de uma bétula.

Havia uma passagem coberta por uma cortina nos fundos que Catherine tinha certeza de que não estava lá nas duas vezes que entrou na loja. Ela se aproximou e bateu de leve.

– Pode pagar pela sua compra para a árvore na frente – respondeu Hatta com cansaço.

Preparando-se, Catherine puxou a cortina e encontrou um escritório pequeno e abarrotado e Hatta com os pés sobre uma mesa.

– Eu não vim comprar nada – disse ela.

Ele levantou o olhar, e houve uma virada rápida e profunda dos lábios dele para baixo.

– Lady Pinkerton – disse ele. – Eu gostaria de poder dizer que é uma surpresa agradável.

Catherine passou pela cortina.

– Bom dia para você também, Hatta. Eu não sabia que você tinha voltado a não gostar de mim.

– O que você quer? Eu estou ocupado.

– Quer que eu volte mais tarde?

– Eu preferia que não.

Um tremor surgiu acima da sobrancelha esquerda dela.

– Não sei o que fiz para merecer sua ira desta vez, mas vim com uma proposta para você, Hatta.

Ele riu.

– Uma proposta! Ora, ora, que coisinha volúvel. Com quantos homens você pretende se envolver?

Seus ombros se contraíram.

– Então foi a declaração do Rei que virou você contra mim?

– Peço desculpas, *Vossa Senhoria* – disse ele com desprezo. – Mas você ainda não é Rainha, e não tenho tempo para fazer suas vontades. Como pode ver, eu estou trabalhando.

Ele não parecia estar trabalhando, mas Cath segurou a acusação.

– Eu não estou noiva do Rei, independente do que você possa pensar...

Ele riu com deboche.

– Mesmo se estivesse, não seria da conta de ninguém além de mim e Sua Majestade. Você não está em posição de criticar.

– Não é da conta de ninguém além de você e Sua Majestade e do pobre infeliz que faria qualquer coisa no mundo para impressionar você. Mas acho que Jest assumiu por vontade própria o papel de brinquedo divertido da corte do Rei, então por que você deveria tratá-lo de forma diferente?

Seu coração tremeu.

– Jest estava presente quando o Rei pediu para me cortejar. Eu não escondi nada dele, então não vejo por que você deveria se ofender. Agora, se puder ter civilidade por um momento, eu vim falar com você sobre seu negócio. Só preciso de um minuto do seu tempo.

– Você não acreditaria nos poucos minutos que tenho sobrando. – Hatta tirou os pés de cima da mesa. – Além do mais, meu negócio é só meu, Lady Pinkerton. Desejo-lhe um bom dia.

Ela trincou os dentes, tentando sufocar a irritação crescente.

– Como eu falei, eu vim com uma prop... uma oferta para você, e acredito que um empresário esperto me ouviria.

Os olhos lilases arderam com mais desdém do que Catherine conseguia se lembrar de já ter visto dirigido a ela.

– Você poderia estar me oferecendo a própria coroa do Rei e eu não ia querer ouvir uma palavra.

Pontos vermelhos piscaram na visão dela.

– Eu não fiz nada para merecer esse desrespeito.

– Você não está jogando pelas regras certas! – gritou ele, batendo com o punho na mesa com tanta força que Catherine pulou.

Hatta inspirou fundo e virou o rosto; para controlar a raiva, ou talvez constrangido por sua loucura – aquela odiada característica familiar – estar começando a aparecer.

Catherine engoliu em seco e continuou a falar com mais cautela:

– Eu não percebi que estávamos em um jogo, senhor.

Ele respirou fundo algumas vezes antes de dizer:

– Não, isso não é um jogo. Eu falei com pouca consideração pela realidade da situação. – Ele limpou a garganta e ergueu o olhar de novo. Parte da raiva tinha sumido do rosto dele. – Você vai se casar com o Rei, Lady Pinkerton, e desejo toda a felicidade do mundo. Só tenho vergonha de ter sido parte do seu interesse fingido no meu amigo. Tantos sorrisos e flertes, e o tempo todo você estava com o olhar grudado em uma coroa? É uma melhoria e tanto em comparação a um chapéu que tilinta, isso eu tenho que admitir.

– Eu não estou... – Ela fez uma pausa. Afundou as unhas nas palmas das mãos e continuou, mais calma: – Eu não fingi nada com Jest, mas, como falei, isso é entre Jest, o Rei, e eu, e não tem nada a ver com você.

– Ele é meu amigo mais antigo e querido. – Hatta olhou com raiva para ela, fazendo Cath se sentir uma erva-daninha a ser arrancada. – Eu não desejo vê-lo magoado.

O rosto dela estava quente, a autorrepulsa latejando contra a têmpora, quando o olhar pousou no chapéu-coco no canto da mesa de Hatta, enrolado em fita verde.

– O que isso está fazendo aqui?

O olhar de Hatta se deslocou, e uma sobrancelha estava erguida quando ele olhou para ela de novo.

– Caso você não tenha reparado, eu faço chapéus.

Balançando a cabeça, ela esticou a mão para pegar o chapéu, mas Hatta bateu na mão dela. Ela franziu a testa.

– É o chapéu da Tartaruga, o que ela estava usando quando ela... quando... durante o festival.

– Como você é observadora.

Ela ficou olhando para ele. Esperando.

O Chapeleiro olhou de volta.

Catherine ergueu o queixo.

– Esse chapéu teve alguma coisa a ver com a coisa trágica que aconteceu?

– Você vai ter que ser mais específica.

– Você sabe precisamente do que estou falando! Esse chapéu... Hatta, seus chapéus são perigosos?

– Perigosos! Bah! – O tom dele foi mordaz, carregado de ridicularização. Mas, um momento depois, ele estava andando em volta da mesa e entrando no salão principal e enxotando as duas corujas. Ao ver a expressão nos olhos dele, elas voaram rapidamente pela porta, sem reclamar, e Hatta virou a placa para o lado que dizia FECHADA. Ele bateu a porta e voltou para o escritório. Catherine não se mexeu.

– Estou certa? – continuou ela. – Seus chapéus... eles mudam as pessoas, não é?

– Você não faz ideia do que está dizendo. – Um movimento descuidado dos dedos enfureceu Catherine ainda mais.

– Então me explique.

Ele riu.

– Ora, ora. Não consigo me lembrar da última vez que recebi tantas ordens. Que rainha ótima você vai ser.

– Eu não vou ser rainha! – gritou ela, e sentiu uma pontada de orgulho quando o Chapeleiro pulou ao ouvir a voz elevada dela. Cath continuou com compostura gelada: – O Rei não me pediu em casamento, mas, se pedir, tenho todas as intenções de recusar.

Ele olhou para ela com descrença no rosto.

– Eu não acredito nisso.

– Acredite no que quiser, mas pare de mudar de assunto. Esses chapéus... a touca de Mary Ann a deixa capaz de sonhos maiores, e Margaret estava diferente quando usou a rosa, e agora a Tartaruga... a querida Tartaruga...

– A Tartaruga Fingida, você quer dizer. Chame-a do que ela é.

– Ela era uma tartaruga de verdade antes de colocar aquilo! – Ela indicou o chapéu-coco. – Como você pode ser tão insensível? Se foi coisa sua...

– O chapéu não teve nada a ver com a transformação dela. Só está comigo porque ela me procurou hoje de manhã pedindo a minha ajuda. Eu tentei ajudar, mas não estava ao meu alcance. Ela se tornou uma criatura lamentável, mas ainda não está desesperada o bastante.

– Você ia dar um chapéu diferente para mudá-la de volta?

Ele balançou o braço no ar.

– Você não entendeu nada, mas não é da sua conta.

– Mas os seus chapéus mudam as pessoas. Eu vi com meus próprios olhos. Eu senti. Eles são perigosos, Hatta. Você tem que parar!

Seus olhares entraram em batalha, um silêncio violento pontuado pelos batimentos de Cath.

Hatta afastou o olhar primeiro. Voltando até a cadeira, ele se sentou e cruzou as mãos sobre a barriga.

– Meus chapéus não são perigosos, e não vou tolerar você espalhar boatos prejudiciais assim. – Ele apertou os lábios. – Mas são especiais. São únicos em comparação a qualquer outro chapéu no grande Reino de Copas, e como falei antes, eu venho de uma linhagem longa de ótimos chapeleiros.

– Eu não estou interessada em enrolação.

– Você fez uma pergunta. Eu estou respondendo.

– Eu queria que você fizesse isso com menos palavras.

Ele deu um sorrisinho.

– Sim. Tudo bem. Eles mudam as pessoas. Eles as *melhoram*. Mas isso não quer dizer que esse chapéu foi o culpado pela Tartaruga Fingida. Satisfeita?

– Nem um pouco. Como você faz?

– Eu não faço nada. Só faço minhas criações a partir de... materiais únicos.

– Únicos de que forma?

Ele a observou por muito tempo, e ela começou a duvidar que ele responderia à pergunta, até que o Chapeleiro disse:

– Os materiais com os quais meus chapéus são elaborados vêm das terras das Rainhas Vermelha e Branca.

Um tremor desceu pela coluna dela.

– Claro. Você é de Xadrez, como Jest e Corvo.

Ele apertou os olhos.

– Ele contou isso para você?

– Contou. Porque confia em mim. – A voz de Cath estava ousada, e ela conseguiu ver o sinal de irritação nas feições de Hatta.

Ele contraiu o maxilar, mas pareceu tomar a decisão consciente de não ficar irritado. Ele se encostou e tirou uns fios soltos do colete.

– Tenho certeza de que ele teve motivos para contar isso para você. Mas eu sou originalmente de Copas. Cresci na chapelaria do meu pai antes do fim

trágico dele me encorajar a buscar meu destino em outro lugar, para que um destino similar não me encontrasse. Encontrei-o em Xadrez.

– Mas... como? Como você o encontrou?

Ele deu de ombros.

– Um labirinto, um espelho, um poço... uma abundância de desespero. Não é tão relevante. O importante é que minha jornada me ensinou como evitar a loucura que assombrou meus ancestrais e também como me tornar o maior chapeleiro que já viveu, dos *dois* lados do Espelho.

Ele examinou as unhas.

– Eu conheci Jest lá, e ele me apresentou para o Rei Branco e para Haigha. Eu era pobre e solitário, mas o Rei me concedeu título de peão, e foi determinado que Haigha e eu nos tornássemos seus mensageiros reais, contornando as margens dos campos de batalha para entregar correspondências entre os reinos Vermelho e Branco. Em nossas viagens, eu recolhi materiais para serem transformados em chapéus para a Rainha na minha volta. Reuni pedrinhas, flores e ossos e comecei a desenvolver minha reputação. Não só como peão e mensageiro, mas como chapeleiro. O melhor dos chapeleiros.

– Não estou entendendo – disse Cath. – Você foi para lá para fugir do destino do seu pai, para não ficar maluco. Por que se tornar chapeleiro de novo?

Ele levantou um dedo.

– Esse é o truque. Sabe, o Tempo funciona diferente em Xadrez. – Ele pegou o relógio de bolso e deixou pendurado como um pêndulo sobre a mesa. – Às vezes se move para a frente e outras para trás, às vezes vai rápido ou devagar ou para completamente. Mas, enquanto eu me mantiver em movimento, enquanto estiver indo sempre na direção oposta do Tempo, ele não consegue me encontrar, e eu posso nunca encontrar meu destino.

A voz dele assumiu uma cadência estranha, quase harmonizando com o tique-taque do relógio, e Cath se perguntou de novo se ele estava mesmo maluco, apesar do que disse.

Ela afastou esses pensamentos, determinada a ouvir a história até o fim.

– Mas agora você voltou para Copas.

– Voltei. – Ele fechou a mão em volta do relógio e o colocou no bolso. – Jest e o Corvo precisavam de um guia para ajudá-los a atravessar o Espelho, e o Rei e a

Rainha precisavam de um mensageiro para fazer relatórios sobre a... – Ele hesitou.

– Missão – ofereceu Cath. – Jest me disse que eles estão em missão para impedir uma guerra.

O rosto dele ficou brevemente azedo de novo.

– E ele contou que missão é essa?

Ela queria muito poder dizer que sim, mas ele não contou. Ela balançou a cabeça de novo.

– Graças a Deus por isso – murmurou ele, e suspirou. – Eu era o único que sabia o caminho, então Haigha e eu viemos junto. Eu não esperava a feliz descoberta que me aguardava no lar da minha infância. Neste lado do Espelho, todos aqueles bibelôs não eram mais apenas pedrinhas e ossos. Eles não fazem chapéus comuns.

– São perigosos.

– São *maravilhosos*. Um chapéu não completa mais só um traje. Completa *você*. Estou oferecendo um grande serviço ao povo de Copas e vou entrar para a história como o maior chapeleiro que este reino já conheceu, e posso voltar para Xadrez quando eu quiser, não vou precisar perder minha sanidade por isso.

– Mas o que eles fazem?

– Qualquer coisa. Tudo. Eles podem dar um pouco de coragem, de força, um pouco de charme, de interesse, de inteligência...

– Ou podem transformar você em ingrediente de sopa! – gritou ela. – Você sabe que seus chapéus mudam as pessoas, então como pode ter tanta certeza de que esse chapéu não mudou a Tartaruga?

Ele massageou a têmpora.

– Minha reputação é a base na qual este negócio foi construído. Eu não faria nada para prejudicar isso. – Ele passou os dedos pelas fitas e botões e penas espalhados na mesa. – Nós não podemos todos ter a sorte de receber a proposta da mão do Rei, afinal.

Ela ignorou a alfinetada e observou os acessórios na mesa. Os chapéus eram peculiares, excêntricos e lindos de seu jeito único e estranho. E agora ela sabia que eram mais maravilhosos do que a placa lá fora declarava. Hatta seria aclamado como grande chapeleiro e também como artista, mas só se sua reputação permanecesse intacta.

Não era diferente do que ela queria obter com a confeitaria. Embora não desse importância a ficar rica, ela queria ganhar a vida com seu ofício. Queria que as pessoas a apreciassem não pelo rostinho bonito ou um título de família, mas pelo que era capaz de fazer com as duas mãos.

– Peço desculpas se o ofendi, Hatta – disse ela antes que pudesse mudar de ideia. – Eu não vim discutir com você. Vim fazer um acordo.

– Ah, sim. Sua proposta.

Catherine engoliu em seco, enfiou a mão na bolsa e tirou a proposta que ela e Mary Ann passaram a noite escrevendo e revisando.

– Pode ter minha palavra que não vou contar para ninguém sobre Xadrez e nem sobre as propriedades questionáveis dos seus chapéus. Com duas condições.

Ele massageou o alto do nariz, mas não a fez parar.

– Um: você precisa ter certeza de que seus chapéus são seguros para serem usados e parar de vender imediatamente se encontrar evidência do contrário.

– Um negócio com mercadoria defeituosa não prospera. Não preciso da sua rabugice para me dizer isso.

– Certo. Mas você talvez ache meu segundo pedido um pouco menos convencional. – Ela deu um passo mais para perto. – Eu quero que você me dê um empréstimo.

Ele hesitou.

– Um empréstimo? De quê? Dinheiro?

– Sim. De empresário para... empresária. Vou abrir um negócio meu, mas preciso de um investidor.

Ele deu uma gargalhada enorme, estrondosa.

– Mal posso esperar para ouvir mais.

Ela colocou a carta dobrada na mesa de Hatta, apertando na madeira com as pontas dos dedos.

– Nesta carta você vai encontrar minha proposta para a *Doces e Tortas: a Confeitaria Mais Maravilhosa de Toda Copas*.

Ele grunhiu:

– Que pitoresco.

– Você provou o que sou capaz de fazer. Sejam quais forem seus sentimentos pessoais por mim, peço que você considere isso como empresário. Pessoas vão vir de todos os lados para experimentar os mais saborosos bolos, as mais doces tortas, os pães mais macios que já comeram.

Ele olhou para ela por muito tempo, a expressão inescrutável. Finalmente, disse:

– Você quer abrir uma confeitaria.

– Correto.

– E quer a minha ajuda.

– Quero um empréstimo. Está tudo explicado aqui: pagamentos, juros, tudo. – Ela se sentiu inteligente ao falar e ficou feliz de ter cedido e pedido ajuda de Mary Ann para rascunhar a proposta.

Houve outro silêncio bem longo antes de ele dizer:

– E me diga, Lady Pinkerton, uma rainha tem tempo de cuidar de uma confeitaria?

Ela se irritou e respondeu, elaborando com cautela:

– Eu não sou rainha.

– Não – disse ele. – Ainda não.

O tremor na sobrancelha dela piorou.

Apertando a carta com o dedo, ele a puxou para perto. Mas não a abriu.

– Admito sua coragem mais do que gostaria de admitir. Você me lembra um pouco de mim.

Ela ficou tensa.

– Mas não acredito que não seria uma decisão profissional sábia, pois não acredito que você vá ser bem-sucedida nessa empreitada.

Foi como levar um tapa de tão forte e sem justificativa que foi a rejeição.

– Como você pode dizer isso?

– Os macarons foram impressionantes, mas na sua pressa em me culpar pelo incidente infeliz no festival você deixou passar outra possibilidade. Uma prova potencialmente incriminadora que os outros não vão deixar passar tão fácil. Eu me pergunto se você insiste *tanto* em achar defeito em mim porque *você* tem uma coisa para esconder.

– Eu não sei do que você está falando.

– A Tartaruga, aquela coisinha pobre e querida, tinha, momentos antes da transformação, comido uma fatia inteira do seu bolo.

Ela ficou paralisada.

Até considerar que podia ter sido o chapéu, esse era seu medo, embora ela tivesse esperança de que mais ninguém fosse fazer a conexão. Ela odiava pensar que ele podia estar certo: culpar os chapéus dele significaria que ela podia parar de questionar se ela própria estava envolvida.

Porque era só um bolo. Só um bolo de abóbora com especiarias.

– Dos cinco juízes – continuou Hatta –, ele foi o único a experimentar sua sobremesa. Naturalmente, as pessoas estão começando a questionar se não foi seu bolo que resultou na mudança infeliz.

O coração dela disparou.

– Eu já fiz dezenas... centenas de bolos, e nunca uma coisa assim aconteceu.

– Mas só é preciso um.

Ele pegou a carta de Cath e começou a picá-la em tiras, sem nem se dar ao trabalho de quebrar o selo de cera. O maxilar dela estava doendo de tanto apertá-lo enquanto olhava horas de planejamento cuidadoso serem destruídas.

– Além do mais – disse Hatta, jogando os papéis picados nela. Os pedacinhos rodopiaram, tremeram e grudaram no tecido do vestido. – Tenho uma regra pessoal de não entrar em negócios com criaturas covardes. Cobras. Enguias escorregadias. E a pior de todas, mulheres volúveis. Pode bancar a tímida o quanto quiser, Lady Pinkerton. Agarre-se à crença em sua inocência. Você sabe tão bem quanto eu que vai partir pelo menos um coração antes de isso tudo acabar, e não quero ter mais nada a ver com você.

CAPÍTULO 32

CATHERINE ENTROU PELA PORTA DOS FUNDOS, tremendo de fúria e pelo insulto. Na cozinha, quase se chocou com Abigail carregando uma bandeja de sanduíches de pepino ao correr para a escada.

A criada ofegou.

– Lady Catherine! Ah, graças aos céus. Mary Ann foi chamada para o andar de cima, e é melhor você subir também, antes que a Marquesa tenha um troço.

– Chá? Cedo assim?

Abigail inclinou a cabeça, pedindo silenciosamente que Catherine fosse rápido.

Lembrando-se da ameaça dos pais de demitir Mary Ann, Catherine pendurou o xale e subiu a escada dois degraus de cada vez. Normalmente, seu pai tomava chá na biblioteca, mas, quando pisou no patamar, ela ouviu vozes vindas da sala da frente, que só era usada para receber convidados.

A ideia de receber alguém fez seus ossos tremerem.

Ela pensou em ir para o quarto e fingir que não estava em casa, mas antes que pudesse tomar uma decisão sua mãe colocou a cabeça na porta. Seu rosto estava distorcido em um sorriso maluco.

– Catherine! Aí está você. Achei que tivesse ouvido você chegar, minha doce garota!

Doce garota?

Um novo medo pesou nos ombros de Catherine.

– Eu não achei que estivéssemos esperando convidados. Não estou vestida de forma adequada para...

Adiantando-se, sua mãe ajeitou o cabelo de Catherine e arrumou a gola do vestido, depois a empurrou para a sala.

– Não seja tola, querida. Não devemos deixar nossos convidados esperando...

– Mas...

– *Aqui está ela, Vossa Majestade!* – gritou sua mãe, empurrando Catherine pela porta. – Eu a encontrei parada no corredor, essa coisinha acanhada!

O Rei e o Marquês pularam e ficaram de pé. Mais uma vez, o Rei tinha levado junto o agitado Coelho Branco, seus guardas e Jest. Mais uma vez, Jest estava perto da janela mais distante, a roupa preta e o chapéu delineados pela luz da tarde. Ele estava em posição respeitosa, as mãos unidas nas costas, mas, desta vez, estava olhando para a parede e não para ela.

Do outro lado da sala, Mary Ann parou de servir o chá por tempo suficiente de lançar um olhar curioso para Catherine. Cath não conseguiu sustentá-lo, com vergonha demais do fracasso recente com Hatta.

O Rei bateu palmas, um aplauso único para a entrada oportuna de Catherine.

– Aqui está ela, aqui está ela! – disse ele. – E aqui estou eu: surpresa!

Cath forçou um sorriso trêmulo.

– Bom dia, Vossa Majestade. A que devemos essa honra?

– Ah, minha amada – disse o Rei, sorrindo ao dizer a palavra e ignorando a careta de Cath –, vai haver um espetáculo extraordinário no Teatro Lobe esta noite, uma produção especial de *Rei Ria*, apresentada em minha homenagem! Eu estava pensando... – Ele limpou a garganta. – Eu gostaria, com a permissão do Marquês, que você aceitasse me acompanhar, meu... meu docinho. – As mãos dele se entrelaçaram e sua timidez seria fofa se Cath não estivesse tão afrontada.

– Ora, parece esplêndido, Vossa Majestade – disse a Marquesa. – Não parece esplêndido, Catherine?

O olhar dela se desviou para Jest, um tanto contra sua vontade, mas sua expressão estava tão vazia quanto um lago intocado.

– Fico honrada, Vossa Majestade, mas eu precisaria de um acompanhante para uma saída assim, e não sei se podemos abrir mão...

– Leve Mary Ann – disse sua mãe. Mary Ann parou enquanto servia uma colher de açúcar em uma xícara. – Mary Ann, pare de ficar fazendo isso e vá trocar de roupa. Vapt-vupt! – Sua mãe pontuou as palavras com estalos dos dedos e, com um olhar surpreso para Catherine, a criada saiu correndo do aposento, e a Marquesa assumiu a tarefa do chá. – Você também, Catherine. Vá ficar apresentável. O Teatro Lobe é muito elegante, pelo que me lembro, apesar de haver anos que o sr. Pinkerton me levou lá, não é mesmo, sr. Pinkerton?

O Marquês sorriu para ela, os olhos sonhadores.

– Ah, sim, meu amor, eu me lembro bem. Você estava deslumbrante naquela noite, e acredito que passei mais tempo olhando para você do que para a peça. *A quimera domada*, não foi?

A Marquesa deu uma risadinha.

– Mas, mãe – disse Catherine –, e o Jaguadarte? Não pode ser seguro...

O prazer de sua mãe virou uma testa franzida.

– Não seja boba, criança. Você vai estar com o Rei! Cercada de guardas! Nenhum mal vai acontecer a você.

– Mas eu acabei de chegar em casa e não...

– Catherine. Sua Majestade requisitou sua presença em um espetáculo extraordinário. Nós não vamos decepcioná-lo, vamos?

Com isso, Cath sabia que ela estava perguntando se Catherine ousaria decepcioná-*la*.

Ela deu um leve balanço de cabeça.

– Como eu pensei. Agora corra e vista algo adequado. – Seu sorriso brilhante voltou quando ela se virou para o Rei novamente. – Vossa Majestade disse que toma chá com leite, não foi?

Mordendo o lábio, Catherine se virou para a porta. Ousou dar uma última olhada em Jest, mas a única mudança foi um leve franzido entre as sobrancelhas. Como se sentisse a atenção dela nele, ele suspirou lentamente, mas o foco permaneceu na parede mais distante.

Quando subiu para trocar de roupa, Cath se perguntou qual deles queria menos estar ali.

O TRAJETO DE CARRUAGEM foi ainda mais constrangedor. Com Catherine e Mary Ann ocupando dois lugares na caleche do Rei, o Coelho Branco foi obrigado a se sentar do lado de fora com o cocheiro, e parecia tão desolado por isso que Cath quase sugeriu trocar de lugar com ele.

No final, desejou ter feito isso, pois acabou espremida em um pequeno ambiente de frente para o Rei e Jest no outro banco.

Por sorte, o Rei pareceu alheio ao desconforto ao redor. Fez um monólogo jovial sobre os jardins do palácio e o quanto queria uma casa na árvore quando algumas ficassem grandes o suficiente para aguentar.

Os olhos de Jest permaneceram grudados na janela, apesar de a cortina estar fechada.

Cath se viu se inclinando na direção de Mary Ann cada vez que o Rei dizia alguma coisa particularmente irritante, e Mary Ann começou a fazer o mesmo, oferecendo a empatia silenciosa que podia. Em pouco tempo, seus ombros estavam tão apertados um contra o outro que os dedos de Cath começaram a formigar.

Ela ficou agradecida quando eles chegaram ao teatro, uma maravilha arquitetônica com assentos que contornavam quase todo o palco, imitando o formato de uma orelha humana.

Com a chegada do Rei, um grupo de cortesãos de Ouros se curvou até ficarem deitados de bruços, formando um tapete que levava até a entrada do teatro, que era entalhada para parecer duas orelhas de coelho erguidas. O cocheiro de olhos saltados ajudou Cath e Mary Ann a descerem da carruagem.

Pegando um cetro no assento do motorista, Jest levou o grupo em frente, segurando o cetro alto. Antes de ele entrar no teatro, o grande corvo desceu do céu e pousou no topo do cetro como se fosse um poleiro. Jest não diminuiu a velocidade, mas o Corvo virou a cabeça para olhar para Cath com os olhos pretos sem expressão. Ele levou o bico ao ouvido de Jest e disse alguma coisa que Cath não conseguiu ouvir. Jest balançou a cabeça intensamente em resposta.

Catherine percebeu que estava olhando fixamente para ele. Quase não tinha parado de olhá-lo desde que saíram do Recanto da Pedra da Tartaruga.

Se Jest olhou para ela uma vez que fosse, ela não percebeu.

O Rei, sempre distraído, ofereceu o cotovelo, e Cath aceitou, sufocando sua decepção. Mary Ann foi logo atrás, pedindo desculpas aos cortesãos quando pisou neles.

O saguão estava cheio de convidados esperando para tomar seus lugares. Jest e o Corvo já tinham desaparecido na multidão quando Catherine e o Rei entraram e foram recebidos por reverências e mesuras e tantos parabéns que era como se eles já estivessem noivos. Catherine se esforçou para oferecer olhares perplexos em resposta, mas ficou logo claro que ela estava perdendo a batalha. Depois da declaração do Rei no festival, toda Copas acreditava que eles estavam noivos, e parecia haver pouco que Catherine pudesse fazer para dissuadir esses boatos ali, no teatro, de braços dados com o Rei.

Da noite para o dia, sua vida tinha virado um redemoinho que a sugava para baixo da superfície.

Eles cumprimentaram Margaret Mearle, que pareceu arrogante e nada impressionada de Catherine ser agora favorita do Rei, e o Duque, que tentou esconder a inveja do sucesso romântico.

Cath percebeu que estava tão absorta nas questões do próprio coração que acabou falhando com o Duque. Ele tinha pedido a ajuda dela para ganhar os afetos de Margaret, mas ela só conseguia pensar em sacudir os dois e mandar que superassem o orgulho e o constrangimento antes que fosse tarde demais.

Uma mão segurou o pulso de Cath de repente, afastando-a do Rei. Ela girou e ficou surpresa de se ver olhando para o rosto magrelo de Lady Peter, que a segurava com mais força do que Cath achava que era capaz.

– Tem mais? – perguntou Lady Peter antes que Cath pudesse dizer um cumprimento. Ela estava sussurrando, mas foi quase tão alto quanto um grito no espaço lotado.

Cath baixou a cabeça para mais perto, sem saber se tinha ouvido direito.

– Mais?

Lady Peter assentiu, os olhos vermelhos. Ela lançou um olhar ao redor antes de puxar Cath para mais perto. Os rostos estavam a centímetros um do outro

agora, e Cath viu o tom amarelado dos dentes da dama, os ossos das maçãs do rosto. Havia uma camada de suor no lábio superior.

– Me diga – disse Lady Peter, suplicante. – Por favor, me diga que tem mais. Eu faço qualquer coisa, pago qualquer valor... – A voz dela falhou. – Quer dizer, não tenho muito dinheiro, mas posso pagar em terras e em favores, ou...

– Lady Peter, por favor. Eu não sei de que você está falando.

A voz dela ficou ainda mais baixa.

– *Do bolo.*

Catherine ficou boquiaberta.

– Perdão?

A boca de Lady Peter se curvou para baixo de irritação, e ela remexeu nos bolsos do vestido. Cath percebeu que era o mesmo vestido preto de musselina que ela usou no baile preto e branco do Rei, e, embora fosse praticamente um trapo em comparação aos vestidos que as outras damas usavam, ela se perguntou se não era o melhor que Lady Peter tinha.

O pensamento a atingiu com uma pontada de pena, e ela se questionou se seria muita grosseria lhe dar um de seus vestidos. Ela tinha muitos, mas teria que ser muito ajustado para caber nela, e Sir Peter não parecia gostar de caridade...

Seus pensamentos foram interrompidos quando Lady Peter tirou a mão do bolso, revelando um guardanapo de linho manchado. Ela puxou as pontas e, no centro do guardanapo, havia os restos de uma fatia do bolo de abóbora com especiarias, tão amassado que o bolo e a cobertura tinham se misturado em uma bolota quase irreconhecível.

Algumas migalhas começaram a cair pela beirada do guardanapo, e Lady Peter ofegou e se inclinou para pegá-los com a boca.

O corpo todo estava tremendo quando ela olhou para Cath de novo, dobrou o guardanapo sobre o bolo e guardou no bolso.

– Peguei tudo que não foi comido depois do festival, mas só sobrou essa fatia. Por favor, você deve ter mais. Me diga que tem mais.

Cath começou a balançar a cabeça.

– Não, eu... me desculpe. Eu só fiz um bolo.

Ela não viu sentido em mencionar o bolo de teste que tinha feito. Não durou muito perto dela e de Mary Ann.

A expressão de Lady Peter mudou. Não ficou decepcionada, mas com um tipo desesperado de dor. Ela esticou as mãos para os punhos de Cath de novo e apertou os dois desta vez.

– Mas onde você conseguiu a abóbora?

Cath abriu os lábios. E hesitou.

Ela não podia admitir o roubo para a esposa do sujeito.

– Por favor! – ganiu Lady Peter. Cath ofegou quando o aperto ficou mais forte, ela ia acabar deixando hematomas. – Vou morrer sem isso. Por favor.

Morrer?

Ela estava morrendo? Parecia mesmo bem doente.

Cath gaguejou:

– Foi da plantação do seu... do seu marido. Me desculpe. Eu não devia ter pegado, mas parecia abandonada e...

– Mentirosa!

– Ai! – Cath puxou as mãos e olhou para baixo, atordoada. Viu que as unhas de Lady Peter deixaram arranhões sangrando nos braços dela. Ela cambaleou para trás, a solidariedade anterior eclipsada por choque.

– Ele destruiu todas – disse Lady Peter. O rosto estava abalado e pálido como papel. – Queimou todas. Não entende como preciso, *preciso*...

Uma sombra surgiu sobre elas, e Cath ficou quase aliviada de ver Sir Peter. Ele segurou o braço da esposa e olhou dela para Cath com a cara feia terrível.

– O que está acontecendo?

– Nada – disse Lady Peter rapidamente, voltando a ser a garota trêmula e dócil de que Cath se lembrava do baile. – Só estou tentando fazer amizades, como você falou...

– Não perca seu tempo com Lady Pinkerton. Ela nos acha inferiores a ela – disse ele, o que Cath achou injusto, apesar de ter visto pouco a admirar neles. – A peça vai começar.

Lady Peter não discutiu quando ele a levou, mas seu olhar se encontrou novamente com o de Cath. Suplicante. Suplicante.

Assim que eles se afastaram, Catherine respirou fundo. Esfregou os pulsos, feliz de os ferimentos não serem fundos e já terem parado de sangrar, apesar de arderem muito.

Ela observou a multidão, atordoada por um momento e incapaz de lembrar onde estava e por que estava ali. Viu o Rei tendo uma conversa com a Condessa Viúva de Wontuthry, o Rei em cima de um degrau para poder ficar da altura da Condessa, mesmo com as costas curvadas dela.

Cath demorou um tempo para lembrar que tinha ido com o Rei. Ele era seu pretendente. Muitos acreditavam que era seu noivo.

Só então ela percebeu que, no atordoamento, estava procurando Jest.

Com o estômago despencando, ela abriu caminho pelo saguão cada vez mais vazio. O Rei abriu um sorriso quando a viu e se despediu da Condessa antes de puxar Cath pela escada. Ela o seguiu com medo crescente por um corredor exuberante decorado artisticamente com moldes de gesso de vários aparatos de audição: desde pequenas orelhinhas de rato a enormes orelhas de elefante. Arandelas em formato de tochas iluminavam as esculturas.

O Rei tinha um camarote particular no primeiro andar, o tipo que sacrificava uma vista boa do palco em troca de ser visto pelo resto das pessoas no teatro. O Coelho Branco estava segurando a cortina de veludo.

Seu coração pulou quando ela viu que Jest estava lá, esperando-os, uma sombra silenciosa na amurada. O Corvo ainda estava empoleirado no centro, limpando as penas.

Mas como Jest nem olhou quando eles entraram, o coração dela despencou novamente.

– Aqui estamos, aqui estamos! – disse o Rei, levando Catherine para a fileira da frente. Ela ouviu Jest inspirar fundo quando foi espremida por ele, o corpo recuando para não tocar nela, e precisou fechar bem as mãos de propósito para não roçar na mão dele sem querer.

Ela e o Rei se sentaram na fileira da frente enquanto Mary Ann ocupou uma cadeira atrás deles. Jest e o Coelho ficaram em pé na porta. Cath grudou o olhar no palco e na cortina fechada, ansiosa para a peça começar para ela poder fechar os olhos e se imaginar em outro lugar.

– Dá para enxergar direito, Lady Pinkerton?

– Perfeitamente – disse ela, resistindo à vontade de perguntar se ele precisava de uma almofada para ficar mais alto.

– Quer alguma coisa? Uma taça de vinho? Queijo?

– Estou bem, obrigada, Vossa Majestade.

– Está calor demais? Aqui, Coelho, pegue o xale de Lady Pinkerton...

– Não, obrigada, Vossa Majestade.

O Rei hesitou, o rosto ansioso para agradar, e acabou sossegando. Depois de um momento, ele se inclinou para a frente, tão distante da amurada que Cath teve uma vontade estranha de empurrá-lo, embora o pensamento a tenha feito se sentir péssima. Aquele homem, ela lembrou a si mesma, não tinha culpa de nada do que tinha acontecido.

Ela queria que ele não tivesse feito algumas suposições e nem feito aquele anúncio vergonhoso no festival, mas foi ela quem aceitou o cortejo. Era ela que não devia ter deixado que aquilo fosse em frente por tanto tempo, não se pretendia recusá-lo.

Ela tinha que dizer não para ele. Tinha que agir.

Mas pensar nisso dava dor de cabeça.

O Rei se virou para o Coelho.

– Quanto tempo falta para a peça começar?

Uma agitação atrás de Catherine foi seguida do tiquetaquear de um relógio de bolso. Ela se perguntou se foi o que Jest deu para ele no baile, mas não se virou para olhar.

– Cinco minutos, Vossa Majestade – respondeu o sr. Coelho.

O Rei se virou e balançou os pés.

– Jest, Lady Pinkerton e eu estamos entediados. Você pode nos distrair?

Cath levantou a cabeça.

– Não é necessário. Eu não estou entediada, na verdade.

Jest olhou para ela, finalmente. Ela tentou sorrir, imaginando que eles eram cúmplices na compreensão da situação, mas ele se encolheu e deu as costas.

Encolhendo-se, Cath olhou para baixo.

– Eu gosto de observar as pessoas. Ora, aquela é a sra. Codorna? Eu soube que ela estava com o ninho cheio de ovos alguns meses atrás, mas parece que todos foram chocados. Que família linda eles são.

O Rei acompanhou o gesto dela.

– São mesmo! – Ele juntou as mãos embaixo do queixo. – Eu adoro quando eles são pequenininhos, você não? Os anjinhos fofos com biquinhos pequeninos

e corpinhos gordinhos.

Ele suspirou, e Catherine teve que concordar que as codornas bebês eram adoráveis. Ela contou doze, ocupando uma fileira inteira.

– Quantos você quer? – perguntou o Rei, apoiando os cotovelos na amurada e o queixo nas palmas das mãos.

Ela olhou para ele de lado.

– Ovos? Ou codornas?

– Filhos. – O rosto dele estava vermelho, mas os olhos estavam sonhadores quando ele olhou para Catherine pelos cílios. – Eu quero uns dez um dia.

Um rubor subiu pelo pescoço dela e se espalhou pelas bochechas. Um ruído engasgado impossível de ignorar vindo de Jest foi como outra faca enfiada na barriga dela.

– Eu... acho que nunca pensei muito no assunto – disse ela, engolindo em seco em seguida. Ela achava que seria bom ter uma família um dia.

Mas não com ele. Copas dos céus, não com ele.

Jest bateu o cetro com tanta força no chão que Cath o sentiu vibrando pelos sapatos. O Corvo grasniu e bateu as asas por um momento, antes de se acomodar novamente.

Catherine e o Rei se viraram.

– *Eu* gostaria de vinho – disse Jest, olhando para o Rei como se desafiasse seu soberano a negar um pedido assim. – Posso trazer algo para o casal feliz?

O coração de Cath saltitou.

– Você vai embora?

O resto da pergunta murchou no ar. Ele ia deixá-la sozinha? Com *ele*?

Ela ficou surpresa com o quanto ficou magoada. Afinal, Jest tinha dito que não competiria com o Rei pelo amor dela. Que ficaria de fora até ela tomar a decisão.

Cada momento passado na presença do outro a fazia se sentir uma covarde, mas isso não mudava o fato de que ela não queria que Jest saísse.

Covarde, covarde, covarde.

O Rei começou a quicar na cadeira.

– Arrá! Está vendo, Jest, ela quer um pouco de entretenimento!

– Ah, não, não foi isso que eu quis, céus. Está quente aqui, não está?

Parte da tensão nos ombros de Jest desapareceu.

– Me permita – disse ele dando um passo e a ajudando a tirar o xale antes de ela conseguir respirar. As pontas enluvadas dos dedos estavam macias em seus ombros. Ela tremeu.

– Claro que fico feliz em oferecer entretenimento, se a dama desejar – disse Jest, pendurando o xale dela em um gancho no fundo do camarote. – Talvez eu deva oferecer descrições poéticas da pele de cobertura de creme de manteiga da dama? Elogios infinitos ao cabelo que parece chocolate derretido?

Em vez de constrangido por Jest citar sua correspondência "pessoal", o Rei balançou os calcanhares com alegria.

– Isso foi de uma das cartas que mandei para você, lembra? Jest só precisou me ajudar um pouquinho com essa. – Ele ajeitou a coroa na cabeça. – Fiquei morrendo de fome depois que escrevi.

– A boa literatura estimula o apetite. – Jest não estava mais tentando disfarçar o tom irônico, mas não parecia haver risco de o Rei perceber o deboche.

Catherine apertou o braço do assento, o corpo ainda virado para olhar para Jest. Mary Ann ficou olhando do canto, fingindo estar invisível.

– Para ser sincera, não foi minha favorita dentre as cartas enviadas. Afinal, sou uma dama, não uma sobremesa.

As bochechas de Jest tremeram. Cath não se deu ao trabalho nem de olhar para o Rei.

– Na verdade – prosseguiu ela –, poesia e presentes podem ter seu lugar, mas gosto mais dos atos de cortejo que contêm um elemento de bobeira e um indicativo de impossibilidades.

Um silêncio se espalhou pelo camarote. Jest apertou os lábios. Ficou olhando para ela e apertou o cetro. Seus olhos se encheram de um desespero silencioso.

Ela tinha falado demais, e mesmo que não tivesse dito nada, a verdade de suas emoções devia estar na cara dela.

– Minha amada – sussurrou o Rei. Ela fez uma careta e se preparou para o que devia ser o final daquela noite, daquele romance inexistente. Ela ousou olhar para ele, pronta para aceitar a decisão dele de cancelar o cortejo. Mas não viu um ânimo destruído, nem irritação, nem confusão. Só viu alegria nos olhos do Rei.

Ele segurou a mão dela. Ela deu um pulo e ficou com as costas enrijecidas.

– Eu sinto o mesmo – disse ele, e parecia capaz de chorar. A mão dela estava inerte como um peixe morto, mas ele a segurava como se fosse uma pedra preciosa.

– Er... Vossa Majestade...

Atrás deles, Jest tirou o chapéu de bobo. Os guizos tilintaram.

– Percebo que ainda não dei os parabéns pelo noivado – disse ele, fazendo uma reverência. – Vocês parecem um par perfeito, e desejo aos dois a alegria de um coração satisfeito.

Catherine tentou balançar a cabeça, as emoções em frangalhos.

A luz dos candelabros ficou mais fraca, e Jest recolocou o chapéu na cabeça.

– Apreciem a peça. Vossa Majestade. Lady Pinkerton. – Ele se virou para a fileira de trás. – Srta. Mary Ann.

Cath apertou o braço da cadeira e tentou passar para ele o quanto queria que ele ficasse, o quanto daria qualquer coisa para estar ao lado dele, não no do Rei.

Jest afastou o olhar e saiu do camarote, o Corvo ainda pousado no cetro.

Infeliz, ela se virou para olhar o palco. Sua mão estava fria, mas a do Rei quente e suada. Ele não a soltou. Ela conseguia ver vislumbres da expressão satisfeita dele com o canto do olho.

A cortina começou a subir. Uma orquestra tocou, e o primeiro ato se iniciou no palco. A plateia aplaudiu, o Rei mais do que todo mundo.

CAPÍTULO 33

CATHERINE ESTAVA EXAUSTA, na cabeça, nos membros, até nos dedos dos pés espremidos em suas melhores botas. Sua cabeça estava cheia de fantasias de ir para casa, entrar embaixo das cobertas e só sair depois do sono mais longo de sua vida. O desejo era tão poderoso que ela queria chorar de verdade.

Deu para perceber que a apresentação foi excelente, a julgar pelos ofegos e aplausos frequentes da plateia, mas mal conseguiu manter os olhos ardendo abertos o bastante para apreciar a peça, e a história já estava confusa em sua cabeça na segunda cena.

Só quando um bobo da corte apareceu no palco foi que ela se obrigou a prestar atenção. Mas não era Jest, só um ator, usando a roupa preta familiar, fazendo estrelas no palco e contando piadas ruins que fizeram a plateia rir histericamente. Ele tirou sarro do Rei, espiou embaixo da saia de atrizes passando, balançou o chapéu até o tilintar dos guizos ser a única coisa que Cath conseguia ouvir em pensamento.

Quando a plateia começou a rir novamente, Cath se levantou.

– Preciso ir ao toalete.

O Rei nem prestou atenção quando ela saiu, absorto demais com o bobo da corte falso, mas Mary Ann começou a se levantar para ir com ela. Cath fez sinal para ela ficar.

– Eu estou bem, volto logo.

A escada até o saguão ecoou com os passos quando ela desceu rapidamente, segurando no corrimão para não tropeçar na saia. Só quando seus pés tocaram no degrau final e ela deu a volta ainda com a mão no corrimão foi que ouviu a voz ribombante de Jest, seguida do tom agudo e arrogante de Margaret Mearle.

Catherine recuou e se escondeu atrás de um pilar.

– ... tão teimoso quanto pode ser! – disse Margaret.

– Uma boa descrição – concordou Jest, embora parecesse cansado –, mas a teimosia nem sempre é defeito, particularmente nas questões do amor.

Margaret riu com deboche.

– *Amor?*

– De fato, amor, ou é o que parece da minha perspectiva. Você devia ver como os olhos dele a acompanham por um aposento. Podem ser pequenos e brilhantes, mas transbordam sentimento. – Jest limpou a garganta. – A moral disso, claro, é que "a beleza está nos olhos de quem vê".

– Eu nunca ouvi essa moral, e como tenho certeza de que você sabe, tenho amplo conhecimento nas questões de moral.

– Acho que li em um livro.

– Bem. – Houve uma longa hesitação. – É um tipo decente de moral, eu acho.

– Tinha outra coisa. Alguma coisa sobre não pôr mesa... temo que não tão adequada.

– Ele é casca grossa e cabeça dura.

– Duas das melhores qualidades do Duque. Devo acrescentar que ele se veste de forma impecável.

Margaret resmungou, não convencida.

– E corajoso – acrescentou Jest –, como demonstrado quando ele entrou entre você e o Jaguadarte no baile. E também leal e compassivo, mesmo com os criados. Eu soube que ele se recusa a demitir a cozinheira, embora digam que ela é bem ruim.

– Mas eu não entendo. Ele é sempre tão grosseiro comigo. Eu nunca me senti tão criticada na vida quanto me sinto na presença dele, com aquele olhar arrogante que ele lança para todos e o jeito como vira o nariz para cima.

– Não é possível, Lady Mearle, que você o tenha avaliado injustamente? O que você chama de grosseria pode não ser mais do que a incapacidade dele de

falar com facilidade com uma garota que admira.

– Você acredita mesmo que ele sente isso?

– Ele mesmo me contou, Lady Mearle. Que motivo eu teria para enganá-la?

– É que parece tão... repentino.

– Eu garanto que está acontecendo por mais tempo do que você percebe. Aqui, ele me pediu para lhe dar isto.

Catherine ouviu o barulho de pergaminho.

– O que é?

– Um convite para ir ao camarote dele esta noite, se você desejar, junto com sua acompanhante, claro. Ele disse que deixaria uma cadeira disponível, com esperanças de você aceitar o convite.

Margaret soltou um *oh* satisfeito. O papel fez mais barulho.

– Eu... bem. Acho que não vai fazer mal... só por uma noite... afinal, eu não sou o tipo de dama que fica indecisa quando recebe a admiração bem-intencionada de um homem.

– Eu jamais ousaria sugerir uma coisa assim, Lady Mearle. Espero que você aprecie o resto da peça.

Catherine se grudou no pilar e foi indo para o lado mais distante conforme ouvia os passos de Margaret se aproximando. Entrou embaixo do corrimão da escada quando ela passou correndo e estava expirando quando uma agitação de penas atacou seu rosto e um grasnido soou em seus ouvidos. Catherine cambaleou para longe do pilar, se encostou na parede e balançou as mãos para a ave feroz.

O Corvo se virou e voou para cima, até pousar no busto esculpido de um dramaturgo com expressão severa.

– Corvo! – repreendeu Jest. – Isso não foi simpático.

– Não, não, tenho certeza de que eu mereci – disse Cath, tentando ajeitar o cabelo. – Eu não devia ter ficado ouvindo.

O Corvo virou a cabeça, o bico virado para o alto, e ficou claro que ele agora compartilhava da opinião ruim de Hatta sobre ela. Afinal, ela era a charlatã que fez Jest fazer papel de bobo enquanto era cortejada pelo Rei.

– Independente disso, você não precisava tê-la assustado, Corvo. Você devia pedir desculpas.

– Jamais! – disse o Corvo.

– Corvo!

– Tudo bem. Eu é que tenho que pedir desculpas por ficar me esgueirando.

Cath contornou a escadaria e viu Jest encostado em uma parede, segurando o chapéu com uma das mãos e o cetro de ébano com a outra. Metade do cabelo estava grudada na cabeça, e ele parecia um vagabundo que tinha ocupado o teatro. Se não fosse a batida vinda das portas fechadas, o local pareceria abandonado, exceto pelos dois.

– Obrigada pelo que você falou para Margaret agora – disse ela. – Você não precisava me ajudar.

Ele colocou o chapéu de volta.

– Vamos imaginar que não fiz por você, mas por um amor verdadeiro. – Ele deu de ombros, o gesto não tão indiferente quanto ela achou que ele pretendia que fosse. – Eu tive a honra de falar com Sua Graça no chá, o chá do *Rei*, e acredito que ele goste muito de Lady Mearle. – Seus olhos se apertaram e ele olhou para a escadaria por onde ela tinha subido. – Não sei muito bem por quê.

– Também me surpreende. Mas... o que você acha que vai acontecer quando ela descobrir que as coisas que você disse não são verdade? Acho suas intenções louváveis, mas podem fazer mais mal do que bem.

Jest inclinou a cabeça.

– O que faz você pensar que falei qualquer coisa que não era verdade?

– Bom, só que o Duque... – Ela hesitou. Corajoso. Leal. Sempre impecavelmente vestido, embora às vezes fosse difícil perceber com o tamanho da barriga e seu jeito estabanado. Ela franziu a testa. – Você acreditaria que eu o conheço por quase toda a minha vida? Como é possível que você o conheça melhor tão rapidamente?

Ele voltou o olhar para o cetro, passando distraidamente os dedos pelo globo polido e liso.

– Você devia voltar para o seu lugar, Lady Pinkerton. Volte para o seu pretendente.

– Por favor, não o chame assim.

– E como devo chamá-lo?

– Só de Rei, por favor.

Ele não olhou para ela. Embora eles estivessem a pouco mais de dez passos de distância, pareciam quilômetros.

– Nada aconteceu como eu achei que seria – disse ele, e ela se perguntou se estava falando sozinho ou com o Corvo. – Eu achei que tudo seria bem mais fácil.

– Sua missão? – arriscou ela, baixando a voz. – Da Rainha Branca?

O Corvo soltou um grasnido surpreso, mas Jest o ignorou. Também ignorou a pergunta dela.

– Sua Majestade vai fazer o pedido em breve, sabe. Eu quase espero que ele faça isso esta noite.

Com uma careta, Cath olhou para o primeiro andar, feliz de não estar naquele camarote escuro, fingindo estar se divertindo. Esperando que o Rei pedisse a mão dela.

– Se você está me perguntando se meus sentimentos mudaram – disse ela –, não mudaram.

– Não, isso está claro. – Jest coçou embaixo da beira do chapéu. – Lamento se fui frio com você hoje. Apesar de saber que você não gosta do Rei assim, ver você com ele me deixa com um sentimento absurdo de ciúme.

O coração dela deu um salto.

– É mesmo?

A expressão dele ficou irônica quando finalmente olhou para ela.

– Isso não pode ser surpresa para você.

Ela tentou não balançar de tanta satisfação.

O Corvo soltou um barulho engasgado de repulsa e voou até um dos candelabros. Ele começou a se limpar, como se estivesse sujo.

– Você devia voltar – disse Jest. – Para o caso de alguém sair aqui. Nós não íamos querer que... Pareceria...

Os lábios dela tremeram. Era uma coisa tão incomum ele ficar sem palavras.

– Você está certo – disse ela, se afastando dele. Ela foi até o corrimão da escada, apoiou a mão e olhou para cima. Seu coração começou a afundar como se uma âncora estivesse presa nele.

De volta para o Rei. De volta para seu pretendente.

Gritos e aplausos soaram pelo teatro, atraindo a atenção dela para as portas fechadas.

– Lady Pinkerton? – disse Jest.

Ela olhou para trás.

– Já decidiu o que vai dizer quando ele pedir?

Dentro do teatro, mais aplausos soaram, ainda mais altos. O Corvo soltou um grasnido agudo.

– Você acha que eu poderia dizer sim? – perguntou ela, pois, naquela hora, parecia impossível para ela.

Jest ficou sem expressão por um momento, mas logo ele fez uma cara de dor, os olhos pintados de preto contraídos.

– Eu acho que você tem que dizer sim – sussurrou ele, e pareceu que estava suplicando, mas as palavras enfiaram uma flecha no coração dela.

Ela deu meio passo na direção dele, mas parou.

– Por quê, Jest? Por que você fica fazendo isso? Você diz que está com ciúmes ou encantado, que eu poderia ser seu motivo para ficar em Copas, mas no momento seguinte me encoraja a aceitar o Rei. Eu não entendo você.

A expressão foi de dor quando ele abriu a boca para falar de novo, mas a construção tremeu de repente. Cath se encolheu por conta de um estrondo distante de vidro quebrando.

Uma porta explodiu das dobradiças no segundo andar. Uma onda de calor invadiu o saguão, junto com o cheiro de fumaça.

Catherine recuou, mas Jest já estava ao lado dela, segurando-a. Ela percebeu que o que achou que era ovação eram na verdade gritos, e os aplausos eram pés batendo no chão.

Pela porta chamejante, uma criatura invadiu o segundo andar do saguão, todo pele e escamas pretas e olhos escuros e raivosos.

Cath ficou paralisada.

Era o Jaguadarte.

CAPÍTULO 34

Um tremor percorreu o corpo de Catherine quando ela olhou para a criatura enorme. Embora a tivesse apavorado na clareira da loja de Hatta, estava escuro demais lá para ver o monstro direito. Mas agora estava parado acima dela, cheio de garras e escamas e músculos vibrantes. Ela viu a saliva pendurada nas presas. Sentiu o hálito podre.

– Cath, recue devagar – sussurrou Jest.

A criatura grudou os olhos ardentes neles e sibilou. Catherine cambaleou para trás, e Jest se moveu, entrando entre eles.

– Corra.

Ela apertou o corrimão, mas seu corpo não se moveu. O Jaguadarte andou na direção dela sobre membros enormes. Vapor saía das narinas.

Com um gorgolejar na garganta, o Jaguadarte deu um passo à frente, o maxilar aberto. Catherine gritou. Jest se firmou no chão.

Houve um grasnido e um movimento de penas pretas. Uma gota de tinta caiu do céu: o Corvo, veloz como um dardo, enfiou o bico em um dos olhos de brasa do monstro. O Jaguadarte gritou e recuou nas pernas de trás. Quando se apoiou novamente no chão com as da frente, o teatro inteiro tremeu, e Cath viu que uma das brasas dos olhos tinha se apagado. Sangue da cor de carvão escorria pelo lado direito da cara do monstro.

Com outro rugido, ele atacou com as garras na direção do céu, mas o Corvo já estava fora do alcance, batendo as asas no teto do teatro.

– Agora! Vá! – gritou Jest, segurando o cetro como uma arma. Ele pulou na balaustrada da escada e correu na direção do monstro como se estivesse andando em uma corda bamba inclinada. O cetro girou. Uma bota de couro deu impulso em uma estátua de mármore. Ele rolou no ar, caiu nas costas do pescoço longo do monstro e segurou um bigode pontudo que saía da cabeça como se estivesse segurando uma coleira. Jest puxou a cabeça do monstro para trás. O Jaguadarte gritou e se sacudiu, mas Jest se manteve firme.

Cath tremeu, ainda grudada na escada.

O Corvo mergulhou de novo, mirando no segundo olho, mas o Jaguadarte desviou e o atacou com uma garra.

– Cath! Corra!

Ela conseguiu afastar o olhar e girar, mas só tinha dado um passo quando os dedos dos pés se embolaram no tecido volumoso do vestido. Cath gritou e foi projetada para a frente, sentiu-se cair e desabou pela escada em um emaranhado de cetim e anáguas.

Seu tornozelo estalou.

Seu grito se perdeu em uma torrente de gritos e no trovão de passos. O saguão se encheu de convidados fugindo do teatro, descendo a escada, pulando sacadas, correndo para a saída. Catherine se encolheu em uma bolinha de vestido, a visão branca de dor, e torceu para não ser pisoteada.

– Pinkerton?

Ela ergueu o rosto em meio ao cabelo desgrenhado e viu Jack a poucos metros, as costas grudadas no mesmo pilar onde ela tinha se escondido.

– Jack! Me ajude... meu tornozelo... eu acho que está... – Ela engoliu um soluço.

Com as narinas dilatadas, Jack deu um passo na direção dela, mas foi impedido por outro grito agudo do Jaguadarte. Ele olhou para cima e ficou pálido. Depois de um momento de indecisão, balançou a cabeça.

– Nem você vale isso, Lady Pinkerton! – gritou ele antes de dar meia-volta e correr para a saída junto com o resto da multidão desesperada.

– Jack! Volte aqui, valete!

Mas ele sumiu em meio ao caos.

Firmando o maxilar, Cath se deitou de costas, tentando não mexer o tornozelo. A dor intensa tinha virado uma agonia, mas ela não viu sangue.

Com estrelas cintilando no canto dos olhos, ela ousou olhar para cima. Jest apertava o pescoço do Jaguadarte com o cetro, e as garras do Corvo deixaram uma série de marcas nas asas encouraçadas do monstro.

Cath enfiou os dedos no vestido e pensou nas histórias que tinha ouvido quando criança. Eram contos de fadas em que a criatura era morta, a cabeça monstruosa cortada do corpo como um troféu medonho.

– Cortar a cabeça – sussurrou ela para si mesma, olhando como louca para os lados. Tinha que haver uma arma, algo mais afiado do que o cetro de madeira polida de Jest. – Nós temos que cortar a cabeça dele.

Ela falou tão baixo que mal conseguiu ouvir as próprias palavras na confusão, mas, naquele momento, o Corvo pousou no corrimão da escada e inclinou a cabeça, os olhos inescrutáveis a observando.

Jest grunhiu, o rosto contorcido com o esforço de controlar o Jaguadarte. O monstro de repente pulou para o alto. Jest perdeu o apoio e escorregou para trás, e foi acertado pela cauda do mostro.

Ele girou no ar e caiu de pé com um leve cambalear.

O Jaguadarte bateu as asas enormes. Por todo o saguão, chamas de vela tremeram e se apagaram.

Mas uma das asas do monstro estava torta.

Ele estava ferido.

O Corvo parou de olhar para Catherine e levantou voo, mirando no olho que restava do monstro. Com um movimento do maxilar, o Jaguadarte pegou uma pena da cauda. O Corvo recuou com um grito.

O Jaguadarte sacudiu no ar. Tentou alcançar um candelabro, mas errou e caiu novamente no chão. O piso rachou com o impacto. As paredes tremeram.

A criatura ofegou e gorgolejou. Um olho ardente observou a destruição. Um filete de vapor saía das narinas.

Ele fixou o olhar em Catherine novamente, como um predador escolhendo o mais fraco do rebanho. A língua balançou fora da boca quando ele se posicionou nas quatro patas.

Cath recuou, as palmas das mãos escorregando no tecido do vestido. Ela estava enrolada e encurralada, e a ideia de apoiar peso no tornozelo gerava uma histeria subindo pela garganta.

O monstro foi na direção dela, com gotas grandes de saliva pingando dos dentes.

– Não! – gritou Jest. – Você está lutando comigo, seu monstro fedido! Deixe-a em paz!

Ele pulou do mezanino e se pendurou em um candelabro. As velas ainda estavam balançando e pingando cera no chão quando ele caiu entre as asas do monstro. A testa estava coberta de suor, linhas de lápis escorriam pelas bochechas, mas ele conseguia fazer parecer uma dança coreografada.

Era como estar no circo. Cath conseguia ver tudo em seu delírio cheio de dor. *No próximo ato, recebam Jest e o Jubiloso Jaguadarte, a melhor equipe acrobática de toda Copas!*

Ela começou a rir histericamente.

O Corvo abriu as asas, ainda olhando para ela.

Agitado e furioso, o Jaguadarte tentou jogar o Coringa longe novamente, mas Jest se agarrou no tecido mole onde as asas se conectavam com as costas, o cetro erguido para atacar. Catherine não acreditava que ele pudesse matá-lo com uma vara de madeira. Ferir o outro olho, talvez. Ferir e machucar, sem dúvida. Mas logo os dentes do Jaguadarte encontrariam Jest e acabariam com o ato.

Asas cheias de penas bateram no seu cabelo. Ela gritou e recuou, mas era só o Corvo. Ele pousou no chão ao lado dela, o peito subindo e descendo com a respiração rápida. Ele estava com o chapéu de Jest nas garras, os guizos silenciados no chão quebrado.

Ele fixou o olhar nela e empurrou o chapéu.

Cath o pegou. O tecido era gasto e macio. Parecia uma coisa antiga, não uma aquisição recente do traje de um bobo da corte. Os guizos tilintaram quando ela enfiou o braço dentro.

Não havia forro no tecido, não havia costuras. O interior do chapéu era um vazio profundo e infinito. Ela enfiou o braço até o ombro, os dedos se esticando, até que seguraram uma coisa fria e dura.

Ela puxou o braço e ofegou.

Estava segurando o cabo de uma espada.

Não, era a da Espada Vorpal. Ela a reconheceu sem a menor sombra de dúvida. A lâmina brilhava prateada na luz quente do teatro, o cabo incrustado

com os dentes e ossos das criaturas que já tinha matado.

Ela pensou nas histórias. O corajoso rei que procurou o Jaguadarte na floresta e o matou com a justa Espada Vorpal.

Ela ergueu o olhar. Jest ainda estava pendurado nas costas do monstro. Ele a viu e seus olhos se arregalaram.

– Catherine...!

O Jaguadarte corcoveou. Desta vez, Jest foi jogado no chão e caiu de lado com um grunhido. O cetro deslizou para o meio da plateia, os poucos que ainda estavam perto da porta do teatro, com medo demais para correr para a saída. Eles estavam amontoados em grupos, apavorados, alguns voltando correndo para o teatro, outros se encolhendo para a segurança que a escadaria podia oferecer.

O Jaguadarte se virou para Catherine de novo, como se Jest não passasse de um mosquito chato e ela fosse o verdadeiro alvo. Sua próxima refeição.

A criatura viu a espada na mão dela e parou.

A arma se aqueceu na mão dela, como se também sentisse a presença de sua presa.

Catherine engoliu em seco e se permitiu dar um choramingo de negação. Um momento de pânico no qual ela *não ia* de jeito nenhum se apoiar no tornozelo quebrado e enfrentar aquele monstro com uma arma antiga e mítica.

Mas ela firmou o maxilar e puxou a saia de debaixo dos membros, ignorando o som de tecido se rasgando. Apoiou-se na perna boa primeiro, a dor subindo pelo tornozelo ferido a cada movimento. Com uma das mãos segurando a espada, ela usou a outra para se apoiar no corrimão da escada. Sua respiração estava irregular e a pele, suada. Ela já estava tonta pelo esforço para ficar de pé.

Mas de pé ela estava.

Expirando, ela soltou o corrimão e apoiou o peso na perna machucada. Conteve um grito, mas se recusou a cair. Fechou as duas mãos no cabo da espada e levantou a lâmina, ignorando o tremor nos braços.

O Jaguadarte chegou mais perto, cauteloso agora. Farejou, como se pudesse sentir o cheiro do aço, ou talvez do sangue que já o tinha coberto.

Mais um passo para mais perto, sobre as quatro patas.

Catherine tentou engolir em seco, mas a garganta se rebelou.

Mais um passo.

Ela se imaginou fazendo o necessário. Golpeando com a espada com toda a força que conseguia. Cortando cartilagem e a espinha. Imaginou a cabeça da criatura rolando com baques pelo saguão.

Imaginou repetidamente.

Corte-lhe a cabeça.

As palavras se repetiam nos pensamentos dela.

A criatura deu outro passo. Mais dois.

Uma gota salgada de suor caiu no olho dela, fazendo-o arder. Ela piscou.

– Catherine... – A voz de Jest estava tensa.

O Jaguadarte a observou com um olho de carvão ardente, sangue ainda escorrendo pela outra bochecha. A boca estava aberta, e ela via todos os dentes alinhados no maxilar enorme. Fileira após fileira de presas, tão grandes que ela não sabia se a criatura conseguia fechar a boca mesmo que quisesse.

Ela mostrou os dentes.

Corte-lhe a cabeça. Corte-lhe a cabeça. Corte-lhe a...

O Jaguadarte tremeu de repente e se virou. Saiu correndo pelo piso, as garras arranhando e fazendo barulho, e espremeu as asas nas costas para conseguir passar pelas portas que foram deixadas abertas. O ar frio do crepúsculo cintilava nas ruas vazias.

Nos degraus externos, o Jaguadarte abriu as asas. A esquerda tremeu, mas, com um estalo, a criatura ergueu o corpo no ar. Um sopro de ar se espalhou pelo teatro e a criatura sumiu, uma sombra nos telhados, os gritos sofridos sumindo na noite.

CAPÍTULO 35

CATHERINE SOLTOU A ESPADA com um estalo ecoante.

A dor se espalhou por ela de uma vez, um ferro quente no tornozelo, o fogo disparando pelos ossos. Ela murchou dentro do vestido. A pulsação era um martelo, os dedos quentes com o sangue correndo.

Mais um ofego da multidão. Uma hesitação assustada. Ninguém sabia o que fazer. Estava claro que todos estavam esperando que outra pessoa tomasse uma decisão. Que fosse o primeiro a agir.

Um governante, um líder, um rei.

Mas o Rei de Copas estava no meio de todo mundo, tão pálido e choroso quanto qualquer um dos súditos.

Cath percebeu que estava chorando. Conseguia sentir o nariz pingando, mas não o limpou. Eles que vissem a pele inchada e o vestido rasgado e o muco que era esperado depois de se testemunhar um horror assim. Eles que vissem.

Jest cambaleou na direção dela, ignorando a plateia. Estava mancando, o que era ainda mais peculiar do que o lápis de olho borrado.

– Catherine. *Catherine*. – Ele parou acima dela, os olhos vermelhos. – Onde está doendo? É sua perna?

Ela contraiu o maxilar e assentiu, embora mesmo esse leve movimento a deixasse tonta e cheia de náusea. Ela desabou para trás, e Jest desapareceu de vista, mas ela conseguia senti-lo levantando a barra do vestido, só um pouco. Só para poder ver.

Cath começou a rir, um som agudo e histérico.

– Ora, mas isso não é... adequado – gaguejou ela, engasgada, lágrimas rolando para o cabelo embaraçado. – Ah, quanta besteira, mas *dói*.

Jest tocou no tornozelo dela, e ela gritou. O mundo oscilou e ficou cheio de luz piscando. Ele afastou a mão dela.

– L-L-Lady Pinkerton?

Ela gemeu. Virou a cabeça de lado e viu o Rei, o Coelho Branco e Mary Ann descendo a escada. Mary Ann estava pálida de medo, o avental amassado nas duas mãos, a touca nova e linda torta na cabeça.

– V-Vossa Majestade – disse ela. Ela queria que eles fossem embora e a deixassem em paz. Desejava a inconsciência. – O Jaguadarte...

Ela não passou disso, e outra pontada de dor a deixou tonta.

O Rei correu pelo resto da escada e se ajoelhou ao lado dela, segurando sua mão.

– Você foi maravilhosa. – Ele pegou um lenço em algum bolso do traje, mas, em vez de oferecer a Catherine, secou a própria testa suada. Levantou a cabeça e olhou para a multidão muda e ainda paralisada. – Atenção! O tesouro do meu coração! A guardiã da Espada Vorpal! A corajosa e b-b-*brilhante* Lady Catherine Pinkerton. Vejam nossa futura rainha!

– Não – murmurou ela, mas ninguém a ouviu em meio aos aplausos. Sua cabeça rolou, e ela sentiu uma mão suave a apoiando. A base macia de um polegar acariciou a curva da orelha. – Eu não... a espada. Não é...

– Vossa Majestade – disse Jest, a voz cortando os gritos. – Ela está ferida. Precisa de ajuda.

O Rei se virou. Em pânico.

– Ah. Er. S-sim. Claro.

Ele olhou para o tornozelo dela e ficou verde.

Cath trincou os dentes, tentando concentrar o olhar enquanto a cabeça latejava.

– Se eu sou linda... e brilhante... e corajosa... – ela engoliu um grito –, Vossa Majestade é um *inútil*!

Jest ficou paralisado. O Rei recuou.

– O Jaguadarte está nos aterrorizando há semanas! E o que o senhor fez? O que está fazendo para impedi-lo?

Choramingando, o Rei baixou a cabeça entre as dobras de veludo da capa.

– O senhor é o Rei! Tem que fazer alguma coisa!

– Catherine. – Jest colocou a mão na testa dela e ajeitou o cabelo desgrenhado. – Preserve suas forças, Cath... Lady Pinkerton.

Mary Ann apareceu atrás do Rei, a expressão atordoada até ver o tornozelo de Cath. Ela colocou a mão na boca. Foi só momentâneo, mas ela se recompôs e se virou para o Rei.

– A dor a está deixando louca, Vossa Majestade. Alguém precisa levá-la aos Esturjões. Vou chamar uma carruagem agora mesmo...

– Uma c-carruagem, sim – disse o Rei, balançando a cabeça, o bigode tremendo a cada respiração. O peito subia e descia, e parecia que ele ia vomitar, mas se controlou.

Cath estava chorando de novo, tonta de dor.

– O monstro precisa ser impedido antes que mais alguém se machuque...

– Eu a levo – disse Jest. – Vai ser mais rápido.

Mary Ann hesitou.

– Mais rápido do que uma carruagem?

– Sim. – Ele observou os olhos de Cath, o olhar tumultuado e vívido, amarelo demais. Ela o viu engolir em seco, antes de acrescentar: – Estamos desesperados o suficiente.

Virando-se, ele pegou a Espada Vorpal e a enfiou no chapéu, que colocou na cabeça. Os guizos estavam brilhantes demais, alegres demais, e ecoaram intensamente nos ouvidos de Cath.

Jest passou os braços por baixo dela.

– Isso é absurdo! Você não pode carregá-la por todo o caminho! – exclamou Mary Ann.

– Garanto que posso – disse ele, e qualquer protesto adicional foi sufocado pelo rugido de um terremoto embaixo dos pés deles, o estrondo do piso do teatro entrando em erupção de repente. Em volta deles. Embaixo deles. Uma torre de pedra foi erigida, prendendo Jest e Catherine no centro. Ela ficou sem ar enquanto olhava as paredes que os envolviam, onde bem acima ela conseguia ver

um parapeito irregular e o candelabro do teatro, ficando cada vez mais longe. Eles estavam afundando, mas, se não fosse o ribombar do solo, parecia que eles não estavam se movendo.

– Como? – sussurrou ela, com certeza de que estava tendo uma alucinação. – Como você está...?

As sobrancelhas de Jest estavam contraídas quando ele olhou para o rosto dela.

– Eu sou uma Torre – disse ele, como se isso fosse resposta suficiente. E sussurrou: – E sinto muito por isso.

Ele a ergueu nos braços.

Uma dor lancinante explodiu nela de uma vez, como um atiçador quente e vermelho enfiado na perna. Ela gritou...

Tonta, latejando, com fagulhas vermelhas subindo pela perna. Cath acordou chorando e desorientada. O piso duro do saguão do teatro agora era grama macia e fria. Ela sentiu gosto de sal na língua, sentiu os restos das lágrimas nas bochechas.

Estava cercada de árvores e arbustos que se projetavam alto, como um palácio. O mundo cheirava a terra e coisas crescendo, além de um toque de algo doce, como melado quente e biscoito de gengibre.

Ela ouviu uma corda estalando e roldanas girando, mas esse poderia ser todo o barulho do mundo. Não havia pássaros cantando, nem grilos cricrilando, nem vozes soando.

Com a cabeça pendendo para o lado, abriu os olhos de leve.

Estava em uma espécie de campina, com folhas de grama pressionando sua têmpora. O mundo ficou imóvel: sem brisa nas flores silvestres, sem canção de pássaros nas árvores. Embora fosse noite quando eles chegaram ao teatro, a luz estava vermelho-dourada aqui, presa entre dia e noite.

Por entre os cílios turvos, ela viu um poço antigo no centro da clareira, as pedras cobertas de musgo e com uma família de cogumelos crescendo na base. Jest estava ao lado desse poço. O chapéu estava na beirada e as mangas estavam puxadas até os cotovelos, revelando a pele bronzeada acima das luvas escuras. Ele puxou a corda e foi erguendo o balde. Pela forma como grunhia, ficou

evidente que o balde pesava muito ou as engrenagens eram velhas demais ou os braços dele estavam muito, muito cansados.

Ele a carregou até ali.

Que distância tinha?

Cath não fazia ideia de *onde* estava e nem de quanto tempo passou.

Outra pontada de dor deixou seu rosto todo contraído. Ela choramingou.

– Quase lá, Catherine – disse Jest enquanto ofegava. Ele desamarrou a corda, e ela conseguiu ouvir o líquido quando ele soltou o balde do gancho. – Aqui estamos. – Ele andou na direção dela. Alguma coisa escorreu pela lateral do balde, e Cath viu anos da substância na madeira, uma coisa grudenta e da cor de caramelo. Não era água.

– Aqui não é a praia – disse ela, tentando se concentrar em uma coisa diferente da dor. – Você devia me levar...

– Isso é melhor. – Ele colocou o balde ao lado dela. – Bem mais rápido do que os Esturjões, eu prometo. Você consegue se sentar?

A vertigem a ameaçou quando Jest a ajudou a se sentar, e pela primeira vez ela viu sua perna.

Ele tinha cortado a bota dela. A meia também tinha sido cortada na panturrilha, deixando o tornozelo à mostra. Não parecia seu tornozelo. Estava inchado e roxo. O pé estava virado em um ângulo estranho, e havia um caroço enorme de um lado; o osso, ela desconfiava, quase abrindo a pele. Ela choramingou de novo. Ver a realidade do problema fez a dor se acender novamente.

– Aqui – disse Jest, pegando um copo de madeira dentro do balde. O líquido escuro fez um ruído de sucção quando ele o puxou, pingando como mel pelas laterais. – Beba isto.

– O que é? – perguntou ela.

– Melaço.

– Melaço? Isso não é...

– Só beba, Catherine. – Ele se sentou ao lado dela quando ela pegou o copo com as mãos fracas, os dedos grudando nas laterais. Jest estava tão perto que seu joelho apertava a coxa dela, as mãos prontas para ajudar se ela precisasse.

O poço de melaço, outra história impossível. Um lugar onde o xarope doce borbulhava das profundezas da terra, contendo propriedades curativas míticas.

E Jest o encontrou. Ele sabia onde ficava. Como...?

Sua mente estava confusa demais para pensar. Ela bebeu porque não conseguiu pensar em nenhum motivo para não fazer isso, embora beber o melaço fosse um processo lento e denso. Como comer colherada após colherada do mais doce e saboroso xarope.

Era delicioso.

Ah, o que ela não daria para fazer uma torta de noz-pecã com melaço com ele.

Ou aquele bolinho de aveia com frutas secas, só para provar para o sr. Lagarta que ele estava errado e que o poço existia, sim.

Quando o xarope encheu seu estômago, o calor se espalhou pelo corpo. Espalhou-se pelos membros, ficando mais quente, como se os músculos estivessem em chamas. Era uma espécie de dor, mas nada como o tornozelo quebrado.

– Está funcionando – disse Jest.

Ela quase nem sentiu. O esticamento lento das juntas, o encolhimento do calombo, a redução gradual da pele inchada.

Ela se inclinou para a frente quando a dor ficou suportável, chegou a um leve desconforto e desapareceu completamente.

Jest afastou uma mecha de cabelo da testa dela.

– Como está agora?

Ela massageou o tornozelo, delicadamente, ficando mais ousada ao sentir que não houve explosão de dor. Imaginou como sua mãe ficaria consternada de testemunhar uma coisa assim, a filha massageando o tornozelo exposto sozinha em um lugar estranho com um homem estranho...

– Melhor, obrigada.

– Que bom. – Estas duas palavras simples continham um oceano de alívio.

Jest se levantou e carregou o balde de volta ao poço, recolocando-o no gancho.

– Obrigado – disse ele. – O que você pede como pagamento?

Uma risadinha ecoou do fundo do poço, gerando um tremor e arrepios nos braços de Cath.

Foi seguida de uma voz aguda e sonhadora, como a de uma garotinha. Ela cantarolou: *Elsie quer o sapato da dama, no meio partido. Tillie quer a meia solitária, sem o sapato perdido. Eu aceito um beijo, pois você é muito comedido.*

Jest ficou sem expressão, exceto por uma leve contração do maxilar, depois assentiu e voltou para perto de Cath. Sem olhar para ela, ele pegou a bota destruída e a meia desse pé.

– Quem fica lá embaixo? – sussurrou Cath.

– As Irmãs – disse ele, e ela conseguiu ver o peso do título. – Nós devemos pagamento pelo melaço, mas não se preocupe. Elas só pedem coisas das quais não precisamos.

Ele carregou a bota e a meia até o poço e largou lá dentro, mas não houve ruído de líquido em seguida. Em seguida, uma mão pálida presa a um punho ossudo saiu do poço. Jest se inclinou e deu um beijo na palma virada.

Os dedos se fecharam assim que ele recuou, e a mão desapareceu no poço, levando o prêmio junto. Cath pensou ter ouvido outra risada baixa, e depois, silêncio.

Jest pegou o chapéu e voltou para onde Cath ainda estava, na campina cheia de flores silvestres. Suspirou e se agachou, quase com os olhos na altura dos dela, tão perto que ela conseguia ver o cansaço no olhar dele e a exaustão nos ombros. Depois de lutar com o Jaguadarte e carregá-la até lá, ela se perguntou se ele teria forças para ficar de pé.

– Você está bem? – perguntou ela.

O fantasma de um sorriso tremeu nos lábios dele, mas só de um lado, mal revelando as covinhas.

– Mais ou menos bem, milady.

Ela deu um sorriso breve com a lembrança do primeiro encontro, mas, com os pensamentos não mais contorcidos de dor, perguntas estavam surgindo rapidamente.

– Como nós chegamos aqui? Havia... eu me lembro de uma parede de pedra nos cercando... – Seus pensamentos estavam confusos. Pareciam mais sonho do que realidade.

– Eu sou uma Torre – disse Jest. – Posso viajar mais rápido do que qualquer carruagem, desde que o caminho seja reto.

Ela abriu a boca, mas voltou a fechar. Não entendia, mas sentia que ele tinha sido tão claro quanto podia. Então, começou de novo:

– O poço de melaço é real.

Ele assentiu.

– Você acha... acha que poderia ajudar a Tartaruga?

Jest pareceu surpreso com a pergunta, mas se recompôs rapidamente.

– Hatta já tentou, mas a pobre criatura não quis segui-lo até aqui. Não estava desesperada o bastante.

– Desesperada? – Ela se lembrou vagamente de Hatta falando qualquer coisa sobre desespero também.

– Sim. Ela estava perturbada e infeliz, sem dúvida, mas isso não basta. Infelizmente, acho que ela vai ser uma Tartaruga Fingida para sempre agora. – Ele se balançou nos calcanhares e, como se com medo das outras perguntas que Catherine podia estar preparando, disse: – Se você acha que consegue andar, vou acompanhá-la até sua casa. A srta. Mary Ann deve estar preocupada. Sem dúvida todo mundo deve estar agora.

Ela olhou ao redor.

– Quanto tempo passou desde que saímos do teatro?

– Uma hora ou duas, eu acho, mas nenhum marcador de tempo funciona aqui.

– Não pode ser isso. Está quase dia.

Os olhos dele brilharam com diversão.

– Ou é quase noite. Nunca um nem o outro. Pelo menos, foi o que Hatta me disse. Só vim aqui uma vez, e estava igual.

– Nunca dia e nem noite – murmurou ela, olhando para a grama iluminada de dourado. – Como pode ser?

– Eu desconfio que o Tempo nunca tenha botado o pé nesta clareira. Talvez não esteja disposto a pagar o preço que as Irmãs pediriam. – Ele baixou a voz. – Ou talvez nunca tenha ficado desesperado o bastante para conseguir encontrar.

Cath enfiou os dedos dos pés na grama macia.

– E como você encontrou? Você e Hatta.

Ele murchou os ombros e, como se percebendo que ela não deixaria de lado, independente de quanto tempo tinha passado ou não, se sentou ao lado dela. Tirou as luvas e colocou o chapéu de três pontas de lado.

– Só os desesperados encontram este lugar. Hatta o encontrou quando estava desesperado para não ter o mesmo destino que o pai. Eu trouxe você aqui porque você sentia tanta dor que fiquei desesperado para conseguir fazê-la passar.

Seu coração se expandiu, mas ela tentou fazê-lo voltar para o lugar.

– E a primeira vez que você veio aqui?

Ele olhou para o poço e ficou olhando por muito tempo, muito mesmo, antes de voltar a atenção para ela. Ele parecia ter perdido um debate interior.

Finalmente, disse:

– Eu estava desesperado para cumprir o pedido que minha rainha tinha feito a mim, e o poço de melaço fica entre tempos e terras. – Ele inspirou fundo. – Nós estamos de pé na entrada de Xadrez.

CAPÍTULO 36

CATH PISCOU.

– Você deve estar enganado, Jest.

Ele olhou para ela, surpreso, e ela moveu o braço na direção das flores silvestres.

– Nós não podemos estar de pé na entrada de Xadrez. Nós estamos sentados, afinal.

Desta vez as duas bochechas exibiram covinhas.

– Estamos mesmo. – Ele apontou para a parede de arbustos do outro lado da clareira. Ela percebeu que eles estavam envoltos em cercas vivas por todos os lados, sem aberturas que ela pudesse ver. – Você não pode ver agora, mas aqui é a entrada de um grande labirinto. Se as Irmãs permitirem, o labirinto se abre, e dá para passar até o Espelho. Depois disso...

Cath observou a parede de folhas verdes, galhos e flores claras. Imaginou o que havia por trás. Corredores estreitos que iam de um lado para o outro, as paredes vivas que pregavam peças em viajantes com a mente cansada. No centro, o Espelho, a porta para...

– Xadrez – disse ela. – O Espelho leva à terra de Xadrez.

Ele assentiu.

– Os reinos Vermelho e Branco.

Ela voltou o foco para ele e inspecionou o perfil: nariz afilado, lápis borrado e cabelo preto desgrenhado.

– Por que você está aqui, Jest? Por que a Rainha Branca mandou você?

Ele fez outra careta e se virou para longe dela.

– Por favor, não me pergunte isso.

Ela se inclinou para trás, mais intrigada do que nunca.

– Por quê?

– Porque as coisas estão diferentes agora. Você mudou tudo.

Ela torceu os lábios para o lado e ponderou um pouco antes de perguntar:

– Você quer dizer que eu mudei sua missão ou sua opinião sobre ela?

– As duas coisas. – Ele começou a mexer na grama e considerar suas palavras. Cortou o caule de uma flor azul e a girou entre os dedos. – Você mora em um reino pacífico. Talvez Copas sempre tenha sido assim. Mas Xadrez é diferente. Estamos em um país dividido por duas famílias governantes, e estamos presos nessa guerra desde... sempre, pelo que eu lembro. E sempre que parece que um lado finalmente venceu e a guerra vai acabar... parece que o Tempo reinicia, e começamos do começo. Fazemos tudo de novo. Sem parar. Ficamos presos em uma guerra entre o branco e o vermelho. Já vi tantos morrerem no campo de batalha. Já tirei tantas vidas: peões da Rainha Vermelha em sua maioria, só para eles serem substituídos por novos soldados e enviados para a batalha de novo. Nunca tem fim.

– Parece horrível – sussurrou Cath.

Jest olhou para ela, mas não concordou com suas palavras.

– Eu sirvo a Rainha Branca. Sempre servi. Mas ela é como o seu Rei: hesitante, meio estabanada, tímida às vezes e morre de medo de conflitos. Ela não é forte e nem corajosa... – Ele engoliu em seco, os dedos nervosos arrancando as folhas macias do caule da flor. – Não sei se ela consegue vencer essa guerra. Ela não tem a firmeza de que precisamos para derrotar a Rainha Vermelha de uma vez por todas, e nosso Rei concorda. Essa missão foi ideia dele. – O foco dele voltou para a flor, enquanto ele enrolava o caule maleável no dedo. – Nos disseram que Copas tinha uma rainha. Nos disseram que ela era uma grande governante, determinada e apaixonada.

Jest hesitou de novo, os lábios entreabertos. Ele largou a folha entre os pés.

– O Corvo e eu fomos mandados aqui para encontrá-la e... roubar o coração dela. – Ele ficou tão quieto que Cath teve dúvida se tinha ouvido corretamente.

Mas ele ergueu o olhar e sustentou o dela, a expressão cheia de tormento. – Eu vim aqui roubar o *seu* coração.

O coração de Cath disparou com as palavras dele, quase com medo, mas ela começou a balançar a cabeça.

– Copas não tem rainha.

– Eu sei. O Tempo nos enganou, eu acho, ou talvez tenham sido as Irmãs que nos trouxeram aqui cedo demais. Mas vai haver uma Rainha de Copas em breve, e... Catherine, acho que é para ser você. Você é tudo que esperávamos encontrar. É determinada e apaixonada e corajosa...

– Eu? Eu nem consigo enfrentar minha própria mãe!

– Você enfrentou o Jaguadarte.

Cath engoliu seus protestos. Estava delirante e desesperada. Não se sentiu corajosa e nem determinada, e conseguia se lembrar da onda de alívio que sentiu quando o monstro fugiu dela, em vez de lutar.

– E tem a Espada Vorpal – continuou Jest, antes que ela pudesse organizar os pensamentos. – Tem sido passada de geração em geração para a família real de Xadrez. Não sei como foi parar no meu chapéu e nem como você conseguiu tirá-la de lá. Supostamente... – Ele parou de falar e deixou os ombros murcharem de novo. – Supostamente, só quem tem sangue real pode segurá-la.

Cath balançou a cabeça. Não. *Não.* Esse não era seu futuro. Não era seu destino. Ela não permitiria.

– Eu não sou rainha – sussurrou ela, desejando que fosse verdade. – E nunca vou ser. É impossível.

O olhar de Jest se suavizou.

– A Rainha Branca me disse uma vez que havia dias em que ela acreditava em até seis coisas impossíveis antes do café da manhã.

Catherine contraiu a testa.

– Mas... foi o que eu falei.

– Eu sei. – Ele lambeu os lábios. – Eu soube no momento que conheci você, Catherine. No momento que a vi, até. Foi você que eu vim procurar, por mais que você tente lutar contra isso.

Ela abriu a boca para refutar de novo, para insistir que não tinha desejo de usar a coroa, que encontraria um jeito de dizer não para o Rei... mas hesitou

quando outro pensamento se infiltrou nas suas negações.

Seu peito se apertou de repente, tirando o ar dos pulmões.

– Você está tentando roubar meu coração.

Um músculo tremeu no maxilar dele, e ele afastou o olhar.

Com a boca seca de repente, Cath colocou a mão no pescoço e sentiu o pulsar firme embaixo da pele.

– É isso... tudo foi por isso? O chá, as cartas, o que você disse no festival... tudo uma mera tentativa de roubar meu coração, para você poder levar para a sua rainha?

– O jeito mais fácil de roubar uma coisa – murmurou Jest – é quando ela é dada por vontade própria.

Ela percebeu que era verdade. Ele já teria o coração dela se tivesse pedido. Ela estaria disposta a dá-lo para ele.

Mas, em vez disso, ele estava dizendo a verdade.

Ela inspirou, trêmula.

– Por que você não o pegou, então? Sem dúvida você sabe... já percebeu... – As palavras dela entalaram, a confissão a estrangulou. Ela o amava. Ou tinha amado. Ainda queria amar, embora não tivesse certeza se só houve enigmas e truques.

Jest pareceu infeliz e ainda sem querer olhar para ela quando disse:

– Você ainda não é rainha, e eu fui enviado para pegar o coração de uma rainha.

Lágrimas se acumularam em seus olhos.

– É por isso que você tem insistido para eu me casar com o Rei, e o tempo todo... – Ela fungou e se levantou, feliz de não haver mais dor no tornozelo. Mas sentiu desequilíbrio, os dedos dos pés tocando o chão macio. Ela girou para olhar para Jest, apesar de só conseguir ver o topo da cabeça, o cabelo preto caindo na testa, os ombros murchos e derrotados. – Como você ousa? Você me fez acreditar que queria um cortejo. Fingiu que escolheria ficar em Copas *por mim*. Meu coração não é peça de jogo para ser manipulada e descartada quando você quiser!

Ele levantou a cabeça ao ouvir isso, os olhos dourados cheios de consternação.

– Você está certa. Não é. Mas eu passei a vida sabendo que um dia morreria a serviço da minha rainha, e que todo mundo de quem eu gostava morreria, e que não significaria nada. Nossos sacrifícios não significam nada porque nunca terminam e nunca vão terminar. Eu acreditava... – Ele passou a mão pelo cabelo e balançou a cabeça. – Eu acreditava que esse era o único jeito de acabar com a guerra. Ainda acredito.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

– Sinto muito, então, Sir Coringa ou Torre ou quem quer que você seja. Sua missão fracassou. Eu nunca vou ser Rainha de Copas.

A expressão dele se contorceu. De dor. De esperança.

– Eu não posso dizer o quanto quero que isso seja verdade.

Ela franziu a testa.

– Por quê? Porque você quer fracassar?

– Porque eu não quero magoar você. – Ele abriu as mãos com as palmas viradas para ela, suplicante. – Você não entende? Meu papel ficou comprometido desde aquela primeira noite no jardim. Eu não quero que você se case com o Rei. E mesmo que ainda pudesse tomar seu coração, mesmo depois de contar como tratei você de forma cruel e injusta, eu não poderia dá-lo à Rainha Branca. Catherine, eu não quero que seu coração pertença a mais ninguém além de mim. – Ele gemeu e caiu para trás na grama, cobrindo o rosto com as duas mãos. – Não era para ser assim. Hatta e o Corvo viram o que estava acontecendo antes de mim. Eles tentaram me avisar, me disseram para eu proteger meu coração, mas é tarde demais agora e eu já estraguei tudo, e, se isso significa salvar você, nem sei se ligo.

Ela contraiu o maxilar, tentando segurar a raiva e o ressentimento. Deu um passo para mais perto para poder olhar para ele com expressão de desprezo.

– Como posso saber que você não está dizendo essas coisas agora como parte de outra tentativa de ganhar minha confiança?

Ele riu, mas não havia alegria nenhuma no som. As mãos se deslocaram para as laterais do corpo. Ele parecia quase vulnerável, deitado embaixo dela. Seus nervos formigavam com a fantasia absurda e indevida de se aconchegar ao lado dele, encostar o corpo no dele, ficar ali para sempre.

– Você não tem como saber – disse ele, se apoiando nos cotovelos. – Não dê seu coração para mim, Catherine. Eu não mereço. Mas... – A voz dele ficou tensa. – Também não dê para o Rei. Ele pode merecer menos ainda.

– Ah, é? – gritou ela. – Pelo menos ele tem sido sincero comigo.

– É verdade. Mas tenho certeza de que o sentimento dele não é tão forte quanto o meu.

Ela sustentou o olhar dele e soltou o ar lentamente, os braços cruzados como um escudo entre eles. Finalmente, sentou-se de novo, espalhando a saia sobre as pernas cruzadas.

– Você não tem nada a temer, então. Eu não vou me casar com o Rei. Vou abrir uma confeitaria.

Jest se sentou e cruzou as pernas compridas antes de olhar para ela.

– Uma confeitaria?

– Isso mesmo. Mary Ann e eu estamos planejando há anos, e estamos perto agora de tornar nosso sonho realidade. – Era só uma mentira parcial. Apesar de suas tentativas até o momento terem falhado, pois não houve prêmio do concurso, nem dinheiro do dote e nem empréstimo de Hatta, ela agora sentia mais certeza do que nunca de que tinha que encontrar um jeito. Não permitiria que o destino a enganasse a ponto de desistir do sonho. – Está vendo, é por isso que você está desperdiçando seus esforços comigo. Acho que você vai ter que esperar e ver que outra garota o Rei vai escolher para começar a encantá-la. – Ela não se deu ao trabalho de esconder o tom azedo das palavras. Jest se encolheu, e ela ficou surpresa com o quanto o pequeno gesto a satisfez.

– Uma confeitaria – disse ele novamente. – E seus pais aprovam isso?

– Claro que não. Mas não vou deixar que isso me impeça. É a minha vida, afinal.

– Mas... você não seria mais da nobreza. Teria que abrir mão de tudo.

Ela fez cara de irritação.

– Não imagine que pode me dizer qualquer coisa que eu ainda não sei. Já pensei bem mais nisso do que você.

O olhar dele se intensificou, observando-a como se ele esperasse encontrar uma fraqueza no plano dela. Ela parecia tê-lo deixado mudo.

Quando o silêncio se arrastou por muito tempo, Cath se viu correndo o risco de contar tudo, a briga com os pais, o acordo que fez com o Duque, até o fato de que procurou Hatta em busca de ajuda, o que, agora, conhecendo a verdadeira motivação dele, pareceu dolorosamente ingênuo, Catherine se endireitou e se obrigou a dizer:

– Eu pediria que me levasse para casa, então. Como você falou, todos estarão preocupados, e tenho certeza de que você tem muita coisa a fazer. Encontrar outro coração para roubar, acabar com uma guerra e tudo.

Mas ela não se mexeu.

Nem ele.

Jest disse:

– Quando você tiver sua confeitaria – como se longos minutos não tivessem se arrastado desde que ela fez essa confissão para ele – e não estiver mais correndo o risco de... mim. Haveria um jeito...

A pulsação dela começou a ficar mais forte, mas ela tentou manter a expressão vazia. Ela esperou, sem ousar ter esperanças. Sem nem saber se *devia*.

Jest umedeceu os lábios.

– Eu entendo se você me odiar para sempre, mas se houvesse um jeito de você confiar em mim de novo. Sem mentiras, sem enganação... – Os nós dos dedos dele ficaram brancos, as pontas dos dedos apertando os joelhos. Cath se viu olhando para aquelas mãos. Os dedos leves, contraídos de tensão, mostrando mais do que o rosto dele permitiria, dizendo mais do que as palavras dele.

Ela *estava* cheia de esperanças, ainda, mesmo sem saber se devia ou não.

Ela inclinou a cabeça para o lado e, embora quisesse ser leviana, não conseguiu.

– Você está sugerindo que ainda gostaria de me cortejar, Sir Coringa? Uma confeiteira inferior, sem chance de ser rainha?

– Mais do que qualquer coisa neste mundo, Lady Pinkerton.

O coração traidor dela pulou.

– E a sua missão?

– Se não houver rainha, não há missão.

– E se o Rei se casar com outra pessoa?

– Outra garota com o coração como o seu? Ela não existe, não aqui em Copas. Tenho certeza.

Ela franziu a testa.

– E a Rainha Branca? E a guerra?

Jest deu de ombros, impotente.

– Nós não podíamos fazer nada antes e não podemos fazer nada agora. – Ele encolheu os ombros. – Cath, não tem nada para mim lá. Uma guerra sem fim. Morte quase certa. Não sei se falei sério antes, mas estou falando sério agora. Se eu tivesse um motivo para ficar em Copas, eu ficaria. Hatta e o Corvo provavelmente vão me odiar para sempre, ou talvez também fiquem, não sei. Mas eu ficaria. Por você. Se você me quiser. Se...

– Eu quero você.

Jest ficou em silêncio, os lábios formando uma nova declaração.

A respiração dela ficou acelerada. O corpo vibrava com uma energia, incerteza renovada, mas não dava para voltar atrás com as palavras, e ela nem tinha certeza se queria.

– Você tem o meu coração, Jest. Não sei se você merece ou não. Não sei dizer se você é herói ou vilão, mas não parece importar. Seja como for, meu coração é seu.

Ele ficou olhando para ela com olhos arregalados, ardentes, perplexos. O coração dela continuou disparado. As palavras pairavam no ar entre eles.

Finalmente, Jest sussurrou:

– Agora que você disse isso, você tem que me prometer que vai rejeitar o Rei.

– Eu prometo – disse ela sem hesitar.

Ele foi tomado de alívio, e logo ficou de joelhos, segurando as mãos dela. Ela as esticou de boa vontade, e os lábios dele estavam nas pontas dos dedos dela, roçando em cada um.

– Catherine – disse ele, sussurrando o nome dela nas palmas das mãos. – Querida Catherine. Eu quero beijá-la desde o momento em que você despertou naquele roseiral.

Ela lambeu os lábios por reflexo, resultado de cem fantasias. Cem fantasias com ele.

A clareira estava silenciosa, fora o disparo do coração dela. Cath podia imaginar. Tudo. Os lábios dele, os braços. O corpo a pressionando na grama macia, a luz dourada de um dia sem tempo cascateando sobre eles.

Ela fechou os dedos sobre os dele.

– Me beije, então.

Ela não ofereceu resistência quando ele a puxou para que ficasse de joelhos, prendendo os dedos entrelaçados entre os corpos. O nariz dele roçou o dela.

– Meu coração é seu – sussurrou ele, gerando um arrepio pela coluna dela.

Os cantos dos lábios dela se ergueram, de expectativa, de alegria.

– Tome cuidado, Sir Coringa – disse ela, lembrando-se do enigma de Hatta. – Um coração depois de roubado não pode ser tomado de volta.

– Eu sei – disse ele, e a beijou, delicadamente no começo. – Mas estou dando meu coração para você de vontade própria. – Outro beijo, hesitante, ficando ousado. – Catherine – murmurou ele com a boca na dela –, você está com gosto de melaço.

Catherine sorriu, novamente delirante, e o puxou para a grama.

CAPÍTULO 37

CATHERINE ESTAVA EUFÓRICA quando a misteriosa torre de pedra de Jest os deixou nos Cruzamentos; braços dados, rostos vermelhos e o peito cheio de gargalhadas. O cabelo dela estava emaranhado, os dedos dos pés desconfortavelmente gelados no único pé descalço, e ela não sabia antes o que era felicidade. Seu corpo todo estava sorrindo. Ela sentia que podia dar um passo para sair do piso xadrez e sair voando se não tomasse cuidado.

Eles encontraram a porta do Recanto da Pedra da Tartaruga, e Jest a abriu para ela com uma mesura elaborada.

– Depois de você, milady.

Ela fez uma reverência.

– Ora, obrigada, meu bom senhor – disse ela, dançando pela porta até a margem do rio. A ponte acima deles estava escura e silenciosa, o ar parado, exceto pelo cricrilar dos grilos e o estalar dos vaga-lumes.

Jest fechou a porta embaixo da ponte e a seguiu pelo caminho. Ela sentiu o roçar leve dos dedos dele na lombar, e a carícia a aqueceu até os ossos.

Ela sorriu para ele e viu seu contentamento refletido no rosto dele. Bastou o mais delicado dos puxões para ela estar nos braços dele de novo.

Assim que seus lábios se tocaram, um grasnido de aviso desceu pela coluna de Catherine. Ela ofegou, virou a cabeça e viu o Corvo nas árvores.

Jest segurou o cotovelo dela.

– Cath...

A tranquilidade da noite explodiu com sons de armadura e ordens gritadas.

Catherine gritou quando a mão de Jest foi arrancada da dela, deixando a pele ardendo. Ela se virou a tempo de ver o Dois e o Sete de Paus forçando Jest a ficar de joelhos. Um baralho de guardas do palácio se abriu atrás deles, as espadas e lanças erguidas.

– O que vocês estão fazendo?! – gritou ela, botando a mão no braço de Jest. Os guardas o seguraram com firmeza. – Solte-o!

– Catherine! Ah, graças aos céus!

Ela se virou. Sua mãe e seu pai saíram correndo de trás de uns arbustos. O Rei também estava lá, e a visão dele fez as veias de Cath gelarem momentos antes de a mãe a tomar em um abraço sufocante.

– Ah, minha doce garota! Minha criança querida! Você está em casa! Está bem!

– Claro que estou bem. O que isso significa?

– Não precisa mais ter medo. – A Marquesa acariciou o cabelo dela. – Nós soubemos do ataque do Jaguadarte. Por mais que eu adore Sua Majestade, talvez nunca o perdoe por fazê-la correr um perigo assim! – Ela disse isso com um toque de ousadia, sabendo que Sua Majestade não estava distante, e claro que ele já estava perdoado. – Disseram que você estava ferida e... e que esse bobo perverso tinha levado você para os Esturjões! Nós fomos para lá, seu pai, Mary Ann e eu, mas você não estava em parte alguma, e só consegui pensar que você estava indefesa, com medo e ferida e que esse homem horrível tinha levado você e estava fazendo uma coisa cruel e horrenda e...

Ela estava chorando, soluços grandes e intensos que deram um nó de culpa no estômago de Cath.

Um ronco alto chamou a atenção dela por cima do ombro da mãe. Seu pai estava assoando o nariz em um lenço, os olhos vermelhos e insones.

Ela também viu Mary Ann e Abigail perto das árvores. As duas estavam pálidas e com olhos arregalados. Mary Ann parecia aliviada, as mãos apertando a barriga.

– Ele... – Sua mãe engoliu em seco. – Ele machucou você?

– O quê? Não! – Cath balançou a cabeça enquanto as palavras da sua mãe começavam a fazer sentido. Ela se soltou do abraço dela. – Ele não... não foi

assim. Isso é um mal-entendido. – Ela se virou para os guardas. – Soltem ele! Ele não fez nada!

– Está tudo bem agora – disse seu pai, se adiantando para ajeitar uma mecha do cabelo dela. – Ele foi capturado. Não precisa ter medo. Sua Majestade nos garantiu que isso nunca mais vai acontecer.

Perplexa, Catherine olhou para Jest. Os lábios dele estavam apertados, o único sinal de emoção no rosto. Todos os sinais da euforia prévia tinham sumido. O olhar, agora astuto e sagaz, ia do Rei para os guardas e para o Corvo, empoleirado em algum lugar alto. Ele não olhou para ela.

Ele também não estava parecendo muito inocente.

Cath franziu a testa e colocou as mãos nos quadris.

– Vocês estão todos exagerando. Jest me ajudou. Ele me levou... – Ela hesitou, mas só por um momento. – Ele me levou ao poço de melaço. Sabia onde ficava, e olhem! Minha perna está curada! – Ela levantou a barra do vestido.

– Catherine! – A mãe bateu na mão dela, e a barra caiu, mas não antes de Mary Ann ter levado a mão à boca. Ela viu o ferimento no teatro. Sabia que era um milagre.

Cath ousou virar o olhar para o Rei. Seu pretendente. Ela engoliu em seco, mas a culpa pelo cabelo desgrenhado e pelos lábios inchados era como um mosquito incomodando os pensamentos dela.

– Vossa Majestade, por favor. Ele não pode ser preso. Não fez nada de errado.

O Rei baixou o queixo entre as dobras da capa. A coroa começou a escorregar na cabeça dele.

– Nada de errado! – gritou sua mãe, balançando os braços. – Ele sequestrou você! Duas vezes!

A respiração de Catherine falhou.

– Não consigo imaginar que feitiço esse homem fez com você – continuou sua mãe –, mas roubar você... uma vez diretamente de debaixo do nariz do seu noivo...

Ele não é meu noivo.

– E mesmo da nossa casa, dos seus aposentos! – Ela choramingou. Estava chorando de novo. O pai de Catherine a tomou nos braços, mas ela o afastou e

voltou sua ira para Jest, que ainda estava de joelhos, sendo segurado com firmeza pelos guardas. – Seu maldito! Seu vilão! *Como você ousa!*

Jest sustentou o olhar dela, o maxilar tremendo, a expressão ilegível.

– Mãe, pare! – Catherine se agarrou ao braço dela. – Não é assim. Ele... Ele...

Seus pensamentos pararam de repente.

Seus pais sabiam. Sabiam que ele foi ao quarto dela. Sabiam que eles saíram escondidos no meio da noite.

Ela olhou para Mary Ann, o peito doendo de traição.

Mary Ann olhou para ela com os olhos cheios de lágrimas e as mãos unidas. *Me desculpe*, disse ela com movimentos labiais.

– Nós estávamos esperando um pedido de resgate – disse seu pai, a voz rouca. – Não sabíamos se veríamos você de novo.

– Mas aqui estou eu – disse Cath, ainda furiosa. – Não fui sequestrada. Não houve pedido de resgate. Eu posso explicar tudo.

– Ele roubou você desta casa! – gritou seu pai. – Sem acompanhante! Qualquer coisa podia ter acontecido!

– Mas nada aconteceu...

– Você está querendo me dizer... – A voz dele ficou sombria. Ele era uma tempestade de oceano se armando no horizonte. – Que a minha filha, o meu anjo, foi com ele por vontade própria?

As bochechas dela ficaram quentes.

– Eu... Pai...

– A minha filha – continuou ele, falando como se cada palavra fosse um esforço – saiu escondida de casa no meio da noite, sozinha, com o bobo da corte, e foi a uma reunião de estranhos e rufiões e quem sabe que tipo de criaturas?

Ela sentiu o corpo se encolher, tirando o ar de seus pulmões. Quantos dos segredos dela Mary Ann contou?

Essa era sua última chance, ela sabia. De negar tudo. De botar toda a culpa em Jest, de passar as consequências para as costas dele. De manter a percepção que os pais tinham dela para sempre.

Ela engoliu a certeza do quanto seria fácil.

E do quanto seria impossível.

Não, ela não podia traí-lo.

Ela apertou os punhos e abriu a boca, mas foi uma voz grave que falou:

– Não.

Todos se viraram para Jest. O queixo dele estava alto, mas os olhos estavam virados para baixo. Ele não olhou para Cath, nem para os pais dela e nem para o Rei.

– Ela não veio comigo por vontade própria, embora possa achar que sim.

A pulsação dela saltou.

– Jest!

Os insetos zumbindo fizeram silêncio, e por um momento só houve o gorgolejar do riacho atrás deles. Jest olhou para cima e encarou a expressão perplexa dela com uma coisa sombria e determinada.

– Eu usei um feitiço para persuadi-la a ir comigo. Foi um truque.

– Ele está mentindo. Isso não é...

– Lady Pinkerton é inocente. Ela não tem culpa de nada que aconteceu.

A Marquesa murchou de alívio e gratidão, a fé no mundo restaurada.

– Mas por quê? – gaguejou o Rei, a voz um grasnado na escuridão. Cath não conseguia se lembrar de tê-lo visto tão consternado, tão infeliz, e o olhar de traição provocou uma pontada de culpa. – Por que você faria isso, Jest?

Jest fixou o olhar no Rei sem expressão no rosto.

– Minha lealdade pertence ao Rei e à Rainha Branca de Xadrez. Eu fui enviado para roubar o coração da sua rainha e levar para casa. Venho tentando enfeitiçá-la, para que o coração dela fosse meu depois que vocês tivessem se casado.

O Rei cambaleou para trás, uma mão sobre o peito como se Jest tivesse lhe dado uma facada.

– Como você pôde fazer uma coisa assim com Lady Pinkerton?

Cath ficou tensa.

– Jest. Não...

– Segure a língua, filha minha. – A mão firme do pai pousou no ombro dela. – Está claro que ele ainda exerce o encantamento dele sobre você.

O olhar de Jest se desviou para ela.

– É verdade. Eu venho usando todas as habilidades ao meu alcance para enfeitiçá-la.

Um arrepio se espalhou pela pele dela.

Ele tinha o coração dela, e ela o dele. Nada podia mudar isso.

Nada...

Mas ele estava se fazendo de vilão. Para os pais dela. Para o Rei. Para toda Copas.

E para quê? Para salvar uma reputação com a qual ela se importava menos a cada minuto?

Sua mãe assentiu.

– Está vendo? Ele confessou os crimes dele com todos nós aqui testemunhando. Que bom nós termos descoberto isso agora, antes que pudesse ir mais longe. Graças aos céus Mary Ann teve bom senso e pensou em pedir ajuda.

As entranhas de Catherine se contraíram. Seus olhos começaram a se encher de lágrimas, mas ela piscou para que não caíssem e se virou para olhar para Mary Ann de novo. Sua amiga da vida toda estava embaixo da copa de uma árvore, parecendo abalada e muito arrependida.

Um nó de raiva surgiu na base do estômago de Catherine.

Seguindo o olhar dela, sua mãe balançou a mão para as criadas.

– Abigail, Mary Ann, voltem para casa e preparem um banho quente para Catherine. Ela passou por muita coisa hoje.

Elas fizeram reverências rápidas.

– Estou muito feliz de você estar bem, Ca... Lady Catherine – disse Mary Ann, a voz um sussurro, antes de ir atrás de Abigail para casa.

A raiva de Cath se contorceu e cresceu. Ela não estava nada bem.

– O criminoso será levado para uma cela de prisão? – perguntou o Marquês.

– Espero que sim! – disse a Marquesa. Algumas gotículas de saliva caíram na bochecha de Jest, mas ele nem se mexeu. – Pela segurança da nossa filha! Não quero que ele possa enfeitiçar mais ninguém além de ratos de prisão deste dia em diante!

– C-c-claro! – gaguejou o Rei, se obrigando a entrar no círculo. Ele estava retorcendo as mãos, e Cath viu que estava desesperado para deixar essa situação para trás. – Não consigo nem expressar meu remorso por... por tudo que

aconteceu. – As sobrancelhas dele se uniram no meio da testa e ele fez um gesto na direção de Jest. – Ele parecia tão confiável.

Cath disse com desprezo:

– Vocês são todos idiotas.

– Catherine! – repreendeu sua mãe.

O Marquês colocou um braço em volta dos ombros da esposa.

– Calma, querida. Ela não está sendo ela mesma, você não vê?

Catherine cruzou os braços sobre o peito.

– Então quem você pensa que eu sou?

– Er, bem. – O Rei limpou a garganta e mudou de assunto: – O Coringa vai ser, er, punido. – Ele puxou a gola para longe do pescoço. – E vamos esquecer que essa coisa desagradável aconteceu!

Cath se virou para Jest. Ele sustentou o olhar dela, e havia algo de insistente nos seus olhos. Talvez ele estivesse dizendo que era melhor assim, mas ela se recusava a acreditar.

De repente, o Rei começou a aplaudir, um som impulsivo e ansioso.

– Ah, sim... é isso que vamos fazer! Vamos dar uma festa!

Catherine voltou a atenção para ele.

– Uma festa!

– Você estava certa no que disse no teatro, meu docinho – disse o Rei, e Catherine se encolheu. – Eu sou o Rei e tenho que fazer alguma coisa para o povo de Copas se sentir mais seguro. Chega dessa baboseira de Jaguadarte e de sequestro. Vamos dar um baile de máscaras e vamos dançar, comer e ficar felizes, e vamos esquecer de tudo de ruim que aconteceu.

– É uma péssima ideia! – gritou Cath. – Não se lembra? O Jaguadarte atacou na última festa que...

Sua raiva foi abafada pela mão da sua mãe sobre sua boca.

– Brilhante, Vossa Majestade. Positivamente brilhante!

O Rei se balançou nas pontas dos pés, satisfeito com a aprovação dela.

– Amanhã à noite, então! E... e... – Ele ficou tímido de repente, as bochechas ficando vermelhas por trás do bigode retorcido. – E talvez eu tenha um anúncio especial a fazer, não? – Ele balançou as sobrancelhas para Catherine, e se ela não estivesse sendo segurada com firmeza pela mãe, teria gritado.

– Agora – disse o Rei –, de volta ao castelo. Levem o prisioneiro. Muito bem, então, vamos embora.

Os guardas tinham começado a entrar em formação quando Jest limpou a garganta.

– Na verdade, Vossa Majestade, posso dizer mais uma coisa?

A clareira ficou em silêncio. Todos os olhares se voltaram para Jest. Cautelosos, exceto por Cath, que estava em pânico e esperançosa.

Qualquer ressentimento que ele pudesse ter de antes tinha sumido da expressão dele. Todos os sinais de descontentamento tinham sumido. Ele sorriu para o Rei com excesso de charme e disse:

– O senhor foi bom para mim, Majestade.

O peito do Rei se estufou e ele puxou a costura da capa de pele.

– Ah... ora, obrigado, Jest.

– E é por isso que me dói tê-lo traído assim, e agora trair novamente.

O olhar amarelo se virou para Cath, transbordando de palavras não ditas.

O corpo de Jest se dissolveu, uma sombra, um tremor, um fiapo de penas mergulhadas em tinta. O Corvo grasniu e desceu das árvores, e as duas aves pretas idênticas saíram voando pela noite.

CAPÍTULO 38

CATHERINE MAL CONSEGUIU SEGURAR O SORRISO quando foi levada para dentro de casa – para sua segurança, eles disseram – enquanto o Rei era levado para a carruagem e de volta ao palácio e os guardas montavam um método para vasculhar o local e recapturar Jest.

– Ele vai ser encontrado – disse o Marquês repetidas vezes, e Cath foi levada para o vestíbulo de casa. – Não precisa se preocupar. Sei que ele vai ser encontrado.

– Não vai não – disse ela, subindo a escada. – E estou feliz por isso. Vocês estão enganados sobre ele.

– Pode parar aí, mocinha! – gritou a mãe, e os pés, obedientes, pararam no primeiro patamar. Ela se virou para os pais. O alívio deles tinha virado uma frustração, cansados. Havia uma sombra na testa do pai e um tremor no canto da boca da mãe. – Não sei o que aquele garoto fez com você – disse ela, colocando as mãos nos quadris –, mas acabou agora, e nunca mais vamos falar dele. Vamos seguir como se nada disso tivesse acontecido, e você vai começar a mostrar apreciação por tudo que fizemos por você, além de gratidão por Sua Majestade!

– Gratidão! O que ele fez para que eu fique agradecida?

– Ele preservou sua honra! Qualquer outro homem teria cancelado o cortejo imediatamente ao saber que você foi levada *duas vezes* nos braços de outro. Sua Majestade está fazendo uma grande gentileza, Catherine. Você vai respeitar isso, e quando o vir amanhã, espero que recompense essa generosidade.

– Eu não quero a generosidade dele, nem a gentileza e nem nenhum tipo de outros favores!

Sua mãe fez expressão de desprezo.

– Então você é uma boba.

– Que bom. Passei a gostar muito de bobos.

– Já chega! – rugiu o Marquês.

Catherine fechou a boca, silenciada pela raridade da fúria do pai. O rosto dele estava vermelho, e apesar de ele estar no vestíbulo, olhando para Catherine, a expressão a fez se sentir tão inconsequente quanto um inseto pisoteado.

Ele falou lentamente, cada palavra medida com cautela:

– Você não vai desgraçar esta família mais do que já desgraçou.

Lágrimas arderam nos olhos de Catherine, carregadas de vergonha e culpa. O pai nunca tinha olhado para ela desse jeito e nem falado com ela assim.

Ela nunca tinha visto tamanha decepção.

– Você vai fazer o que sua mãe manda – continuou ele. – Vai cumprir seu dever como nossa única filha. Não vai nos constranger de novo. E se Sua Majestade pedir sua mão, você vai aceitar.

Ela começou a balançar a cabeça.

– Vocês não podem me obrigar.

– Obrigar?! – gritou a mãe. – Qual é o seu problema, criança? Isso é um presente! Apesar de você não ter feito nada para merecer.

– Vocês não entendem! – gritou Cath. – Se ao menos tivessem conhecido Jest em circunstâncias diferentes... se vocês conversassem com ele, veriam que ele não é...

Seu pai levantou as mãos.

– Eu não vou ouvir isso. Aquele garoto já fez mal suficiente por uma noite, e até você estar pensando claramente e começar a se comportar como a dama que criamos, essa conversa está encerrada. – O Marquês tirou o casaco e pendurou no gancho ao lado da porta. – Você vai fazer o que nós mandarmos, Catherine, ou pode se considerar não sendo mais integrante deste lar.

Catherine trincou o maxilar, as lágrimas surgindo nos olhos. Seus pensamentos se debatiam na cabeça, arranhando o interior do crânio, mas ela ficou calada.

A confissão de Jest destruiu qualquer credibilidade que ela pudesse ter. Não havia nada que ela pudesse dizer para eles agora, nenhum argumento que pudesse usar para persuadi-los de que não estava sob nenhum encantamento, de que Jest não era vilão.

Que ela o amava. Que *o* escolhera.

Ela se virou e correu do vestíbulo antes que se transformasse em uma criança dando ataque de birra.

Entrou correndo no quarto, bateu a porta e se encostou nela. No corredor, um quadro caiu do prego e se estilhaçou no chão com um *Ai!* abafado.

Cath se inclinou, juntou a saia ampla, encostou o rosto no tecido e gritou o mais alto que conseguiu.

– Catherine?

Ela levou um susto com a voz branda e puxou a saia da frente do rosto. Mary Ann estava na frente dela, o uniforme preto e branco borrado na visão de Cath.

– Me desculpe – gaguejou ela, antes que Cath pudesse se recompor.

Cath passou as mãos nos olhos.

– Você contou tudo para eles! Como pôde?

– Eu tive que contar. Você não o conhece, Cath. Ninguém o conhece, e eu estava com tanto medo...

– Eu o conheço sim! Confio nele! Mas você estragou tudo. Ele é um homem procurado agora, um criminoso. Está em toda parte, e tudo por sua causa!

– Eu achei que você estivesse com problemas. Aquela bruxaria que ele usou para levar você do teatro... não se parecia com nada que eu já tivesse visto. Sentimos tanto medo, mas mesmo assim eu quis acreditar que ele estava levando você para a praia, mas quando vimos que você não foi para lá... eu achei que você estivesse em perigo. Você ficou sumida por horas, e o Jaguadarte ainda está por aí, e eu não sabia...

Cath se afastou da porta e a abriu.

– Não quero ouvir. Você não tinha o direito de contar para eles o que contou.

– Cath...

– Saia!

– Espere, por favor. Me escute, Catherine. Eu acho que vi... quando estávamos no teatro, eu poderia jurar...

– Não me importo! – gritou Catherine. – Não ligo para o que você acha ou o que viu. Nós tínhamos um plano, Mary Ann. Tínhamos um futuro, e agora você estragou tudo! – Lágrimas começaram a escorrer pelas bochechas dela. – Eu nunca mais quero ver você. Por mim, você pode até virar copeira!

Sem esperar que Mary Ann saísse, ela se virou, entrou no banheiro e trancou a porta. Com um soluço, escorregou até o piso e abraçou os joelhos, escondendo o rosto nas dobras da saia. Tentou recapturar o sentimento da clareira e das flores silvestres, dos braços e lábios de Jest e o quanto tudo pareceu tão certo.

Não conseguia entender como tudo ficou tão errado tão rapidamente.



Quando Catherine acordou na manhã seguinte, uma nova planta tinha nascido nos suportes da cama. O quarto estava com cheiro de terra, metal e tristeza, e ela via uma mancha de brotos vermelhos além das pálpebras inchadas.

As trepadeiras caíam pelo dossel, as flores pendiam na direção da colcha.

Centenas e centenas de corações-sangrentos pequenos e delicados a cercavam, todos sangrando.

Ela levantou a mão e encostou o dedo na superfície delicada da flor mais próxima, recolhendo uma gota de sangue quente no dedo. Cada flor de coração-sangrento era uma coisa delicada, linda e assustadora.

Ela esmagou a flor na mão e apreciou a mancha molhada na palma.

Mary Ann não foi acender o fogo. Abigail não foi levar o café. Catherine ficou na cama, sem ser perturbada, até o meio da tarde. Sentia-se vazia, como uma abóbora de Halloween. Perguntou-se se Jest tinha sido encontrado e levado para a prisão, mas sabia que não. Ele era inteligente demais para eles, rápido demais, impossível demais.

Os olhos se desviavam repetidamente para a janela, torcendo para ver uma rosa branca lá fora, chamando-a. Mas nunca houve uma. Jest não voltou para ela.

Nunca na vida ela se sentiu tão abandonada.

Ela imaginou que Mary Ann não a tinha traído, que seus pais e o Rei não tinham descoberto nada. Fingiu que Jest estaria no baile e que ela andaria

diretamente até ele com a roupa preta e o chapéu de guizos e o beijaria na frente de todo mundo. Em seguida, anunciaria a abertura da confeitaria, e deixaria o castelo com a cabeça erguida e começaria uma vida nova com Jest ao seu lado.

Mas o sonho foi frágil. Se antes não era possível, agora que não era mesmo. Jest era considerado criminoso, e, como Cheshire tinha avisado, ninguém seria cliente de uma confeitaria pertencente a uma mulher arruinada, por mais deliciosos que os doces fossem. Mesmo que eles pudessem limpar o nome de Jest, os dois estariam eternamente desamparados e desgraçados. Eles não teriam nada.

Passava da hora do chá quando Cheshire apareceu entre os caules da planta dos corações-sangrentos, o corpo gorducho encolhido no canto do dossel da cama.

Catherine olhou para ele sem surpresa. Passou o dia o esperando. O maior fofoqueiro do reino não poderia ficar longe.

– Eu achei que talvez gostasse de saber – disse Cheshire como cumprimento – que todo mundo está falando sobre você e sua fuga do bobo covarde. Que coisinha sortuda e heroica você é.

– Eu achei que você talvez gostasse de saber – respondeu ela – que isso aí é um monte de baboseira. O Coringa não me sequestrou.

Ela falou de forma comedida, sabendo que não importava o que dissesse para Cheshire e nem para ninguém. A maioria das pessoas continuaria acreditando no que fosse mais conveniente, e agora era conveniente achar que a noiva do Rei, a futura rainha, tinha sido levada contra a vontade.

Cheshire tirou uma bola de cera de um ouvido com a unha.

– Eu estava com medo de você dizer isso. Não é uma história boa, sabe, embora eu continue me divertindo com todos os cavalos e os homens do Rei lutando para encontrá-lo.

– Eles não vão conseguir – disse ela, acreditando um pouco menos cada vez que falava.

Afinal, Copas não era um reino grande. Para onde ele poderia ir? De volta para Xadrez?

Talvez, mas era pouco consolo. Queria dizer que ela jamais o veria novamente.

– Sua Majestade está louco de ansiedade – continuou Cheshire. – Acho que ele não tem a menor ideia do que fazer com toda essa loucura, o Jaguadarte e o Coringa e um plano para roubar o coração da futura rainha... Ele não está acostumado com traição de verdade, está?

– Mais motivo ainda para não estar desperdiçando os esforços com um homem inocente, e para quê? Porque seu orgulho está ferido?

– Que orgulho? – Cheshire cruzou as patas. – Nosso Rei é um idiota ignóbil.

Um sorriso fraco surgiu nos lábios dela.

– É mesmo.

– Claro que a idiotice ignóbil parece ser uma epidemia por essas partes. – Cheshire começou a desaparecer. – Assim, ele não ficará sozinho.

Ele sumiu na mesma hora em que uma batida soou na porta. Abigail colocou a cabeça para dentro.

– Sinto muito, Lady Catherine, mas está na hora de se arrumar para o baile de máscaras. – Ela entrou no quarto como um ratinho tímido.

Catherine suspirou e deslizou para fora da cama sem discutir.

A noite era inevitável.

Ela não reclamou quando suas bochechas foram beliscadas para recuperarem um pouco da cor, e Abigail não fez nenhum comentário sobre como sua pele estava repuxada de tanto chorar.

– Ah, Lady Catherine – murmurou Abigail. – Vai ficar tudo bem. O Rei é um bom homem. Você vai ver.

Cath fez cara feia e não disse nada.

Ela foi colocada em um vestido branco de crepe com tiras largas bordô e uma máscara delicada de marfim coberta de pedras. Quando Abigail começou a recolher a roupa que ela tinha tirado, Catherine viu seu reflexo no espelho. Parecia uma boneca pronta para ser colocada em uma prateleira.

Abigail entregou para ela o toque final.

Uma tiara toda de diamantes e rubis. Quando foi colocada em sua cabeça, Catherine não achou mais que parecia uma boneca.

Parecia uma rainha.

Seus lábios se abriram e o ar escapou de seus pulmões.

Ela prometeu a Jest que rejeitaria o Rei. Prometeu.

Mas essa promessa foi feita por uma garota que ainda ia abrir uma confeitaria com a melhor amiga. Essa promessa foi feita por uma garota que não ligava se era da realeza, desde que pudesse viver com o homem que amava.

Essa promessa foi feita por uma garota com um destino totalmente diferente.

Seus olhos se apertaram, e ela levantou a mão para ajeitar a tiara na cabeça.

Mary Ann traiu seu segredo. Jest se condenou eternamente.

Mas talvez não tivesse sido à toa.

Cath levantou o queixo e, pela primeira vez, ousou se imaginar rainha.

CAPÍTULO 39

— APRESENTANDO O HONORÁVEL Whealagig T. Pinkerton, Marquês do Recanto da Pedra da Tartaruga – anunciou o Coelho Branco –, acompanhado de sua esposa, Lady Idonia Pinkerton, Marquesa do Recanto da Pedra da Tartaruga, e filha, Lady Cath...

Cath enfiou um lenço com bordado de botão de rosa na boca do Coelho. Ele levou um susto e olhou para ela com olhos arregalados.

Já no terceiro degrau a caminho do salão de baile, seus pais pararam e olharam para trás. Cath deu um sorriso tenso.

– Vão em frente – disse ela. – Acho que vai ser mais apropriado se eu for anunciada separadamente. – Ela virou o olhar frio para o mestre de cerimônias. – Como é adequado à futura Rainha de Copas, você não acha?

O Marquês e a Marquesa trocaram um olhar surpreso e satisfeito e desceram o resto dos degraus.

O Coelho pegou o lenço. Sua expressão variou entre irritação e complacência quando ele limpou a garganta.

– Claro, Lady Pinkerton, realmente. – Ele estufou o peito em uma tentativa de recuperar sua dignidade e soprou o trompete novamente. – Apresentando Lady Catherine Pinkerton, do Recanto da Pedra da Tartaruga!

– Melhor – disse ela, e desceu para o salão, os ombros empertigados. Embora imaginasse que devia parecer composta por fora, sua boca estava com gosto de bolo de frutas cristalizadas velho.

Ela não fez contato visual com nenhum convidado, feliz de as máscaras com pedras facilitarem na hora de fingir que não reconhecia os convidados fantasiados ao redor. Quando um par de gambás tentou se aproximar dela, ela desconfiou que eles estavam querendo ganhar as graças da futura rainha, sendo os comedores de sapos que eram, mas ela se afastou antes de um cumprimento ser feito. Ela não fingiria que queria ou precisava da aprovação dos nobres puxa-sacos.

– Catherine! – Uma mão úmida segurou seu cotovelo e a girou.

Margaret Mearle fez uma reverência. Sua boca estava repuxada em um sorriso, o nariz escondido atrás de um focinho rosa-claro.

– Você ouviu a notícia maravilhosa?

Cath achou impossível retribuir o sorriso, apesar da expressão alegre de Margaret.

– Acredito que não – disse ela, sem muito entusiasmo.

Margaret soltou um suspiro sonhador.

– O Duque pediu ao meu pai permissão para começar um cortejo. *A me cortejar!*

– Não acredito nisso.

– Mas é verdade. Vamos ter nossa primeira visita supervisionada amanhã. Ah, Lady Catherine, estou cheia de satisfação. – Passando o braço pelo de Cath, ela balançou um leque na frente do rosto corado. – A moral disso, claro, é que "o canário engaiolado não come nas mãos das víboras".

Catherine afastou o braço e se virou para ela.

– Quanta baboseira, Margaret.

Margaret piscou.

– Como?

– O que isso quer dizer? "O canário engaiolado não come nas mãos das víboras"? Víboras não têm mãos. E um canário realmente preferiria ficar engaiolado a correr o risco de alguém que poderia parecer perigoso, mas... mas talvez não seja realmente perigoso? Talvez a víbora só queira compartilhar alpiste! Você pensou nisso quando estava elaborando sua nova moral ridícula?

Margaret deu um passo para trás.

– Ora... Acho que você não entendeu...

– Eu entendi muito bem. Suas ditas morais não passam de uma desculpa para agir como se fosse melhor do que todos nós. Para nos tratar como se não fôssemos tão inteligentes e tão corretos quando você, quando na verdade você só está tentando esconder suas inseguranças! É infantil e desprezível, e já aguentei isso por tempo demais.

As bochechas de Margaret ficaram da mesma cor do focinho preso na cara.

– Ora, eu... isso não é justo. Eu nunca... – Ela bufou. – Isso é inaceitável, Lady Pinkerton. Eu esperava que você, mais do que qualquer um, ficasse feliz por mim, mas vejo agora que você alimenta muita inveja para ser apaziguada. Imagino que seja verdade que sempre mantive um padrão maior do que o seu, mas fiz meu melhor para manter você nas minhas boas graças mesmo assim. Para tentar elevar você ao meu nível, para você poder perceber seus erros.

– Por favor. Me poupe.

Os olhos de Margaret se desviaram para trás dela e se arregalaram.

– Ah! Boa noite, meu lorde.

– Para você também, milady.

Catherine se virou para o Lorde Javali, que tinha se juntado a elas, as orelhinhas tremendo de alegria. Ele estava usando um focinho igual ao de Margaret, embora quase não mudasse a aparência do rosto dele.

Ela revirou os olhos de repulsa.

– Como vai, Lady Pinkerton? – perguntou ele.

– Não tão bem quanto algumas pessoas, ao que parece.

– Lady Pinkerton – disse Margaret por entre dentes – está de mau humor hoje.

– Lamento muito ouvir isso. Na verdade, eu estava querendo saber se posso ter uma palavrinha com você, se bem que – ele limpou a garganta e a voz se suavizou – só depois de Lady Mearle me dizer se tem alguma vaga em seu cartão de dança.

– Alguma coisa me diz que você vai poder escolher à vontade – resmungou Catherine, mas o insulto baixo foi ignorado enquanto Margaret e o Duque flertavam e coravam, até Margaret fazer um comentário sobre retocar a maquiagem e se afastar. O tecido do vestido oscilou quando ela se virou e saiu

andando no meio da agitação de casacas e saias, e o Duque ficou olhando com olhar tão embevecido quanto o de um flamingo.

– Já vai tarde – resmungou Catherine.

– Como, Lady Pinkerton? – disse o Duque.

Ela fez expressão de desprezo.

– Que vergonha, Vossa Graça! Você devia saber que não se escuta o que uma garota diz quando ela está resmungando sozinha.

– Ah, sim. Eu peço desculpas. – O Duque mexeu na papada. – Por favor, termine seus pensamentos.

Catherine cruzou os braços sobre o peito. Margaret era egoísta e cansativa, e, mesmo com todos os seus defeitos, o Duque poderia ter escolhido alguém melhor. Mas não era da conta dela.

Não mesmo, embora a enchesse de raiva. Logo Margaret! A falsa e odiosa Margaret sendo cortejada por um homem que a adorava. Não haveria segredos e nem vergonha, e todo mundo os abençoaria com alegria e desejaria muitos filhos com focinhos no nariz.

– Posso falar agora?

Ela grunhiu:

– Tudo bem, vá em frente.

– Lamento ver você se sentindo tão mal, Lady Pinkerton – disse o Duque. – Eu queria agradecer. Não sei que envolvimento você pode ter tido para direcionar o afeto de Lady Mearle a mim, mas... bem, um favor por um favor, acredito que tenha sido nosso acordo. – Ele sorriu em meio às presas. – A loja está vazia agora, caso você não saiba. Entendo se você não tiver mais interesse, considerando a... a situação com o Rei. – Os olhos dele brilharam, e por um momento Catherine teve medo de ele piscar para ela, mas ele não piscou. – Mas, se ainda quiser alugar o local, não posso recusar nada de você.

O maxilar dela começou a doer de tanto trincar os dentes.

A loja era dela.

Agora, quando ela não tinha esperança de bênção dos pais, nem um centavo do dote, nem uma gota de respeito dos nobres se ela ousasse rejeitar a proposta do Rei.

Agora que a amizade dela com Mary Ann tinha acabado.

– Isso é tudo?

O Duque franziu a testa.

– Ora... é, eu acho. Você não está satisfeita?

Ela forçou uma respiração irritada pelas narinas.

– Não estou, infelizmente, embora não seja por culpa sua. – Forçando os ombros tensos a relaxarem, ela apertou as mãos na saia pesada. – Obrigada, Sua Graça, mas acho que você não devia guardar a loja para mim. Nunca houve como existir uma confeitaria e também não há como agora. Por favor, esqueça que conversamos sobre isso e... vá dançar com sua dama. Ela já passou valsas demais olhando de longe.

Ela saiu antes de poder sentir a força total da felicidade dele, mas não tinha ido muito longe quando uma mão segurou seu antebraço, apertando com tanta força que Catherine quase engasgou. Ela tentou soltar a mão, mas foi puxada contra um peito sólido como ferro. Uma voz rouca rosnou em seu ouvido:

– O que você fez com ela?

Um hálito quente com cheiro de abóbora se espalhou em volta dela.

Cath se virou. Peter Peter estava segurando seu braço, os dedos fazendo marcas na pele. Havia sombras roxo-acinzentadas embaixo dos olhos dele e um corte fundo em uma bochecha, como se alguém o tivesse atacado com uma faca. Embora o ferimento estivesse cicatrizando, a visão fez seu estômago se revirar.

Ele estava usando um macacão enlameado e sem máscara, como se não tivesse ideia de que houvesse expectativas para quem vai a um baile de máscaras real.

– O que você fez com ela? – repetiu ele.

– O que você... me solte agora mesmo!

Ele apertou ainda mais.

– Responda!

– Não sei o que você... ai! Sabe, você e sua esposa tinham que aprender bons modos no que diz respeito...

Ele a puxou para mais perto, e Cath ofegou, diminuída pelos ombros enormes. Mas, surpreendentemente, ele a soltou. Ela massageou o braço, a pulsação disparada.

– Não sei o que aquela sua empregada viu ou achou que viu – disse ele, a voz ameaçadora pouco audível em meio à música e às gargalhadas –, mas não vou deixar que você a machuque. Vou mandar transformar você em comida de minhoca primeiro. Agora me diga o que você fez.

– Eu não sei... – Ela começou a balançar a cabeça, mas parou. Era por causa da abóbora que ela roubou? Do bolo que ela fez, que a esposa dele estava tão desesperada para comer? – M-me desculpe – gaguejou ela. – Eu usei para fazer um bolo, só aquele. Eu não achei que fosse fazer mal, e era só uma abóbora pequena, e você pareceu... tão *ocupado*, e eu só queria...

A mão dele se fechou no braço dela de novo, e ela gritou.

– Eu já sei sobre isso – rosnou ele. – Eu estava lá no festival. Vi o que aconteceu com aquela Tartaruga, e agora a minha esposa... – Ele inspirou fundo, as narinas se dilatando. – Não sei o que você está querendo, mas não sou idiota. O reino inteiro viu você com aquela espada. Agora me diga o que você fez com ela!

O coração dela subiu até a garganta.

– Espada? Você está falando... da Espada Vorpal? – Os pensamentos dela se misturaram. – O que isso tem a ver com o bolo de abóbora?

Os olhos dele chamejaram, e ele a sacudiu de novo. Ela sibilou por entre os dentes, certa de que ele estava deixando marcas.

– Eu vou destruir você, Lady Pinkerton. Guarde minhas palavras. Se alguma coisa acontecer com ela antes que eu consiga resolver isso...

– Já chega, Sir Peter! – disse Cath, erguendo a voz ao se lembrar do papel que tinha jurado executar naquela noite. Todo mundo acreditava que ela seria a futura rainha, ela não podia ser tratada assim por um mero cultivador de abóboras. – Eu exijo que você me solte em...

– Perdão pela intrusão. – Uma voz quente e macia como chocolate derretido soou entre eles.

Um choque desceu pela coluna de Catherine. Ela ficou em silêncio, os lábios entreabertos.

– Se o cartão da dama não estiver cheio – continuou a voz –, posso pedir a honra da próxima dança?

Couro macio roçou em seu braço. Ela baixou os olhos e viu uma mão enluvada soltar os dedos de Peter um a um. Estava com medo de olhar. Com medo de olhar para o dono da voz e ver que estava enganada.

Pois ele não podia estar ali. Nem a bravata *dele* o teria feito ir lá.

Era... impossível.

CAPÍTULO 40

CATH VIROU A CABEÇA lentamente e ousou olhar. Não um bobo. Um cavalheiro.

Ele usava uma calça bem cortada, estava todo de preto, com casaca comprida e gravata de cetim, cartola preta e uma máscara coberta de penas sedosas de corvo. Só os olhos desafiavam a escuridão do traje. Brilhavam como a luz do sol, amarelos como tortas de limão.

Assim que a libertou da mão de Peter, ele passou o couro das luvas pelo braço machucado, como se quisesse livrar a pele do aperto anterior. O toque dele provocou arrepios.

Peter se meteu entre eles, e a mão de Jest se afastou. Ele era quase uma cabeça mais baixo do que o gigantesco fazendeiro, mas não havia sinal de intimidação quando ele olhou para Peter.

– A dama e eu – rosnou Peter – estávamos tendo uma conversa. Por que você não vai cuidar da sua própria...

– Isso é tudo, Sir Peter – disse Cath, tentando canalizar o espírito dominador da mãe. Ela reparou que as pessoas estavam olhando para eles, que deviam estar desde o momento em que Peter a abordou. Ele era um incômodo naquele mundo impecável, afinal.

Mas ninguém se adiantou para interromper e nem para defendê-la, sem dúvida torcendo para que o drama se desenrolasse.

– Na verdade, meu cartão de dança está bem vazio – disse ela, ainda mais alto, e passou o braço pelo cotovelo de Jest.

Jest tirou o chapéu para Peter, e antes que pudesse haver discussão, ele a estava levando para a pista de dança. Seus batimentos estavam mais rápidos do que a música, ainda furiosa pela forma como Peter a tratou e com medo de Jest ser reconhecido a qualquer momento. Porém, mais do que tudo, ela estava eufórica.

Ele estava ali. Tinha ido atrás dela.

O bobo foi.

Ela se virou para olhar para ele. Suas mãos se uniram e uma valsa começou. Seus pés sabiam os passos, embora ela mal ouvisse a música.

Eles estavam dançando na frente de todo mundo.

Não houve alarme entre as pessoas. Nenhum guarda foi enviado para prendê-lo. Não houve boatos sussurrados da presença dela.

Naquele salão de bailes cheio de máscaras, ninguém saberia que era ele. Era fácil acreditar que ele era da nobreza, como qualquer um deles. Não um artista, não um bobo, não um homem procurado. Ele era um cavalheiro tão refinado quanto qualquer convidado.

Eles apertaram as mãos e giraram em semicírculo, e Jest aproveitou a oportunidade para aproximar a cabeça da dela.

– Você pareceu surpresa, milady.

Ela sufocou uma gargalhada e se virou para a próxima garota da fila, girou, deu a mão para o parceiro da moça e voltou para as mãos de Jest.

– O que você está fazendo aqui? – sussurrou ela. – Você é...

Ele sorriu.

– Um homem procurado?

Ela passou embaixo das mãos do casal ao lado. Girou de volta. Fez uma reverência.

– Exatamente – disse ela quando a palma da mão voltou para a de Jest.

– Que bom – afirmou, as covinhas aparecendo. – Eu esperava que você ainda sentisse isso.

Eles terminaram o resto da dança em silêncio, e no final, Cath sabia que estava com uma expressão boba e atordoada, mas não conseguia evitar. Jest se

inclinou sobre a mão dela e deu um beijo nos nós dos dedos, e neste toque ela sentiu um pedaço de papel pressionado na palma da mão.

Ele se afastou e a viu olhar para o confete amassado, como o que ele tinha espalhado uma vez pelo salão de baile.

No papel havia um coraçãozinho vermelho impresso.

Ela fechou os dedos em volta do papel e levantou o rosto de novo. Engoliu em seco e se preparou.

– Eu vou aceitar o pedido do Rei.

O rosto de Jest ficou paralisado. Eles ficaram em um silêncio sofrido, se olhando por um longo momento, longo demais, antes de a tempestade surgir no olhar dele. Jest chegou mais perto, os dedos dos pés roçando na beirada do vestido dela. Ela teve que inclinar a cabeça para trás para manter contato visual.

– Você prometeu – disse ele. – Você prometeu que não ia aceitar.

– Isso foi antes de você estragar qualquer chance que pudéssemos ter de sermos aceitos, pelos meus pais ou pela corte ou pelo reino todo. Todo mundo acha que você é mentiroso e traidor. Todos pensam que você é um vilão.

– Eu estava tentando salvar a sua reputação – sussurrou ele para ela. – Além do mais, você deixou claro no festival que um cortejo entre nós jamais seria aceito, independente do que eu fizesse.

Ela lambeu os lábios. Seus olhos seguiram o movimento, criando um tremor no estômago, que foi doloroso de ignorar.

– Você está certo, não seria. E é por isso que tenho que aceitar o Rei.

Uma dor surgiu no rosto dele, formando rugas fundas na testa.

– Catherine...

– Assim, quando eu der meu coração para você, vai ser mesmo o coração de uma rainha.

Ele inspirou fundo e começou a balançar a cabeça, mas ela seguiu em frente:

– E você vai poder levar para Xadrez e acabar com a sua guerra. Foi para isso que você veio aqui, não foi?

– Mas...

Ela chegou mais perto, permitindo-se ser atraída para a sombra dele.

– Talvez não exista nenhuma quantidade de magia que pudesse tornar isso uma possibilidade – sussurrou ela perto do maxilar dele. Ele estava tremendo,

mas tão de leve que ela só percebia estando perto assim. – Se eu não posso ter felicidade, me permita ao menos ter um propósito. Me deixe dar a você o coração de uma rainha.

Ela o viu engolir em seco, sentindo o calor leve do hálito dele na bochecha.

Cath deu um passo para trás e se virou. A mão dele tentou segurar a dela, mas ela se soltou e entrou no meio da confusão de máscaras e dançarinos.

O coração dela estava disparado. Ela queria que ele a chamasse, que a parasse, quase tanto quanto queria que ele a deixasse fazer isso enquanto ainda havia coragem.

Um trompete soou no salão. Por cima das cabeças dos nobres, ela viu o Coelho Branco ao lado do trono.

– Senhoras e senhores, apresento Sua Majestade Real, o Rei de Copas!

A multidão aplaudiu e se aproximou da plataforma. Cath amassou o pedaço de papel e não pôde evitar um olhar para Jest... mas ele tinha sumido.

Ela girou, procurando em meio às máscaras de penas e pedras uma cartola preta e olhos amarelos.

– Catherine.

A voz da sua mãe interrompeu os pensamentos disparados. Um braço envolveu seus ombros e a guiou para o palco.

– Está na hora – disse a Marquesa, a voz vibrando de alegria. – Ah, minha querida garota, está finalmente acontecendo! – Ela abriu caminho em meio à multidão. Catherine sentiu o corpo ficar dormente a cada passo que dava na direção do Rei, que tinha começado a fazer um discurso, mas ela não conseguia ouvir. Não conseguia sentir o toque dos dedos da mãe. Não reparou nos rostos curiosos a vendo passar.

Está na hora.

Ela ia aceitar o pedido do Rei.

Ela seria a Rainha de Copas.

Olhou para trás algumas vezes, mas a multidão se fechou atrás delas, e não havia sinal de Jest. Era como se a presença dele não tivesse passado de um sonho.

Inspirando fundo, Cath tentou não sentir mágoa. Se eles tivessem tido mais tempo, ele teria tentado dissuadi-la desse plano? Ela teria permitido?

Não. Ela queria isso. Queria dar a ele o que ele veio buscar.

Seu coração já pertencia a ele de qualquer jeito, fosse o coração de uma confeiteira ou de uma rainha. Pelo menos assim poderia haver algum propósito na vida trivial que ela tinha.

Ela começou a sentir como se estivesse acima de tudo, olhando para uma estranha. Vendo-se ser levada para a plataforma. Vendo os convidados aplaudirem sem som e o Rei segurar uma das mãos dela e a puxar para o centro do palco. Era outra garota que estava ali, pálida e sem palavras. Era outra garota que estava sacrificando sua felicidade por uma coisa maior do que ela mesma.

Outra garota aceitando que algumas coisas não eram para acontecer.

Seu coração murchou até virar uma ameixa seca.

– Como vocês todos sabem – disse o Rei, se balançando na ponta dos pés –, nosso reino enfrentou coisas horríveis nessas últimas semanas, mas é privilégio meu tirar seus pensamentos desses momentos a-assustadores e dar a todos nós motivo para comemorar. – Ele abriu um sorriso. – Esta dama aqui, na frente de vocês, se provou corajosa e galante, e eu... – Os olhos dele brilharam quando olhou para Catherine. Ele apertou a mão dela. – Eu a admiro e a adoro.

Catherine voltou para o corpo de repente, e nada estava distante agora. O ar estava sufocante. Ela estava engasgando com pânico e descrença. Tentou ser forte, mas era difícil se ela mal conseguia acreditar que aquilo tinha virado sua realidade.

Foi ontem mesmo que Jest a levou para o poço de melaço? Que ele a beijou até deixá-la sem fôlego?

– Lady Catherine Pinkerton, do Recanto da Pedra da Tartaruga – disse o Rei, cheio de carinho e alegria. Sua voz se ampliou no crânio dela. Ele se ajoelhou à sua frente; seus dedos estavam grudentos e densos. – Você me daria a grande honra de se tornar minha esposa e minha rainha?

Um ofego de prazer soou na multidão.

Afastando a atenção do Rei, Catherine se viu olhando para as pessoas que conheceu a vida toda. Todas pareciam tão felizes, tão ansiosas.

Foi uma percepção surpreendente para ela que o Rei estava certo sobre isso. Ele queria fingir que os ataques não estavam acontecendo, que o Jaguadarte não era um pesadelo muito real. Queria que seu povo se sentisse seguro e feliz na cama à noite, e, para isso, desviaria a mente deles do assunto com um pedido de

casamento. Com um casamento. Uma nova rainha, uma que lutou com o Jaguadarte e sobreviveu.

Era uma solução covarde, mas estava funcionando.

Ela se perguntou o que seria de Copas depois que Jest levasse seu prêmio. Quando o coração fosse dado a ele e levado para Xadrez e esse reino ficasse com uma casca vazia no lugar da rainha.

Ela imaginava que todos seguiriam a vida e fingiriam que nada tinha mudado. Fingindo que tudo estava bem. Fingindo, como sempre faziam.

Xadrez precisava dela. Copas não.

Ela endireitou os ombros e olhou para o Rei, que ainda estava ajoelhado, com a mão dela entre suas palmas úmidas. O rosto jovial e sincero. Ele não merecia a esposa ingrata à qual ficaria preso.

Ela sustentou o olhar dele e abriu um sorriso.

– Eu aceito, Vossa Majestade.

As palavras dela mal saíram pela boca e a multidão explodiu em gritos. Ao redor, mulheres secaram os cantos dos olhos com lenços, como se estivessem testemunhando uma coisa bonita. Homens tiraram os chapéus. A orquestra começou uma música entusiasmada, ensurdecedora e comemorativa.

Ela procurou os pais. O Marquês estava ao lado da mãe, um braço nos ombros dela. Os dois pareciam satisfeitos, orgulhosos.

Cath sentia como se nem os conhecesse.

Seu olhar avaliou a multidão, procurando, procurando, mas não viu Jest. Queria saber se ele estava tão infeliz quanto ela. Queria saber se ele entendia por que ela estava fazendo aquilo. Queria saber se estava agradecido pelo sacrifício dela ou com raiva por ela ter quebrado a promessa.

A multidão começou a subir no palco. Mulheres com quem ela não falava havia anos a seguraram pelos ombros e a puxaram para abraços, deram beijos em suas bochechas, apertaram suas mãos com adoração. Ela ouviu a Condessa Viúva de Wontuthry fazer uma piada obscena sobre a noite de núpcias e alguns cortesãos fazendo apostas de quando o reino teria o primeiro príncipe ou princesa.

As congratulações ecoavam nos ouvidos dela.

Você é uma garota de tanta sorte...

O Marquês e a Marquesa devem estar exultantes...

Que rainha linda você vai ser...

Ela passou as mãos pelas laterais da saia rígida, tentando livrá-las do toque de tanta gentileza indesejada. Essa decisão era sua, ela lembrou a si mesma. Ela fez sua escolha.

Alguém pediu uma dança, e outro grito se espalhou pelo salão. Ela e o Rei foram levados para fora da plataforma, para o centro da pista de dança. Ela se viu virada para ele, olhando para o bigode curvo e olhos brilhantes e para um sorriso que não podia estar mais feliz.

– Ah, Lady Pinkerton, minha trufa exuberante – disse ele, lágrimas surgindo nos olhos. – Você me fez o homem mais feliz do mundo!

Ela sentiu uma pontada de culpa no peito.

Sentiu que ia vomitar.

Por quanto tempo conseguiria fingir alegria? Achava que não chegaria ao fim da noite, menos ainda o resto da vida.

A orquestra recomeçou, e o Rei esticou a mão para as dela. Ela sufocou o desdém o máximo que pôde e colocou as mãos nas dele.

Mas antes que a dança pudesse começar, um estrondo soou no salão; as portas enormes foram abertas e bateram nas paredes de quartzo. Um sopro de vento entrou, apagou todos os candelabros acima de uma vez e deixou os convidados na escuridão.

Um raio de luz entrando pelas portas abertas cortou o salão, e duas silhuetas compridas apareciam nele, chegando quase onde Cath e o Rei estavam. Uma silhueta ela se lembrou de ter visto naquela primeira noite no jardim, um homem encapuzado segurando um machado curvo enorme.

A outra sombra usava um chapéu de três pontas.

Jest estava na porta, novamente com a roupa de bobo, a máscara com penas substituída pelos olhos contornados de lápis preto e o coração. O Corvo estava empoleirado no ombro dele.

O Rei guinchou:

– Jest?

– Jest – sussurrou Cath em resposta, soltando a mão do Rei.

Embora mal conseguisse ver o rosto de Jest na escuridão, ela sabia que ele estava olhando para ela. Só para ela.

– Eu sei de um jeito – disse ele, a voz calma e cortante no silêncio estupefato. – Sei de um jeito, Catherine. Podemos ficar juntos e salvar Xadrez, e você pode ter sua confeitaria e tudo.

Os lábios dela se abriram, quase sem ousar ter esperanças.

– Você teria que abrir mão de tudo – disse ele, indicando o salão de baile e as pessoas mascaradas –, mas acho que você já está disposta a fazer isso. – Ele fez uma pausa e inspirou com hesitação. – Eu sei de outro jeito, milady.

– Esse... esse homem! – A voz aguda da Marquesa cortou o silêncio. – Foi ele que enganou minha amada filha, que quer transformar sua futura rainha em meretriz! Ele é mentiroso e cruel e deve ser impedido! – Ela saiu do meio da multidão e balançou os braços para o Rei. – Vossa Majestade, faça alguma coisa!

– A-ah, sim! Guardas! Guardas! – berrou o Rei, apontando para as cartas de Paus que envolviam o salão. – Capturem-no!

Os guardas demoraram um momento para afastarem o atordoamento e começarem a se mobilizar, as botas estalando no piso.

Jest nunca desviou a atenção de Cath.

– O que você escolhe? – sussurrou ele, e embora estivesse muito longe, ela conseguia ouvir claramente. Esperança e desejo, tanto desejo.

Os guardas ergueram as lanças e foram na direção dele, abrindo caminho pela multidão assustada.

– Você – sussurrou ela para ele, e apesar de a voz mal ter chegado aos ouvidos dela mesma, ela viu a luz surgir nos olhos dele. – Acima de tudo, eu escolho você.

Ele sorriu e foi na direção da escada.

Cath segurou a saia e correu para ele, ignorando os gritos assustados da multidão, os berros da mãe, os passos trovejantes dos guardas. Eles chegariam lá antes dela, apesar de Jest estar descendo a escada. Os guardas mudaram de direção. Miraram as lanças.

Cath começou a correr. Conseguia ver que uma colisão ia acontecer, e não sabia se conseguiria chegar a ele antes dos guardas, e o Rei estava gritando o

nome dela e seu pai a estava mandando parar e o Corvo levantou voo do ombro de Jest e girou lá no alto.

Uma coisa brilhou nos pés dela. Uma fumaça deixou o ar denso.

Os guardas pararam de repente.

Cath tropeçou, mas os braços de Jest já estavam em volta dela, como penas na pele, levando-a para longe.

CAPÍTULO 41

— Me desculpe. Me desculpe — disse ela, a voz abafada no ombro de Jest, os braços como um torno em volta do pescoço dele. Ela não sabia para onde ele a estava levando. Conseguia sentir o ar da noite na pele quente. Conseguia ouvir a respiração pesada; ele estava correndo com ela e a saia e os forros da saia nos braços. — Eu achei que conseguiria. Achei que podia me casar com ele e dar a você o que você queria, mas não é o que eu quero, Jest, você tem que saber disso...

— Está tudo bem, Cath. Vai ficar tudo bem.

Ele parou de repente e afundou de joelhos, aninhando-a no colo.

Soltando os braços do pescoço dele, Catherine olhou para cima. Para seu Coringa. Sua Torre. Cath segurou o rosto dele com as mãos e viu na mesma hora. A sinceridade nos olhos, o carinho.

— Eu escolho você — repetiu ela. As palavras tinham gosto de açúcar.

O maxilar dele tremeu e, com a mão livre, segurou os dedos dela, mantendo-os encostados no rosto.

— Cath, você tem que ter certeza. — A voz dele estava densa, quase engasgada. — O Corvo me deu a ideia. Eu não teria pensado nisso se não fosse ele, e eu... Eu acho que você não vai gostar do que tenho a dizer. Não é tarde demais. Eles já acreditam que botei um feitiço em você, seria fácil convencê-los...

— Espere. — As mãos de Cath desceram pelas bochechas dele e chegaram à gola da túnica. — Você disse que poderíamos ficar juntos. Que podemos salvar

Xadrez, e eu vou ter minha confeitaria e...

Ele assentiu:

– É verdade. Acho que vai dar certo.

– Você acha?

Inclinando-se para a frente, Jest escondeu o rosto no pescoço dela. Estava tremendo tanto quanto ela.

– Não vai ser fácil. E você ainda pode mudar de ideia. O Rei ainda vai querer você, sei que vai, e vou deixá-la em paz, você e seu coração, eu prometo. Eu não conseguiria mesmo, Cath. Não conseguiria tirar de você.

As palavras afundaram no peito dela. Ela olhou para além dele e viu a roseira branca onde o encontrou naquela primeira noite. Ele a levou para o jardim.

Eles seriam seguidos. Era provável que os guardas já os estivessem procurando. Ela duvidava que demoraria para que fossem descobertos.

Com um nó no estômago, Cath empurrou Jest para longe e se soltou dos braços dele. Tentou ficar de pé, mas suas pernas estavam fracas demais, e caiu na grama.

– Você me deu uma escolha, e eu fiz. Como pode sugerir que eu mude agora?

Jest tentou passar as mãos pelo cabelo, mas encontrou o chapéu de bobo no caminho. Arrancou-o e jogou no chão. Os guizos tilintaram fracamente uma vez e depois ficaram em silêncio.

– Porque você tem que ter certeza. Porque vai me matar se você acabar se arrependendo disso, saber que você abriu mão de tudo que o Rei estava oferecendo e que foi minha culpa.

O ar frio fez sua garganta arder, mas ela não conseguiu parar de ofegar. Trincando os dentes, ela o empurrou com toda a força que tinha. Jest caiu de lado na grama.

– Seu idiota. Eu não o quero e nem o que ele me ofereceu, nunca quis. Eu não quero ser a idiota da Rainha!

– Eu sei. Eu sei disso, Cath. É por isso que você pode se arrepender.

Ela olhou para ele e começou a balançar a cabeça.

– Não vão demorar para nos encontrar aqui. Fale logo. Que ideia foi essa que o Corvo teve?

Jest olhou para cima, e Cath levou um susto ao ver o Corvo entre as rosas.

– Tem uma lei em Xadrez – disse Jest, trazendo a atenção dela de volta – que diz que um peão que consegue atravessar o território inimigo até a fronteira pode se tornar rainha.

Ela franziu a testa.

– Volte comigo. – Jest ficou de joelhos e envolveu a mão de Cath com a dele. – Nós podemos levar você até a fronteira, Hatta, o Corvo e eu, e você pode ser rainha e pode nos levar à vitória, Cath, eu sei.

– Mas... – A garganta dela estava seca e foi uma dificuldade umedecê-la novamente. – Mas você disse... que eu podia ter minha confeitaria e...

Jest riu, um som caloroso que a surpreendeu. Seu aperto aumentou.

– Mas é isso. Quando a guerra acabar, a Rainha Branca pode assumir novamente, pois nós não vamos precisar de duas rainhas mesmo, e você pode ser o que quiser. E você e eu...

Ele foi interrompido pelo som de uma marcha vindo do castelo. Cath ficou tensa e olhou para trás, e viu duas fileiras de guardas de Paus descendo a escada. O Ás de Paus estava na frente, gritando ordens para eles se espalharem e revistarem os jardins.

Jest estava olhando para Cath quando ela voltou o olhar.

– Eu sei que você nunca quis ser rainha – disse ele, com um lamento na voz.

Uma gargalhada sem humor surgiu na voz dela.

– Parece que eu ia ser rainha de qualquer jeito. – Ela soltou uma das mãos da dele e passou o polegar pelo coração pintado na bochecha dele. – Eu amo você, Jest. Quero ficar com você da forma que puder.

A respiração dele formou cristais no ar. Botas ecoaram, batendo em caminhos de cascalho. Acima, o Corvo soltou um grasnido de aviso.

Jest a segurou de repente e esmagou sua boca com a dela. Cath passou os braços pelo pescoço dele, adorando a forma como o coração se expandiu, como se pudesse consumir os dois.

– Eu também amo você – sussurrou ele no espaço entre outro beijo, e outro. – Eu também amo você.

Era impossível, e ela acreditava integralmente.

Ele a estava beijando, mas o Corvo grasnou alto.

– Estão vindo. Não podemos demorar mais.

Cath e Jest olharam para os galhos das árvores.

– Isso não rimou – disse Cath.

– E tempo sobrou? – cortou o Corvo.

– Ele está certo, claro – disse Jest, sorrindo. – Mas esse interlúdio sublime se mostrou. – Ele pegou o chapéu e puxou Cath para que ficasse de pé.

Com um aceno de Jest, o Corvo desceu e se juntou a eles, na hora em que Cath ouviu os primeiros guardas entrando no jardim das rosas. Assim que o Corvo pousou no ombro de Jest, a terra tremeu e uma torre de pedra surgiu do chão, engolindo os dois.



CATH NÃO SABIA se essa magia podia ser chamada de torre, de túnel, de ponte ou de alguma outra passagem impossível, mas ficou aliviada quando eles foram colocados na campina em frente à loja de Hatta. Estava tremendo, apesar de Jest e o Corvo fazerem parecer que viajar pela terra fosse a coisa mais natural do mundo.

– E pensar – ofegou ela, se levantando com as pernas bambas – que passei tantos anos tomando carruagens quando havia uma forma bem mais razoável de viajar.

Jest estava com um sorriso mais largo do que nunca quando entrelaçou os dedos nos dela.

– É um truque especial que as Torres têm – disse ele. – Você vai se acostumar.

Ela fungou e ajeitou o vestido.

– Isso ainda veremos.

Eles se aproximaram da Chapelaria Maravilhosa de mãos dadas. As janelas da loja itinerante brilhavam em um dourado caloroso, mas a floresta estava em silêncio.

Jest esticou a mão para a maçaneta da porta redonda da loja, mas se viu segurando um rabo listrado e peludo. Um gato miou.

Jest deu um pulo e posicionou o corpo na frente do de Cath.

A cabeça de Cheshire apareceu em seguida, sorrindo enormemente, apesar do brilho irritado dos olhos. Ele lambeu o rabo ferido.

– Bem – disse ele –, isso foi esquisito.

– Cheshire, o que você está fazendo aqui? – perguntou Catherine.

– Estou cuidando dos meus ferimentos. Acho que ele me machucou.

Ela apoiou a mão fechada no quadril.

– Estou falando sério, Cheshire. Você estava nos seguindo?

Ele parou de lamber e seu rabo sumiu, deixando só a cabeça redonda onde podia haver uma aldrava.

– Seguindo você? Eu cheguei aqui primeiro, querida garota.

Catherine levantou uma sobrancelha.

O sorriso vívido de Cheshire se alargou ainda mais.

– Eu ouvi um boato de que você tinha fugido do baile de máscaras nos braços do nosso criminoso mais procurado. Bem, nosso único criminoso procurado. Queria ver a verdade com meus próprios olhos.

– E agora você já viu. Por favor, chegue para o lado.

Cheshire apertou os olhos e espiou ao longe.

– Aquele pássaro é amigo ou comida?

Cath e Jest olharam para trás. O Corvo tinha assumido um lugar em um galho baixo de árvore. Ele estufou as penas até estar do tamanho de Cheshire. Ou do mesmo tamanho que Cheshire teria se o corpo todo estivesse visível.

– *Amigo* – disse Catherine, se virando. – O que você quer?

Cheshire se virou de cabeça para baixo.

– Imagino que você não tenha ideia do que aconteceu esta noite. Fiquei terrivelmente preocupado, considerando o pedido e tudo o mais. Você quer saber?

– Não exatamente. Tenho algumas preocupações minhas, como você pode ter percebido.

– Envolve o comedor de abóbora.

Suas entranhas se contraíram. Ela tinha se esquecido de como Sir Peter a abordou no começo daquela noite.

– Por que eu teria interesse nele?

– E também Mary Ann. E até o Jaguadarte. Um novo boato chocante que poderia ser ainda mais escandaloso do que a noiva do nosso Rei fugir com o Coringa. Estou morrendo de vontade de contar para alguém – os olhos dele viraram moedas de prata, como as que se coloca nos olhos dos mortos – e você foi a primeira pessoa que achei que ia querer saber.

Um arrepio percorreu a espinha de Cath. Ela sentiu Jest a olhando, conseguiu imaginar a preocupação dele, mas afastou a curiosidade para o fundo do estômago, junto ao poço de fúria onde estava a traição de Mary Ann.

– Você estava enganado. Eu não quero saber. Vá incomodar outra pessoa com sua fofoca e nos deixe em paz, senão vou machucar mais do que seu rabo.

As moedas voltaram a ser olhos brilhantes.

– Entendo – disse ele, arrastando as palavras. – Parece que me enganei sobre você, Lady Catherine. Depois de todos esses anos. – Ele olhou para Jest. – Ele é bem bonito, eu acho... – As orelhas e olhos dele sumiram, deixando então só o sorriso. De cabeça para baixo, parecia uma boca triste sem corpo. – Para quem liga para esse tipo de coisa.

Ele sumiu.

Jest ainda estava olhando para ela.

– Tudo bem – disse ela. – Ele não vai contar para ninguém onde estamos. – Ela não sabia se era verdade, mas esperava que eles já estivessem longe antes que fizesse alguma diferença.

Com o gato tendo ido embora, o Corvo saiu do galho da árvore e voou até eles quando Jest abriu a porta.

Não era mais salão de chá e nem loja; a salinha era um espaço de trabalho bagunçado, um estúdio de chapeleiro. A mesa comprida estava coberta de fitas, penas, feltro, botões, agulhas e linha. Mais de dez cabeças de manequim estavam enfileiradas, usando chapéus inacabados de vários estilos, piscando olhos entediados para os recém-chegados.

O Arganaz dormia encolhido na mesa, envolto em uma fita de veludo, como um presente.

A Lebre de Março estava pendurando botões de cores variadas em uma linha e enrolando no pescoço, como uma pilha de colares. Havia o suficiente nele para lembrar a Catherine de uma forca.

Hatta estava sentado em seu trono, usando a cartola da cor de ameixa, uma perna sobre o braço da cadeira e o queixo apoiado na mão. Um chapéu de mulher incompleto estava em uma cabeça de manequim na frente dele, parcialmente coberto de pedras amarelas e metade de conchas, mas os olhos dele estavam em Jest, Catherine e o Corvo.

Ele avaliou a roupa escura de Jest e deu um sorrisinho.

– Ainda fazendo o papel do idiota real, pelo que vejo. Ou talvez seja efeito da garota que está com você na palma da mão.

Jest tirou o chapéu e deixou os guizos tilintarem em volta do rosto.

– Todo mundo sempre subestima o idiota.

Hatta balançou a mão para os dois.

– Entrem, entrem. Haigha, pare de mexer nesses botões e bote água na chaleira para ferver.

– Não vai ser necessário. Não é uma visita demorada. – Jest puxou Catherine pela mesa, como se tivesse medo de soltá-la.

O olhar de Hatta se prolongou nas mãos entrelaçadas um pouco mais do que Cath achava necessário.

– Qual é a pressa? Se os boatos forem verdade, o único lugar onde você tem que estar agora é na prisão de Sua Majestade. – Ele apertou os olhos. – Falando em Sua Majestade, ele sabe que você está andando por aí com a amada dele?

Jest puxou uma cadeira para Catherine. Ela estava ansiosa demais para se sentar, mas se sentou mesmo assim.

– O Rei pediu Catherine em casamento hoje – disse ele, ocupando a cadeira entre ela e Hatta, a que antes era a cadeira do artista da vez.

O olhar de Hatta foi na direção dela, e ele levantou uma xícara de um pires, como em um brinde. A borda estava manchada de chá velho, e ela se perguntou quanto tempo tinha ficado lá, intocada.

– Acho que tenho que lhe dar parabéns, Vossa Realeza.

Ela fez cara feia.

– Você está me parabenizando ou a você mesmo? Sei que você queria me ver Rainha tanto quanto todo mundo, apesar de agora entender que você não tinha meu bem em mente.

Houve um momento de silêncio, a xícara parada no ar. De repente, Hatta riu e bateu com a xícara na mesa. Estava vazia.

– Se você sabe disso, então sabe que eu não estava sozinho no plano. – Ele tirou a perna de cima do braço da cadeira e se inclinou na direção deles. – Ela é uma rosa, Jest. Linda aos olhos, sim, mas com espinhos que não devem ser ignorados. Ela pertence ao jardim de um Rei, não ao seu. – Como um pensamento que só ocorreu depois, ele tirou o chapéu para Catherine. – Sem querer ofender, milady.

– De verdade? – retorquiu ela.

Ele deu de ombros, um movimento casual de um ombro só que fez o sangue dela ferver.

– Eu a amo, Hatta – disse Jest. – Não pretendia me apaixonar por ela, mas me apaixonei.

Ela apertou a mão dele embaixo da mesa.

Hatta voltou o olhar para Catherine. Ela retribuiu, embora se sentisse tão insignificante na frente dele quanto na primeira vez em que eles se viram. Mas havia pouca crueldade na expressão dele. Mais uma curiosidade. Como se ele estivesse tentando determinar o que Jest via quando olhava para ela.

– Isso é um problema, não é?

– Eu também o amo, se é isso que você está querendo saber.

Ele balançou a cabeça.

– Ah, não, isso está bem claro. – Ele passou o dedo pelo lábio inferior. – Desconfio que vocês não tenham vindo aqui para me dar o privilégio de compartilhar da sua felicidade mútua.

Jest tirou o chapéu e o jogou no meio da bagunça da mesa.

– Cath não vai se casar com o Rei e nós não vamos roubar o coração dela.

– Eu achei que podíamos estar indo nessa direção. – Hatta lançou um olhar rápido para a Lebre de Março, que os observava como se eles estivessem em uma partida fascinante de tênis na grama. – Prepare-se, Haigha. Não vai ser nada divertido informar ao Rei Branco que nosso querido Jest fracassou.

– Eu não fracassei. – Jest inclinou a cabeça na direção do pássaro. – O Corvo me lembrou da lei da promoção.

Os olhos de Hatta se arregalaram de forma quase imperceptível.

– A promoção do peão – murmurou ele. Seu olhar se dirigiu a Cath e a avaliou com nova intensidade. – Por que roubar o coração de uma rainha se você pode roubar a rainha?

– Ela ainda não é rainha – disse Jest. – Mas poderia ser. Resolveria tudo, Hatta.

O Chapeleiro se encostou e fechou os olhos, a testa franzida.

– Nem tudo – disse ele, mas o sussurro foi tão baixo que Cath achou que ele estivesse falando sozinho. Quando ele ergueu o olhar de novo, estava balançando a cabeça. – Nós somos um parlamento de idiotas. Um bando de tolos.

– Não – disse Jest, a voz baixa. – Isso seria uma indelicadeza.

– Seria mesmo. – Hatta fungou e olhou com escárnio para a Lebre de Março de novo. – O que você diz, Haigha?

Haigha estava olhando para Catherine, o nariz tremendo.

– Temos certeza de que ela consegue?

– É uma pergunta legítima. – Hatta se inclinou para a frente. – Quando atravessarmos o Espelho, você não vai ser mais a filha de um marquês, só um peão inferior, como Haigha e eu. Se fracassar e não derrotar a Rainha Vermelha, estará aceitando muitas vidas de servidão. Está disposta a arriscar isso, Lady Pinkerton?

– Ela não... – começou Jest, mas Cath o interrompeu:

– Eu estou disposta a arriscar. Não há mais nada para mim aqui.

Hatta olhou para Jest.

– Teria sido mesmo bem mais simples apenas seguir o plano.

– Não deu para evitar – disse Jest.

– Não, acho que não deu. – Massageando a têmpora, Hatta mais uma vez olhou para a Lebre de Março. – Então, qual de nós vem e qual de nós vai?

As orelhas de Haigha se dobraram e ele afundou na cadeira.

– Eu fui na última vez – disse ele, a voz tremendo. – Aliás, você não estava dizendo que tinha que buscar mais material para chapéus? Não é que eu tenha medo nem nada assim. – Ele coçou o pescoço e pareceu estar com muito medo. – Só estou pensando no que é melhor para o seu negócio, só isso.

Hatta deu uma risada debochada e empurrou uma xícara na direção de Haigha com a bengala.

– Não precisa se agitar. Eu vou. – Ele soltou um suspiro pesado. – O tempo anda curto deste lado do Espelho mesmo.

Haigha relaxou de alívio, mas ficou meio escondido debaixo da mesa, tremendo.

– Do que você tem medo? – perguntou Cath, franzindo a testa para o pouco que conseguia ver das orelhas de Haigha. – Haigha?

Os olhos vermelhos apareceram de novo. Ele olhou para Jest primeiro e depois para Catherine.

– De nada – disse ele.

Hatta se levantou e começou a pegar o casaco e as luvas.

– Das Irmãs – disse Jest. Quando chegamos da outra vez, você... pareceu desconfortável perto delas.

– Desconfortável? – Hatta riu e bateu com a bengala na mesa. Haigha estava todo escondido embaixo dela agora. – Elas deixam você desconfortável, Haigha?

– Não exatamente. – A voz de Haigha passou pela madeira. – Está mais para elas me fazem querer me afogar em uma poça de melaço.

– Por quê? – Cath olhou para Jest. – O que tem de errado com elas?

Jest balançou a cabeça.

– Elas são meio estranhas, só isso.

Haigha tremeu tanto embaixo da mesa que as xícaras foram sacudidas.

– Meio estranhas? – disse Hatta. – Você deve ter atravessado em um dos bons dias delas, querido Jest. Eu garanto que Haigha quer dizer o que disse e disse o que quer dizer. – Ajeitando as mangas, Hatta fixou um sorrisinho em Catherine. – Mas o que pode ser feito para evitá-las? Nada. – Ele pegou a bengala e a girou no ar. – Não diga que não foi avisada.

CAPÍTULO 42

HATTA EMPURROU A CADEIRA para trás e se levantou, ajeitando a cartola.

– Tem certeza de que está desesperada o bastante para vir conosco, Lady Pinkerton? – perguntou ele, olhando para ela. – Tem certeza de que não prefere ficar aqui e viver seus dias com luxo?

Ela também se levantou e olhou para ele por cima das flores e feltros espalhados.

– O que é luxo se sua vida é mentira? Eu não posso voltar para lá. Meu lugar é com Jest agora.

Uma pálpebra de Hatta tremeu, mas ele se virou e se aproximou do espelho que Cath usou uma vez para admirar o chapéu de macaron. Afastou-o da parede da loja e girou em engrenagens barulhentas. A parte de trás era igual. Outro espelho em moldura encerada de madeira, só que...

Cath contornou a mesa, os dedos passando pelo encosto das cadeiras de modelos diferentes.

O reflexo não mostrava mais a chapelaria. Mostrava um vale gramado com flores silvestres e um poço de melaço cintilando na luz do crepúsculo.

– Pode passar, então – disse Hatta, e seu tom carregava um aviso. – As Irmãs vão saber o quanto você está realmente desesperada.

Ela olhou para Jest, mas ele assentiu, encorajando-a. Não havia dúvida na expressão dele, diferentemente da de Hatta, e isso a animou. Ela sabia que a

decisão, depois de tomada, não podia ser desfeita. Mas que escolha tinha sobrado para ela?

Cath falou o que realmente sentia.

Não tinha mais lugar para ela em Copas.

Ela nunca mais veria os pais. Nem Cheshire. Nem Mary Ann. Pensou se devia deixar um bilhete explicando para onde tinha ido. Talvez o Corvo pudesse levar para ela. Mas quando tentou pensar no que escrever no bilhete, todos os seus pensamentos ficaram amargos. Com a raiva que sentia dos pais, ela não queria que isso fosse a última notícia que teriam dela. Não. Hatta era um mensageiro que viajava pelo Espelho com frequência. Quando estivesse calma e feliz com a nova vida, quando tivesse salvado Xadrez e ela e Jest tivessem sua confeitaria... ela enviaria uma carta para os pais e avisaria que estava bem.

Até então, eles que se preocupassem. Foram eles que ameaçaram deserdá-la, afinal.

Não havia volta.

Ela estava desesperada, mas também se sentia esperançosa.

Reunindo a saia volumosa, Cath andou até o espelho, inspirou fundo e o atravessou.

Estava novamente na campina, envolta por cercas vivas altas de todos os lados. A grama estava pontilhada de vermelho e dourado, e o aroma de melaço encheu os pulmões de Cath.

Assim que deu um passo à frente, ela ouviu passos atrás: Jest e Hatta, com o Corvo empoleirado no ombro de Jest.

Hatta levantou uma sobrancelha e pareceu um pouco surpreso, talvez por Cath estar desesperada o bastante, afinal. Mas só disse:

– Não trouxe nada para se aquecer, Lady Pinkerton?

Ela olhou para o vestido de baile e para os braços expostos.

– Eu não estava esperando uma aventura esta noite, e meu xale foi levado pelos cortesãos do castelo.

Ele grunhiu como se fosse uma desculpa ruim e passou por ela, indo na direção do poço.

Jest segurou a mão dela. Os guizos no chapéu tilintaram alto no silêncio.

Hatta bateu com a bengala três vezes na beirada de pedra do poço antes de se inclinar e sorrir para as profundezas escuras.

– Oi, Tillie.

Duas mãozinhas apareceram no alto do poço, seguidas do rosto magro de uma criança. Ela parecia um fantasma, com no máximo seis anos, cabelo branco-prateado que caía pelas costas e pele da cor de leite diluído em água. Os olhos, em contraste, eram pretos como carvão e grandes demais para o rosto.

– Por onde você andou, Hatta? – disse Tillie, subindo pela beirada e se acomodando ali de joelhos. Usava um vestido branco de musselina coberto de sujeira, como se... bem, como se tivesse acabado de sair de um poço. – Nós sentimos a sua falta.

– Me desculpe, amor. Andei ocupado. Suas irmãs estão por aí?

– Estão no fundo, fazendo uma corrida de barco com as duas metades da bota de uma dama. – Tillie sorriu. Os dentes da frente tinham caído. – Aquele é Jest? Ah, e o Corvo também. Como estão?

– Oi, Tillie – disse Jest.

– Nunca mais – cumprimentou o Corvo.

O olhar de Tillie se desviou para Catherine.

– E você é a garota que ele trouxe antes. A que ele finalmente beijou e beijou.

Cath corou, mas ninguém pareceu reparar.

Hatta olhou para cima.

– Eu poderia ter ficado sem saber disso, amor.

Tillie inclinou a cabeça na direção do ombro e olhou para a saia de Catherine.

– Seu tornozelo está curado.

– Sim. Obrigada pelo seu melaço – gaguejou Catherine.

– Não é *meu*. – Tillie sustentou o olhar dela. – Mas também não é seu, apesar de você ter pagado por ele. – Ela repuxou os lábios, mas o sorriso não chegou aos olhos impenetráveis. Cath se perguntou se aquele rosto jovem já tinha visto um verdadeiro sorriso.

Ela era perturbadora. Uma criança que carregava a tristeza de uma velha.

– Tillie – disse Hatta –, nós precisamos passar pelo Espelho de novo. Você pode abrir o labirinto para nós?

– O Espelho de novo, de novo – cantarolou Tillie. – Quantas vezes você já foi para lá e para cá, Hatta?

– Vezes demais para contar, amor. Mas é importante.

– Você disse *isso* vezes demais para contar. – Ela fez beicinho. – Sempre tem um que vem e um que vai, mas ninguém nunca fica. Você não quer vir para o fundo fazer corrida de barco com a gente um pouco? Eu preparo uma xícara de melaço quente.

– É uma proposta gentil, mas vou ter que aceitar em outra hora. Agora, temos que atravessar o labirinto.

– Vocês quatro? – perguntou Tillie.

Hatta assentiu:

– Nós quatro.

A criança deu um grande suspiro.

– Minhas irmãs e eu estamos doentes, Hatta. Estamos morrendo há muito tempo, e temos que pedir pagamento para nos sustentar.

– Eu entendo. Qual é o preço da passagem?

Tillie inclinou a cabeça, e os olhos pretos ficaram grudados nele como se ela estivesse em transe.

– Lacie quer uma pena preta como a tinta mais preta para pintar. Elsie quer três guizos de bobo, *tink, tink, tink, a tilintar*. E eu aceito seu tempo, querido Hatta. Cinco minutos devem bastar.

Hatta olhou para o grupo antes de perguntar:

– Nada da moça?

O olhar vazio de Tillie pousou em Cath, e ela precisou se obrigar a não se encolher. Lentamente, a criança balançou a cabeça.

– Ela não tem nada que a gente queira. Ainda.

E sorriu de novo, aquele mesmo sorriso sinistro sem dentes.

Cath ficou em silêncio enquanto eles faziam o pagamento. Uma pena foi tirada do rabo do Corvo e três sinos foram arrancados do chapéu de Jest, e todos jogados no poço. Hatta foi por último, pegou o relógio de bolso e girou o ponteiro para a frente em cinco minutos. Não pareceu feliz de fazer isso, mas também não reclamou.

Tillie assentiu quando o pagamento foi feito e sumiu no poço. Cath ficou tensa, mas não houve grito e nem ruído de água embaixo.

– Você está ficando sem minutos, Hatta.

Eles se viraram. Havia uma nova garota sentada de pernas cruzadas em um tronco caído coberto de musgo. Era idêntica a Tillie, com a pele encerada e os olhos escuros sinistros, só que seu cabelo prateado estava cortado curto, como se feito de folhas silvestres.

– Eu sei, Elsie – disse Hatta. – Vocês ficam tirando de mim.

Ela o observou sem piscar por tempo demais, mas abriu um sorriso de lábios fechados.

– Por quanto tempo mais você vai fugir do Tempo?

– Enquanto eu puder.

Uma terceira voz cantarolou:

– *O tempo nunca encontraria você aqui.*

Cath se virou de novo. A terceira garota estava ao lado da parede de cercas vivas, mais uma vez uma imagem espelhada das irmãs, embora o cabelo brilhante fosse até os tornozelos. Olhos enormes e sem fundo os observavam do outro lado do vale.

Uma porta tinha aparecido nas cercas vivas atrás da terceira Irmã, uma estrutura de madeira enorme com dobradiças pretas de ferro. Tillie estava ao lado, enfiando os dedos na terra e segurando a maçaneta enorme.

– Você poderia ficar com a gente, sabe – disse a terceira garota.

Hatta balançou a cabeça.

– Me desculpe, Lacie, mas não posso.

– E eles? – perguntou Tillie, apontando com o queixo para Cath e Jest e o Corvo.

Cath ficou feliz quando Jest respondeu, pois achava que não conseguiria falar.

– Me desculpe, mas temos que voltar para Xadrez. Temos um papel a desempenhar.

– Ah, sim – disse Elsie. – Duas Torres, um Peão e uma Rainha. É assim que a charada começa, mas como vai terminar? – Ela começou a rir.

Cath tremeu.

– Vamos ver que papel vocês têm a desempenhar – disse Tillie.

– Quando chegarem ao outro lado – acrescentou Lacie.

Tillie abriu a porta antiga. As dobradiças de ferro gemeram, e a madeira roçou na pedra coberta de musgo. Cath não via nada além de mais cercas vivas.

Ao mesmo tempo, as Irmãs murmuraram:

– Nós vamos encarar o destino do outro lado.

Cath deu um passo hesitante à frente, com Jest segurando sua mão e Hatta a um passo. Quando eles se aproximaram da porta, ela viu que havia uma escada do outro lado, um lance curto de degraus de pedra velhos que desciam para outra campina. Cercas vivas enormes pressionavam dos dois lados, deixando a escada estreita demais para ela e Jest andarem lado a lado.

Ela foi atrás de Hatta, levantando a saia para não tropeçar nas pedras irregulares. Folhas grudaram na barra. As sombras se projetavam dos lados.

Assim que eles passaram, as portas enormes se fecharam, fazendo Cath pular. Jest apertou o ombro dela, e só a presença dele afastou o frio dos ossos.

Eles chegaram ao final da escada e Cath parou. Franziu a testa.

Olhou para trás, mas a escada tinha sumido. Estava olhando para o muro vazio de uma cerca viva enorme, sem portas e sem saídas.

Ela se virou de novo, o coração vibrando contra o esterno. Eles ainda estavam no mesmo vale, com o mesmo poço de melaço.

Mas, desta vez, as Três Irmãs já estavam esperando.

CAPÍTULO 43

Elsie, Lacie e Tillie estavam sentadas na beirada do poço, bebendo em xícaras de porcelana. Ainda usavam os vestidos brancos simples, mas a campina parecia mais fria do que antes, e Catherine pensou que elas deviam estar congelando no tecido fino.

No entanto, o mais estranho era que as três garotas usavam agora máscaras. Uma coruja. Um guaxinim. Uma raposa. As máscaras estavam amarradas na cabeça com fitas, e só os olhos enormes podiam ser vistos pelas aberturas circulares, tão pretos e sem fundo que pareciam olhar para o nada.

Catherine ficou agradecida quando a mão de Jest segurou a sua de novo e entrelaçaram os dedos.

Era uma coisa estranha olhar por cima de um vale pacífico no meio de uma floresta para três garotinhas e sentir que tinha entrado em um campo de batalha.

– Oi – disse Hatta, com uma calma traída pelos ombros tensos. – Tillie. Elsie. Lacie.

As garotas não se mexeram. Ficaram segurando a xícara em uma das mãos e o pires na outra, os dedos mindinhos esticados no mesmo ângulo.

– Nós temos treinado – disse a Coruja.

– Nós temos desenhado – disse o Guaxinim.

– Nós vimos muitas coisas – disse a Raposa.

Elas tomaram chá ao mesmo tempo.

– Eu dei a vocês cinco minutos do meu tempo – disse Hatta. – Nos mostrem o caminho, para podermos seguir em frente. – Parecia roteiro, como uma conversa cansada que ele já tinha recitado muitas vezes.

As Irmãs ficaram em silêncio por um momento, os olhares vazios observando, até Lacie, a Raposa, colocar a xícara de lado e se levantar. O cabelo comprido estava grudado nas panturrilhas quando ela se afastou do poço. As pontas prateadas estavam grudentas de melaço.

Jest e Cath soltaram as mãos para Lacie poder passar, separando-os como um machado em um tronco. Ela chegou ao muro de cercas vivas e enfiou a mão na vegetação. Segurou algo e puxou.

As folhas e trepadeiras se afastaram e revelaram um muro de pedra. Estava coberto de desenhos. Alguns estavam apagados e manchados, enquanto outros ainda brilhavam com tinta molhada. A Raposa deu um passo para trás e fez sinal para eles se aproximarem.

Cath chegou mais perto e observou a variedade de desenhos. Uma calêndula. Um mosquito. Uma menorá. Uma garrafa de leite. Um galho de azevinho. Ratoeiras e espelhos e memória.

– Estão vendo nosso novo trabalho? – disse Lacie, a Raposa, indicando um grupo de desenhos, e Cath reparou que ela estava com a pena de Corvo presa atrás de uma orelha, pingando tinta pelo pescoço. Os dedos estavam manchados com tinta recente também, embora Cath tivesse certeza de que estavam limpos antes.

Catherine seguiu o gesto da garota e sentiu o sangue sumir do corpo.

O desenho mostrava dois homens. Um estava no chão, cercado por uma poça de escuridão, que ela supôs que fosse sangue. A cabeça tinha sido cortada. Um chapéu de três pontas de coringa estava no chão ao lado dele.

O segundo homem estava mais distante, enorme e com um capuz de carrasco. Tinha um machado sangrento na mão dele.

Uma lembrança surgiu nos pensamentos de Cath. Era a mesma sombra ameaçadora que a seguiu pelo gramado do castelo na noite em que ela conheceu Jest. A sombra que sempre se prendia ao Corvo.

Ela se encolheu e apertou a mão na boca.

– Por quê? – gaguejou ela, sabendo que Jest estava ao seu lado, vivo e bem, e que o Corvo era amigo dele e jamais o machucaria. Mas sabia mesmo? A imagem era detalhada o suficiente para acrescentar uma pontada de dúvida nos pensamentos dela. – Por que você desenharia uma coisa tão terrível?

– Cath... – A voz de Jest estava tensa. Ele não estava observando o mesmo desenho. O olhar dela seguiu o dele, e ela viu...

A si mesma. Sentada em um trono, usando a coroa de Rainha de Copas e segurando um cetro com um coração na ponta em uma das mãos. A expressão estava fria como pedra.

Sua boca ficou seca.

– O que é isso?

– É... é você – disse ele.

Ela balançou a cabeça.

– São só desenhos. Desenhos péssimos.

Embaixo dessa imagem havia outra, agora de Hatta. Ele estava sentado a uma mesa longa cheia de xícaras quebradas e pratos rachados. Em vez de cercado de amigos, música e risadas, as cadeiras em volta da mesa estavam vazias. O cabelo estava desgrenhado, o chapéu inclinado para o lado, com olheiras escuras nos olhos. O sorriso estava enlouquecido.

– Por que você nos mostraria isso? – perguntou Jest, as mãos se apertando em punhos.

A Raposa cruzou as mãos e recitou:

Um será matador, o outro martirizado.

Um será monarca, o outro ficará pirado.

– Esse último aí sou eu – disse Hatta. Ele tinha tirado a cartola e estava mexendo na fita decorativa. Cath achava que ele não tinha olhado para a parede sequer uma vez. – Sempre o mesmo destino, o mesmo aviso. Como vocês vão ver, eu ainda não fiquei maluco.

Ele falou isso como se fosse prova de que os desenhos não eram nada além de excentricidades inofensivas. Cath queria acreditar nisso, mas Hatta parecia mais abalado do que queria admitir.

Eles estavam indo embora de Copas, ela disse para si mesma.

Não poderia se tornar Rainha de Copas se eles fossem embora.

Talvez ela fosse se tornar monarca. Jest queria que ela se tornasse a nova Rainha Branca, afinal. Talvez fosse isso o que as Irmãs queriam dizer.

Mas não dava para se enganar quanto à coroa com um coração em cima no desenho.

– Seu futuro está escrito sobre pedra, mas não em pedra.

Catherine se virou. Elsie, a Guaxinim, estava ao alcance dela, a máscara sem expressão e os olhos vazios espiando-a. Cath não a ouviu se aproximar.

– É só um aviso vago, então?

– É uma verdade – disse a Guaxinim. – Mas uma de muitas.

– Muitas, muitas mesmo – disse Tillie, a Coruja, a voz como um trinado triste. – Uni, duni, tê.

– Escolha uma porta, qualquer porta – continuou Elsie. – Todas levam a essa verdade. É um destino, e o destino é inevitável.

Tillie riu.

– O Tempo não pode seguir vocês até aqui, portanto não pode ir atrás de vocês. Para dizer de forma simples, vocês não devem atravessar uma porta.

As Irmãs começaram a rir, o som agudo e borbulhante. Cath odiou o som.

– Tudo bem, nós não vamos por nenhuma porta – disse Hatta. – Podemos ir?

– Paciência, paciência – disse Elsie.

– Não perca a cabeça – disse Tillie.

Elas viraram a cabeça juntas e riram.

– Nós desenhamos sua avó também, muito tempo atrás – disse Elsie, a Guaxinim, chegando mais perto da saia volumosa de Cath. – A primeira Marquesa da Tartaruga Fingida. Quer vê-la?

– Você quer dizer a Marquesa do Recanto da Pedra da Tartaruga – disse Cath, e apesar de sacudir a cabeça, ela olhou para onde Lacie estava apontando e viu um desenho de uma garota bonita cercada de tartarugas e lagostas. Sua tataravó, reconhecível de um retrato pendurado na biblioteca do pai dela.

Quantos anos aquelas garotas tinham? Quanto tempo havia que estavam ali, desenhando o futuro com a letra M?

– Ainda temos um minuto – disse Tillie. As irmãs foram se juntar a ela, todas em volta de Cath e olhando para ela. – Pode nos contar uma história?

Ela engoliu em seco.

– Não sou boa contadora de histórias como meu pai ou minha avó... Me desculpem. Vocês ficarão decepcionadas.

– Então nós vamos contar – disse Tillie.

Elsie fez uma reverência.

– Um presente para você levar pelo Espelho.

– Outra verdade que vimos – acrescentou Lacie.

Elas começaram a recitar com voz assombrada, como marionetes sincronizadas:

Peter, Peter, comedor de abóbora,
Tinha uma esposa, mas jogou tudo fora;
Guardou-a em uma estrutura
Feita de casca de abóbora madura.
Peter, Peter, comedor de abóbora
Tinha um animal faminto toda hora;
Pegou uma criada que tinha boa intenção...
O que houve com ela é uma interrogação.

Cath e Jest aplaudiram educadamente quando elas terminaram, mas Cath ficou perturbada pelo poema. Nunca tinha ouvido essa rima, e pensar em Sir Peter deu um nó em seu estômago.

Ela olhou para Hatta, que ainda mantinha a aba do chapéu encostada na barriga. Batendo com os dedos, impaciente. Ela se perguntou se isso acontecia todas as vezes em que ele queria passar pelo Espelho. Se ele dava cinco minutos do tempo dele para olhar os desenhos, ouvir as histórias, fazer a vontade delas da melhor forma que podia.

Ele não estava fazendo muito a vontade delas agora, mas Cath sabia que também acabaria ficando aborrecida depois de um tempo. Era difícil ser educada quando você queria ir embora.

– Vocês têm certeza de que querem ir? – perguntou Tillie, a Coruja, inclinando a cabeça para o lado. Cath esperava que as máscaras assumissem expressões, que sorrissem ou chorassem, mas não havia nada além do vazio nelas.

– Ou querem brincar? – disse a Raposa.

– Nós poderíamos preparar melaço quente – acrescentou a Guaxinim.

Jest balançou a cabeça.

– Nós temos que ir. Mas obrigado pelo... pelo poema e por nos mostrar seus desenhos.

– Tudo bem – disse a Guaxinim, parecendo chateada pela recusa à hospitalidade delas. – Vamos abrir o labirinto para vocês. Vocês têm que ir para a direita. A direita é sempre o certo. Menos quando a esquerda é o certo, naturalmente.

– Você se lembra do caminho, Hatta? – perguntou a Coruja.

Hatta tirou o chapéu para ela.

– Como do caminho para a minha chapelaria, Tillie.

Tillie inclinou a cabeça como uma verdadeira coruja, com os olhos enormes.

– A sua chapelaria – disse ela com simplicidade – tem rodas.

– Não se perca, Hatta – avisou Lacie, a Raposa.

– Não perca a si mesmo, Hatta – acrescentou Elsie de trás da máscara de Guaxinim.

– Nem ninguém – acrescentou Tillie com uma gargalhada cheia de segredos. – Temos que desenhar um mapa do labirinto antes de vocês irem?

Hatta balançou a cabeça.

– Eu sei o caminho.

As garotas assentiram e falaram novamente em uníssono:

– Adeus, então. Tchau. Boa noite. *Matador. Mártir. Monarca. Maluco.*

Cath fechou os olhos, a pele arrepiada. Queria se afastar delas. De repente, ficou desesperada para ir para bem longe, tanto quanto ficou para ir até ali antes. Encontrou a mão de Jest e a apertou, e ficou agradecida quando ele correspondeu.

Ela ouviu o tilintar de três guizos de bobo da corte. Abriu os olhos com surpresa, mas as meninas e os guizos tinham sumido. O vale estava em silêncio. Não havia respiração nem brisa.

O muro que tinha os desenhos das meninas também tinha sumido, estava aberto e revelava a entrada de um labirinto de cercas vivas, com paredes com três vezes a altura de Cath.

Hatta soltou um suspiro cansado.

– Obrigado, amores – disse ele, parecendo realmente agradecido, como se duvidasse todas as vezes se elas o deixariam passar ou o atormentariam para sempre. Ele se aproximou da entrada do labirinto sem tanto gingado no andar quanto antes. Ao passar por Catherine, ela o ouviu murmurando baixinho: – Mas, se eu ficar maluco, nós todos vamos saber de quem é a culpa.

Cath queria sorrir, mas seus nervos ainda estavam abalados. Ela foi atrás de Hatta, pensando que não seria bom ser mal-educada, e sussurrou para o vale vazio:

– Muito obrigada.

Mas quando ela passou pelo primeiro muro, um sussurro fantasmagórico, três vozes infantis e demoníacas, roçou seu lóbulo da orelha.

– De nada – elas disseram. – Vossa Majestade.

CAPÍTULO 44

AS PAREDES DO LABIRINTO eram feitas de galhos mortos entrelaçados, folhas de louro bem apertadas e um ocasional ponto exposto de muro de pedra antiga. Catherine teve uma sensação de impotência assim que eles passaram pela entrada e olharam para o primeiro trecho infinito. O labirinto continuava em todas as direções até onde ela conseguia ver e sumia na névoa ao longe. O caminho era coberto de flores brancas, macias e úmidas de orvalho.

– Bem – disse Jest, limpando a garganta, o primeiro som a romper o silêncio infeliz que os envolveu na ausência das Irmãs. – Não foi exatamente como na primeira vez em que vocês nos trouxeram para conhecer as Irmãs.

– Não? Eu passei tantas vezes que todas começam a parecer iguais. – Hatta deu um sorrisinho e começou a abrir os botões do casaco. – Qual foi o preço delas antes?

– O Corvo fez recital de um poema clássico de Xadrez – disse Jest –, e eu dei uma semente de limão.

Cath levou um susto e pensou no limoeiro que cresceu acima da sua cama.

Confundindo a surpresa dela, Jest deu um sorriso casual.

– Eu tinha colocado limão no chá naquele dia, e a semente estava presa no meu dente. Eu passei a tarde tentando tirar, mas assim que elas pediram, pulou fora sozinha. Fiquei feliz de me livrar dela.

Cath ainda estava pensando na semente de limão e no sonho, se perguntando se podia ser coincidência, quando sentiu o peso de lã grossa sendo colocada nos

ombros. Olhou para baixo, a mão livre segurando a lapela. O casaco estava impecável, sem nem um fiapo.

Ela se virou para olhar para Hatta.

– Por que isso?

– A caminhada é longa e úmida, Lady Pinkerton. Eu não ia querer que você pegasse um resfriado. – Hatta se virou e saiu andando pelo primeiro caminho do labirinto coberto de flores silvestres.

– Obrigada – disse Cath com uma certa incerteza enquanto ela e Jest corriam atrás dele. Ela enfiou os braços nas mangas. O forro era sedoso, estava quente e tinha cheiro de chá de ervas.

– Sim, é gentileza sua – acrescentou Jest, que não tinha casaco para oferecer a ela.

Hatta balançou a mão sem olhar para trás.

– Eu queria que ela tivesse pegado um chapéu antes de sairmos da loja. Como me vejo em companhia de um crânio sem adorno assim, saltitando por labirintos e poços, é sempre um mistério.

Os cantos dos lábios dela tremeram.

Jest ofereceu o cotovelo e ela o aceitou com alegria, o calor do casaco de Hatta e a companhia de Jest afastando o arrepio provocado pelas Irmãs.

Eles não tinham ido muito longe quando as sombras começaram a se fechar em volta deles, lembrando-a de que ainda era noite, apesar da luz dourada da campina. Jest tirou o chapéu, seu novo silêncio desconcertante, e encontrou um lampião a óleo dentro, já aceso. Emitia um círculo de luz bem-vindo nas paredes do labirinto, que se refletiu nos olhos do Corvo.

– Elas desenharam imagens horríveis assim quando você atravessou na primeira vez? – perguntou Cath enquanto eles andavam atrás de Hatta.

– Desenharam, sim, mas não dei muita atenção para os desenhos na época. – Jest pensou por um momento, passando o dedo pelos nós dos dedos de Cath. – Você se lembra quais eram, Corvo?

Empoleirado no ombro do outro lado, o Corvo baixou a cabeça para olhar para Catherine, além do perfil de Jest.

– Um carrossel delineado em tinta, um monstro desenhado na rocha e um mensageiro que ficaria maluco por erros que carregava nas costas.

– Isso mesmo – refletiu Jest, a voz baixa. Ele não estava mais sorrindo enquanto olhava para a frente, vendo Hatta se afastar deles. – Hatta era o mensageiro. Eu me lembro disso agora.

Os pés de Cath ficaram pesados.

– E elas desenharam um monstro, como o Jaguadarte? E um carrossel? Como o do chapéu que o Leão estava usando quando...

Jest grudou o olhar nela, tomados dos mesmos pensamentos, dos mesmos horrores.

Se eram profecias, essas duas pelo menos tinham se tornado realidade.

As palavras das Irmãs giravam na cabeça dela. *Matador, mártir, monarca, maluco...*

– Não passem por uma porta! – gritou Hatta para eles. Ele não diminuiu o passo e estava desaparecendo rapidamente pelas sombras do labirinto. – Elas nos deram o aviso, agora só precisamos cumprir.

Cath tremeu e trocou um olhar preocupado com Jest, mas era tarde demais para dar meia-volta agora, e nada tinha mudado mesmo. Eles ainda iam para Xadrez, e cada passo os levava mais para perto.

Eles correram atrás de Hatta antes que ele pudesse abandoná-los, a luz do lampião tremendo e oscilando nas paredes. Embora não houvesse nada de alegre no labirinto, Hatta começou a assoviar, girando a bengala como se estivesse liderando uma banda marcial. A primeira volta foi fácil de achar, uma abertura na cerca viva à esquerda. Hatta pulou e bateu os calcanhares ao passar por baixo.

Catherine, sem sentir a mesma alegria, se aproximou com mais cautela. As cercas vivas tinham crescido e se juntado acima, criando um portal em arco que parecia estar ali havia mil anos.

– Quanto tempo vai demorar para atravessarmos o labirinto? – perguntou ela.

– Por quê? – perguntou Hatta. – Está atrasada para um compromisso?

Jest franziu a testa como quem pede desculpas.

– Ele fica insuportável quando está assim, mas não dê bola. Quando passamos aqui antes, a caminhada durou boa parte da noite. – Ele olhou para baixo. – Se seus sapatos começarem a machucar, posso carregá-la.

Ela balançou a cabeça, sem querer ser um peso na viagem.

– Vou ficar bem. Só quero atravessar o mais rápido possível.

Jest entrelaçou os dedos com os dela e levou a mão dela à boca. O beijo foi melancólico, o toque de um consolo... mas os olhos ainda estavam enevoados quando ele olhou para a frente de novo, e ela sabia que ele estava pensando nos desenhos. Na sua aparição sem cabeça. Na figura encapuzada de pé acima dele, um machado na mão. E nela a Rainha de Copas, que ele tinha sido enviado para encontrar.

Ela não conseguia afastar a lembrança, por mais que quisesse. Ficaria agradecida quando aquela viagem acabasse.

– Me diga se você mudar de ideia – disse ele. – Depois daquele espetáculo no poço, estou no clima de ser cavalheiro.

– Está? – disse ela, forçando um tom leve. – Talvez tenhamos que arrumar uma armadura para você. – Ela levantou a mão e puxou uma das pontas do chapéu de Jest. A falta de tilintar a pegou desprevenida. – Você acha que pode ter uma aí?

Jest riu.

– Vamos ter que perguntar a Hatta. Foi ele que fez.

Cath olhou para a frente. Hatta estava quase fora do círculo da luz do lampião, ainda assoviando, apesar de ela desconfiar que ele pudesse ouvir cada palavra que eles diziam. Mas talvez estivesse tentando ignorá-los.

– E o que faz? Todos os chapéus dele fazem alguma coisa, não é?

Os dedos de Jest apertaram os dela.

– Espero que você não fique decepcionada se eu disser que o chapéu é o que me torna tão impossível.

Ela ergueu uma sobrancelha para ele, pensando no jeito como ele a beijou, no jeito como a fazia rir e em como ele lutou com o Jaguadarte para protegê-la. Ela deu um sorrisinho.

– Talvez essa fosse a intenção, mas não consigo acreditar que seja verdade.

Ele torceu a boca para o lado e assentiu com seriedade:

– Você está certa. Desconfio que seja só um depósito glorificado.

Depois da noite horrível e dramática que eles tiveram, a piada foi tão inesperada que Cath deu um ronco de gargalhada antes de conseguir se segurar. À frente, Hatta parou de assoviar e olhou para ela com surpresa.

Cath cobriu a boca para sufocar a risada que veio em seguida e deu uma cotovelada na lateral de Jest. Ele grunhiu, mas só apertou mais a mão dela.

– Estou falando sério – disse ele. – Você encontrou a Espada Vorpal lá dentro, não foi? Eu não ficaria surpreso se houvesse uma armadura.

Ela olhou para ele com diversão.

– Não foi isso que eu quis dizer. Eu garanto que não é o chapéu que torna você impossível, Sir Jest.

Os olhos dele brilharam para ela, e o brilho foi bem-vindo depois da expressão assombrada dele na campina das Irmãs. À frente, Hatta tinha voltado a assoviar, mais alto agora.

Jest chegou com a cabeça mais perto de Cath, para que ela ouvisse quando ele sussurrou:

– Não consigo dizer o quanto anseio por uma vida ao seu lado e por todas as coisas impossíveis em que vou fazer você acreditar.

O coração de Cath estava começando a disparar quando um som descontente veio do outro lado de Jest, assustando-a. Ela tinha esquecido que o Corvo estava lá.

– Muita felicidade eu espero que vocês consigam manifestar, mas esses flertes eu não consigo aguentar. Desejo a vocês tudo de melhor nessa vida, mas vocês estão me dando dor de barriga. – Com um grasnado, o Corvo saiu voando e foi se juntar a Hatta.

As bochechas de Cath ficaram quentes, mas Jest só riu.

– É difícil interpretá-lo às vezes – disse ele –, mas acho que o Corvo quer dizer que gosta de você.

Eles continuaram andando, a luz do lampião tremeluzindo nos galhos das cercas vivas. O brilho avermelhado do vale tinha sumido havia tempo, deixando-os andando pelo meio da noite. Os dedos de Jest, fortes e leves, ficaram entrelaçados nos dela. O Corvo se acomodou no alto da cartola de Hatta, mas Cath se perguntou por que ele não voou alto e olhou à frente. Ele seria um guia excelente, ela pensou.

Mas talvez não. Talvez não houvesse palavras suficientes que rimassem com *direita* e *esquerda* para ele dar instruções até o final.

Além do mais, Hatta acreditava que sabia o caminho e demonstrou tão pouca hesitação que Cath tinha que acreditar nele.

Uma hora se transformou em duas, em três e em quatro. Cath não conseguia imaginar como alguém podia ter atravessado o labirinto e se lembrar do caminho, mas Hatta não parecia ter dúvidas. Esquerda e esquerda e direita e esquerda de novo. Cada reta parecia idêntica às outras, e apesar de ela procurar marcos, como um amontoado diferente de flores aqui ou um galho projetado ali, não havia nada. Ela logo ficou convencida de que eles estavam andando em círculos.

A noite se arrastou e foi ficando fria. Cath se encostou em Jest, procurando o calor dele pelo forro do casaco de Hatta. O braço dele envolveu seus ombros e esfregou a manga de lã para afastar o tremor dela.

Ela tropeçou mais de uma vez. Os dedos dos pés estavam gelados dentro das botas. Os pés começaram a doer. Ela sentiu uma bolha se formando no dedão esquerdo do roçar da meia e do sapato.

O ritmo de Hatta não diminuiu.

As pálpebras dela ficaram pesadas, e ela se perguntou se pegaria no sono andando. Ou talvez já estivesse dormindo e aquilo fosse outro sonho, e ela acordaria e descobriria que a mansão no Recanto da Pedra da Tartaruga estava coberta de louros.

Conforme as andanças deles continuavam e começavam a parecer eternas, Jest tentou distrair Cath com brincadeiras e piadas, flertes e enigmas. Ela se esforçou para se divertir, e as tentativas a aqueceram de dentro para fora, principalmente porque o cansaço aparecia de leve no jeito dele.

Em um determinado ponto, até Hatta parou de assoviar. Parecia que o Corvo tinha adormecido no chapéu.

A adrenalina de Cath tinha passado. O corpo se arrastava, passo a passo, trôpega. Ela ficou com sede e seu estômago roncou. A noite devia estar perto do fim, ela pensou, mas o mundo permaneceu preto fora do círculo do lampião.

Inesperadamente, uma coisa nova.

Jest parou primeiro, e ela parou ao lado dele.

Eles estavam juntos em uma série de degraus cobertos de musgo que levavam a um pequeno vale. Um vale cheio de flores silvestres e o brilho dourado

repentino do crepúsculo.

No centro do vale estava o poço, com cheiro doce e melado de melaço.

Hatta empertigou os ombros e respirou fundo.

– Bem-vindos ao começo do labirinto.

Houve uma pausa taciturna, um silêncio esmagador, até Catherine gritar:

– Começo? Mas passamos a noite inteira andando!

– Ou a noite acabou de começar? – refletiu Hatta em tom vazio, depois se virou e deu um sorriso cansado para Cath. – Não se preocupe, amor. Eu não iludi você. Ainda não.

O gingado dele estava descoordenado, pesado de exaustão, quando ele se aproximou do poço. Cath e Jest foram atrás, a mão dela apertando a dele a cada passo.

Mas quando parou junto ao poço ela viu que não era mais um poço, mas uma escadaria em espiral levando para baixo, para o centro da terra.

CAPÍTULO 45

AS PAREDES DO POÇO estavam pingando melaço, e os calcanhares de Cath ficavam grudando nos degraus. O ar tinha o mesmo aroma enjoado e doce. Normalmente, Catherine estaria sonhando com biscoitos de melaço e bolinhos de nozes e melaço, mas o cheiro era tão forte que embrulhou até o estômago dela com a doçura densa. Ela imaginou a substância enchendo seus pulmões, a afogando.

Depois de uma viagem como a que eles fizeram a noite toda, ela não conseguia imaginar o que os receberia no fundo do poço. Uma fonte de melaço? Um barco feito da bota velha dela? Uma raposa, uma coruja e um guaxinim os convidando para o chá?

Ela não estava esperando chegar ao fundo do poço e se ver em um salão circular com piso xadrez preto e branco e uma pequena mesa de vidro no meio. A sala era ampla e arrumada e... familiar.

Catherine deu uma volta completa.

Eles estavam nos Cruzamentos, a via de viagens de Copas, e estavam cercados de portas. Só havia portas em todos os lados para os quais ela olhava.

As palmas de suas mãos começaram a suar, a pulsação rugiu nos ouvidos.

Ela andou pelos limites do aposento, segura de que devia ser engano. Devia haver alguma coisa que ela não estava entendendo. Por uma fechadura enorme, conseguiu ver as praias do Recanto da Pedra da Tartaruga. Por uma janelinha com vidro escuro, ela reconheceu a Rua Principal, a loja do sapateiro agora

abandonada. Ela sabia que a porta em formato de coração levaria à ponte levadiça do Castelo de Copas.

O coração dela despencou.

– Aqui não é Xadrez.

– Uma charada e tanto, não é? – disse Hatta, se encostando no corrimão no final da escada, uma perna cruzada na frente da outra. – Escolha uma porta, qualquer porta. Todas levam a um destino horrível. E aí, levam você a uma sala cheia de portas. – A voz dele não continha humor.

Cath se virou para ele.

– Elas nos jogaram de novo em Copas. Achei que você estivesse nos levando para Xadrez!

Ele sorriu para ela, mas o olhar não foi gentil.

– Eu disse que levaria vocês pelo Espelho, e levei mesmo.

Catherine balançou a cabeça, as entranhas embrulhadas de raiva, de frustração, de exaustão. Durante toda a noite eles andaram. Aguentaram aquelas garotas horríveis, olharam os desenhos horríveis, escutaram a poesia horrível. Seu estômago estava vazio, seus pés estavam com bolhas e seu futuro continuava tão incerto quanto no momento em que ela e Jest fugiram do castelo.

Era para ser um recomeço. Ela e Jest fugindo para uma nova vida juntos. E Hatta ousava provocá-los.

– Cath – disse Jest, com voz baixa e tranquilizadora. Ele colocou as mãos nos ombros dela e a puxou para longe de Hatta. Talvez ela parecesse prestes a assassiná-lo para que ele se preocupasse assim, embora Hatta não parecesse incomodado. – Está tudo bem. Como ele falou, é uma charada. A resposta vai parecer óbvia quando a descobrirmos.

Ela trincou os dentes e apontou um dedo para Hatta.

– Ele já sabe a resposta! Está brincando com a gente!

– Estou verificando se vocês são dignos – disse Hatta.

– Dignos de quê?

– De tudo – rosnou Hatta. – A vida é feita de sacrifícios, Lady Pinkerton. Eu tive que passar pelo teste para entrar nas terras de Xadrez, e agora você espera entrar em Xadrez e ser coroada rainha sem nenhuma provação? Por que deveria ser tão fácil para você?

– Sacrifícios! – gritou ela, sem perceber que tinha se jogado para cima de Hatta até sentir Jest a segurando. – Estou deixando tudo para trás! Minha casa! Minha família! Minha vida toda para trás!

– Porque você não tem escolha.

– Não. Porque eu amo Jest. Eu o escolhi. Quem é você para me julgar, para duvidar de mim? Quem é você para pensar que tem algum domínio sobre nossas vidas?

O sorriso dele ficou irônico.

– Querida garota, eu sou o homem que tem a resposta da charada.

Cath soltou outro grito de fúria e pulou para cima dele, porém, mais uma vez, Jest passou os braços em volta dela e a segurou. Ela se viu abraçada, sentindo o baque alto dos batimentos dele nas costas.

– Tudo bem – disse ela com rispidez, firmando os pés no chão e se obrigando a respirar devagar e se acalmar. – Vamos resolver essa charada idiota. Jest e eu.

– Você talvez lembre que eu guiei vocês pelo labirinto. Uma certa apreciação talvez seja necessária.

Ela se soltou dos braços de Jest.

– Você não fez nada além de nos levar a andar em círculos.

Ela arrancou o casaco de Hatta e jogou nos pés dele.

Hatta fez expressão de desprezo.

– De nada por isso também.

Furiosa, Cath subiu pela escada em espiral. Havia um alçapão de madeira cobrindo a saída, bloqueando qualquer sinal do mundo dourado acima.

Outra porta. Só portas.

– Você não precisou resolver essa charada quando chegou aqui? – perguntou ela a Jest.

Ele balançou a cabeça.

– Nós encontramos as Irmãs e percorremos o labirinto, e no final, ou no começo, tanto faz, estava um Espelho, como aquele na loja de Hatta. Nós atravessamos e chegamos aqui nos Cruzamentos, em Copas. Não houve charada e nem aviso sobre portas.

– Às vezes elas facilitam, quando querem que você consiga. – Hatta suspirou. – E às vezes elas não querem que você vá embora. As Irmãs não são criaturas

altruístas.

Cath contraiu o maxilar e olhou o aposento de novo.

O Corvo tinha assumido uma posição na mesa redonda, no centro da sala, como uma peça majestosa de exposição. A mesa era feita de vidro denso, até as pernas, então parecia que a ave estava parada no ar.

Ao lado dele havia uma garrafa de cristal e um espelho de mão de prata. Cath não tinha reparado em nenhuma das duas coisas antes.

Ela deu um passo à frente e pegou a garrafa. Amarrada ao pescoço havia uma etiqueta de papel com letras grandes.

BEBA-ME.

– E isso? – perguntou Jest. Ele estava de joelhos, olhando em um túnel comprido e preto de terra. – Parece um túnel de toupeira. Isso não conta como porta, conta?

– Não tenho certeza – disse Cath, mostrando a garrafa para ele –, mas desconfio que a resposta tenha alguma coisa a ver com isto.

Hatta não disse nada.

Cath sabia que, independente do que Hatta achasse dela, ele gostava muito de Jest. Ela esperava que, se eles estivessem prestes a tomar uma decisão ruim, ele os impedisse.

Mas agora ela estava se esforçando para fingir que ele não estava lá.

Ela abriu a garrafa e cheirou o conteúdo.

– Não é melaço – disse ela, cheirando de novo. Havia toques de cereja e baunilha, abacaxi e peru, toffee e torrada quente com manteiga. – Elixir de encolhimento. Tenho certeza.

Jest parou ao lado dela e leu a etiqueta.

– Já ouvi falar – disse ele –, mas não temos isso em Xadrez.

Ela mordeu o lábio inferior. Se eles bebessem o elixir na garrafa e ficassem pequenos, e aí? Como isso ajudaria?

Ela olhou para o espelho de mão e ofegou.

– É isso!

Ela pegou o espelho e segurou na frente do rosto. Olhou fundo. Um sorriso se abriu em seus lábios. No vidro, depois do reflexo dela, ela viu uma

combinação de colinas arredondadas e amarelas, florestas esmeralda e montanhas roxas com neve no topo. *Xadrez.*

– O Espelho! Só é pequeno do nosso lado.

Jest passou o braço pela cintura dela, sorrindo.

– Mas o elixir vai nos deixar pequenos para podermos passar.

O Corvo inclinou a cabeça. Hatta permaneceu em silêncio, mesmo quando Cath e Jest olharam para ele em busca de aprovação. Ele ergueu uma sobrancelha, um desafio silencioso.

Jest desanimou um pouco.

– Sinceramente, Hatta. Por que você está agindo assim? Estamos cumprindo a missão que viemos executar, mesmo sendo de um jeito diferente do que esperávamos. E não temos motivo para ficar aqui mesmo.

A testa de Hatta se franziu ainda mais, e Cath percebeu que não era isso que ele queria ouvir. Mas seu rosto se suavizou em uma coisa parecida com um sorriso, ainda que meio triste.

– Eu desejo a você toda a alegria que esse mundo sombrio puder dar – disse ele, citando o Corvo. Seu olhar se desviou para Catherine. – Além disso, espero ser pago pela minha ajuda em doces e tortas toda vez que eu for visitar.

Ela oscilou, surpresa com a rapidez com que ele conseguia afastar a raiva dela.

– Espero que você nos visite com frequência.

Ele grunhiu. Sem compromissos.

– Estou sempre indo e vindo de algum lugar, amor. É o único jeito de eu ficar à frente do Tempo, afinal. – Ele levantou o queixo na direção da mesa. – Vão em frente. Em algum lugar tem uma coroa branca esperando a rainha.

Cath e Jest se olharam, segurando a garrafa entre os dois. Os olhos dele brilhavam. Os nervos dela estavam vibrando.

Eles conseguiram.

O Espelho. Xadrez. Um futuro juntos.

– Não bebam tudo – lembrou Hatta quando Cath levou a garrafa aos lábios. – O Corvo e eu vamos logo atrás. Nossos destinos eram um pouco melhores do que o de vocês, caso se lembrem.

Matador, mártir, monarca, maluco.

Cath assentiu, e tinha acabado de colocar a garrafa nos lábios quando ouviu um grito.

Ela parou e baixou a garrafa.

Hatta fez uma careta, mas parecia estar esperando isso. O grito, Cath tinha certeza, tinha vindo da porta atrás dele, um portão de ferro ameaçador. Uma névoa densa passava pelas barras e cobria os pés de Hatta.

– O que foi isso? – perguntou ela, dando um passo hesitante em direção a ele.

Hatta balançou a cabeça. Não se virou. Não olhou.

– Isso – disse ele, a voz pingando de fúria – é seu motivo para ficar.

Cath entregou a garrafa para Jest e se aproximou da porta, mas Hatta entrou na frente dela.

– Não, Lady Pinkerton. Jest disse que você não tinha motivo para ficar, mas estava enganado. Sempre há motivo para ficar. Sempre há um motivo para voltar. É melhor nem olhar, nem tentar adivinhar. Dê meia-volta. Beba o elixir. Passe pelo Espelho e nunca olhe para trás.

Ela tentou espiar atrás dele, mas Hatta segurou o cotovelo dela e a fez parar.

– Mas... o grito. Pareceu familiar. Eu...

– Lembre-se dos desenhos. Eles vão ser seu destino se você passar por essa porta. Matador, mártir, monarca, maluco. Lembra? – Hatta parecia à beira da loucura, os olhos violeta brilhando com intensidade.

Ela apertou os lábios. O grito ecoava sem parar na sua mente.

– Eu não vou passar – disse ela. – Só quero olhar.

Ela soltou o braço e passou ao lado dele, se aproximou do portão preto. Colocou as mãos nas grades e espiou. A névoa gerou um arrepio na pele exposta, ou talvez fosse a visão familiar que a recebeu do outro lado.

A plantação de abóboras.

Ao longe, ela via o chalé de Sir Peter, e à esquerda estavam as duas abóboras enormes que ele estava limpando no dia em que ela e Mary Ann foram lá. Só que agora uma das abóboras estava destruída, com pedaços grandes de casca laranja e polpa mofada espalhados na lama.

A segunda abóbora tinha duas janelinhas. Estavam iluminadas por velas, como um farol na neblina.

Passando por uma das janelas, a mão de alguém lutava para se segurar em alguma coisa, qualquer coisa. Cath ouviu uma voz de mulher chorando. Suplicando. *Por favor, me deixe sair. Por favor!*

O horror tomou conta do corpo dela e a congelou por dentro.

Um momento depois, a mão desapareceu e foi substituída por um rosto na janela. Bochechas manchadas de lágrimas. Olhos assustados. Confirmando o que Cath temia.

Era Mary Ann.

O som de metal sendo arrastado chamou a atenção dela do outro lado da plantação de abóboras, e ela viu uma figura coberta pela sombra da floresta. Apesar de estar escuro e sombrio, ela sabia que era Peter, concentrado no trabalho. Parecia que ele estava afiando alguma ferramenta. Ou uma arma.

Ela se voltou para os Cruzamentos.

– Isso é real? Não é apenas uma ilusão, um truque?

Hatta fechou os olhos.

– É real – sussurrou ele.

Seu sangue latejou.

– Eu tenho que ir. Tenho que ajudá-la!

– Não. – Hatta segurou o pulso dela. – Você tem que passar pelo Espelho. Lembre o que vai acontecer com você... conosco!

Ela olhou para Jest, que parecia tão horrorizado quanto ela se sentia.

Ela pensou no desenho. No corpo dele caído. Na poça de sangue. No chapéu caído ao lado da cabeça cortada.

Sua atenção se voltou para o Corvo. Como sempre, ele a observava. Silencioso. Esperando.

Ele podia mesmo se tornar um matador? Podia mesmo fazer mal a Jest?

Era risco demais.

– Vocês não podem vir atrás de mim – disse ela. – Nenhum de vocês.

Jest balançou a cabeça.

– Você não vai sozinha.

– Tenho que ir. – Ela se afastou de Hatta e esticou a mão para a de Jest, apertando-a com força. – Vai ficar tudo bem. Aqueles desenhos... são só desenhos. Desenhos estranhos de garotinhas estranhas.

– Cath...

– Eu sei. É um risco grande demais, mas eu posso ir. Vou até lá e vou salvá-la, depois vou encontrar o poço de novo. Vou encontrar as Irmãs. Vou para Xadrez procurar você. Mas... não posso deixá-la.

– Tudo bem, mas se você for, eu vou.

– Não, Jest. Se você estiver lá, não vou conseguir pensar em mais nada além daquele desenho horrível. Preciso saber que você está em segurança. – O coração dela pulou. – Ou... tudo bem. Fique aqui e me espere. Não vá para Xadrez ainda, só espere e fique em segurança e eu vou voltar. Eu vou voltar.

– Eu não posso...

Ela passou os braços em volta dele e o silenciou com um beijo, enfiando as mãos no cabelo dele. O chapéu caiu no piso azulejado com um baque seco. Os braços dele a puxaram e uniram os corpos.

– Você não vai voltar. – As palavras assombradas de Hatta atravessaram o desespero no corpo dela, a necessidade de que aquele beijo não fosse o último, não fosse um adeus.

Ela se soltou e fez cara feia para Hatta.

– *Você* já ficou depois de ouvir a profecia das Irmãs?

Os lábios dele se apertaram.

– Nunca.

– Então como pode saber se é real? Como pode saber o que vai ou não vai acontecer? – Ela se virou para Jest, sem querer ouvir a desculpa que Hatta daria em seguida. Levantou a mão de Jest e deu um beijo na palma. – Fique aqui – disse ela. – Me espere.

Afastando-se, ela encarou o portão enorme, fechou os dedos nas barras e empurrou-o para passar.

CAPÍTULO 46

Os pés dela afundaram no chão lamacento da plantação de abóboras. A neblina rodopiava em volta dela, se grudava à pele. A plantação parecia um lugar que nunca conheceu luz e calor. Ela desejou ter ficado com o casaco de Hatta, desejou não ter se deixado levar pelas emoções, mesmo ele tendo sido insuportável no momento.

À esquerda, ela viu a enorme abóbora com as janelas cortadas com barras. Os gritos de Mary Ann tinham parado, mas Cath ainda conseguia ouvir os soluços se espalhando pela plantação silenciosa.

À direita, estava o chalé, desta vez sem o cheiro de fumaça de madeira e sem a luz de boas-vindas atrás das janelas. Parecia vazia.

Ela não conseguia mais ver Peter ao longe.

Segurando a saia, Catherine pisou nas plantas crescidas demais e correu até a abóbora onde Mary Ann estava sendo mantida prisioneira, lançando olhares apavorados para trás a cada ruído. O vento que soprava. O agito de folhas. O barulho de suas melhores botas na lama.

O refrão das Irmãs assombrava seus pensamentos.

Peter, Peter, comedor de abóbora
Tinha um animal faminto toda hora;
Pegou uma criada que tinha boa intenção...
O que houve com ela é uma interrogação.

Ela tropeçou de repente e caiu estatelada em uma poça de lama. As mãos afundaram até os punhos, sujeira cobrindo a frente do vestido. Cath se sentou e ofegou por um momento, sentindo o sangue latejar loucamente nas veias. Os dentes batiam. Ficando de joelhos, ela olhou ao redor e tentou recuperar o fôlego.

Ainda nenhum sinal de Peter.

Mas seu olhar percebeu a irregularidade no chão que a fez tropeçar.

Catherine recuou, torcendo para os olhos estarem enganados, mas não. Era uma pegada na lama, as beiradas secas e rachando. Podia ter dias ou semanas, inalterada até Cath tropeçar nela.

Tinha uma marca de três garras na lama. As unhas das garras fizeram buracos fundos no chão. Abóboras e caules ficaram esmagados sob o peso da enorme criatura.

Com o coração disparado, Cath ficou de pé e limpou as mãos da melhor maneira que conseguiu no vestido destruído.

Os gritos de Mary Ann tinham diminuído e virado fungadas e ofegos trêmulos.

Cath levantou a saia e correu o resto do caminho.

– Mary Ann – sussurrou ela, se jogando na janela com os cortes na casca da abóbora. – Mary Ann! Sou eu!

As fungadas pararam, e Mary Ann apareceu na janela, os olhos vermelhos.

– Cath?

– Você está bem?

Mary Ann enfiou a mão entre as barras para se aproximar dela.

– É Peter. Ele me colocou aqui, ele... ele tem... – a voz dela falhou – o Jaguadarte.

Jaguadarte.

De alguma forma, Cath já sabia. A pegada animalesca. A determinação de Peter de tirar a Espada Vorpal dela. O cavalinho de madeira do chapéu do Leão.

Peter, Peter, comedor de abóbora...

Cath balançou a cabeça para afastar a melodia assombrada.

– Como tiro você daí?

– Tem uma porta no alto que se abre – disse Mary, apontando para cima.

Cath recuou e andou em volta da abóbora até encontrar o corte irregular que fazia uma abertura quadrada pequena ao lado do cabo da abóbora.

– Cath? – disse Mary Ann quando Cath começou a procurar um jeito de chegar na porta. Uma escada. Ela precisava de uma escada... ou de uma serra para cortar as barras da janela e Mary Ann poder sair.

– O que foi? – disse ela, encostando a mão na casca da abóbora. A parede devia ter trinta centímetros de espessura, mas se a lâmina fosse afiada o bastante...

– É a esposa dele.

Ela olhou para Mary Ann pela janela.

– O quê?

– O Jaguadarte. É Lady Peter. Eu a vi entrando no banheiro do teatro, parecendo que ia vomitar, e de repente... o monstro saiu.

Cath franziu a testa, pensando na mulher frágil que estava tão desesperada para comer mais bolo de abóbora.

– Tem certeza?

Mary Ann assentiu, a expressão rígida.

– Não tinha mais ninguém no banheiro, eu tenho certeza. Além disso... as abóboras...

Cath tremeu.

– As abóboras – sussurrou ela. Lady Peter ganhou um concurso de comer abóboras. E no teatro estava desesperada pelo bolo que Cath fez, o bolo que...

Ela engoliu em seco.

– Mudaram a Tartaruga também.

Mary Ann choramingou, a culpa e a consternação se misturando.

– Nós não devíamos ter roubado aquela abóbora. É nossa culpa. Eu vim aqui na esperança de encontrar uma cura ou uma prova que pudesse levar para o Rei. Mulher ou Jaguadarte, ela tem que ser impedida.

– Você veio sozinha? – perguntou Cath. – O que você estava pensando?

Os olhos azuis de Mary Ann começaram a se encher de lágrimas.

– Eu sei. Não é nada lógico, mas eu achei... eu achei que talvez pudesse ser uma heroína. Eu acreditava que podia impedir o Jaguadarte. *Eu*. Assim, poderia pedir um favor ao Rei, e pensei... pensei em pedir que ele perdoasse seu bobo. E

assim talvez você pudesse me perdoar. – A voz dela se dissolveu em novos soluços. – Mas Peter me pegou, e agora... ele quer me dar para ela como alimento, Cath. Ele vai me matar.

– Ah, Mary Ann. – O olhar dela se desviou para a touca suja na cabeça de Mary Ann.

A touca de Hatta. A que transformava lógica em sonhos.

Ela foi tomada de ressentimento, que se misturou ao medo e ao pânico e à necessidade de sair dali com Mary Ann o mais rápido possível.

– Eu perdoo você. De verdade. Mas preciso que você fique calma agora. Tire essa touca e tente ser sensata, se puder. Precisamos encontrar um jeito de tirar você daí.

Mary Ann desamarrou a touca e a arrancou da cabeça.

Cath deu uma boa sacudida nas barras, mas, se Mary Ann não conseguia abri-las, ela não tinha chance.

– Eu preciso de uma escada. Ou de alguma coisa que possa cortar essas barras.

Fungando, Mary Ann apontou para o canto da plantação de abóboras.

– Tinha um barracão do outro lado do chalé. Pode ser que tenha alguma coisa lá.

– Certo. Volto logo.

– Tome cuidado! – gritou Mary Ann quando Cath se virou e começou a se aproximar do chalé escuro. Sua pele estava toda arrepiada, o vestido pesado com a lama seca. O olhar procurava pela plantação em desespero, procurando algum sinal de que Peter ou o Jaguadarte estivesse perto.

Um sussurro passou pelos ouvidos dela, e ela parou. A pulsação vibrou quando ela girou em um círculo completo, procurando.

O sussurro veio de novo, e desta vez ela estava pronta para ele. O poema familiar transformou seus órgãos em gelo.

Peter, Peter, comedor de abóbora...

Ela engoliu em seco.

Tinha uma esposa, mas jogou tudo fora...

Ela se virou de novo, as pernas tremendo. Queria ter levado o cetro de Jest ou a bengala de Hatta, qualquer coisa para usar como arma.

Guardou-a em uma estrutura feita de casca de abóbora madura.

Ela se virou de novo e viu a casca destruída de uma das abóboras enormes, do tamanho de casas. Foi a que ela e Mary Ann viram antes, dentro da qual ouviram barulhos de arranhado. Agora a casca estava em pedaços gigantes espalhados pela plantação de abóboras, como se um animal a tivesse destruído por dentro.

Um animal. Como o Jaguadarte.

Cath seguiu em frente. Quanto mais cedo tirasse Mary Ann de lá, mais cedo ela poderia voltar para Jest e começar sua nova vida longe do Reino de Copas.

– Ele vai pegar você também.

Cath deu um gritinho. As vozes estavam mais altas agora, bem aos pés dela. Ela pulou para trás e olhou para a abóbora da altura do joelho dela que estava junto da plantação. Enquanto ela olhava, a casca se abriu, revelando dos olhos triangulares e uma boca com dentes faltando.

– Fuja – disse a abóbora, ainda sussurrando, enquanto as pupilas cortadas dos olhos deslizavam de um lado para o outro. – Fuja.

– Fuja antes que ele encontre você – avisou outra abóbora de Halloween duas fileiras depois.

– Vocês... vocês estão vivas – gaguejou ela.

– Ele vai matar você – disse a primeira abóbora – para alimentar o insaciável Jaguadarte.

– Ele matou nossos irmãos e nos culpou pelo que aconteceu com ela.

– Não foi nossa culpa.

– Não foi nossa culpa.

– Foram as outras abóboras. Aquelas abóboras cruéis.

– As que vieram pelo Espelho.

– Elas são as culpadas, mas nós todas vamos pagar por isso.

– Você devia fugir, fugir com suas pernas humanas, fugir...

Cath se apressou, tanto para se afastar das palavras enervantes quanto para seguir o aviso. Ela pensou nas abóboras de Halloween enfiadas na grade de ferro, e bile subiu pela sua garganta. Ela engoliu de volta na hora que dobrou a esquina do chalé

Não havia escada. Não havia serra. Não havia machado.

Mas havia um barracão de madeira não muito depois, a porta entreaberta e sombras saindo de dentro. Ela levantou as saias e correu nessa direção, os olhos começando a lacrimejar com a presença sufocante do medo.

Uma coisa a segurou e a jogou na parede do chalé com tanta força que o ar saiu de seus pulmões. Um grito morreu em sua garganta.

Peter se inclinou na direção dela, os olhos ardendo e um machado brilhante na mão.

CAPÍTULO 47

— Então você voltou para terminar o que começou? – rosnou Peter, os lábios repuxados mostrando dentes amarelados. Cath se encolheu ao sentir o cheiro de abóbora podre no hálito dele, mas ele a segurou com firmeza na lateral do chalé.

– Eu... eu vim buscar Mary Ann – gaguejou ela, desejando parecer corajosa, mas as palavras saíram em um guincho apressado. – P-por favor, nos deixe ir. Não desejamos mal a você... Só...

– Onde está? – perguntou Peter, ignorando as súplicas dela enquanto ele batia com as mãos grandes nos quadris de Cath, apertando o tecido volumoso, procurando. – Onde está a espada?

Cath se contorceu na parede.

– Não estou com ela, eu juro. Só quero pegar Mary Ann e ir embora, e você nunca mais vai nos ver, eu prometo!

– Entregue para mim! – gritou Peter, com cuspe voando nas bochechas de Catherine.

Uma forma escura apareceu no canto dos olhos dela, seguida de um rugido quando Jest se jogou em cima deles e prendeu o cetro embaixo do queixo de Peter.

– Solte-a.

Se foi a ordem ou o cetro ou mera surpresa, Peter a soltou. Cath deslizou pela parede e botou a mão no ombro machucado.

Não. Não, Jest não podia estar ali.

Os desenhos de carvão piscaram nos pensamentos dela.

Peter era uma cabeça mais alto e tinha o dobro do volume de Jest, e com um rosnado ele pegou o cetro com a mão livre e jogou Jest por cima do ombro.

Mas Jest, o animado e mágico Jest, transformou o movimento em uma estrela e caiu facilmente sobre os pés.

A esperança tomou conta do peito de Cath, mas seu olhar viu outra figura escura. Uma pessoa grande e desconhecida, cada passo uma ameaça. Era um homem alto e magro e com um capuz preto abaixado, escondendo o rosto. Tinha um cinto de couro preso em cima da túnica preta, e nele havia um machado enorme e curvo.

O desenho. A figura encapuzada. O machado acima da forma sem cabeça de Jest.

Cath gritou:

– Jest! Cuidado!

Peter deu um pulo e se preparou para usar o machado.

Jest pulou. Olhou para a figura encapuzada andando na direção deles.

– Tudo bem, Cath – ofegou ele, se afastando de Peter de novo. – É só o Corvo.

O coração dela pulou, e isso não fez nada para aliviar o pânico. *Matador, mártir...*

Jest pegou o cetro no chão onde Peter o jogou e dançou para longe. Ocorreu a Cath que ele estava levando Peter para longe dela. Protegendo-a.

– Ele não vai machucar você! – gritou Jest de novo, o olhar grudado em Peter. – Só parece ameaçador porque, bem... – Ele desviou. Girou. – Ele era executor da Rainha Branca.

Ela olhou para o homem encapuzado. Viu quando ele colocou a mão enorme coberta por uma luva de couro no cabo do machado.

Não era com o destino *dela* que estava preocupada.

Ela forçou os pés a se moverem para longe da parede do chalé e cambaleou na direção do Corvo, interceptando-o antes que ele pudesse chegar perto demais de Jest, antes que pudesse interferir. Jest era rápido, ágil e inteligente. Peter era louco e lento.

Ela tinha que acreditar que Jest ficaria bem. Mas se a profecia das Irmãs virasse realidade...

– Corvo! – gritou ela, segurando o braço dele.

Ela viu olhos pretos como tinta brilhando nas sombras do capuz. Fora isso, não conseguia ver nada do rosto e nem da forma. Só um capuz vazio, com olhos escuros espiando de um nada vazio.

– Corvo – disse ela de novo. – Por favor... você tem que ajudar Mary Ann.

O capuz se virou e ela sentiu mais do que viu a atenção dele se voltando para ela.

– Peter a prendeu em uma abóbora e não sei como tirá-la de lá. Mas com seu machado... você poderia... *Por favor*, Corvo. Ele vai dá-la para alimentar o Jaguadarte!

Ele voltou a atenção para Jest. Ponderando. Calculando.

– Corvo – sussurrou Cath, desesperada –, pense no desenho das Irmãs. Nós não podemos deixar virar realidade. Você não devia estar aqui. Nenhum de vocês dois devia ter voltado.

O peito e os ombros dele subiram com a inspiração profunda, e o capuz tremeu quando ele assentiu.

Cath relaxou de alívio.

– Ela está atrás do chalé.

Ele puxou o capuz mais para cima do rosto e recuou, desaparecendo na neblina.

Ela se virou para a briga. Jest estava encolhido no chão, o rosto contorcido e o cabelo grudado na testa. O chapéu de bobo tinha caído durante a briga e agora estava em cima de uma das abóboras de Halloween. Ele estava segurando o cetro, mas tinha se partido no meio, formando uma vara pateticamente curta, enquanto Peter ainda segurava o machado nas duas mãos.

Jest parecia estar sentindo dor, embora Cath não soubesse por causa de qual ferimento, mas também parecia alerto e controlado. Enquanto Peter, maior e mais bem armado, estava ofegando pesadamente.

O olhar de Cath se desviou para o chapéu. Um pensamento surgiu em sua cabeça.

A espada.

– Isso não é necessário – disse Jest, estranhamente educado. – Nos deixe ir e você nunca mais nos verá. Só viemos buscar Mary Ann.

– Você veio matá-la! – rugiu Peter.

Jest franziu a testa.

– Quem?

Com um grito de batalha, Peter rolou na direção dele e o golpeou, mas Jest desviou para o lado e ficou de pé a uma distância segura, segurando o cetro quebrado como um escudo.

– Eu não vou deixar você tocar nela! – gritou Peter.

– Nós não queremos fazer mal a ninguém...

Peter estava de costas para Cath. Ela olhou para o chapéu de três pontas. Contraiu o maxilar, segurou a saia lamacenta com as duas mãos e correu.

A lama agarrava e sugava, puxando os pés dela para baixo, mas ela não parou. Seu foco estava no chapéu e na arma que podia haver dentro.

Uma espada. Jest tinha chance melhor de se defender com uma espada...

Um grito soou na cabeça dela, e Cath cambaleou, levantando as mãos aos ouvidos. Folhas mortas e plantas murchas tremeram embaixo de um par enorme de asas.

O Jaguadarte pousou no chão, bloqueando sua passagem.

Cath cambaleou para trás.

O monstro curvou o pescoço comprido na direção do céu e soltou um ronco, as narinas soltando vapor. As narinas *dela*, pensou Cath, imaginando a mulher frágil. Uma vítima de abóboras envenenadas demais.

O olho direito do Jaguadarte tinha cicatrizado e se fechado para sempre, mas o esquerdo ainda era uma brasa de carvão. O monstro inclinou a cabeça para o lado e olhou para Cath enquanto as garras enormes arranhavam o chão.

– Cath! – gritou Jest. E, ainda mais alto, com um toque de esperança: – Hatta!

Seu grito foi interrompido por um baque e um grunhido. Cath virou a cabeça a tempo de ver Jest cair de lado. A abóbora que Peter jogou estava estilhaçada no chão ao lado dele. Cath gritou, horrorizada. Nos pedaços quebrados de casca ela via um único olho triangular.

Jest estava bem. Tinha que estar. Estava gemendo, uma das mãos apertando a cabeça. Cath deu um passo na direção dele, mas o Jaguadarte atacou, fazendo-a

cambalear para trás.

Ela via Hatta agora, correndo para eles a toda velocidade, a camisa colorida vibrante demais na plantação escura. O olhar dele se desviou para o Jaguadarte, para Jest, para Peter, mais horrorizado a cada batimento.

Peter o viu e grunhiu. Ele apertou ainda mais o cabo do machado.

– *Você!*

O Jaguadarte chegou mais perto de Cath, a língua deslizando entre dentes afiados, deixando uma trilha de saliva na lama. Cath cambaleou para trás.

– Hatta – disse ela, a voz tremendo. – O chapéu de Jest. Pode conter a espada.

Hatta estava balançando a cabeça, como se negando que qualquer uma daquelas coisas estivesse acontecendo, como se questionando por que deixou o conforto da loja de chapéus.

– Nós não devíamos ter voltado – murmurou ele, mas no momento seguinte saiu correndo para o chapéu e o pegou.

O Jaguadarte atacou Catherine. Ela gritou e pulou. Uma garra prendeu no vestido sujo e fez um rasgo grande na frente da saia e na anágua pesada, passando perto dos joelhos. Catherine se perguntou se teve sorte ou se o monstro gostava de brincar com a comida antes de devorá-la.

Hatta falou um palavrão, ainda remexendo no chapéu. Uma pilha de truques variados de bobo da corte foi crescendo ao lado dele. Bolas coloridas de malabarismo. Um baralho. Um monte de lenços amarrados. Aros prateados. Fogos de artifício e bombinhas. Bombas de fumaça. Um coelho empalhado. Uma rosa branca, as pétalas ficando duras.

– Não está aqui! – Ele tirou o braço e amassou o chapéu na mão. – Tem que ser você! – Ele olhou de forma penetrante para Catherine embaixo da asa esticada do Jaguadarte. – Só atende à realeza, amor.

– Mas eu não sou...

Ele jogou o chapéu. Caiu a poucos metros. Ela não tinha como alcançar sem chegar mais perto do Jaguadarte.

– *VOCÊ!*

O berro de Peter foi tão intenso e tão alto que até o Jaguadarte virou a cabeça na direção dele.

Aproveitando a oportunidade, Cath pulou na direção do chapéu. Pegou-o do chão e enfiou o braço dentro, ainda correndo. Como antes, seus dedos se fecharam em volta do cabo de osso, e a espada surgiu, brilhando.

Cath parou e se virou para enfrentar o monstro.

O Jaguadarte rosnou e encolheu a cabeça entre ombros musculosos e escamosos. Ela deu um passo para trás, o único olho ardente observando a espada como uma inimiga de vida.

Cath ergueu a arma nas duas mãos. Era pesada, mas a determinação fortaleceu os braços dela. A certeza pulsava em suas veias.

O monstro deu outro passo para trás.

Cath ousou olhar para Jest, com medo de já ser tarde demais, de dar de cara com a visão dos desenhos...

Mas não, ele estava vivo e tinha conseguido se levantar. Uma das mãos apertava a lateral da cabeça. Ele parecia atordoado. Os pés ficavam tropeçando, como se ele não conseguisse manter o equilíbrio. Se ele reparou em Cath com a Espada Vorpal na mão, não deu sinal de reconhecimento.

– Como você ousa aparecer aqui?! – gritou Peter. Seu rosto estava vermelho, as narinas dilatadas de raiva.

– Também é um prazer ver você de novo – disse Hatta, parecendo não estar surpreso de o plantador de abóboras parecer pronto para parti-lo em pedacinhos. – Como vão os negócios?

Peter bateu com o machado no chão, soltando outra abóbora de Halloween do caule. Com um grito gutural, ele ergueu a abóbora e jogou na direção de Hatta. O chapeleiro se abaixou. A abóbora se espatifou no chão.

– Isso é coisa sua – disse Peter. – Você e suas malditas sementes. Eram amaldiçoadas!

Hatta contraiu o maxilar, e Cath soube, sem ter ideia do que eles estavam falando, que a acusação de Peter não era novidade para Hatta.

– Vocês se conhecem – disse ela. Seus braços estavam tremendo, e ela se permitiu baixar a espada alguns centímetros. O Jaguadarte soprou um jorro de vapor nela. – Como vocês se conhecem?

– Esse demônio trouxe sementes ruins para mim – disse Peter. – Eu nem queria, pois não conhecia a qualidade, mas ele jogou na minha plantação, e agora

veja o que aconteceu. Veja o que você fez com a minha esposa!

Ele puxou o machado da lama e apontou para o Jaguadarte.

Hatta soltou uma gargalhada vibrante.

– Você não espera que a gente acredite que essa... essa criatura... – Ele parou de falar, o sorriso sumindo, o olhar se arregalando quando o Jaguadarte olhou para ele e o único olho ardeu de reconhecimento, não muito diferente da forma como ela reconheceu a Espada Vorpal. – Não pode ser.

– Você trouxe sementes para ele? – gaguejou Cath. – De Xadrez?

As abóboras.

A Tartaruga Fingida.

O Jaguadarte, Jest e a Espada Vorpal.

Tudo começou do outro lado do Espelho.

E a ligação entre tudo isso?

Hatta.

Isso *era* coisa de Hatta.

Mas foi Peter quem capturou Mary Ann. Era ele quem estava tentando ter um monstro como bichinho de estimação e dar vidas inocentes para ele comer.

– Vou matar você pelo que fez a ela! – gritou Peter. – Vou pendurar sua cabeça no meu portão!

Cath apertou mais a espada.

– Pare com isso – disse Jest, sem ar. – Seja qual for o envolvimento de Hatta, foi um erro. Como ele ia saber o que as sementes fariam? E essa... essa criatura não é mais sua esposa, Sir Peter. Sinto muito, mas você precisa ver isso.

– Não é?

Era Hatta discutindo com ele. Cath rosnou:

– Hatta!

Mas ele deu de ombros, o olhar percorrendo a pele escura e escamosa do monstro, as asas com veias largas.

– A Tartaruga Fingida não é mais a Tartaruga? Como podemos saber se Lady Peter não está dentro do corpo do animal?

– Ela anda comendo gente! – gritou Cath. – Se ainda estiver aí dentro, é uma assassina!

– Você a transformou nisso – disse Peter, voltando o olhar para ela. – Eu destruí aquelas abóboras amaldiçoadas. Ela estava ficando melhor. Mas quando ela viu aquele bolo não conseguiu parar de comer. E agora não muda mais de volta. Ela é minha esposa, e você fez isso com ela!

– Ela é um monstro!

O Jaguadarte se levantou nas patas de trás e deu um grito agudo no ar. As garras voltaram ao chão com um baque que sacudiu os dentes de Cath.

Aconteceu rápido.

O veneno nos olhos do Jaguadarte.

O jeito como recuou, como uma cobra venenosa.

O jeito como abriu a boca enorme, e Cath viu a luz refletida em cada fileira de dentes.

O jeito como ela partiu para cima de Hatta.

As vozes das Irmãs estavam ali, na cabeça de Cath. *Matador, mártir...*

Hatta cambaleou para trás...

Bolo com glacê, ele ia morrer.

Um grito foi arrancado da garganta de Cath, e ela atacou, golpeando com a espada com toda a força que seus braços permitiram.

A lâmina agiu rapidamente, um corte limpo. Foi fácil como cortar manteiga.

A cabeça do Jaguadarte se soltou do pescoço comprido. O corpo desabou nas fileiras de abóboras abandonadas. A cabeça caiu e bateu e rolou até os pés de Hatta, que deu um pulo para trás com um grito. Sangue escuro se espalhou pelo chão, como tinta de uma pena quebrada.

O mundo parou.

A neblina rodopiou em volta deles.

O rosto de Peter ficou flácido.

Cath ficou olhando para a espada suja de sangue, o coração disparado no peito. Atordoada. Horrorizada. Aliviada.

Ela matou o Jaguadarte.

Catherine ergueu o olhar e procurou Jest. O ar começou a voltar aos seus pulmões.

Ela matou o Jaguadarte. Ela conseguiu. O monstro estava morto. Copas estava salva.

Tinha acabado.

Eles levariam Mary Ann para um lugar seguro e deixariam Peter lamentando a morte da esposa. Cath e Jest e Hatta e o Corvo estariam bem longe dali na manhã seguinte, e nenhuma das profecias das Irmãs tinha se tornado realidade.

Jest a observou, perplexo e orgulhoso. Seus olhos começaram a recuperar o foco, embora ele ainda estivesse fraco da luta.

Na calmaria, Cath se obrigou a olhar para Peter. Os braços dele estavam frouxos. O rosto estava contorcido de angústia enquanto ele olhava para o monstro morto.

O coração de Cath foi tomado de uma compaixão inesperada. Havia desespero no rosto dele. Agonia invadindo o olhar. Ele estava a um passo de desabar na terra e chorar em cima do corpo do monstro que amava.

Mas o momento passou e ele ficou de pé. Seu lábio superior se curvou. Seus olhos brilharam.

Ele olhou para Catherine.

Com repulsa. Com *assassinato*.

Ela engoliu em seco e ajustou a mão na espada.

Peter ajustou a mão no machado.

Ele andou na direção dela. Um passo. Dois. Os músculos contraídos, o corpo tomado de tensão.

– Por favor – sussurrou Cath. – Isso pode terminar agora. Só nos deixe ir.

Para a surpresa dela, Peter hesitou. Algo ao longe chamou sua atenção, e Cath ousou olhar por cima do ombro.

O Corvo estava ali. Mary Ann também, parecendo cansada e ansiosa, mas era minúscula perto da presença ameaçadora do Corvo. O machado brilhante que ele carregava espelhava o de Peter. A forma como a capa preta balançava em volta dos ombros e o capuz baixo no rosto.

Ele parecia uma ameaça ou uma promessa.

Ele parecia justiça.

O executor da Rainha Branca, Jest dissera.

Cath se virou, e a expressão de Peter tinha mudado de novo.

Medo.

Indecisão.

Dúvida.

E, por último, determinação. Ele olhou novamente para Catherine, o rosto cheio de ódio e as sobrancelhas franzidas com propósito.

Ele se virou e, com um grito gutural, brandiu o machado na direção do pescoço de Jest.



SANGUE SE ESPALHOU NO CHÃO. Como tinta de uma pena quebrada. Como um desenho cruel feito em pedra.

A espada escorregou dos dedos de Cath. Um grito entalou na garganta. Preso lá dentro, pressionando o peito. Engasgando-a.

Ela deu um passo na direção dele, mas caiu.



O MACHADO CAIU DOS DEDOS DE PETER, e ele correu. Em momentos, tinha desaparecido na floresta. Cath ouviu o som de asas quando o Corvo voltou à forma de pássaro e foi atrás dele. Uma série de penas pretas caiu. Uma pousou no ombro de Cath.

Ela mal percebeu.

Não conseguia afastar o olhar. Não conseguia respirar.

O desenho estava na frente dela, executado em todos os detalhes horrendos.

O corpo de Jest. Mutilado. Partido. Morto.

Não. Não podia ser. Eles iam para Xadrez. Iam começar uma nova vida. Esse sangue não era dele. Não era ele.

Cath botou a mão na barriga e caiu para a frente, vomitando, mas o estômago estava vazio.

– Melaço – ofegou ela. Melaço medicinal. Melaço doador de vida. – Tragam melaço para ele. Vão! Andem! Melaço vai... Melaço vai...

– Não, amor – respondeu Hatta com voz rouca. – Nada pode salvá-lo.

– Não diga isso! – Ela enfiou as mãos na lama, espremendo com os dedos. – Nós temos que salvá-lo! Nós temos que... *Jest!*

Uma mão tirou o cabelo da testa dela, e a voz de Mary Ann soou, dolorosamente gentil:

– Cath...

– Não toque em mim! – gritou ela, se afastando. – Eu voltei por sua causa! Se você não tivesse vindo aqui, se não tivesse sido pega, nós não estaríamos aqui. Isso não estaria acontecendo se não fosse você!

Mary Ann recuou.

Cath ignorou o olhar e tentou engatinhar, arrastando a saia na lama.

– Deve haver um jeito – sussurrou ela, baixinho. – Alguma coisa que a gente possa fazer. Alguma coisa no chapéu que possa salvá-lo, ou... ou... as Irmãs. O destino. O *Tempo*. Deve haver alguém que possa...

Sua mão tocou em uma coisa que não era lama fria, mas quente e molhada e com cheiro de ferro.

Pareceu real.

Real demais.

– Não é possível – disse ela. – Ele não fez nada... ele era inocente. Ele... – Um soluço entalou na garganta dela.

– Você está certa. Ele era inocente – murmurou Hatta, tão baixo que ela quase não ouviu. – Mártires normalmente são mesmo.

Mary Ann puxou Cath para longe do corpo e da poça crescente de sangue e a envolveu em um abraço. Cath não conseguia sentir. Ela olhou por cima do ombro da amiga na direção das árvores escuras. Para o lugar aonde Peter tinha ido.

Sua respiração ficou entrecortada. Os lábios se curvaram sobre os dentes.

Os soluços morreram na garganta, antes mesmo de escaparem. Estavam enterrados, sufocados pela fúria.

Ela mataria Peter.

Ela o encontraria e o mataria.

Mandaria cortarem-lhe a cabeça.

CAPÍTULO 48

CATH QUASE NÃO LEMBRAVA como voltou à mansão no Recanto da Pedra da Tartaruga. Hatta a carregou por parte do caminho, apesar de ela gritar e o arranhar para que a deixasse em paz, a deixasse com Jest. Ele a segurou até ela ficar exausta e a garganta estar rouca. A cabeça latejava com a necessidade de encontrar Peter, de destruí-lo.

Um músculo estava tremendo no olho de Cath. Os dedos se contraíam, se imaginando em volta do pescoço de Peter. Sufocando. Sufocando.

Quando eles chegaram à mansão, seus pais deram uma olhada no sangue e na sujeira e no vestido rasgado e nos olhos mortos dela e levaram todos para dentro.

A raiva fervia embaixo da pele dela. Ela não olhou para ninguém. Não disse nada. Mandou todos embora. Quando finalmente ficou sozinha no quarto, se ajoelhou na janela e implorou para o Tempo até os lábios estarem rachados e a língua estar seca demais para ela continuar. Ele devia poder voltar o relógio. Devia ter domínio sobre o destino dela.

Ela pouparia o Jaguadarte desta vez se Jest ficasse vivo.

Deixaria o monstro ficar com Mary Ann se Jest ficasse vivo.

Ouviria os avisos de Hatta. Daria as costas para os gritos de Mary Ann e fugiria pelo Espelho. Desta vez, ela não olharia para trás se Jest ficasse vivo.

Ela faria qualquer coisa. Casaria-se com qualquer rei. Usaria qualquer coroa. Daria seu coração a qualquer um que pedisse. Serviria ao Tempo se ele levasse

Jest de volta para ela.

A agonia dela virou fúria quando o Tempo se recusou a responder. Não havia desta vez, na próxima vez, não havia vez nenhuma.

Nenhuma quantidade de negociação faria diferença.

Jest tinha morrido.

Em algum momento naquela noite o Corvo bateu na janela dela. Cath deu um pulo para abrir... mas ele só foi dizer que Peter tinha fugido.

Cath caiu no tapete, a dor a derrubando novamente.

Sua raiva a abriu no meio.

A noite passou e ela virou um animal selvagem, furiosa e incansável. Quando Abigail levou o chá, ela jogou a bandeja na parede. Quando Mary Ann tentou preparar um banho, ela gritou e se debateu. Quando sua mãe chorou do lado de fora da porta, com medo demais para entrar, Cath rosnou para o próprio reflexo e fingiu não ouvir. Ela planejou a morte de Peter. Jurou por cada grão de areia na enseada que vingaria a morte de Jest.

Demorou quase dois dias para ela conseguir chorar, e, quando aconteceu, como se uma barragem tivesse se rompido, ela não conseguiu parar.

Matador, mártir, monarca, maluco.

Até onde ela sabia, só uma das profecias tinha se tornado realidade.

Jest virou mártir. Jest estava morto. *Jest.*

CAPÍTULO 49

UMA GARGALHADA AGUDA e a movimentação de galhos despertaram Catherine de repente. Seus olhos se abriram. Suas narinas se dilataram com o odor cítrico.

Tinha chutado longe os cobertores à noite, provavelmente por causa de outro pesadelo com monstros, matadores e carrosséis, e estava espalhada na cama com suor frio na pele. Ela olhou para a cobertura da cama e para as folhas brilhosas que tinham crescido na noite. Frutas verdes em formato de chave oscilavam acima.

Seus membros estavam pesados quando ela esticou a mão para uma das frutas mais baixas, arrancando-a do galho. A árvore balançou.

A lima tinha quase o tamanho da mão dela. Devia ter sido feita para uma fechadura muito grande.

Mais risadinhas atraíram a atenção dela para cima, e ela deu de cara com um par de olhos pretos na folhagem.

Cath se sentou de repente e grunhiu:

– O que você quer?

Tillie empurrou o galho para o lado, para Catherine ver o rosto estreito e o cabelo grudento, misturado com as folhas da árvore.

– Nós avisamos que isso ia acontecer – disse ela com a voz infantil sinistra. – *Matador, mártir, monarca, maluco.*

Uma fúria turvou a visão dela, vermelha e ardente. Com um grito gutural, Cath jogou a chave na garota com o máximo de força que conseguiu.

Tillie desviou. A fruta passou entre os galhos da árvore e caiu no tapete, inofensiva.

– Isso não foi educado.

Cath se virou, procurando a dona da segunda voz. Elsie, com o cabelo curto desgrenhado, estava se segurando em um dos suportes laterais da cama.

Uma terceira garota apareceu no alto, pendurada de cabeça para baixo. O cabelo comprido de Lacie chegava aos travesseiros.

– Na verdade – disse ela –, isso não foi nada majestoso.

– Saiam! – gritou Cath. – É culpa de vocês ele estar morto. Vocês nos amaldiçoaram! *Saiam!*

As Três Irmãs a observaram com calma, como se ela tivesse oferecido uma xícara de chá.

– Nós não golpeamos com o machado – disse Tillie.

– Nós não matamos o Jaguadarte – disse Elsie.

– Nós não passamos por aquela porta – concluiu Lacie.

Novas lágrimas surgiram nos olhos de Catherine, transbordando de ódio.

– Foi a profecia de vocês. Vocês o mataram. Vocês... – Ela soluçou. – Saiam. Me deixem em paz.

Lacie começou a se balançar, pendurada pelas pernas, o cabelo comprido roçando o ombro de Cath.

– Nós vemos muitas coisas – disse ela. – Conhecemos muitos destinos. Viemos fazer um acordo.

Cath limpou os olhos. Por um momento, houve esperança. Uma esperança cruel e frágil. Ela mal ousou sussurrar as palavras que se formaram em sua língua.

– Vocês podem... trazê-lo de volta?

As garotas riram juntas, agindo como se Cath tivesse contado uma piada. Tillie balançou a cabeça e empurrou os galhos para o lado novamente, até o tronco estar pendurado sobre a cama. Uma das bochechas foi arranhada por um galho, e apesar de ter começado a sangrar, ela não pareceu reparar. O sangue era um contraste estranho com a pele branca e os olhos negros vazios.

– Nós não podemos trazer o mártir de volta, mas podemos trazer para você uma outra coisa que você quer.

Cath começou a tremer.

– O quê?

– *Vingança* – elas falaram ao mesmo tempo.

– Peter Peter nunca vai ser encontrado – disse Elsie. – Seu Corvo é um matador, mas não é caçador, e ninguém o está procurando agora. O Rei quer deixar tudo para trás.

– Mas Peter Peter está desesperado – disse Lacie. – A mulher dele está morta e sua vida foi destruída. Ele vai nos procurar, querendo começar vida nova em Xadrez.

Tillie sorriu e mostrou a abertura nos dentes.

– Nós podemos trazê-lo para você e deixar que você faça sua justiça.

Cath se esforçou para engolir, a boca grudenta e seca.

Elas podiam estar certas. O Corvo o tinha perdido, e ela sabia que o Rei era patético demais para caçar um assassino e sequestrador.

Ela sabia que Mary Ann tinha elaborado uma história para explicar o que tinha acontecido naquela noite, se esforçando para salvar uma reputação com a qual Catherine não se importava mais. Contou para todo mundo que tinha descoberto a verdade dos crimes de Peter e foi impedi-lo e o Jaguadarte, e Cath e Jest foram salvá-la.

Na morte, Jest foi absolvido de seus crimes e transformado em herói.

Mas isso não perdoava Cath. Ela tinha fugido do castelo momentos depois de aceitar o pedido de casamento do Rei. Foi levada por outro homem na frente de todo mundo. O Rei estava humilhado. Preferia fingir que nada tinha acontecido.

Cath não tinha essa opção. A verdade pertencia a ela: não podia fugir disso e jamais esqueceria.

Peter merecia punição. Merecia a morte.

Pela primeira vez, desde que caiu na lama da plantação de abóboras, ela sentiu o coração se mexer no peito.

– O que vocês iam querer de mim?

Lacie baixou o corpo e caiu no lençol, cruzando as pernas finas como ossos.

– Nós estamos doentes. Estamos morrendo há muito tempo. Pedimos pagamento para nos nutrir.

Elsie se virou para o outro lado do suporte da cama.

– Um coração poderia nos nutrir por muito tempo. Um coração forte, cheio de paixão e coragem.

Tillie se esticou e passou uma unha suja pela omoplata de Cath.

– Nós queremos o coração de uma rainha.

Cath se afastou e encostou os dedos no peito quando um arrepio desceu pelo braço.

– Eu não sou rainha.

Tillie sorriu de novo.

– Ainda não.

As Irmãs recitaram as palavras que ecoaram muitas vezes pela cabeça de Cath:

– *Matador, mártir, monarca, maluco.*

Ela balançou a cabeça.

– Todo mundo me acha histérica e traumatizada. O Rei nunca vai me aceitar agora.

– Não vai? – Lacie puxou uma lima dos galhos e ofereceu para Catherine com as palmas das mãos pequenininhas.

Cath olhou para a fruta, sem estar convencida de que as garotas eram inocentes do que aconteceu. Mas elas estavam certas. Não foram elas que golpearam com o machado.

Ela olhou ao redor, encarando o rosto de cada uma.

– Vocês vão trazer Sir Peter para mim? E o destino dele vai ser decisão minha?

– Claro – disse Elsie. – Você vai ser a Rainha, afinal.

Elas riram.

Catherine firmou o maxilar e pegou a lima da mão de Lacie.

Uma gargalhada aguda e a movimentação de galhos despertaram Catherine de repente. Seus olhos se abriram. As Três Irmãs tinham ido embora, mas a árvore ainda estava lá, carregada de frutas verdes acima da cabeça dela.

CAPÍTULO 50

OS LACAIOS REAIS OLHARAM PARA ELA com cautela quando entrou na sala do trono. Até as velas tremeram de medo quando ela passou, a cabeça alta como a de um cisne e o vestido preto de luto voando com o andar. Ela carregava uma caixa embrulhada em papel vermelho e amarrada com uma fita vermelha de veludo.

A sala do trono era cheia de candelabros incrustados de rubis, espelhos dourados e rosados e pilares de quartzo rosa. Não havia corredor com tapete, e cada passo ecoava nas paredes e subia até o teto abobadado de catedral.

A atenção dela não se desviou do Rei de Copas, que estava agitado no trono, os dedos tremendo a cada estalo trovejante dos saltos dela.

Catherine sabia como devia estar sua aparência, de preto dos pés à cabeça, incluindo o véu de renda que cobria parcialmente seu rosto. Tinha se visto no espelho antes de sair, pálida como um fantasma e com olhos enlouquecidos e vermelhos. Mas não se importava.

Ela conhecia o Rei. Sabia como conseguir dele o que queria.

A voz do Coelho Branco tremeu quando ele a apresentou:

– L-Lady Catherine Pinkerton, do Recanto da Pedra da Tartaruga, pedindo audiência com Sua Majestade Real, o Rei de Copas.

Ela esperou um momento para se virar para a integrante mais próxima da corte, a Rainha de Ouros, e deixar o pacote embrulhado vermelho nas mãos dela. A mulher ofegou e quase conseguiu segurar, mas a caixa caiu no chão.

Virando-se para o Rei, Catherine abriu o sorriso o máximo que conseguiu e fez sua melhor reverência:

– Obrigada por me receber, Vossa Majestade.

– L-Lady Catherine. Bom d-dia – gaguejou o Rei. Ele coçou a orelha. – Nós soubemos de seu infeliz m-mal-estar. É tão bom ver você... por aqui.

– Suas preocupações me lisonjeiam, Vossa Majestade.

O Rei se inclinou para a frente.

– E o q-que eu posso fazer por você, Lady Pinkerton?

Ela estava ereta e empertigada como o símbolo de paus com o vestido preto como ébano.

– Eu vim pedir desculpas. Minha reação ao seu pedido de casamento foi horrível. Espero que Vossa Majestade saiba que foi resultado de loucura temporária, não de descaso com seu pedido. O senhor me fez uma grande honra quando pediu minha mão, e eu não reagi como uma dama deveria reagir.

Ela terminou o discurso preparado com outra curvatura dos lábios.

O Rei limpou a garganta.

– Er... não é necessário, Lady Pinkerton. Claro que aceito seu pedido de desculpas. – A boca do Rei tremeu. Ainda nervoso. Estava claro que ele esperava que Cath tivesse terminado. Que fosse embora.

Mas ela não tinha terminado.

– Que bom. – O sorriso dela sumiu. – Com essa questão desagradável resolvida, eu gostaria de aceitar oficialmente seu pedido... de novo.

O sangue sumiu do rosto do Rei.

– A-ah – disse ele. – É mesmo? – Seu olhar se desviou para o Coelho Branco, como se o mestre de cerimônias pudesse responder por ele.

Catherine esperava isso. Nenhum homem, nem um homem tolo de cabeça oca, ia querer se casar com uma garota depois que ela o rejeitou. Humilhou até. Uma garota que todo mundo estava dizendo que tinha ficado doente da cabeça.

Mas o Rei era dócil e sem coragem.

Assim, ela esperou enquanto o Rei olhava os rostos dos cortesãos e guardas, procurando uma saída. Uma saída que não incluísse ele ter que rejeitá-la, pois ele não era do tipo que rejeitava.

A expressão dele ficou indefesa.

– Bem. Isso é... er. – Ele limpou a garganta de novo. – Sabe, Lady Pinkerton, a questão é... eu... hum.

– Eu entendo, Vossa Majestade. Eu não esperaria cair em seus favores de novo depois da forma como o tratei. Mas também sei que você é um homem atencioso e de bom coração.

As bochechas dele ficaram vermelhas atrás da barba encaracolada e do bigode pontudo.

– Bem, não sei se isso...

– E foi por isso que eu trouxe um presente. Um símbolo da minha devoção. – A voz dela falhou, mas ela sufocou a dor bem para o fundo. Virando-se para a Rainha de Ouros, ela levantou uma sobrancelha.

A mulher, assustada, levou um momento para dar um passo à frente, com a caixa na mão.

Catherine balançou os dedos para o Rei.

Corando, a mulher se deslocou até a plataforma e colocou o presente nas mãos do Rei antes de recuar para seu lugar entre os cortesãos.

O rosto do Rei estava tenso de medo quando ele desamarrou a fita e puxou o papel. Ele se moveu com a cautela de quem esperava que o presente entrasse em combustão no colo.

Ele ergueu a tampa. Todo mundo na sala se inclinou para a frente... menos Catherine, que observava com olhos vazios.

O Rei deu um gritinho.

– Lima?

– Torta de lima, Vossa Majestade. Uma vez, você me disse que a lima é a chave para o coração de um rei, afinal.

Ele lambeu os lábios, os olhos se enchendo de fome. Atrás dele, o Valete de Copas se levantou na ponta dos pés para tentar ver dentro da caixa de presente com o mesmo desejo.

Cath piscou.

– Acredito que vamos nos dar muito bem, e vou ter orgulho de preparar para você muitos doces assim. Eu sempre gostei de fazer doces, sabe.

O peito dela tremeu, mas contraiu o maxilar. Permaneceu forte. Ela sabia que ele estava desmoronando. Sabia que venceria.

Para baixo, para baixo, para baixo.

– Ah. Certo – disse o Rei. – Você estava... er. – Ele olhou para Catherine e para a torta. Lambeu os lábios. – Muitos doces assim... você diz?

– Quantos o senhor desejar. – Ela ergueu o queixo. – Como não vejo motivo para espera, sugiro que marquemos o casamento para daqui a quinze dias.

Ele arregalou os olhos.

– Quinze dias?

Ela balançou a cabeça.

– Vossa Majestade tem razão. Uma semana seria bem melhor.

Ele gaguejou com incoerência. A multidão estava agitada, olhares preocupados sendo trocados entre cortesãos e guardas.

– Muito bem, se o senhor insiste – disse Catherine. – Daqui a três dias vai ser um momento tão bom quanto qualquer outro. – Ela se virou para um jovem pajem, o Três de Ouros, que estava escondido atrás de um pilar. – Registre que o casamento real entre o Rei de Copas e a filha do Marquês do Recanto da Pedra da Tartaruga vai acontecer daqui a três dias. O reino todo será convidado. Parece bom para o senhor, Vossa Majestade?

– Eu... eu acho...

– Maravilha. Estou muito satisfeita. – Ela fez outra reverência.

O Rei colocou as mãos na caixa com a chave para o coração dele e apertou contra o corpo.

– Em t-três dias. Eu estou... é... uma honra, Lady Pinkerton.

Os lábios dela tremeram, mais de desprezo do que de lisonja.

– Acredito que a honra seja minha.

Girando nos calcanhares, ela saiu da sala do trono sem olhar para trás. Ficou feliz quando o aroma do limão agridoce não a acompanhou.

Durante todo o caminho de carruagem para casa, ela pensou no desenho das Irmãs. Catherine no trono, usando uma coroa de rainha. Tentou relembrar o sentimento de horror que teve na hora. Como se recusou terminantemente a acreditar que poderia ser verdade.

Essas emoções estavam longe de seu alcance.

– Eu sou a Rainha de Copas – disse ela para a carruagem vazia. Treinando. – Eu sou a Rainha de Copas.

CAPÍTULO 51

A ROSEIRA BRANCA estava totalmente florida. Catherine a via dos aposentos do castelo para onde foi levada para fazer os preparativos finais para o casamento. As flores pareciam lanternas brancas brilhantes em meio à folhagem do jardim.

Ela não conseguia afastar o olhar.

Havia carvão ardendo no peito dela. A fúria cresceu desde que viu as Irmãs, desde que aceitou a proposta do Rei. Os três dias foram de sofrimento. Ela queria acabar com tudo. Queria ser Rainha para as Irmãs poderem cumprir a parte delas do acordo.

O Corvo estava no ombro dela, as garras espetando a pele pelo tecido do vestido de noiva. Ele tinha se tornado seu companheiro mais constante, embora eles raramente se falassem. Ele foi o único para quem ela contou sobre o acordo que fez com as Três Irmãs, e no começo esperava que ele tentasse convencê-la de desistir. Mesmo quando ele não fez isso, ela ainda levou um dia para perceber que desejava vingança quase tanto quanto ela.

Jest era seu amigo, seu camarada, seu companheiro Torre.

– Em breve – sussurrou ela, para o Corvo e para si mesma. – Em breve.

O Corvo não disse nada, só afundou mais as garras. Ela não reagiu, mas se perguntou se haveria marcas de sangue no brocado branco.

Atrás dela, a porta se abriu.

– Cath – soou a voz tímida de Mary Ann. – Eu vim arrumar seu cabelo.

Catherine se virou para ela e assentiu antes de se afastar da janela. Ela foi até a penteadeira.

Mary Ann aguardou um instante, como se esperando um convite melhor do que aquele, mas suspirou e andou pelo tapete. O Corvo voou para o alto do espelho da penteadeira.

Mary Ann trabalhou em silêncio, prendendo o cabelo de Cath com dedos experientes e o arrumando com pérolas e brotos de rosas vermelhas.

– Você não precisa fazer isso.

Cath olhou para Mary Ann pelo espelho.

– O Rei vai deixar você desistir do acordo se pedir – continuou a empregada. – Diga que você mudou de ideia.

– E depois? – perguntou Cath. – Eu poderia ser a Marquesa da Tartaruga Fingida. Morrer solteirona, sozinha com meu gato meio invisível?

Mary Ann andou na frente dela e se apoiou na penteadeira.

– E nós? Nosso sonho, nossa confeitaria?

– Meu sonho – disse Cath com rispidez. – Era o meu sonho e só meu. Só se tornou seu quando um trapaceiro a enganou para que tivesse imaginação.

Mary Ann fez uma careta.

– Não é verdade. Eu sempre...

– Eu não mudei de ideia. – Catherine se levantou e ajeitou a saia. – Estou tendo exatamente o que eu quero.

– Um casamento falso e sem amor?

Cath olhou seu reflexo. O rosto no espelho era o de um cadáver, pálido e indiferente. Mas seu vestido era deslumbrante para quem conseguia se deslumbrar: uma saia ampla coberta de renda e fitas. Havia rosas vermelhas bordadas no corpete.

Ela não sentiu nada quando olhou o vestido, nem quando se imaginou no trono, nem deitada na cama do Rei, nem um dia vendo o naipe completo de dez filhos correndo pelos gramados de croquet.

Seu futuro existia como um deserto estéril com um único ponto vibrante no horizonte. A única coisa que ela queria. A última coisa que desejava no mundo.

A cabeça de Peter.

– Sim – disse ela, sem emoção. – É isso que eu quero.

Mary Ann encolheu os ombros, e Cath a viu segurando o que queria dizer. Finalmente, ela se afastou da penteadeira.

– O Marquês e a Marquesa pediram para ver você antes da cerimônia. E... Cath? Você não pediu para eu continuar sendo uma das suas criadas aqui no castelo.

Cath piscou, esperando as palavras penetrarem em seus pensamentos enevoados.

Você devia ter morrido no lugar dele, ela queria dizer. *Se você não tivesse ido para a plantação, nada daquilo teria acontecido. Eu devia ter deixado você morrer. Devia ter deixado você lá.*

– Não – disse ela. – Não pedi.

– Cath, por favor – sussurrou Mary Ann. – Sei que você está magoada... arrasada. Mas você é minha melhor amiga. Voltou por minha causa. Você me salvou.

Você devia ter morrido no lugar dele.

– O Coelho Branco está procurando uma empregada – disse Cath. – Talvez você possa encontrar uma vaga com ele.

O silêncio que veio em seguida foi sufocante.

Cath pegou um colar de rubi na penteadeira, um presente enviado pelo Rei durante o período vergonhoso de cortejo. Ela o prendeu no pescoço. As pedras pesaram no colo dela.

– Se é isso que você quer – murmurou Mary Ann.

Cath não a viu ir embora. Não se virou quando a porta se fechou.

Em algum lugar do castelo, o povo de Copas estava se reunindo. Música estava tocando. O Rei se perguntava se estava cometendo um erro e se era tarde demais para voltar atrás.

Ela olhou para a garota no espelho, a que parecia nunca ter dado um sorriso. Na hora em que teve o pensamento, os lábios do reflexo se curvaram para cima, revelando um sorriso delirante por baixo de olhos sombrios.

Ela fez cara feia.

– É melhor que esse não seja seu jeito de me dizer para ser feliz.

Os olhos do reflexo ficaram amarelos e desenvolveram pupilas partidas.

– Você estava ciente de que hoje é seu dia de casamento? – disse Cheshire. O resto do rosto dele se formou, bochechas peludas e bigodes longos. – Ficar com expressão tão triste parece uma caricatura.

– Não estou com humor para isso. Vá embora.

– Com todo respeito, Vossa em Breve Majestade, você não parece estar com humor para nada. Nunca vi uma expressão tão vazia. – O rosto dele sumiu, deixando o contorno de pelos e bigodes com orelhas pontudas em cima.

Catherine se afastou da penteadeira.

O rosto de Cheshire reapareceu.

– Não precisa ser tão fria com Mary Ann. Ela está preocupada com você. Todos nós estamos.

– Que motivo há para preocupação? Eu vou ser rainha. Sou a garota mais sortuda de Copas.

Os bigodes dele tremeram.

– E nós não vamos ter sorte de ter você, essa desgraçada infeliz que se tornou.

– Preste atenção nas minhas palavras, Cheshire. Vou mandar banir você deste reino se você me provocar.

– Uma ameaça vazia de uma garota vazia.

Ela se virou para ele, os dentes brilhando.

– Eu não sou vazia. Estou cheia até a borda com assassinato e vingança. Estou transbordando, e acho que você não vai querer que eu transborde em você.

– Houve uma época – Cheshire bocejou – em que você transbordava de capricho e açúcar de confeiteiro. Eu gostava mais daquela Catherine.

– Aquela Catherine era uma tola. – Ela bateu com a mão na direção do gato. Ele sumiu antes que ela tocasse nele. – Você sabia que a confeitaria jamais aconteceria. Sabia que eu acabaria deserdada ou casada com o idiota do Rei e que qualquer outra esperança era sem sentido.

– Sim. Isso é verdade.

Ela se virou e viu Cheshire flutuando na frente da porta.

– Mas ter esperanças – disse ele – é como o impossível pode virar realidade, no fim das contas.

Com um grito, Cath pegou um vaso de rosas brancas e jogou na cabeça de Cheshire.

A porta se abriu. O gato sumiu. O vaso voou entre as orelhas do Coelho Branco e se estilhaçou no corredor.

O Coelho ficou paralisado, os olhos cor-de-rosa arregalados como dois pires.

– L-Lady Pinkerton? Está tudo bem?

Cath empertigou a coluna.

– Eu detesto rosas brancas!

O Coelho recuou.

– Eu... eu peço desculpas. Vou, er, vou mandar outra coisa, se você preferir...

– Não precisa – cortou ela, andando na direção da janela e apontando com o dedo pela vidraça. – E quero que os jardineiros derrubem aquela árvore.

O Coelho Branco se aproximou com hesitação.

– Árvore?

– A roseira perto dos arcos. Quero que seja removida imediatamente.

O nariz do Coelho tremeu.

– Mas, milady, aquela árvore foi plantada pelo tataravô do Rei. É de uma variedade extremamente rara. Não, acho que é melhor deixarmos como está. – Ele limpou a garganta e tirou um relógio do bolso. O relógio que Jest deu para ele durante o baile preto e branco. Vê-lo fez o rosto de Cath corar. – Seus pais vão chegar em breve para acompanhá-la até a cerimônia, mas eu queria ter certeza de que você tem tudo de que precisa antes...

– Sr. Coelho.

Ele olhou para ela e hesitou frente à expressão de raiva.

– Aquela árvore precisa ter sumido até o anoitecer. Se ainda estiver lá, vou procurar um machado e cortar eu mesma, e sua cabeça virá logo em seguida. Entendeu?

As mãos enluvadas começaram a tremer segurando o relógio.

– Er... s-sim. Certamente. A árvore. É uma vista terrível, eu já disse para mim mesmo várias vezes...

– Na verdade – continuou ela, olhando para os jardins abaixo –, eu quero que todas as rosas brancas sejam retiradas antes da primavera. De agora em diante os jardineiros só vão plantar rosas vermelhas, isso se precisarem plantar rosas.

– Claro, minha ra... milady. Rosas vermelhas. Excelente escolha. Seu gosto é imaculado, tenho que dizer.

– Fico exuberantemente feliz de você concordar – disse Cath, passando por ele. Ela parou na penteadeira, e o Corvo pulou do espelho e pousou novamente no seu ombro antes de ela ir para o corredor.

Ela fez uma pausa.

Seus pais estavam ali, junto ao vaso quebrado e às rosas espalhadas, esperando para acompanhar a filha até a cerimônia de casamento. Os rostos deles exibiam sorrisos hesitantes.

– Ah, minha doce garota – disse a Marquesa, dando um passo à frente. Hesitando. Olhando para o Corvo. Mas diminuiu a distância entre as duas e tomou Catherine nos braços. – Você está uma noiva linda.

– Tem certeza? – perguntou Cath, ainda furiosa por causa das rosas, do relógio de bolso e da insolência de Cheshire. – Olhe de novo. Talvez você descubra que me pareço com uma morsa.

A mãe se afastou, chocada.

– O que você quer dizer?

Ela precisou morder o lábio para não revirar os olhos.

– Nada.

– Catherine – disse o Marquês, colocando uma das mãos no ombro de Cath e a outra no da esposa. – Nós sabemos que você passou por... coisas difíceis recentemente.

Raiva quente e latejante borrou sua visão.

– Mas queremos que você tenha certeza... certeza absoluta de que é isso que você quer. – Os olhos dele ficaram cautelosos por baixo das sobrancelhas peludas. – Nós queremos que você seja feliz. É tudo que sempre quisemos. É isso que vai fazer você feliz?

Cath sustentou o olhar dele, sentindo a ponta das garras de Corvo nos ombros, o peso dos rubis no pescoço, a anágua pinicando nas coxas.

– Como tudo poderia ter sido diferente – disse ela – se vocês tivessem pensado em me perguntar isso antes.

Ela tirou o ombro de debaixo da mão dele e passou entre os dois. Não olhou para trás.

CAPÍTULO 52

A CHAPELARIA ITINERANTE ESTAVA VAZIA quando ela espremeu o vestido cheio de corações pela porta; vazia, exceto pelo maravilhoso Chapeleiro. Uma risada reverberou nas paredes de madeira assim que ela passou pela porta. Catherine se empertigou e deixou o vestido cair em volta dos pés. Ela enfrentou a gargalhada alegre de Hatta com lábios apertados.

Ele estava no trono dele, os pés para o alto, escondendo o rosto atrás do chapéu roxo. Havia cabeças de manequim em todas as cadeiras, adornadas com chapéus elaborados. Nenhuma estava sussurrando agora. Todas olhavam à frente com expressões vazias para a variedade de fitas e feltros e xícaras pela metade.

– Bom dia, Hatta.

Ele ergueu o chapéu e colocou no cabelo branco. Cabelo que precisava desesperadamente ser penteado. A gravata estava desamarrada, o casaco amarrotado. Havia uma mancha misteriosa no lenço amassado no bolso do peito do casaco.

– Já são seis horas? – perguntou ele, pegando um relógio de bolso na mesa. – Ora, nem meio-dia ainda. Não pode estar certo. Talvez eu deva fazer com que seja eternamente seis horas, eternamente hora do chá. Chá de manhã, chá no meio da noite. Assim, sempre serei um anfitrião acolhedor. Isso seria adequado a você e à sua chegada antecipada, Lady Pinkerton? Ou devo dizer... *Vossa Majestade*.

Cath fechou a porta da loja.

– Eu cheguei cedo? Mas nem sabia que era esperada.

– Eu estou sempre esperando alguém. Sempre vindo e indo, vindo e indo. – Ele jogou o relógio de bolso na mesa com um estalo. A face se abriu, e Cath o ouviu tiquetaqueando, alto e rápido demais, como uma contagem regressiva louca. Se Hatta reparou, não demonstrou. – Espero que você não tenha vindo em busca da minha bênção matrimonial.

– Eu não preciso da bênção de ninguém e menos ainda da sua.

– Realmente, doçura. Você é a epítome de uma noiva real. Me diga, fica mais fácil sabendo que a união foi predeterminada? Tudo estava marcado em pedra e tinta. Você nem precisou tomar uma decisão, só seguir com o que o destino esperava de você.

Ela se aproximou da mesa e apertou os olhos.

– Que crueldade sua dizer isso depois que a minha única escolha foi tirada de mim.

– É crueldade *sua* dizer isso depois de receber uma escolha.

Ela franziu a testa.

– O que você quer, Lady Pinkerton?

– Eu vim ver como você está.

– Mentirosa. – Os dentes brancos brilharam em um sorriso sardônico. – Você veio ver se fiquei maluco. Quer saber que não foi a única a sucumbir à profecia das Irmãs.

– Eu não ligo mais para a profecia das Irmãs.

– Conveniente – rosnou ele –, sendo que foi você que nos arrastou de volta para cá.

Ela fechou os punhos. Mas os abriu lentamente, esticando as mãos sobre o tecido duro da saia.

– Onde está Haigha?

– Foi buscar mais chá. – Hatta pegou a bengala e enfiou a ponta na asa de um bule de chá. Levantou-a da mesa, e a tampa caiu em um pires. Algumas gotas solitárias pingaram do bico. – Como você pode ver, acabou.

Ela expirou lentamente.

– Eu estava esperando que você tivesse voltado para Xadrez.

O bule deslizou até a mesa e bateu em uma xícara de porcelana rachada.

– Sem nenhuma das Torres nem o coração que eu vim buscar? – Um lado da boca se torceu em uma careta feia. – Você devia estar com medo, Lady Pinkerton. É rainha agora. – Ele apontou o dedo para o peito dela. – Isso tem valor.

– Eu não tenho medo de você. Me diga seu enigma de novo, Hatta, e vou dizer que o coração não pode ser roubado, só comprado, e o meu já foi.

A bochecha dele começou a tremer.

– Você quer um enigma, é? Sei um ótimo. Começa com: qual a semelhança entre um corvo e uma escrivaninha?

Ela levantou o queixo.

– Você ficou maluco, Hatta? Não consigo perceber.

– Os dois são tão cheios de poesia, sabe. Escuridão e caprichos, pesadelos e música.

– Hatta...

A voz dele baixou até um sussurro conspiratório.

– Eu descobri, Lady Pinkerton.

Ela apertou os lábios e engoliu em seco:

– Descobriu o quê?

– Tudo. Peter. O Jaguadarte. A Tartaruga Fingida. Nós dois temos culpa.

Catherine segurou a beirada da mesa e olhou para ele em meio à confusão. Os manequins não disseram nada.

– Sabe, muitos anos atrás – disse Hatta como se ela tivesse perguntado –, eu trouxe uma abóbora de Xadrez. Ia ser um chapéu de abóbora. Uma abóbora de Halloween desdentada e sorridente que acenderia por dentro. Ah, teria ficado maravilhoso. – Ele cantarolou a palavra *maravilhoso*, inclinando a cabeça para trás na lateral da cadeira. – Mas a abóbora não parava de crescer. Eu não conseguia fazer parar. Ficou grande como um bode, e não servia mais para ser chapéu, então eu a cortei e tirei as sementes. Levei para a plantação de abóboras mais próxima e perguntei se queriam. Desgraçados ingratos, eles eram, um homem e a esposa doente. Disseram qualquer coisa sobre não aceitarem caridade e bateram a porta na minha cara. Assim, joguei as sementes fora em um canto da plantação deles. – Ele deu um sorriso sarcástico. – Não pensei mais nisso depois.

– E elas começaram a crescer – disse Cath.

– Isso mesmo. Lady Peter ganhou um concurso de comer abóboras, você sabia? Comeu vinte e duas, dizem. Vinte e duas abóboras pequenas. E virou um monstro. – Os lábios dele se curvaram em um sorriso debochado. Cath via agora a histeria por trás dos olhos ametista.

Ela pensou no canto destruído da plantação. Peter tentou matar todas, mas uma semente sobreviveu, cresceu e prosperou.

– E eu fiz o bolo de abóbora – disse ela –, e assim a Tartaruga Fingida foi culpa minha, e sua, e talvez de Peter também.

– Peter, Peter, comedor de abóbora – citou Hatta com voz cantarolada –, tinha uma esposa, mas jogou tudo fora.

Cath tremeu. Seu olhar percorreu a confusão de decorações na mesa.

– O que mais? Você trouxe mais alguma coisa perigosa de Xadrez que eu deva saber?

– Só Jest, amor. Ele era perigoso o bastante para nós dois.

Ouvir o nome dele abriu uma rachadura no coração dela que não sentia havia dias. Ela mordeu o lábio e esperou a dor diminuir e atenuar novamente.

Ela começou a contornar a mesa.

– Você mentiu para mim. Seus chapéus são perigosos. Não podemos confiar em nada que você trouxe de Xadrez. – Ela segurou a cadeira à direita de Hatta e fez que ia puxá-la para longe da mesa, mas ele bateu com a bengala sobre os braços da cadeira. A bengala bateu em um chapéu de chiffon e quebrou o crânio do manequim de argila embaixo. Catherine deu um pulo para trás.

– Não seja grosseira, Lady Pinkerton – disse Hatta por entre dentes. – Olhe à sua volta. Não tem espaço para você nesta mesa.

A rejeição a acertou em cheio. Ela inspirou fundo.

– Você não o merecia – disse ele. Havia um brilho sádico no olhar dele. Ele a estava observando, como se estivesse esperando para ver quais acusações a afetariam mais. – Estou feliz de ele não poder ver você agora. Estou feliz porque ele nunca vai saber a rapidez com que você caiu nos braços do Rei. Você não conseguiu esperar nem que as larvas sentissem o gosto dele.

Ela apertou as mãos.

– Eu fiz uma barganha para vingá-lo. Fiz por *ele*, independente do que você possa pensar. Eu o amava. Ainda amo.

– Se acha que tinha o monopólio do amor por ele, você devia ser a nova boba da corte, não esposa do Rei.

Ela olhou para ele. Seus pensamentos dispararam, lutaram uns contra os outros; primeiro, confusão. Depois, compreensão.

Ela se empertigou.

– Ele sabia?

– Tem alguma importância? – Com uma gargalhada brusca, Hatta tirou as pernas de cima da mesa e se levantou. – Ele veio aqui pretendendo levar seu coração, mas ficou claro desde a noite em que a trouxe para o chá que era ele que ia perder o dele. – A voz dele tinha um rosnado quando andou até a parede e tirou um chapéu de uma das prateleiras.

Não, não um chapéu. Uma coroa.

Ele a jogou na mesa. As pontas da coroa eram feitas de dentes de Jaguadarte, irregulares e afiados, presos com veludo roxo e pedras preciosas em um deboche medonho da verdadeira coroa que ela deixou no castelo.

– É para você – disse ele. – Considere um presente de casamento, do seu mais humilde servo. De um chapeleiro maluco para sua monarca.

Os olhos dela arderam.

– Você ainda não está maluco. Não precisa ficar.

Ele firmou a bengala no chão e se apoiou nela.

– Está no meu sangue, Lady Pinkerton. Meu pai, o pai dele e o pai dele. Você não entende? Eu estou sempre vindo e sempre indo, mas o Tempo está me procurando e está chegando mais perto, sempre mais perto. Você me amaldiçoou quando voltou por aquele portão. Amaldiçoou a todos nós.

– Você não precisava ir atrás de mim.

Ele rosnou:

– Eu precisava ir atrás *dele*. – Ele começou a andar acompanhando o comprimento da mesa. – A senhora veio aqui fazer uma compra, Vossa Majestade? Um chapéu maravilhoso, e só vai custar *tudo*. – Ele bateu com o cabo da bengala nos chapéus dos manequins ao passar, derrubando-os na mesa. Muitas das cabeças também caíram, as testas rachando ao bater na beira da mesa. – Um chapéu para lhe dar sabedoria, ou talvez compaixão nessa novidade que é seu papel de rainha? A senhora gostaria de esquecer que essa tragédia

aconteceu? Ou é tão vaidosa, Lady Pinkerton, que prefere a juventude eterna? A beleza infinita? Eu posso fazer acontecer, sabe. Tudo é possível quando você conhece o caminho do Espelho! – Ele começou a balançar a bengala como uma raquete, acertando com tanta força nos chapéus que eles saíram voando pelo aposento e bateram nas paredes.

– Já chega!

O Chapeleiro hesitou, a bengala pronta para outro golpe.

– *Nem* tudo é possível – disse ela, furiosa. – Se fosse, você já o teria trazido de volta.

Ele se encolheu. Seu olhar estava enlouquecido. O relógio de bolso na mesa estava ficando mais alto, o tiquetaquear um zumbido constante.

Catherine puxou a bengala dele. Ele soltou sem lutar.

– O que quer que você diga, essas suas criações não são naturais. Não vou permitir que você as faça, não mais.

– Como?

– A partir deste momento, todas as viagens de e para Xadrez estão estritamente proibidas, por ordem da Rainha.

Ele apertou os olhos.

– Você começou isso, brincando com coisas que não entendia. Você criou um monstro, e é sua culpa Jest estar morto. Você o trouxe aqui, você trouxe a abóbora e você deu a Mary Ann aquele chapéu, e é tudo culpa sua!

Ele inspirou fundo.

– Sim. É isso mesmo.

Ela recuou, surpresa com a frivolidade da admissão dele.

– Eu sei que é e vou pagar por isso com minha sanidade, como as Irmãs disseram. Eu também vi os desenhos, Lady Pinkerton. Vi todos.

O sangue dela latejou embaixo da pele.

– Se você voltar para Xadrez, é melhor que pretenda ficar lá, pois não vou dar nem um grão de areia para atravessar aquele labirinto novamente.

Uma expressão de desprezo contorceu o rosto antes bonito.

– Você não pode me impedir de ir e vir. É problema meu. É meu sustento. E assim que o Tempo me encontrar...

– Eu sou uma rainha, Hatta, e posso fazer o que eu quiser. Eu vou prender as Irmãs. Vou destruir o poço de melaço. Vou incendiar o labirinto, se precisar. Estamos entendidos?

Ela sustentou o olhar dele, deixando a obstinação dos dois batalhar em silêncio entre eles.

A bochecha dele começou a tremer. Só de leve no começo, mas continuou até um lado da boca se erguer em um sorriso doloroso.

– Qual – sussurrou ele, olhando para ela com olhos vidrados –, qual a semelhança entre um corvo e uma escrivaninha?

Balançando a cabeça, Catherine jogou a bengala na mesa, satisfeita com o barulho de porcelana e prata.

– É uma pena, Hatta. De verdade. A loucura não cai bem em você.

– Claro que cai. – Ele riu. – Matador, mártir, monarca, *maluco*. É de família. É uma parte do meu sangue. Você não lembra? Eu sei que você lembra.

O relógio estava tiquetaqueando tão rápido agora que ela achou que explodiria, se abriria, as engrenagens se espalhariam pela mesa.

– Adeus, Hatta. – Ela se virou para a porta, mas a gargalhada desesperada dele foi atrás dela. Uma risadinha aguda. Um ofego choroso.

– Mas qual? *Qual é a semelhança entre um corvo e uma escrivaninha?*

Ela pousou a mão na maçaneta.

– *Não* há semelhança – disse ela com rispidez, abrindo a porta. – É só um enigma idiota. Não passa de besteira e absurdo!

De repente, inexplicavelmente, o relógio de bolso ficou em silêncio.

O rosto de Hatta ficou flácido. A testa estava coberta de suor.

– Besteira e absurdo – sussurrou ele, as palavras falhando. – Absurdo, besteira e um montão de besteiras de novo. Nós somos todos malucos aqui, você não sabe? E é de família, é parte do meu sangue, e ele está aqui, o Tempo finalmente me encontrou, e eu... – A voz dele falhou. Os olhos ardiam. – Eu não tenho a menor ideia, Vossa Majestade. Simplesmente não consigo lembrar qual é a semelhança entre um corvo e uma escrivaninha.

CAPÍTULO 53

ELA ESTAVA FICANDO IMPACIENTE. Seu ódio estava abrindo um buraco no estômago, que ardia mais quente a cada dia que passava. Sua fúria borbulhava embaixo da pele, muitas vezes explodindo em momentos de raiva inesperada. Criados começaram a evitá-la. O Rei não passava de um idiota balbuciante na presença dela. Todos os integrantes da nobreza que se aproximaram depois do casamento pararam de fazer visitas.

Cath desprezava os dias na corte mais do que tudo. Era Rainha e tinha visualizado sua palavra de ferro caindo sobre o povo de Copas. Leis seriam executadas, criminosos seriam punidos.

Mas ela estava presa em um tribunal de absurdos e pandemônio. O júri, que não tinha nenhum outro propósito além de gritar uns com os outros e interromper os procedimentos, era composto de garças e texugos, kiwis, lontras e porcos-espinhos, e nenhum deles tinha bom senso.

Não que importasse, considerando os casos. Um rato que achava injusto o irmão ter uma cauda maior, uma cegonha que achava que era preconceito de espécie ela ser obrigada a trabalhar como única carregadora de bebês do reino, e assim por diante. Os dias de tribunal eram um sofrimento.

Catherine lançou um olhar solidário para o Corvo, que estava empoleirado na amurada que envolvia os tronos. A cabeça estava encolhida nas penas do pescoço, o bico apertado de repulsa.

O Coelho soprou o trompete.

– Chamando à corte o Mais Nobre Javali-Africano Pigmalião, Duque de Tuskany, e Lady Margaret Mearle, filha do Conde e da Condessa de Cruzamentos.

Cath levantou uma sobrancelha e viu Margaret se aproximar, o braço passado no do Duque. Os dois pareciam nervosos. Margaret estava com o chapéu de broto de rosa idiota.

Eles se curvaram. Os olhos de Margaret se desviaram para Catherine antes de ela baixá-los.

– Bom dia – disse o Rei, que estava com aparência ainda mais absurda usando uma enorme peruca branca embaixo da coroa torta. – Qual é seu pedido?

– Vossa Majestade – disse o Duque –, nós queremos que o senhor nos case.

Uma agitação de surpresa percorreu a plateia.

O Rei se balançou com alegria.

– Ah, eu adoro esses! – Ele fez sua expressão quase séria e se inclinou para a frente, limpando a garganta. – A dama está sob jurisdição do pai?

– Estou, Vossa Majestade – disse Margaret.

– E o que ele disse em relação ao pedido?

– Ele abençoou a união.

– E por que motivo vocês desejam se casar? – perguntou o Rei.

O Duque sorriu em volta das presas.

– Porque nós nos amamos.

O Rei abriu um sorriso largo. A coroa balançou.

Cath revirou os olhos.

– O que a dama diz?

Margaret segurou o cotovelo do Duque e ergueu o queixo. Seus olhos estavam brilhando, de nervosismo, sim, mas também de alegria. Naquele momento, ela pareceu não só bonita, mas quase deslumbrante.

– Ele fala a verdade. Eu entendo agora que Lorde Javali é o único homem a quem eu poderia ceder a proteção da minha bem-cuidada integridade, um homem que se porta com os mesmos padrões morais que considero de grande valor, e, por isso, eu o amo muito. Nós nos amamos muito.

Catherine fez um ruído debochado, mas todos a ignoraram.

O Rei fez sinal para Margaret chegar mais perto. Quando ela estava perto o suficiente, ele sussurrou:

– Você está ciente de que ele é um porco, não está?

Ela ficou boquiaberta de ultraje.

– Vossa Majestade! Que coisa grosseira de se dizer!

Um silêncio longo e constrangedor veio em seguida, até o Rei começar a rir, sem graça.

– Er... engano meu! Não importa! – Ele balançou as mãos e a mandou de volta para perto do noivo. – Como não vejo motivo para negar esse pedido, eu agora concedo...

Catherine ficou de pé.

– Espere.

Houve um gritinho nervoso da plateia, e várias das criaturas menores pularam da cadeira e se esconderam embaixo. Margaret ficou pálida.

– Margaret Mearle, eu conheço você por toda a minha vida, e nesse tempo eu ouvi você se referir ao Duque como arrogante, grosseiro e excruciantemente chato. Agora você espera que acreditemos que deseja se casar com ele. Não pela riqueza e não pelo título, mas porque alega amá-lo.

Margaret olhou para ela de queixo caído, as bochechas vermelhas de vergonha.

Cath se inclinou para a frente.

– Sabe qual é a moral disso, Lady Mearle?

Com os lábios apertados, Margaret mal conseguiu balançar a cabeça.

– A moral disso – ela inspirou fundo – é "não se pode julgar um livro pela capa".

Margaret não disse nada por muito tempo, como se esperando Cath falar mais. Finalmente, uniu as sobrancelhas em uma expressão de incerteza.

– Com todo respeito, Vossa Majestade, isso não faz sentido.

– Ah, não faz mesmo – disse Catherine. – Acho que eu quis dizer que vocês foram feitos um para o outro.

Margaret ainda estava com a testa franzida, como se estivesse esperando Catherine negar o pedido de casamento. Mas quando a plateia comemorou e

Cath se sentou novamente, um sorriso se abriu no rosto de Margaret. Ela olhou para o Duque, e o olhar que eles trocaram foi quase mágico.

Quase impossível.

Catherine afastou o olhar quando o casamento foi concedido.

O casal saiu rapidamente do tribunal sob aplausos vigorosos, pulando de alegria. Os ombros de Catherine se encolheram quando eles saíram.

A comemoração sossegou, e as criaturas voltaram para seus lugares, embora muitas ainda estivessem sorrindo e se parabenizando por nada.

Cath reparou no Corvo olhando para ela.

– O quê? – disse ela com rispidez.

O Corvo começou a balançar a cabeça, mas parou e estufou as penas. A voz estava melancólica quando ele falou, ainda mais do que o habitual:

– Eu já fui uma Torre solitária em um local afastado, e mataria por minha rainha para na guerra não ser derrotado. Agora, meus olhos veem o coração que procurei no passado, e temo que esse coração jamais possa ser consertado.

As narinas de Cath se dilataram.

– Seus medos estão corretos. Esse coração jamais pode ser consertado. Espero que eu não receba a tarefa de cuidar desse artefato por muito mais tempo.

O Coelho Branco soprou o trompete, poupando-a do gosto amargo que estava subindo por sua garganta.

– O próximo no tribunal é o senhor Milton Mulro...

As portas na extremidade da sala se abriram, deixando entrar um sopro de ar frio.

Uma coruja entrou, as asas totalmente abertas enquanto voava pelo corredor. Mais três silhuetas surgiram na porta. Uma raposa-vermelha graciosa e um guaxinim astuto, cada um segurando uma corrente presa a uma figura enlameada entre eles.

O coração de Cath disparou. Ela não se lembrava de ter se levantado, mas estava de pé quando os recém-chegados percorreram o corredor. Seu estômago deu um nó. Sua respiração acelerou.

Quando chegaram à frente da sala, as criaturas colocaram o prisioneiro no chão. Ele parecia menor do que Cath lembrava, machucado e coberto de lama.

A fúria latejou dentro dela, preenchendo o vazio com o qual ela tinha se acostumado.

Finalmente. Peter Peter foi encontrado.

Ao mesmo tempo, as captoras levaram a mão ao rosto e tiraram a máscara e a pele como Cath poderia tirar um casaco de inverno. As Três Irmãs estavam na frente dela, as mãos pequenas segurando as correntes de Sir Peter, os olhos negros espiando a Rainha.

– Nós fizemos um acordo – disse Tillie.

– Nós fizemos um trato – disse Elsie.

Os lábios pálidos de Lacie se esticaram.

– Nós viemos buscar nosso pagamento.

– O q-q-que é isso? – gaguejou o Rei, olhando para as Irmãs como se elas fossem um pesadelo que virou realidade.

– É Sir Peter – respondeu Catherine. O nome tinha gosto de ferro e sujeira.

Peter Peter rosnou para ela.

O sr. Lagarta, um dos jurados, soprou um aro de fumaça que girou em volta da cabeça das Irmãs.

– E *quem* – perguntou ele – são *vocês*?

Elsie uniu as mãos como se fosse recitar um poema.

– Era uma vez Três Irmãs que moravam em um poço. Elas estavam muito doentes.

– Estavam morrendo – esclareceu Lacie.

Tillie assentiu:

– Estavam morrendo havia muito tempo.

– Mas elas sabiam – continuou Elsie – que um dia haveria uma rainha que não teria utilidade para o seu coração. Um coração assim poderia salvá-las.

– Essa rainha está aqui – disse Tillie. – A hora é agora.

Ao mesmo tempo, as meninas disseram:

– Nós trouxemos a sua vingança, e queremos seu coração em troca.

A atenção de Cath não se desviou de Peter Peter.

– Podem pegar. Como vocês disseram, não tem utilidade para mim.

Os sorrisos tristes das Irmãs cintilaram, e Lacie deu um passo à frente, o cabelo branco comprido batendo nos tornozelos. Ela pegou uma adaga afiada,

Cath não sabia de onde.

Engasgado, o Rei recuou no trono, aumentando o espaço entre ele e a criança. Mas Cath nem se mexeu. Sustentou o olhar de Lacie e ouviu o sangue correndo nos ouvidos.

Lacie subiu na plataforma da Rainha com a graça de uma raposa. Sentou-se nos calcanhares, os dedos expostos e sujos de terra dobrados no piso de madeira. Cath sentiu cheiro de melaço na pele dela.

Ela levantou a adaga e a enfiou o peito de Cath.

Catherine ofegou, e apesar de haver gritos no tribunal, ela nem ouviu direito em meio à risada das Três Irmãs.

Um frio penetrou nela pela lâmina, mais frio do que qualquer coisa que ela tivesse sentido. Espalhou-se pelas veias, rachando como gelo de inverno em um lago congelado. Estava tão frio que queimava.

Lacie puxou a lâmina. O coração, batendo, estava preso na ponta. Estava partido, cortado quase totalmente no meio por uma fissura negra cheia de poeira e cinzas.

– Foi comprado e pago – disse a Irmã. Ela deu um gritinho e voltou para o meio do tribunal. As irmãs se juntaram a ela, rindo e se reunindo em volta do coração da Rainha. Um momento depois, uma Raposa, um Guaxinim e uma Coruja saíram pela porta, deixando para trás o eco de gargalhadas vitoriosas.

CAPÍTULO 54

CATH OLHOU PARA AS PORTAS ainda escancaradas, o corpo congelado e queimando ao mesmo tempo, o peito uma cavidade oca. Vazia e dormente.

Não sentia mais dor. O coração partido a estava matando, mas agora não estava mais lá.

O sofrimento dela. A perda. A dor, tudo acabou.

Sobraram a raiva, a fúria e a necessidade desesperada de vingança que seria dela logo, logo.

– O q-que aconteceu? – gaguejou o Rei. – O que elas fizeram?

– Elas me libertaram – sussurrou Cath. Seu olhar foi até o prisioneiro, ajoelhado no chão, os braços presos por correntes, mas sem captores o segurando. Peter Peter, só ele, não parecia perplexo com o que as Irmãs fizeram. Parecia amargo. Por ter sido capturado. Por ter sido levado até ali. Por estar ajoelhado na frente da Rainha de Copas. Os lábios de Cath se curvaram para cima. – Elas cumpriram a promessa.

– Mas... seu coração... – começou o Rei.

– Não era mais útil para mim, e estou muito satisfeita com o que elas trouxeram em troca. – Ela apertou o olhar. – Olá, Sir Peter. – Ela cuspiu o nome, a raiva crescendo, borbulhando, fumegando dentro dela, enchendo todos os espaços vazios. Os nós dos dedos estavam brancos na amurada. – Esse homem é

o assassino do falecido bobo da corte de Copas. Cortou a cabeça dele e fugiu para a floresta. Ele é um assassino.

Quando imaginou esse momento, ela teve medo de acabar chorando quando ficasse de frente para o assassino de Jest de novo. Mas seus olhos estavam secos como farinha.

O entorpecimento já estava passando. Agora, seu corpo estava em chamas.

O Rei se levantou, hesitante.

– Isso é... sim. Sim, realmente. Que bom que você pôde se juntar a nós, Sir Peter. Acredito que isso peça, hã... – O Rei coçou embaixo da coroa. – O que acontece agora?

– Um julgamento, Vossa Majestade? – sugeriu o Coelho Branco.

– Sim! Um julgamento. Excelente diversão. Boa distração. Sim, sim. Jurados, se reúnam. Escrevam a acusação da Rainha.

O júri se agitou e pegou placas onde começaram a anotar coisas com giz branco. Peter Peter ficou de joelhos, mas a cabeça estava erguida, o olhar penetrante em Catherine. Ela o encarou, sem medo pela primeira vez. Estava tomada de expectativa de ver o sangue dele espalhado no chão do tribunal.

– O júri gostaria de chamar uma testemunha, Vossa Majestade.

O Rei bateu palmas.

– Ah, sim, que ótimo. Quem vamos chamar?

– Nós gostaríamos de chamar o bobo da corte ao banco.

Cath rosnou. Sussurros e olhares foram trocados pela multidão. Todo mundo parecia estar esperando Jest aparecer em um aro de prata no teto.

– Ele está morto – disse ela por entre dentes trincados. Precisou afastar uma fantasia de mandar todos os imbecis naquela sala serem decapitados.

– Ah, sim, é verdade, não é? – murmurou o Texugo, pontuando a percepção com uma gargalhada nervosa.

– Eu sou sua testemunha – disse Cath. – Eu estava lá e já contei o que aconteceu. Ele é um assassino e merece ser punido.

Todos deram risadinhas nervosas, pouco à vontade porque a nova rainha estava se intrometendo nas tradições da corte.

– Talvez – disse o Coelho –, se não houver outras testemunhas presentes, o júri possa pensar em um veredicto?

Uma onda de alegria se espalhou pelo cercado dos jurados, e Catherine ouviu murmúrios de *culpado* e *inocente* e *precisando de um banho*, mas Peter Peter limpou a garganta.

– Tem uma coisa que eu gostaria de dizer.

Apesar de a voz dele estar rouca, rugiu por Catherine como uma onda enorme. Pontos brancos surgiram na visão dela. Ela queria silenciá-lo para sempre.

O Rei, sem saber como o sangue de Cath estava fervendo, bateu com o martelo.

– O assassino... er, o réu deseja falar!

Dois guardas se adiantaram e pegaram Peter Peter pelos cotovelos, levantando-o. As correntes que as Irmãs abandonaram estalaram no chão.

O Corvo pulou na amurada e se colocou no campo de visão de Cath. Era como ter um confidente ao seu lado, alguém que estava lá naquela noite, que *sabia*. Só ele não reagiu quando as Irmãs pegaram o coração de Cath. Houve uma época em que ele planejava fazer a mesma coisa com ela. Quando Jest planejou fazer a mesma coisa com ela.

Mas isso não importava mais para Cath. Aquele coração era imprestável, apesar do que todo mundo dizia. Não havia valor nenhum nele.

Sir Peter firmou os pés para poder ficar de pé sem a ajuda dos guardas. Apesar de desgrenhado, ele estava tão intimidante quanto sempre esteve. Seu olhar foi do Rei para o júri, para os cortesãos reais e para os guardas... e, finalmente, para Catherine.

– Eu o matei mesmo – rosnou ele. – Mas estava defendendo minha esposa.

Os jurados rabiscaram nas placas.

Peter deu um passo à frente.

– Essas pessoas, a empregada, o Coringa e *você*. – Ele rosnou para Catherine. – Eles invadiram a minha propriedade. Eu tinha pedido para nenhum deles ir lá. Eram uns xeretas malditos, indo ver o "monstro", a "criatura". – Ele cuspiu. – Mas ela era minha esposa! E você a matou. Bem na minha frente, você a matou. Vocês são os monstros. Não eu. Não ela!

– Ela era o Jaguadarte! – gritou Cath.

A plateia soltou um ruído de surpresa.

– É isso que ele não está contando. A esposa que ele estava protegendo era o Jaguadarte. Mary Ann seria a próxima refeição da criatura.

– Ela não devia ter ido à minha plantação. Invasores! Assassinos!

– Você é o assassino!

– Como você, além de ladra! Você roubou aquela abóbora de mim, eu sei que roubou. Ela estava melhorando. A maldição estava passando, mas ela viu o bolo e teve que comer, e quando ela virou de novo... não deu... não conseguiu voltar a ser quem era, e é culpa sua!

O Rei bateu o martelo, cada baque como uma martelada na têmpora de Cath.

– Chega, chega – disse o Rei, suando profusamente. – Acho que talvez o júri queira um pequeno esclarecimento... – Ele limpou a garganta e ajustou a peruca branca. – Sir Peter, você alega que o Jaguadarte era sua esposa?

A plateia se agitou, e Cath ouviu mais de um membro do júri mencionar que a esposa de Peter Peter estava no baile preto e branco. Uma coisinha adoentada. Nem um pouco monstruosa.

– Ela foi envenenada – disse Peter. – Envenenada por uma abóbora ruim. Eu a vi comendo, ela não conseguia parar. E depois ela começou a ficar doente. Achei que fosse só indigestão, mas... ela começou a mudar. – Uma ruga funda surgiu entre as sobrancelhas dele. – Aconteceu pela primeira vez depois que saímos do seu baile, depois que aqueles cortesões falaram conosco como se não merecêssemos estar lá. Depois que *você* – ele apontou para Cath – olhou para nós como bosta no seu sapato. Eu a vi virar o Jaguadarte. Vi com meus próprios olhos. – Ele apertou os punhos. – Quando ela voltou a si, os desejos eram intensos demais. Ela comia qualquer coisa laranja, qualquer coisa que achasse que poderia saciá-la. Mas nada servia.

O maxilar de Cath estava doendo de tanto ela apertar os dentes. Eles disseram que o Jaguadarte tinha ido atrás de Cheshire e Margaret naquela primeira noite, depois que o pelo de Cheshire ficou manchado de laranja e ele ainda devia estar com cheiro de tortinhas de abóbora.

E, na campina, ela levou o Leão, com a juba dourada e alaranjada. Mas o monstro devia estar lá procurando Hatta, o mensageiro que levou a primeira abóbora de Xadrez.

E no teatro o monstro foi para cima *dela*. Querendo mais bolo de abóbora.

– Depois que ela se transformou uma segunda vez – rosnou Peter, os olhos cobertos por sombras –, eu fiz as abóboras pagarem.

– Se bem me lembro – disse o sr. Lagarta –, o Jaguadarte era um incômodo. Eu diria que já foi tarde.

– Eu tentei impedi-la – disse Peter Peter. – Eu juro. Até construí uma jaula, mas não consegui segurá-la. – A expressão dele ficou feroz. – Mas não foi culpa dela. Foram as abóboras que fizeram aquilo!

Cath apertou a amurada até os dedos estarem doendo.

– Isso não é defesa. Você matou Jest. Cortou a cabeça dele bem na minha frente.

– Você matou minha esposa!

– Você ia dar Mary Ann para ela comer!

– Ela não devia ter entrado no meu terreno!

TUM.

TUM.

TUM.

O som do martelo do Rei interrompeu a discussão, e Cath encolheu a cabeça entre os ombros tensos.

– Ob-brigado, Sir Peter, pela sua... er, declaração. – A voz do Rei estava tremendo. – Agora ouvimos o testemunho do réu. Jurados, qual é seu veredicto?

O júri se reuniu com as placas e os sussurros. Catherine não ouviu nada da discussão. Seus ouvidos estavam latejando, o cérebro enevoado com visões de Jest na lama, o machado acertando o pescoço, seu coração se partindo no meio.

– Nós chegamos a um veredicto, Vossa Majestade. – Foi o sapo que falou, ficando de pé com uma placa nos dedos membranosos. Nela ele desenhou uma imagem de Peter Peter de pé em cima de uma abóbora enorme, sorrindo. – Nós do júri declaramos Peter Peter *inocente*!

A gritaria foi ensurdecedora. Em volta dela, as pessoas de Copas se abraçaram, gritaram em êxtase. Até o Rei riu de alívio.

O Reino de Copas nunca tinha visto um julgamento tão horrendo, e todos estavam felizes de ter terminado. O homem era inocente. Todos podiam seguir com as vidas bobas e sem sentido.

Menos Catherine. Com o canto do olho, ela viu o Corvo estufar as penas.

Ela tirou o martelo do marido.

– SILÊNCIO! – gritou ela, batendo com tanta força que uma rachadura surgiu na madeira encerada.

A agitação parou.

Uma sala inteira de rostos se virou para olhar para a Rainha. Para o rosto avermelhado, para os olhos lívidos. Uma tartaruga se escondeu dentro do casco. Um gambá se encolheu como uma bola. Um avestruz tentou, mas não conseguiu esconder a cabeça no piso de quartzo polido.

– Eu rejeito o veredicto do júri – disse ela, furiosa. – Como Rainha de Copas, eu declaro esse homem culpado. Culpado de assassinato. Culpado de roubo e sequestro e todo o resto, e como sentença... eu peço a cabeça dele. Que seja executado imediatamente!

As palavras dela ecoaram pelo tribunal, lançando uma sombra nos rostos abalados. Ninguém ousou respirar.

Catherine só tinha olhos para Sir Peter, cujo rosto estava furioso embaixo de manchas de sujeira, cujos dentes estavam à mostra.

O entorpecimento começou a se espalhar por ela de novo.

– Você não merece perdão – disse ela.

Peter cuspiu de novo.

– Não quero nada de você.

– M-m-mas querida – disse o Rei. Delicado, paciente, apavorado. Os dedos roçaram o braço dela, mas ela se afastou. – Nós... nós nunca... Em Copas, nós não... Ora, docinho, nós nem temos executor.

O canto da boca de Cath tremeu. Seu olhar se desviou para o Corvo.

– Temos, sim.

O Corvo levantou a cabeça.

– Você era executor da Rainha Branca – disse ela –, e agora vai ser o meu. Sirva-me com lealdade e vamos ter nossa vingança.

Ele ficou em silêncio por um tempo, parado como uma estátua. Em seguida, abriu as asas e desceu da amurada. Como uma mancha de tinta em pedra, ele se transformou na figura encapuzada. O rosto coberto de sombras, as mãos enluvadas segurando o cabo do machado brilhante. Agora, na luz do tribunal, Cath viu que a capa com capuz era feita de penas de corvo.

Os guardas recuaram, deixando Peter Peter sozinho no centro da sala. Embora sustentasse a postura de desafio, Cath o viu começando a tremer.

A sombra do Corvo cresceu pelo chão, deixando o assassino ainda menor. Ele apoiou o machado no ombro.

– Pelo assassinato de Jest, o bobo da corte de Copas, eu sentencio esse homem à morte.

Ela falou sem sentimento, sem o peso do amor e nem dos sonhos e nem da dor de um coração partido. Era um dia novo em Copas, e ela era a Rainha.

– Corte-lhe a cabeça!

NOTA DA AUTORA

OU QUAL É A SEMELHANÇA ENTRE UM CORVO E UMA ESCRIVANINHA?



ACREDITA-SE que quando o Chapeleiro propôs o enigma não respondido em *Alice no País das Maravilhas* – "Qual é a semelhança entre um corvo e uma escrivaninha?" – Lewis Carroll não tinha resposta em mente. No entanto, depois de anos sendo incomodado, Carroll finalmente cedeu e ofereceu uma resposta, registrada no prefácio que ele escreveu para a edição de *Alice* de 1896: "Porque pode produzir algumas notas, embora sejam muito monótonas; e nunca é posto de trás para a frente." (No original a palavra *never*, "nunca", está grafada errado, *nevar*, que é *raven*, "corvo", de trás para a frente. Infelizmente, o erro ortográfico logo seria percebido e "corrigido" por algum editor eficiente, e a brincadeira inteligente de palavras de Carroll se perderia nas edições subsequentes.)

Tudo isso é para dizer que a resposta "oficial" de Carroll ao enigma foi a inspiração para a apresentação de estreia de Jest no baile preto e branco no capítulo 4.

Ao longo dos anos, incontáveis fãs e leitores acrescentaram suas interpretações do enigma. A resposta que Hatta dá no capítulo 18 ("Os dois têm penas sujas de tinta") foi a que senti orgulho de ter elaborado, mas logo descobri que não fui a única a pensar nela. Essa resposta era creditada a David B. Jodrey Jr. em *Alice – Edição comentada e ilustrada*, junto com dezenas de outras respostas brilhantes e divertidas registradas ao longo do tempo. (A minha favorita é de Tony Weston, um dos vencedores de um concurso proposto pela revista *The Spectator* em 1991: "A escrivaninha é um descanso para canetas e um corvo é uma desgraça para cambaxirras", ou, no original, "Because a writing-desk is a rest

for pens and a raven is a pest for wrens". Imagino que Carroll, com seu amor por brincar com palavras, aprovaria.)

Falando em Corvo, não consegui me limitar a explorar o trabalho de apenas um grande autor neste livro, tive que mexer com dois. A maior parte das falas do Corvo foi inspirada em (e algumas vezes reaproveitamentos descarados) versos do poema "O Corvo", de Edgar Allan Poe. Embora os leitores tenham liberdade de interpretar o personagem como acharem melhor, gosto da ideia de o Corvo sendo a mesma ave que atormentou o narrador de coração partido do trabalho clássico de Poe. Como "O Corvo" foi publicado pela primeira vez em 1845, vinte anos antes de *Alice no País das Maravilhas*, a linha do tempo era perfeita demais para deixar passar.

Finalmente, tenho certeza de que nenhum leitor, fã ou estudioso vai se surpreender de saber que tomei um monte de liberdades, não só com a história e os personagens de Carroll, mas também com as regras e normas da sociedade da Inglaterra vitoriana. Espero que vocês perdoem minhas imprecisões ou as atribuam a licença criativa se estiverem se sentindo generosos, e espero sinceramente que o espírito de Lewis Carroll encontre mais diversão do que ofensa nas minhas tentativas de expandir o mundo maluco, excêntrico e peculiar dele.

É o País das Maravilhas, afinal.

AGRADECIMENTOS



EU GOSTARIA DE COMEÇAR expressando minha admiração por Gregory Maguire, cujos livros fantásticos *Wicked* e *Confissões de uma irmã de Cinderela* serviram como inspiração para este. Anos atrás, fui almoçar com minha equipe de agentes, discutindo contos de fadas e vilões, e falei para eles: "Eu queria que Gregory Maguire escrevesse a história da origem da Rainha de Copas." Ao ouvir isso, minha agente de direitos internacionais, Cheryl Pientka, olhou para mim e disse: "Marissa, por que *você* não escreve?" Assim, também devo um agradecimento enorme a Cheryl, por me ajudar a ver o óbvio, junto com a incrível Jill Grinberg e todo o pessoal da Jill Grinberg Literary Management pelo constante encorajamento, sabedoria e entusiasmo.

Sou incrivelmente agradecida a Jean Feiwel, Liz Szabla e às muitas, muitas, muitas pessoas dedicadas e talentosas no Macmillan Children's Publishing Group, por acreditarem em mim e por sentirem orgulho dos livros que publicam. Tem sido uma alegria enorme para mim trabalhar com vocês.

Um grande agradecimento para Lewis Carroll, que, cento e cinquenta anos atrás, nos deu alguns dos personagens mais memoráveis de toda a literatura. Não sei se fiz justiça ao seu mundo, mas fiz meu melhor.

Agradeço a Jesse, meu marido, às nossas lindas meninas, Sloane e Delaney, e a todos os meus amigos e familiares, que enchem meu mundo de amor, encantamento e sorrisos no estilo dos de Cheshire.

E, finalmente, preciso agradecer à minha mãe, que despertou meu interesse em *Alice* logo cedo com a fantasia dela de Rainha de Copas para o Halloween, com as decorações de árvore de Natal de *Alice no País das Maravilhas* e com a coleção de bonequinhos de *Alice*, além de caixas de música e muito mais. Este livro é para você.

Título original
HEARTLESS

Copyright © 2016 *by* Rampion Books.
Todos os direitos reservados.

Primeira publicação por Feiwel and Friends Book, um selo da Macmillan Children's Publishing Group.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Jill Grinberg Literary Management LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: 3525-2000 – Fax: 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
THAÍS LIMA

Trechos de terceiros reproduzidos neste livro foram usados com base no art. 46 da Lei Brasileira de Direito Autoral.

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de produção digital

MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
ANA CHRYSOSTOMO

Edição digital: julho, 2018.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M561s
Meyer, Marissa
Sem coração [recurso eletrônico] / Marissa Meyer; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2018.
recurso digital

Tradução de: Heartless
ISBN 978-85-7980-401-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

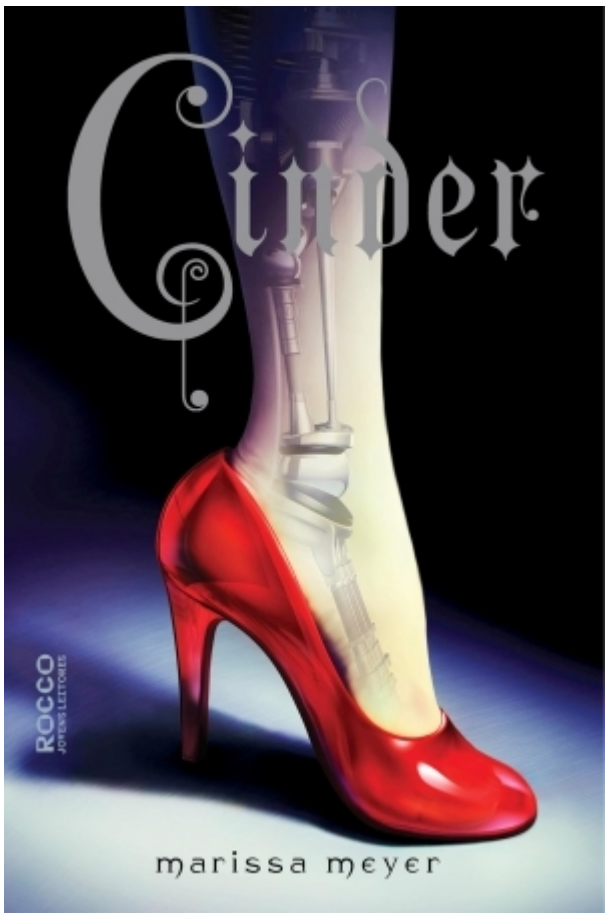
17-46536 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA



MARISSA MEYER é autora bestseller do The New York Times com a série Crônicas Lunares. Ela mora em Tacoma, Washington, com o marido e dois gatos. É fã de muitas coisas nerds (Sailor Moon, Firefly, organizar as estantes por cor...) e é apaixonada por contos de fadas desde criança – e não pretende abandonar isso. Ela pode ou não ser uma ciborgue.


Cinder
ROCCO
JOVENS LEITORES
marissa meyer

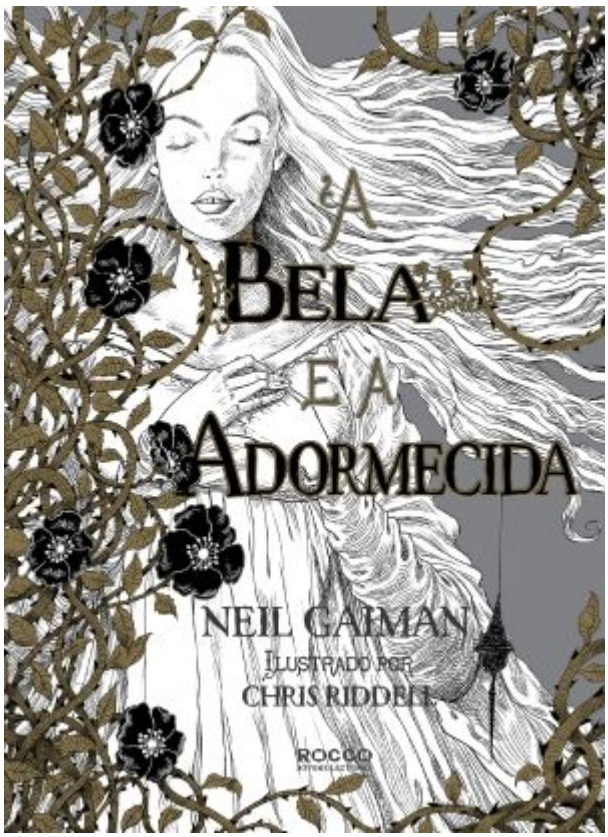
Cinder

Meyer, Marissa
9788581222073
448 páginas

Compre agora e leia

Enquanto a suas irmãs foram dados lindos vestidos e sandálias finas, Cinderella tinha apenas um avental sujo e sapatos de madeira.Contos de fadas revisitadosCinder tem dezesseis anos e é considerada uma abominação tecnológica pela maior parte da sociedade e um fardo por sua madrasta. Por outro lado, ser ciborgue tem suas vantagens: a interface de seu cérebro lhe deu a capacidade sobre-humana de consertar tudo — robôs, aerodeslizadores, os próprios membros cibernéticos quebrados—, tornando-a a melhor mecânica de Nova Pequim. Sua reputação faz com que o herdeiro do império, o príncipe Kai em pessoa, apareça em seu estande na feira, solicitando o conserto de um androide antes do baile anual.Embora esteja ansiosa para agradar o príncipe, Cinder é impedida de trabalhar no androide quando Peony, sua meia-irmã e única amiga, é infectada por uma peste fatal que tem assolado a Terra por anos. Culpando-a pelo destino da filha, a madrasta de Cinder a entrega como voluntária para as pesquisas da doença, uma "honra" a qual ninguém sobreviveu até então.Logo, porém, os pesquisadores descobrem algo de incomum na cobaia recém-adquirida. Algo pelo qual há quem esteja disposto a matar.

Compre agora e leia


A
BELA
E A
ADORMECIDA
NEIL GAIMAN
ILUSTRADO POR
CHRIS RIDDELL
ROCCO

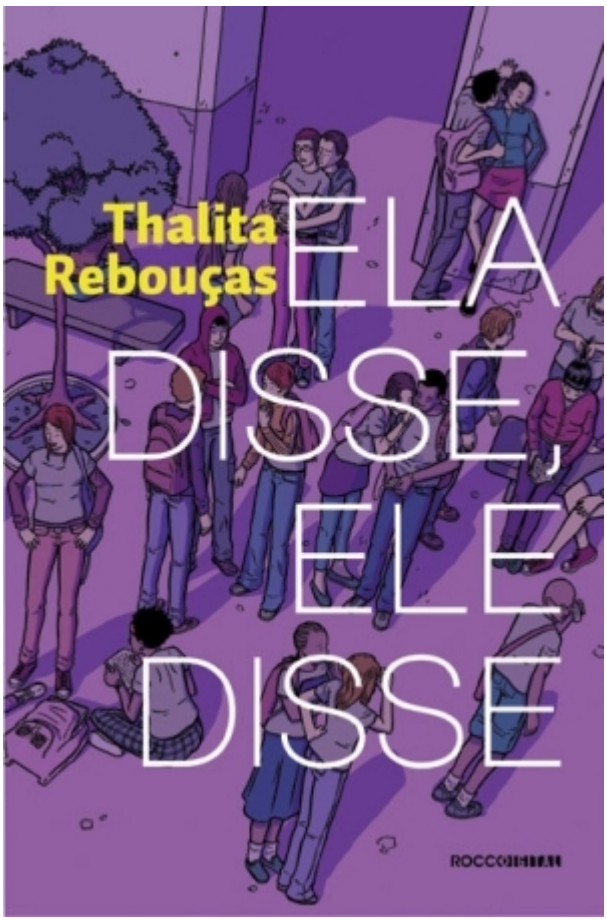
A bela e a adormecida

Gaiman, Neil
9788581226194
72 páginas

Compre agora e leia

Era o reino mais próximo ao da rainha, em linha reta, como voa o corvo, mas nem os corvos voavam até lá. Você pode achar que conhece esta história. Uma jovem rainha está prestes a se casar. Há anões bons, corajosos e valentes; um castelo envolto em espinhos; e uma princesa enfeitiçada por uma bruxa, segundo dizem os boatos, em um sono eterno. Mas aqui não há ninguém esperando que apareça um nobre príncipe em seu fiel cavalo. Este conto de fadas é tecido com um fio de magia negra, que vira e revira, brilha e reflete. Uma rainha pode acabar se revelando uma heroína, se uma princesa precisar ser salva.

Compre agora e leia


Thalita Rebouças
ELA DISSE, ELE DISSE

Ela disse, Ele disse

Rebouças, Thalita
9788564126695
192 páginas

Compre agora e leia

Coleção Rosa-Choque. Diversão e confusões no cotidiano das meninas.Primeiro dia numa escola nova é sempre complicado: a gente se sente um peixe fora d'água. Enquanto todos os outros alunos são (ou ao menos parecem ser) melhores amigos de infância, os novatos ficam pelos cantos, sem jeito, pensando em qual seria a melhor tática de aproximação.Alternando as vozes de Rosa e Leo, ambos adolescentes de 14 anos novos no mesmo colégio, Ela disse, ele disse é um divertido romance que mostra como meninos e meninas podem sentir as mesmas coisas, mas pensar e agir de modo muito diferente.Mas apesar de todas as diferenças, os olhares desses dois filhos únicos de pais separados insistem em se cruzar desde o primeiro dia de aula na escola Dinâmica. Ele foi logo puxando conversa com ela, deslocada no canto da sala. "Ai, que fofo"!, pensa Rosa, já certa de que Leo, além de muito educado, estava superinteressado nela; mas tão rápido e descolado quanto demonstra ser para se aproximar, não pensa duas vezes antes de dar as costas à garota e se juntar à ala masculina da turma para integrar o time de futebol na hora do recreio. "Garotos... humpf"!.Para Leo, no entanto, tudo é muito simples: "Tinha uma carteira vazia perto da janela e fui direto para lá. Para evitar ficar

calado e com cara de desentrosado, puxei logo papo com uma menina que parecia estar sozinha". E quanto ao convite para o futebol, bem, existe outra resposta possível para um garoto neste caso a não ser um objetivo e certeiro "Tô dentro"? "No vestiário, depois da pelada, eu já me sentia parte do grupo", revela.Abordando temas como amizade, bullying, respeito às regras e a relação entre pais e filhos, a narrativa se desenrola revelando, com ritmo e bom humor, os sonhos e angústias de meninos e meninas diante de cada situação, com direito a passagens hilárias causadas pela difícil comunicação entre os sexos.

Compre agora e leia


NEIL
GAIMAN
O Livro do
Cemitério
Ilustrações de DAVE MCKEAN
ROCCO
JOVENS LEITORES

O livro do cemitério

Gaiman, Neil
9788579804182
336 páginas

Compre agora e leia

Coleção PhobosGanhador da medalha Newbery (2009), do Prêmio Hugo de Melhor Romance (2009), do Locus Award de Melhor Romance Juvenil (2009) e da Medalha Carnegie (2010).Enquanto seus pais e irmã são impiedosamente assassinados por um misterioso homem chamado Jack, um bebê consegue escapar de seu berço e se aventurar pelo mundo. Uma série de coincidências, aliada a uma grande dose de sorte, salva o pequeno de ter um destino tão trágico quanto o de sua família.Com um começo sombrio e violento, diferente do seu habitual, o escritor inglês provoca arrepios no leitor. A história do bebê sortudo e fujão começa quando ele chega à rua e sobe a colina em direção ao velho cemitério. Ele é perseguido pelo assassino de seus familiares. Já dentro do cemitério o neném conhece os habitantes do local. Fantasmas de outras épocas que vivem em suas covas e mausoléus e que por circunstâncias do destino são forçados a adotar e batizar o bebê, agora chamado de Ninguém Owens, o Nin, para salvá-lo do seu perseguidor.Ninguém passa a viver no cemitério da colina, adotado por um simpático casal de fantasmas e amado pelos outros moradores do lugar. Um misterioso morador, Silas, assume a responsabilidade de ser o guardião do garoto. Único vivo que mora

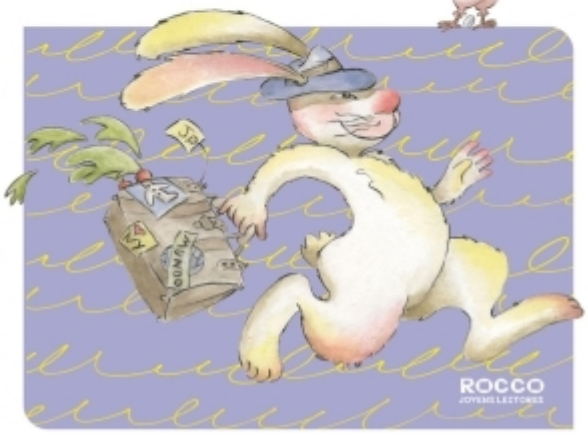
no cemitério, apesar dos seus hábitos nortunos e habilidades fantásticas, ele é o responsável por trazer comida, livros e tudo que o garoto precisa do mundo terreno dito "normal".Com ternura e talento, Gaiman narra as aventuras de Ninguém pelos caminhos do cemitério, desde um pequeno bebê até um jovem adolescente. Mas mesmo depois de todo este tempo a sombra do seu perseguidor ainda paira sobre o jovem. E o destino caminha para um embate final entre os dois, quando Ninguém descobre muito mais do que esperava sobre o mundo e as pessoas.

Compre agora e leia

clarice lispector

o mistério do coelho pensante

e outros contos



ROCCO
JOVENS LEITORES

O mistério do coelho pensante e outros contos

Lispector, Clarice
9788581226071
80 páginas

Compre agora e leia

O que têm em comum um coelho, uma galinha, um cachorro e dois peixinhos vermelhos? Protagonistas dos livros infantis de Clarice Lispector, o coelho Joãozinho, a galinha Laura, o cão Ulisses e os "vermelhinhos", como eram conhecidos os peixes, estão agora reunidos no lançamento O mistério do coelho pensante e outros contos, que traz as quatro histórias escritas por Clarice especialmente para as crianças num único volume, delicadamente ilustrado pela artista plástica Flor Opazo.Reconhecida pela crítica literária brasileira e estrangeira como uma das maiores escritoras do século XX, Clarice Lispector deixou também um importante legado para a literatura infantil com a publicação de A mulher que matou os peixes, A vida íntima de Laura, O mistério do coelho pensante e Quase de verdade, histórias que seguem encantando gerações décadas após a sua publicação.Narradas em tom coloquial e muito próximo do cotidiano infantil, as histórias de Clarice Lispector revelam uma autora que, além de conhecer muito de perto o imaginário dos pequenos, é alguém que sabe conversar com crianças com extrema sensibilidade e perspicácia, tratando os sentimentos com delicadeza e falando direto ao coração.

Compre agora e leia